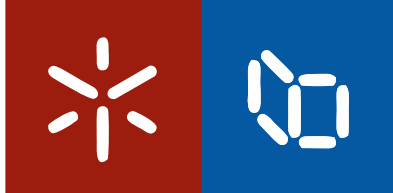




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Lívia Maria Bastos Vivas

A construção de identidade na representação literária pós-colonial de Antígua sob a voz de escritoras nativas



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Lívia Maria Bastos Vivas

A construção de identidade na representação literária pós-colonial de Antígua sob a voz de escritoras nativas

Tese de Doutoramento em Ciências da Cultura
Especialidade em Cultura Inglesa

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Joanne Madin Vieira Paisana
Professor Doutor Décio Torres Cruz

DECLARAÇÃO

Nome: Lívia Maria Bastos Vivas

Número do Bilhete de Identidade: FM232873

Endereço de correio eletrónico: liviavivas@hotmail.com

Título da tese: A construção de identidade na representação literária pós-colonial de Antígua sob a voz de escritoras nativas

Orientadores: Professora Doutora Joanne Madin Vieira Paisana

Professor Doutor Décio Torres Cruz

Ano de conclusão: 2018

Designação do Doutoramento: Ciências da Cultura, especialidade em Cultura Inglesa

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, / /2018

Assinatura *Lívia Maria Bastos Vivas*

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, / /2018

Nome completo: Lívia Maria Bastos Vivas

Assinatura: *Lívia Maria Bastos Vivas*

"[C]ulture is not an entity to be defined; a culture is something to be lived. So the people of the Caribbean do not have to define exactly what they are, who they are, what constitutes their culture. They just have to live as West Indians."

Condé (1994, p. 61)

Aos meus pais, que merecem este trabalho. Aos leitores de língua portuguesa que desejem conhecer o universo peculiar da Literatura Pós-colonial Caribenha de língua inglesa, sobretudo de Antígua.

Agradecimentos

São diversas as pessoas e Instituições que contribuíram para a concretização dessa tese, ao longo dos últimos anos. Deixo aqui registada, portanto, a minha profunda gratidão a todos, citando, entretanto, aqueles que tiveram uma participação mais direta.

Agradeço ao Erasmus Mundus, Programa de Mobilidade da União Europeia, por ter sido o marco de todo o percurso para a concretização desse projeto pessoal, por meio do financiamento inicial do meu curso de doutoramento, através da concessão de uma bolsa de estudos. Meu agradecimento, principalmente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES-Brasil, pela continuidade do financiamento ao meu projeto.

Meu profundo agradecimento à minha Orientadora, a Professora Doutora Joanne Paisana, pelo acompanhamento paciente durante esses anos e pelo conhecimento compartilhado. Ao meu Coorientador e Tutor, o Professor Doutor Décio Torres, que me iniciou nos estudos pós-coloniais caribenhos, minha gratidão pelo incentivo através das cartas de recomendação e pelas contribuições significativas relativamente aos conteúdos abordados nesse trabalho.

O meu muito obrigada aos Professores Doutores Messias Bandeira e Alex Cypriano pela gentil concessão de cartas de recomendação para a minha candidatura ao processo de seleção à bolsa de estudos da CAPES. Menciono, em particular, a minha admiração pelo corpo docente do Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas Inglesas e do Doutoramento em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas, da Universidade do Minho, ao qual agradeço pelos conhecimentos transmitidos. Gratidão pelo apoio bibliográfico do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, bem como aos funcionários do Instituto de Letras e Ciências Humanas.

Os recursos bibliográficos aos quais tive acesso na University of Warwick, no Reino Unido, foram de mais extrema relevância para o aprofundamento da temática específica da tese. Agradeço, portanto, pela oportunidade do estágio de investigação nessa Instituição, pelo aprendizado transmitido através de cursos e pelo acesso aos materiais bibliográficos do Yesu Persaude Centre for Caribbean Studies, além da orientação do Professor Doutor John Gilmore.

Meu agradecimento em especial ao Professor Doutor Paget Henry, da Brown University, pela atenção e gentileza no envio de exemplares do Antigua and Barbuda Review of Books, que constituíram recursos bibliográficos substancialmente valiosos para a complementação da tese.

Agradeço às escritoras Joanne Hillhouse e Monica Matthew pelas entrevistas concedidas acerca de suas obras literárias e ao ex-embaixador de Antígua, Lionel Hurst, pelas informações quanto a questões político-económico-sociais significativas sobre a ilha, que compuseram dados complementares relevantes.

Sem palavras para agradecer pelo apoio inestimável da amiga caribenha Hazra Medica, natural de Antígua, que generosamente compartilhou o seu conhecimento e auxiliou na organização da minha viagem de pesquisa de campo à Antígua. Minha gratidão distintiva à sua mãe, Jennifer Samuel, por me ter recebido e acompanhado nos espaços necessários à recolha de dados bibliográficos específicos e à realização das entrevistas.

Por fim, agradeço aos meus familiares, sobretudo aos meus pais, pelo apoio em todos os momentos. Obrigada também aos velhos e aos novos amigos, particularmente às pessoas que conheci e convivi durante esse longo percurso e que se tornaram especiais.

A Construção de Identidade na Representação Literária Pós-colonial de Antígua sob a Voz de Escritoras Nativas

Resumo

Inserida no âmbito dos Estudos Literários, Pós-coloniais e Culturais, essa tese de doutoramento retrata as questões em torno da identidade cultural pós-colonial dos afrodescendentes da ilha de Antígua, situada nas Pequenas Antilhas do leste caribenho, a partir da análise dos seus modelos de autorrepresentação literária e do seu impacto na construção de identidade.

Evidenciamos as relações entre a história, a identidade e a memória na narrativa de autoria feminina caribenha, em particular de Antígua, observando que a escrita é utilizada como um meio para articular vozes que estão à margem, em particular das mulheres como sujeitos próprios de seu discurso. A investigação apresenta uma concepção original acerca da literatura pós-colonial de Antígua, diferindo nosso estudo dos existentes, ao correlacionarmos romances de ficção de autoria feminina, sendo alguns ainda pouco divulgados pela mídia editorial.

O propósito do estudo foi a ampliação da perspectiva crítico-analítica sobre a identidade cultural da sociedade pós-colonial de origem afrodescendente de Antígua. Através da análise do desenvolvimento das personagens, contextualizamos as questões de identidade, tomando como parâmetro a crítica pós-colonial e a discussão da fragmentação de identidade em âmbito transcultural. Propusemo-nos a responder de que forma os romances produzidos pelas escritoras impactam na construção de identidade cultural dos nativos afrodescendentes.

Dado o caráter exploratório, descritivo e documental da investigação, o enquadramento teórico-metodológico constou de ampla revisão de literatura, na qual descrevemos o contexto recente dos debates que propõem discussões multifacetadas sobre os estudos pós-coloniais, nomeadamente relacionados à identidade, destacando suas repercussões no Caribe anglófono. Nosso aporte teórico foi baseado nas perspectivas analíticas dos principais teóricos do discurso pós-colonialista, principalmente aqueles que abordam de forma crítica e situada determinados conceitos teóricos e suas problematizações textuais, a exemplo da articulação da literatura pós-colonial com a crítica feminista, através da procura simultânea da equidade dos gêneros e da reciprocidade cultural, quais sejam Stuart Hall, Frantz Fanon, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Aimé Césaire, Edward Said, Selwyn Cudjoe, dentre outros. Nosso corpus de investigação específico alinhou as temáticas abordadas nos enredos dos romances das escritoras nativas Jamaica Kincaid, em *Annie John* (1985), *A Small Place* (1988) e *Lucy* (1990); Joanne Hillhouse e suas obras *The Boy from Willow Bend* (2003) e *Oh Gad!* (2012); Monica Matthew, em *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama* (2008). Os diversos enfoques que compõem os debates acerca da literatura pós-colonial caribenha em língua inglesa e suas relações com o passado, a memória, os contextos históricos, sociais e estéticos, demonstram a pluralidade de visões que complementam, ora distanciando, ora tangenciando, as perspectivas sobre a produção literária e o seu contexto de recepção. Utilizando-se dos enredos de seus romances como meios para apropriar o lugar, as escritoras esculpem no corpo das personagens a construção da identidade, ao basearem suas narrativas nos aspectos culturais de uma sociedade multifacetada, cuja diversidade identitária não é construída sobre o padrão de uniformidade.

A recorrência de personagens com perfis semelhantes ao longo das gerações indica os efeitos contínuos do colonialismo e da escravidão até os dias atuais. Essa repetição ao longo dos diferentes

romances tem a finalidade de demonstrar uma experiência caribenha compartilhada e coletiva. A ficção de autoria feminina tentou resgatar experiências até então não cartografadas de personagens que avançam a partir do espaço íntimo familiar. As obras dessas escritoras recuperam acontecimentos silenciados por uma realidade social e política opressora, por meio de uma linguagem desestabilizadora do logos patriarcal, e criam um discurso de resistência, possibilitado por essa linguagem desconstrutora.

Palavras-chave: Literatura. Cultura. Pós-colonialismo. Identidade. Antígua

The Construction of Identity in the Postcolonial Literary Representation of Antigua under the Voice of Female Native Writers

Abstract

Inserted in the area of Literary, Postcolonial and Cultural Studies, this doctoral thesis investigates the postcolonial, cultural identity of Afro-descendants of the island of Antigua, located in the Lesser Antilles of the Eastern Caribbean, through the analysis of their models of literary self-representation and their impact on the construction of identity.

The relationship between history, identity and memory in the narratives of female Caribbean authorship is shown, concentrating on Antigua, noting that writing is used as a means to articulate voices that are on the margins, particularly those of women as subjects of their own discourse. The thesis presents an original conception of the postcolonial literature of Antigua, the study differing from the existing ones because of its particular correlation of the fictional romances of feminine authorship, some little publicized by the editorial media even today.

The purpose of this study was to broaden the critical-analytical perspective on the cultural identity of the post-colonial society of Afro-descendant origin in Antigua. Through an analysis of the development of the characters, the questions of identity are contextualized, taking as a parameter the postcolonial critique and the discussion of the fragmentation of identity in a cross-cultural context. The thesis proposal was to investigate in what way the novels produced by female writers impacts on the construction of cultural identity of the Afro-descendant natives.

Given the exploratory, descriptive and documentary nature of the research, the theoretical-methodological framework consisted of a broad literature review. The recent context of the debates that propose multifaceted discussions about postcolonial studies, namely related to identity, highlighting its repercussions in the English-speaking Caribbean, was described. The theoretical analysis was based on the perspectives of the main theorists of post-colonialist discourse, especially those offering a critical approach and theoretical concepts with textual problematizations, such as the articulation of postcolonial literature with feminist critique through the search for gender equity and cultural reciprocity, such as Stuart Hall, Franz Fanon, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Aime Césaire, Edward Said, Selwyn Cudjoe, among others. The specific research corpus has aligned the themes addressed in the novels of the native writers Jamaica Kincaid, in *Annie John* (1985), *A Small Place* (1988) and *Lucy* (1990); Joanne Hillhouse and her works *The Boy from Willow Bend* (2003) and *Oh Gad!* (2012); and Monica Matthew, in *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama* (2008). The diverse approaches that form the debates about Caribbean postcolonial literature in the English language and its relations with the past and with memory, with historical, social and aesthetic contexts, demonstrate the plurality of visions that complement, sometimes distancing, sometimes tangentiating the perspectives on literary production and the context of reception. Using the plots of their novels as a means of appropriating the place, writers carve the construction of identity in the body of the characters by basing their narratives on the cultural aspects of a multifaceted society whose identity diversity is not built on a uniform pattern.

The recurrence of characters with similar profiles across generations indicates the continuing effects of colonialism and slavery to the present day. This repetition throughout the different novels has the purpose of demonstrating a shared and collective Caribbean experience. The fiction of female authorship has attempted to rescue previously uncharted experiences of characters moving forward from intimate family space. The writers recover events previously silenced by an oppressive social

and political reality achieved through the destabilizing language of the patriarchal logos, creating a discourse of resistance made possible by the deconstructing language used.

Key words: Literature. Culture. Post-colonialism. Identity. Antigua

Índice

Agradecimentos.....	ix
Resumo.....	xi
Abstract.....	xiii
Introdução.....	19
Parte I --- O território caribenho: Antígua no passado e no presente.....	35
1.1 Contextualização histórica	37
1.1.1 A região caribenha	37
1.1.2 A região caribenha anglófona	40
1.1.3 Antígua e Barbuda: primeiros habitantes.....	47
1.1.4 Descobrimto, escravidão e colonização.....	49
1.1.5 Independência política	54
Conclusão	58
1.2 Neocolonialismo em Antígua.....	60
1.2.1 Contexturas neocoloniais	60
1.2.2 Literatura e turismo no âmbito dos estudos pós-coloniais: o <i>Outro</i> — uma voz subalterna	68
1.2.3 Neocolonialismo vs. experiência turística em <i>A Small Place</i> , 1988	81
Conclusão	86
Parte II — Pós-colonialismo e construção da identidade no Caribe.....	89
2.1 Panorama da literatura pós-colonial caribenha.....	91
2.1.1 Sobre o colonialismo e a teoria pós-colonial	91
2.1.2 Cartografias étnico-raciais.....	101
2.1.3 Vozes da literatura pós-colonial caribenha	112
2.1.4 Fronteiras do feminismo.....	125
2.1.5 A escrita feminina no Caribe	132
Conclusão	133
2.2 Construção de identidade na literatura pós-colonial	137
2.2.1 Perspetivas de identidade na literatura pós-colonial caribenha anglófona	137
2.1.2 Migrações: da diáspora à globalização	144
2.1.3 Hibridismo cultural	150
Conclusão	154
Parte III — Pós-colonialismo e construção da identidade em Antígua: Jamaica Kincaid, Monica Matthew e Joanne Hillhouse.....	159
3.1 Memórias autobiográficas em <i>Annie John</i> , 1985	161

3.1.1	Signos e metáforas	161
3.1.2	Colonialismo e resistência	166
3.1.3	Simbologia patriarcal	174
3.2	Retrato feminino em <i>Lucy</i> , 1990	177
3.2.1	Exílio autoimposto	177
3.3.2	Feminismo negro	181
3.3.3	Fragmentação e redefinição de si	184
3.3	Ausência e Identidade em <i>The Boy from Willow Bend</i> , 2002	191
3.3.1	Golpes e perdas; luta e redenção	191
3.3.2	Pais migrantes	195
3.3.3	Papéis de gênero	202
3.4	Relatos de infância em <i>Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama</i> , 2008.....	208
3.4.1	Vínculos afetivos em memórias.....	208
3.4.2	Disparidade entre gêneros: maternidade vs. paternidade.....	210
3.4.3	Da escravidão à diáspora	215
3.5	Probabilidades transculturais em <i>Oh Gad</i> , 2012	221
3.5.1	Deixar, ficar, regressar	221
3.5.2	Personalidade dupla	227
3.5.3	Tensões pós-coloniais	229
	Conclusão	236
	Considerações finais	241
	As escritoras pós-coloniais de Antígua e as suas estratégias textuais: (re) negociações de identidade	243
	Referências.....	251
	Apêndices	267
	Apêndice 1 – Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, através de correio eletrônico, em novembro de 2012	269
	Apêndice 2 – Entrevista realizada com a escritora Joanne Hilhouse, em Antígua, em novembro de 2013	273
	Apêndice 3 – Entrevista realizada com a escritora Monica Matthew, através de correio eletrônico, em janeiro de 2014	289
	Apêndice 4 – Entrevista realizada com Lionel Max Hurst, em Antígua, em novembro de 2013	293

Lista de figuras

Figura 1 – Mapa do Caribe	38
Figura 2 – Mapa das Ilhas de Sotavento	38
Figura 3 – Mapa de Antígua.....	48

Lista de siglas

ACLALS: *Association of Commonwealth Literature and Language Studies*

ALCA: Área de Livre Comércio das Américas

ALP: *Antigua Labour Party*

APE: Acordos de Parceria Económica

AWU: *Antigua Workers Union*

CAFTA: *Central American Free Trade Agreement*

CARICOM: *Caribbean Community*

CBI: *Caribbean Basin Initiative*

FMI: Fundo Monetário Internacional

IBC: Iniciativa da Bacia do Caribe

OECS: *Organization of Eastern Caribbean States*

PLM: *Progressive Liberation Movement*

SMMA: *Soufriere Marine Management Area*

UE: União Europeia

UPP: *United Progressive Party*

WTTC: *World Travel & Tourism Council*

Introdução

Essa tese de doutoramento em Ciências da Cultura, área de especialização em Cultura Inglesa, é resultante de um projeto de investigação original, inserido no âmbito dos Estudos Culturais e que entrecruza as áreas dos Estudos Literários, Pós-Coloniais e de Género. Traz contributo para uma área de estudos em franca expansão, ao dar enfoque às novas literaturas emergentes, à receção e à reescrita dos cânones literários, bem como à transversalidade e ao diálogo entre questões de historiografia literária e identidades nacionais e culturais. As questões em torno da identidade cultural dos afrodescendentes da ilha de Antígua, na pós-colonialidade, consituem a temática da investigação. Situada nas Pequenas Antilhas do leste caribenho, Antígua possui aproximadamente 87.000 habitantes,¹ obteve independência política em 1981 e exemplifica as adversidades características de territórios que enfrentaram longos períodos de colonização e que se encontram sob dependência de outros países, cujo domínio ainda impera na atualidade.

A Literatura Pós-colonial Caribenha de língua inglesa, anteriormente denominada *Commonwealth Literature* ou *New Writing in English*, é continuamente abordada no âmbito dos Estudos Literários, Pós-coloniais e Culturais desde que se tornou relevante para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos, e, conseqüentemente, investigadores descobriram a riqueza e a diversidade de poemas, romances e peças escritas por autores do mundo anglófono. Em 1964, foi fundada a *Association of Commonwealth Literature and Language Studies (ACLALS)*² e suas filiais regionais, abrangendo todos os países cuja língua inglesa é a oficial, em uma conferência na *University of Leeds*.

Até recentemente, a literatura das Índias Ocidentais não integrava as antologias literárias americana e britânica do início do século XVIII. Graças ao esforço de académicos como Philip Gura, Myra Jhlen, David Shields, William Spengemann, Michael Warner, dentre outros, em expandir o contexto literário com a finalidade de incluir trabalhos de e sobre todas as espaços do império britânico na América, antologistas começaram a investigar a literatura produzida por falantes da língua inglesa, nas colônias britânicas (Krise, 1999). A maioria das antologias recentes inclui diversos textos que sugerem a existência de criação literária fora das colônias do continente. Entre os meados do século XVII e os fins do XVIII, as colônias caribenhas britânicas foram ao menos tão

¹ Em St. John's, capital de Antígua, há aproximadamente 30 000 habitantes e a outra parte da população é predominantemente rural. Já Barbuda, possui apenas 1200 habitantes e a maioria habita a vila de Codrington (*Antigua Country Review*, 2012, p.1).

² Associação oficialmente credenciada pelo *Commonwealth*, no ano de 2005, com a finalidade de promover e coordenar os estudos literários dos países que o formam, organizar seminários e palestras de escritores e investigadores, além de publicar um boletim informativo sobre as atividades desse campo literário.

relevantes quanto as colônias da América do Norte, para o império britânico em expansão. Os dois pontos principais da produção literária que surgem nas Índias Ocidentais britânicas- viagem e escravidão- ligados ao imperialismo mercantilista, são questões centrais em *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.³ Viagens, escravidão, mercantilismo e imperialismo, portanto, são elementos que desempenharam papéis específicos no destino de Crusoe. Devido à abordagem do tema de viagens na literatura das Índias Ocidentais, em concomitância ao delineamento da centralidade da escravidão nas representações que viriam em seguida, no século XVII, é instrutivo que se guarde *Crusoe* na memória quando se exploram os artefatos culturais da região (Krise, 1999).

Os estudos caribenhos na Grã-Bretanha se desenvolveram a partir da segunda metade do século XX, devido aos esforços de investigadores de origem caribenha. Macedo (2007) suscitou que, apesar de intelectuais como C.L.R. James e Arthur Lewis haverem se estabelecido na Grã-Bretanha durante a década de 30, somente após um longo período as universidades britânicas realmente começaram a refletir sobre a possibilidade de oferecer cursos específicos que abordassem a literatura e a cultura caribenhas. O Departamento de Estudos Anglófonos do *Leeds Postcolonial Studies Centre* foi o primeiro a estabelecer a investigação em *Commonwealth Literature*, vertente na qual a literatura caribenha está inserida. A realização de uma conferência em *Commonwealth Literature*, em 1964, a subsequente criação do influente *Journal of Commonwealth Literature* e de uma disciplina na área foram os principais acontecimentos do período inicial ao amadurecimento dos estudos caribenhos, na Grã-Bretanha.

A implantação do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na *University of Birmingham*, também constitui outro marco de incentivo à difusão desse gênero literário na academia britânica. Richard Hoggart foi o responsável pela fundação do Centro, em 1964, e Stuart Hall passou a integra-lo, em 1969, período durante o qual houve as maiores contribuições para o campo da teoria literária, cultural e histórica, em que também dispuseram da participação do professor Paul Gilroy, renomado por seu trabalho pioneiro sobre o Atlântico negro.

³ A própria proveniência de Robinson Crusoe representa uma simbologia das Índias Ocidentais: igualmente às ilhas caribenhas, a ilha de Crusoe é um território imaginado como simultaneamente vazio, rico e indefeso. Daniel Defoe adapta uma história real sobre um homem abandonado em uma ilha no sul do Pacífico, o move para uma ilha imaginada nas Índias Ocidentais, sem habitantes nativos permanentes, faz dele o mestre do espaço e lhe proporciona um servo disposto e grato. Conforme pontua Krise (1999, p. 6), não surpreende o fato de James Joyce conceber Crusoe como um britânico arquetípico, dado que este representa, dentre outros, a figura de um homem imperial moderno, libertado de qualquer sentimento de culpa sobre sua elevação ao domínio. Sua história reinscreve a antiga justificativa para a apreensão do território nativo, de que os índios são apenas visitantes transitórios, não proprietários da terra. Em vida, Crusoe se envolve não somente no comércio atlântico em geral, mas muito especificamente no mesmo comércio de escravos africanos que preenche o Caribe e gera sua imensa riqueza. Uma vez libertado, Crusoe se prepara para alterar a paisagem de maneira a replicar sua Grã-Bretanha tanto quanto possível- uma versão em pequena escala do levantamento, planejamento e construção de cidades distintamente britânicas, e plantações em toda a região.

Por volta de 1984, foi fundado por Alistair Hennessy o *Centre for Caribbean Studies*, na *University of Warwick*, com a finalidade de estimular o interesse acadêmico e a investigação baseada na região caribenha. Hennessy e os subsequentes diretores do centro, os professores David Dabydeen, Gad Heuman e Cecily Jones desempenharam, segundo Macedo (2007), uma missão significativa, ao estabelecerem firmemente os Estudos Caribenhos e Afro-britânicos como parte integrante do campo intelectual no Reino Unido. O centro possui uma estreita relação com a *University of the West Indies*, no Caribe, e, adicionalmente, através de suas atividades de ensino e investigação, promove conferências, palestras e simpósios que atraem investigadores internacionais do domínio desse campo de estudos.⁴ Em 1988, outro Centro de Estudos Caribenhos foi fundado na *London Metropolitan University*, com uma diversidade de cursos que deram enfoque, particularmente, aos estudos culturais e históricos.⁵

A maior parte da produção literária das Índias Ocidentais foi impressa em Londres, apesar da chegada da primeira prensa nas Índias Ocidentais britânicas, na Jamaica, no ano de 1717. A preferência pela publicação na metrópole refletiu a população reduzida de leitores nas ilhas coloniais, bem como o desejo evidente dos escritores em recorrer ao universo literário amplo de Londres. Anteriormente ao ano de 1719, as narrativas eram baseadas em relatos de viagens, ao invés de narrativas de exploração, fundamentadas no estabelecimento de colônias sob um grau de proteção do estado, com o propósito de conceber suas fortunas. Após 1719, a população progressiva de escravos africanos, aliada à transformação na mentalidade britânica, favoreceram o advento da escravidão frente às representações literárias das Índias Ocidentais.

Os estudos pós-coloniais, a etno-crítica e a etno-história direcionaram seus interesses a países submetidos ao imperialismo europeu. As ilhas britânicas das Índias Ocidentais diferem da maioria das outras regiões do mundo colonizado, visto que no momento que os primeiros colonizadores britânicos alcançaram as Pequenas Antilhas, os habitantes nativos praticamente já haviam sido extirpados pela guerra, pelo deslocamento forçado e pelas enfermidades. Em meio século, os novos colonizadores compuseram uma população colonizada através da comercialização e do transporte de escravos. As Índias Ocidentais constituíram o destino da metade dos africanos

⁴ Esses eventos incluem o *Walter Rodney Memorial Lecture*, em 1984, em reconhecimento à vida e à obra de um dos investigadores e ativistas mais proeminentes da diáspora negra após a Segunda Guerra Mundial. Em parceria com o *Macmillan Caribbean*, o Centro de Estudos Caribenhos tem sido pioneiro na publicação de uma série de trabalhos acadêmicos resultantes de pesquisa oficial sobre o tema (Macedo, 2007).

⁵ As oportunidades de investigar a região caribenha na Grã-Bretanha continuam a se expandir e a se diversificar. Atualmente, há cursos de graduação e pós-graduação nas ilhas britânicas, cujos enfoques são as questões caribenhas e as suas diásporas. No espaço de pouco mais de 30 anos, os Estudos Caribenhos passaram de raro e altamente especializado tema de investigação, para um dos mais proeminentes no centro da academia britânica (Macedo, 2007).

transportados para a escravidão. Uma vez agrupados, esses africanos criaram as suas próprias línguas francas e culturas híbridas, delinearam uma diversidade religiosa, linguística e cultural, assimilaram a língua inglesa e mesclaram-se à cultura da *charter society*, expressão utilizada por Breen (1984) para descrever as culturas vigorosamente poderosas de grupos instituidores de uma determinada colônia.

A cultura das Índias Ocidentais, resultante dessa amálgama de povos e circunstâncias, foi posteriormente influenciada pela guerra internacional quase contínua na região e pela imposição de uma economia escravista senhorial, baseada no cultivo e manufatura do açúcar, através da utilização do primeiro sistema fabril em grande escala do mundo. As Índias Ocidentais constituíram as possessões coloniais mais valiosas da Grã-Bretanha e da França. As ilhas açucareiras proveram os seus poderes metropolitanos com riqueza, oferecendo a britânicos e a franceses aventureiros espaços para transformação e geração de fortunas. Krise (1999) observou que, além de personagens e paisagens caribenhas, nas produções literárias de escritores conhecidos como Jane Austen, Daniel Defoe, John Gay, William Shakespeare e Tobias Smollett, centenas de outras representações do Caribe permeiam a consciência dos falantes anglófonos, através de inúmeras viagens e narrativas de exploração, polémicas abolicionistas e pró-escravidão, romances e dramas, que apresentavam crioulos e escravos entre as personagens secundárias.

A literatura caribenha evolui à semelhança das literaturas que se desenvolveram nas sociedades que herdaram a língua inglesa, idealizada inicialmente enquanto simples articulação de uma identidade que nela se retrata para se reconhecer ou diferenciar (Hulme, 1992). As ilhas que compõem a região, apesar de possuírem características distintas, enfrentaram o mesmo processo colonial que devastou as populações nativas, ocasionou a escravidão africana e a permanência de colonizadores, e deu origem à miscigenação de raças. Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989) evidenciaram que a literatura dos países colonizados é produzida sob licença imperial, por nativos ou exilados, por habitantes da Índia falantes da língua inglesa ou missionários literários africanos que produziram uma imensidão de poesia e prosa. Visão alienada e crise em relação à própria imagem são características comuns às sociedades colonizadas. Apesar de tal aspeto ser pragmaticamente demonstrado através de uma extensão de obras, é difícil avaliar se a alienação social e também a linguística configuram resultados somente de formas opressivas de colonização.

A teoria literária pós-colonial caribenha é fundamentada na problematização das circunstâncias adversas vivenciadas por povos influenciados por um percurso colonial prolongado

que resultou na incorporação de atributos europeus que lhes foram impostos. Dentre as diversas discussões que suscita, os debates em torno das questões de identidade figuram como atributos centrais ao retratarem o desejo comum aos nativos da região em viverem e difundirem uma história e uma cultura próprias, tornando-as conhecidas no cenário social pós-moderno. Aliado a tais quesitos, desencadeados a partir das circunstâncias advindas do longo processo de colonização europeia, é inapropriado falarmos em pós-colonialismo, que implicaria na cessação do colonialismo, enquanto este foi meramente substituído pelo neocolonialismo (Said, 1994). Essas sociedades, portanto, além de terem experimentado uma descolonização tardia e complexa, mesmo após anos de independência política, convivem com fatores advindos dos contextos de exploração britânica e norte-americana, principalmente, em âmbito político, econômico e sociocultural, condição que configura uma colonização mais abrangente e corrosiva para a sociedade do que a própria escravidão do período colonial.

As culturas pós-coloniais são híbridas, envolvem um relacionamento dialético entre a ontologia e epistemologia europeia e o impulso em criar ou recriar uma identidade local independente, conforme pontuou Tiffin (1987 citada em Ashcroft, Griffiths & Tiffin, 1995, p. 95). Ao exemplificar a organização das lutas no Quênia contra a colonização inglesa e o imperialismo que ainda permanece na mente das sociedades ocidentais, Kenyatta (1938) argumentou que o agrupamento de questões acerca da identidade cultural se configura uma questão de sobrevivência de ordem mental, intelectual e material para as sociedades, que está longe de ser superado. As questões relacionadas à crise de identidade associada aos povos colonizados ansiosos por revelar sua cultura genuína, distinta da que lhe foi imposta pelo colonizador britânico, constituem o eixo central de abordagem da literatura pós-colonial caribenha. Uma preocupação generalizada com mitos de identidade e autenticidade é característica comum a todas as literaturas pós-coloniais escritas em língua inglesa (Ashcroft *et al.*, 1989).

A literatura é o meio através do qual os escritores pós-coloniais tentam expandir a história de sua terra natal e dar voz aos seus conterrâneos afrodescendentes, que durante anos não conseguiram promover a sua própria cultura até então negligenciada pelo processo colonial devastador imposto pelo colonizador europeu, que concebeu a sua cultura, a sua língua e a sua raça como superiores às do colonizado. A tentativa de atribuir sentido à sua própria identidade e de esboçar reação e resistência diante da opressão estabelecida pelo poder imperial são atributos que condizem com o anseio dos povos caribenhos e com o empenho dos escritores pós-coloniais em traduzir e difundir tal aspiração. Esse discurso literário baseia-se na contextualização das questões

relativas à identidade por parte do sujeito colonizado, dividido entre duas culturas. Ao rejeitar a cultura do *outro*, ele se depara com um dilema, pois não pode se opor a uma cultura que se tornou a sua e também não consegue distingui-la da que foi imposta pelo colonizador europeu e, por conseguinte, uma cultura se incorpora na outra, como se fossem únicas (Cruz, 2000). É fundamental que percebamos que ao atentarmos para a questão das identidades culturais na contemporaneidade, dificilmente esquivamo-nos da complexidade da configuração de identidade do sujeito que se situa em um tempo e em um espaço marcados pela descolonização tardia, que se evidencia como um processo em andamento (Augustoni & Viana, 2010).

Ao articularmos as questões pertinentes à teoria pós-colonial caribenha, constatamos que por muitas vezes a atenção da crítica se direciona ao relato das adversidades provenientes de um passado distante, sem aprofundar as questões em torno do atual neocolonialismo, principalmente o norte-americano, que ocorre em nações que se tornaram modernos territórios coloniais, fator manifesto nas esferas política, econômica e sociocultural (Cruz, 1998). A teoria pós-colonial negligenciou os elementos econômicos e políticos engendrados pelo imperialismo contemporâneo após a derrocada do colonialismo eurocêntrico, entre 1960 e 1975. A influência do Banco Mundial e do FMI, a limitação de exportações pela Comunidade Britânica e as negociações determinadas por empresários norte-americanos são apenas alguns dos fatores que evidenciam as condições da maioria da população caribenha, desencadeadas pela mera substituição dos colonizadores pela burguesia nacional.

Ao serem denominadas pós-coloniais, as literaturas das Américas deveriam incluir os Estados Unidos e o Canadá, já que todo o continente americano foi colonizado (Cruz, 1998). A diferença, entretanto, é que essas antigas colônias superaram a condição pós-colonial, diferentemente da região caribenha. A literatura contemporânea desses países é então denominada "pós-moderna", enquanto a literatura dos países periféricos é considerada "pós-colonial", o que indica que os últimos, em função de uma perspectiva preconceituosa dos primeiros, se encontram em uma fase de atraso não apenas econômico, mas também cultural (Thieme, 1996). A literatura que se refere a essa parte da América, portanto, que embora seja conhecida como Índias Ocidentais — que reúne um amálgama de conhecimento e desejos conflituosos — (Krise, 1999) não se encontra inserida no âmbito da literatura ocidental, além de universidades norte-americanas separem os estudos da América Latina e do Caribe, como se essas regiões não fizessem parte da civilização ocidental. Por conseguinte, o discurso pós-colonial da região é posto à margem e essa perspectiva obstrui o seu progresso, como finalizou o autor.

O fato de não apenas aceitarem, mas adotarem e absorverem a identidade do colonizador, induz “àqueles da periferia a imergirem na cultura importada, negando suas origens na tentativa de tornar-se ‘mais inglês do que os ingleses’” (Ashcroft *et al.*, 1989, p. 4, tradução nossa).⁶ Esse aspecto é identificado primeiramente na própria linguagem sobre a qual o sistema de educação imperial instaurou como norma a versão padrão da língua da metrópole e considerou as outras variantes como impuras, conforme acrescentaram esses autores. Nesse contexto, uma estrutura de poder hierárquico é perpetuada e se torna o meio através do qual concepções de verdade, ordem e realidade são estabelecidas, através de discursos desqualificantes dos dominadores sobre os dominados. Ao migrarem para o Reino Unido ou para países norte-americanos, no intuito de obterem um público leitor amplo e diversificado, escritores da África, das Índias Ocidentais, da Índia, da Austrália e do Paquistão vivenciam uma experiência que invariavelmente resulta em um sentimento de privação que envolve um distanciamento de suas origens e de suas tradições. Confrontam-se, portanto, com o dilema de escolherem entre a língua de expressão, a inglesa, e o seu país de nascimento, o que resulta em crise de identidade (Das, 1999). É uma angústia semelhante à experimentada pelo colonizado que não pode rejeitar a língua que se tornou a sua e nem a cultura do *outro*, pois dela necessita para compreender o seu próprio passado, conforme justificou Derek Walcott: “Eu precisava tornar-me onívoro com relação à arte e literatura europeia, para entender meu próprio mundo...” (Das, 1999, p. 5, tradução nossa).

À polêmica em torno da linguagem, agrega-se a controvérsia da herança africana representada pela cor da pele, como elemento que reforça a condição pós-colonial. Ao partir da perspectiva do racismo, a obra do caribenho Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks*, retrata com propriedade os conflitos inerentes às questões pós-coloniais na ótica do que o autor chamou de “complexo de superioridade” — do branco colonizador, que precisa do oprimido para legitimar essa condição — e de “complexo de inferioridade”— do negro colonizado, que precisa do opressor para justificar o seu estado de vítima em busca de reparação.

As questões raciais sempre configuraram complexidades nas diversas sociedades de todo o mundo. Os inúmeros acontecimentos, a exemplo de guerras, revoluções, colonizações, migrações e globalização, além de suas próprias obscuridades, são também seguidos de tensão, pois envolvem culturas e jogos de interesse distintos e diversos, além do fato de que nessas relações sociais

⁶ Ao definir as atuais classes sociais nas ilhas caribenhas, Crist (1954, p. 231) suscitou que a maior parte das classes é composta por indivíduos sérios, sóbrios e trabalhadores. Para o autor, parecia haver um desejo da parte do *Negro* em alcançar os padrões de higiene, decência e habilidade definidos pelos colonizadores brancos que eram pequenos fazendeiros e artesãos. Esses *Negros* pareciam ter complexos ou sentimentos de inferioridade e por isso desejos de compensá-los ao serem turbulentos, extrovertidos e barulhentos.

inevitavelmente estão inclusos preconceitos de toda ordem, que não são únicos ou exclusivos ou apenas raciais, visto que também compreendem implicações económicas, políticas e culturais. As questões raciais, que na maioria das vezes são herméticas, estão presentes em qualquer nação, porém não se elucidam. Conforme argumentou Ianni (1996), são mescladas diversidades e desigualdades, sejam de ordem religiosa ou linguística, por exemplo, mas que sempre envolvem alguma forma de racialização das relações sociais. Essas realidades sociais são vivenciadas através das mais variadas situações como as migrações, os escravismos, as revoluções, os conflitos inesperados e até mesmo os convívios pacíficos.

É incontestável que as migrações expressam aspetos relevantes da problemática racial, visto que os deslocamentos envolvem mudanças, às vezes profundas, nas condições de vida, no trabalho e nos valores socioculturais. O conflito é ainda mais intenso quando abrange culturas ou civilizações totalmente diversas e muitas vezes esse processo se torna uma experiência árdua ou traumática. Porventura, é mais ameno para os indivíduos ou as coletividades que possuem uma determinada noção a respeito do significado das fronteiras e das possibilidades da transculturação.

Nas ilhas caribenhas, o contato entre a elite branca, os afrodescendentes e os asiáticos migrantes construiu relações sociais complexas, moldando universos culturais ambíguos, repleto de mitos, ódio racial, intolerâncias, afastamento, ruturas, resistência e restrições culturais. O racismo encontra-se no tecido da sociedade caribenha dividindo crioulos e negros, indianos e negros, brancos e negros. Em *Abeng*, Cliff (1990) exemplificou como o racismo possui consequência trágica no desenvolvimento da personalidade e da autoconsciência de uma menina cujo tom de pele é mais branco do que negro e que cada vez mais toma consciência das diferenças entre si e o seu amigo de infância negro. Essa condição corresponde ao fim da infância, ao fim de uma era em que os sonhos são ainda possíveis. Nesse romance, o que separava as personagens Claire e Zoe era a cor da pele, ou melhor, a sombra, mas também era o que dividia os estudantes na escola católica, em Kingston, Jamaica. Cliff sustentou que o negro é sinónimo de 'invisível' para a comunidade branca. Para Campbell e Frickey (1998), não surpreende a sensação ambivalente que um indivíduo nascido no Caribe pode vivenciar em relação à sua ilha. Por um lado, ela é o seu lar, é o espaço onde estão as suas raízes. Por outro, constitui um universo conturbado e complexo, unificado por inquietações comuns, ainda racialmente fragmentado. Nessa condição, ele se encontra aprisionado entre as demandas da modernização e uma necessidade em preservar a sua independência e herança cultural. Maior assertividade pode ser alcançada quando se deixa o lar e olha para trás a partir da condição do exílio. Tal objetividade, entretanto, ocasiona uma

realização inquietante- um compromisso com o chamado de regresso à casa. Assim, as diferenças constroem um intrincado cenário social em que cada população institui sua própria forma de se relacionar dentro e fora de sua cultura, fazendo com que haja uma fusão inevitável das características culturais individuais, por meio da coexistência de forças de dominação e resistência.

Ashcroft *et al.* (1998, p. 102) mencionaram que os debates da teoria feminista, bem como os do pós-colonialismo, pactuam em muitos aspetos relacionados à teoria da identidade, da diferença e da interpelação do sujeito por um discurso dominante, além de oferecerem entre si estratégias de resistência a tais controles. Ao retratarmos as relações entre o pós-colonialismo, o feminismo e a escrita de mulheres de cor, notamos a tensão existente entre a maioria das feministas brancas e negras, visto que as primeiras destacam a opressão patriarcal do ponto de vista da classe média branca, enquanto as de cor enfatizam os assuntos raciais e se empenham mais com a política de classe social. As mulheres negras, por vezes, são segregadas pelas mulheres brancas não apenas devido às temáticas que abordam, mas também porque sua tipologia literária às vezes não corresponde ao que é geralmente categorizado como teoria feminista.

Antes de pontuarmos o propósito da tese, convém salientarmos que o intuito em aprofundar o conhecimento sobre a Literatura Pós-colonial Caribenha em língua inglesa foi motivado através da participação anterior em projeto de investigação que abordou a perspectiva literária de críticos pós-coloniais e autores caribenhos, nomeadamente Derek Walcott e Jamaica Kincaid,⁷ escritores cujas obras possuem ampla disseminação e representatividade no âmbito dos Estudos Pós-coloniais Caribenhos de língua inglesa. O exame sobre as características coloniais e pós-coloniais de Antígua e suas conseqüentes reflexões na formação da identidade cultural constituíram a principal motivação para a investigação de uma sociedade com características tão peculiares do ponto de vista cultural.

Enquadramos na análise uma série de obras escritas por mulheres negras, nativas de uma região colonizada e patriarcal, na qual são predominantes adversidades inerentes a indivíduos com tais características, onde a combinação entre os elementos dos estudos pós-coloniais e feministas dão voz a uma parcela excluída. A investigação apresenta eixos discursivos relacionados à identidade cultural dos afrodescendentes de Antígua, particularidades que são delineadas através

⁷ Derek Alton Walcott (1930-2017) foi um dos mais renomados poetas, dramaturgos e romancistas da ilha de Saint Lucia, na Jamaica, e em 1992 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Jamaica Kincaid, por sua vez, cujo verdadeiro nome é Elaine Potter Richardson, é a autora negra de Antígua cuja produção literária é uma das mais difundidas no âmbito da Literatura Pós-colonial Caribenha anglófona. Alguns de seus romances, que retratam o contexto neocolonial da ilha e as complexidades sobre a identidade cultural da sociedade nativa afrodescendente, através de narrativas autobiográficas e não-fictícias, serão analisados ao longo da tese.

dos romances, sob a ótica do discurso pós-colonial e de identidade. Ressaltamos que a produção literária de Antígua é composta nomeadamente por mulheres⁸, portanto, diversas questões circunscritas por essas autoras possuem cunho de essência feminista, embora matérias associadas ao género masculino sejam também abordadas, considerando-se, entretanto, que homens e mulheres não compartilham a mesma condição pós-colonial devido à complexidade do contexto patriarcal.⁹

O delineamento dessa investigação aponta para uma abordagem complementar face à amplitude dos estudos culturais e pós-coloniais, visto que a literatura de expressão caribenha e afro-americana de língua inglesa tem se expandido e configurado objeto de investigação no âmbito dos estudos de literatura e cultura anglófona, nas universidades. O escopo da tese é a ampliação da perspectiva crítico-analítica sobre a identidade cultural da sociedade pós-colonial de origem afrodescendente de Antígua, a partir do questionamento dos modelos de autorrepresentação literária da ilha e do seu impacto na construção de identidade.¹⁰ Dessa forma, são apresentadas as análises dos romances de escritoras nativas negras e as suas reflexões em torno da identidade pós-colonial. Através das personagens, as narrativas apresentam circunstâncias que evocam o passado colonial de Antígua, a diáspora e o posterior regresso à terra natal, bem como as implicações envolvidas nesse processo, além dos conflitos sociais vivenciados pelos afro-caribenhos, elementos que condizem, portanto, com as características delineadas pela teoria pós-colonial. Os romances analisados são *Annie John* (1985), *A Small Place* (1988) e *Lucy* (1990), de autoria de Jamaica Kincaid, *The Boy from Willow Bend* (2003) e *Oh Gad!* (2012), escritos por Joanne Hillhouse e *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama* (2008), romance de Monica Matthew.¹¹

Conduzimos a leitura dos romances ao propósito de investigar a caracterização da identidade negra de Antígua e verificamos que as narrativas evidenciam abordagens variadas e distintas sobre as circunstâncias peculiares a uma sociedade que, à semelhança de todo o Caribe, possui uma longa história de colonialismo e escravidão constituída por sistemas de opressão e de

⁸ Em Antígua, as questões em torno da identidade feminina são representadas nomeadamente através da literatura, ao passo que os assuntos sobre a identidade masculina são expressos através do *calypso*, género musical popular que representa a identidade cultural afrodescendente da ilha.

⁹ Dentre as mulheres brancas e as de cor há distinções no que diz respeito à condição patriarcal. Os romances cujas personagens são mulheres provenientes das Índias Ocidentais abordam o colonialismo e as formas através das quais a identidade feminina é influenciada por discursos patriarcais oriundos da era vitoriana. A diferença reside no fato de que as narrativas cujas protagonistas são brancas destacam a opressão sobre o género, ignorando a questão sobre a cor da pele. Essa condição pode ser exemplificada através da comparação entre as protagonistas branca, crioula e negra nas obras *Jane Eyre* (1847), *Wide Sargasso Sea* (1966) e *The Autobiography of My Mother* (1996), de autoria de Charlotte Bronte, Jean Rhys e Jamaica Kincaid, respetivamente.

¹⁰ A respeito da difusão literária, faz-se necessário reconhecer que, apesar da visão de muitos europeus do século XVIII de que as ilhas coloniais eram "remansos sem sofisticação" (grifo nosso), nas Índias Ocidentais havia definitivamente um público voltado para a literatura e para outras expressões culturais, e Antígua era uma das ilhas onde esse atributo era mais evidente, segundo Frohnsdorff (2003).

¹¹ Essas obras foram escolhidas por oferecerem uma perspectiva através da qual podemos ponderar o contexto da identidade cultural em Antígua. Como complemento às análises dos romances, verificamos a repercussão e a avaliação dos mesmos entre o público e a crítica literária.

exploração que, na contemporaneidade, intervêm nos aspetos económicos e socioculturais. O modelo atlântico negro é também responsável pelo método duplamente colonizador de leitura da escrita da mulher caribenha, conforme afirmou Donell:

The black Atlanticist model is also responsible for the double colonization model of reading Caribbean women's writing, which while it 'spoke powerfully to the shared oppression of women's lives', in localized contexts 'confirms the dismissal of literary history through the figure of the invisible woman'. (Donell, n.d., citado em Forbes, 2008, p. 70)

Ao iniciarmos a investigação a partir da problematização do histórico da herança colonial de Antígua, das atuais tensões internas devidas ao intra-colonialismo, fator que a torna um país-ilha cada vez mais vulnerável ao sistema capitalista, nossa proposta se concentra na análise dos romances das referidas autoras, do exame das abordagens em torno dos conflitos de identidade cultural dos nativos de descendência africana e da verificação entre os pontos em comum, bem como entre os enfoques distintos dessas reflexões. Nossa proposta é questionar até que ponto essas análises impactam a construção de identidade da sociedade afrodescendente de Antígua, cuja fragmentação de identidade se originou a partir de uma herança colonial complexa prolongada por tensões intra-coloniais que resultaram em fragilidade económica, política e sociocultural, agravadas por diferenças étnico-raciais, de género e classe, fatores, dentre outros, relacionados à "crise de identidade" retratada por críticos literários e presente nos romances de escritores oriundos da ilha. A construção de identidade é compreendida a partir da rejeição ao padrão colonizador e às restrições impostas pelo cânone europeu. Através de suas personagens, os romancistas expõem a complexidade dos atributos culturais e das experiências existenciais caribenhas. Por parte do leitor, presume-se a interação com a narrativa que, embora fictícia, é verossímilhante aos fatos da vida real. A revelação do que compreende o permite determinar seus valores, posicionar-se comparativamente diante dos acontecimentos, questionando-os e confrontando-os, percurso que oportuniza o (re) pensar de sua própria identidade.

Os enredos analisados procuram enfatizar, nomeadamente, as experiências dos nativos negros de Antígua e representam a sua identidade e herança através da conjuntura pós-colonial. São ponderados os traços que tornam essas narrativas distintivamente pós-coloniais devido às abordagens em contextos de identidade, pátria e família, a partir das ocorrências que se refletem nas personagens em desenvolvimento. Alguns dos romances, principalmente os de autoria de Jamaica Kincaid, célebres pelas reflexões em torno das circunstâncias pós-coloniais que apresentam, retratam a condição de deslocamento do indivíduo no sentido de tentativa da

construção de identidade a partir da experiência do exílio, de forma a encontrar outra visão sobre a própria origem e, portanto, construir uma autoimagem atual.

O sujeito da diáspora, por conseguinte, ao passo que absorve parte dos valores da cultura de acolhimento, demonstra negar os mesmos e ansiar pelo retorno às suas raízes. Ao enquadrar as perspectivas da teoria pós-colonial, as histórias se debruçam sobre a existência de situações transculturais contrárias e ao mesmo tempo complementares: a diáspora e o regresso à terra natal, revelando, portanto, personagens multiculturais em trânsito, demonstrando a condição de emigração, retorno ao lar e a conseqüente fragmentação do sujeito deslocado, na medida que as abordagens se cruzam em noções de ambigüidade, tensões sócio-históricas contemporâneas, percepção e representação do indivíduo. A escritora utiliza a estratégia de criação de personagens autobiográficas que por meio de conflitos familiares metaforizam a relação entre metrópole e colônia.

Os romances de autoria de Joanne Hillhouse e Monica Matthew, por sua vez, também se ocupam em retratar as questões de identidade cultural dos nativos de origem africana da ilha e essas escritoras abordam nos seus enredos as discussões reportadas pelos estudos pós-coloniais. Suas personagens são construídas a partir de acontecimentos peculiares ao âmbito familiar, aos contextos de diáspora e regresso posterior às origens, aos conflitos de relações, portanto, circunstâncias da era moderna em Antígua que inevitavelmente evocam e refletem o seu passado colonial. Por outro lado, os enredos trazem contributos significativos às artes literárias no Caribe e também à preservação da história das Índias Ocidentais.

Monica Matthew revelou aspetos consideráveis a respeito da identidade cultural de Antígua, através do livro de memórias *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama*, no qual reproduziu as perspectivas de sua infância na ilha e as experiências que decorreram até o surgimento da fase adulta. O seu estilo de escrita autobiográfica é reminescente ao de Jamaica Kincaid se considerarmos que ambas possuem como temáticas fulcrais o relato de convivência com suas mães, embora Kincaid demonstre essa relação de forma substancialmente conflituosa, pois metaforicamente equipara a mãe à metrópole colonial,¹² e ao narrar as suas experiências intenciona

¹² Historicamente, a Inglaterra foi a "pátria-mãe" para os povos das Índias Ocidentais e, mesmo em uma era pós-colonial, esse país é ocasionalmente referido na produção literária caribenha anglófona como "*motherland*" ou "*mother country*". Essa referência, no entanto, é geralmente irônica. Para a mulher caribenha, a noção de pátria-mãe é especialmente complexa, englobando em suas conotações a sua ilha de origem e a sua cultura única, bem como o vínculo feminino que é a herança de uma mulher por meio de suas próprias e de outras mães. A terra e a mãe estão, portanto, conectadas. Se uma mulher é capaz de reivindicar uma conexão com ambas, ela está bem preparada para a jornada em direção à sua identidade e autorealização. Se a ela, porém, for negada um vínculo de desenvolvimento com sua própria mãe, então a "terra-mãe" em si pode providenciar uma substituta (madrasta).

que o leitor de Antígua reflita sobre as suas próprias. As particularidades comuns aos romances são verificadas através da abordagem das características de um pequeno país-ilha, que devido à herança colonial é envolto por conflitos raciais e adversidades económicas e culturais. Ambos os estilos denotam que o ato de escrever é essencialmente catártico para as autoras.

Do ponto de vista da literatura pós-colonial, há diversas questões a serem exploradas a respeito de Antígua. Ao alinharmos as temáticas abordadas pelas escritoras nativas, cujas narrativas apresentam características que aludem à história, à identidade e à cultura local, nos propusemos a elaborar um estudo consistente e original¹³ a partir do contexto pós-colonial e de identidade cultural. As personagens dos romances possuem características em comum, retratadas as suas condições de identidade cultural em circunstâncias complexas, ao serem expostas à experiência colonial e às consequências desse processo, a exemplo das conturbadas situações de cunho familiar onde se sobressai a figura da mulher negra em ambiente patriarcal, o enfrentamento às adversidades raciais e de dependência linguística e cultural, o movimento de diáspora forçada ou voluntária originado a partir de causas económico-político-sociais, conjunturas, portanto, implícitas no intrincado contexto de fragmentação de identidade dos afro-caribenhos.

A originalidade e a relevância dessa investigação são pautadas na abordagem das perspectivas pós-coloniais e da identidade cultural de Antígua, através dos romances de escritoras nativas pouco conhecidas fora desse âmbito geográfico, à exceção de Jamaica Kincaid, cuja perspectiva literária é bastante difundida no contexto dos estudos pós-coloniais. Adicionalmente, os enredos das demais obras catalogam uma série de questões que condiz com os assuntos versados por essa teoria. As circunstâncias associadas à identidade cultural dos nativos de descendência africana revelam a conjuntura pós-colonial delineada por romances autobiográficos ou de ficção, ao retratarem temas étnico-raciais, de género, a respeito do hibridismo, da diáspora, dentre outros, ou aludirem ao passado colonial, particularidades, portanto, que condizem com a realidade tratada pelo discurso pós-colonial.

Dado o carácter exploratório, descritivo e documental da investigação, o enquadramento teórico-metodológico da primeira etapa constou de ampla revisão de literatura da bibliografia específica do *corpus*,¹⁴ que teve como finalidade o levantamento de dados sobre Antígua, a

¹³ Embora os romances de Jamaica Kincaid componham o conjunto de obras de maior repercussão entre os estudos literários caribenhos pós-coloniais, essa investigação traz uma nova abordagem ao enquadrar as narrativas das demais escritoras nativas, cujas obras versam sobre a história local e os adventos da transição entre uma identidade cultural colonial e pós-colonial.

¹⁴ O estudo a respeito de uma dada cultura pode se tornar inviável sem uma ampla investigação textual e extra-textual. Por esse motivo, durante a investigação foi fundamental o levantamento de ampla referência bibliográfica, realização de entrevistas, contatos com investigadores provenientes

caracterização do seu processo de colonização, o aprofundamento do discurso crítico de escritores e teóricos pós-coloniais, com ênfase nas questões imanentes à formação da identidade. Descrevemos o contexto recente dos debates que propõem discussões multifacetadas sobre os estudos pós-coloniais, nomeadamente relacionados à identidade, destacando suas repercussões no Caribe anglófono. De maneira a complementar o estudo, entrevistamos as escritoras dos romances,¹⁵ etapa que nos proporcionou a obtenção de informações específicas acerca dos enredos das obras, das questões de identidade que foram contextualizadas e do propósito de cada autora com a sua produção literária. Foram examinadas, portanto, as semelhanças e as distinções entre os diversos pontos de vista que dizem respeito à contextualização de identidade na Antígua pós-colonial.

A tese é composta por quatro partes. Na Parte I, caracterizamos o *Commonwealth* caribenho, contextualizamos a conjuntura pré-colonial e da colonização em Antígua, bem como de seu histórico sócio-político-cultural que é apropriado à compreensão do panorama literário, cujos pontos de vista são revelados pelas escritoras nativas em seus romances. Traçamos, em seguida, o cenário neocolonial e a estrutura de poder em Antígua, representados, precisamente, sob a forma moderna de turismo, através de *A Small Place*¹⁶, obra não-autobiográfica e não-fictícia de Jamaica Kincaid, na qual a escritora relata a problemática oriunda da colonização britânica, do sistema de governo neocolonial, da consciência desconexa entre os nativos afrodescendentes da ilha no que diz respeito ao seu presente e ao seu passado histórico, e às inter-relações entre esses fatores, exemplificados através dos problemas raciais e de gênero, da dependência linguística e cultural, da exploração econômica e social impulsionada pelo desenvolvimento do turismo, principal atividade econômica. Conforme apontaram Campbell e Frickey (1998), possivelmente *A Small Place* constitui uma das obras caribenhas mais singulares e controversas, visto que Jamaica Kincaid expressou

das ilhas caribenhas e de Antígua, realização de estágio de investigação na *University of Warwick*, com o propósito de recolher materiais que possibilitaram uma análise fundamentada e coerente sobre a temática proposta, de modo a permitir uma significativa interação cultural e consequente enriquecimento da tese. As análises tiveram como suplemento os materiais recolhidos ao longo dos meses de investigação em universidades, associações caribenhas e centros de investigação em Portugal, no Brasil e na Inglaterra, respetivamente o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, o Centro de Estudos do Caribe no Brasil, o *Yesu Persaud Centre for Caribbean Studies*, além de associações e universidade caribenhas, como a *Society for Caribbean Studies*, a *Caribbean Studies Association*, a *Antigua and Barbuda Studies Association* e a *University of the West Indies*.

¹⁵ À exceção de Jamaica Kincaid, que não se disponibilizou a conceder entrevistas.

¹⁶ Jamaica Kincaid, seja através de seus romances autobiográficos ou demais obras, evidencia o passado colonial de Antígua e a "passividade" da população local diante das formas de opressão, implicando a necessidade de posicionamento contra o controle econômico exercido por instituições financeiras estrangeiras que têm o governo local como cúmplices. Dessa forma, a alienação da sociedade com relação à sua própria história é autodestrutiva, visto que não possibilita que se estabeleçam ligações entre a obsessão pelo passado de escravidão e a exploração econômica da atualidade, baseada, sobretudo, na indústria do turismo, principal atividade econômica de Antígua. Em contrapartida, alguns autores, ainda que afirmem que os seus trabalhos possuem semelhanças com a produção literária de J. Kincaid, a exemplo da caribenha Jane King (2002), questionam a maneira como a escritora aborda o contexto pós-colonial, expondo os posicionamentos que considera divergentes da realidade.

seus sentimentos ambivalentes e a complexidade de emoções despertadas por recriações literárias de Antígua.

Na Parte II, retratamos o colonialismo e a teoria pós-colonial através de abordagens que se entrecruzam em concepções de raça, etnia, gênero e classe, analisando essa teoria como resultante da desintegração da cultura ocidental e da autoridade política imperial, de maneira a esclarecer os modelos de cópia, subversão e antagonismo entre os poderes coloniais e neocoloniais aplicados ao caso específico do Caribe anglófono. Foram descritas as perspectivas teóricas dos principais críticos pós-coloniais, a exemplo de Stuart Hall, Frantz Fanon, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Aimé Césaire, Edward Said, Selwyn Cudjoe, dentre outros, cujos discursos são essenciais à compreensão desde a perspectiva colonial ao neocolonialismo contemporâneo. Em seguida, delineamos as particularidades da literatura pós-colonial caribenha sob a ótica dos escritores da região e definimos um subtópico específico para retratar as características da produção literária feminina caribenha. Retratamos também as argumentações referentes à identidade cultural caribenha anglófona, enfatizando as questões relativas à diáspora e ao hibridismo. A literatura caribenha foi expressa em sua pluralidade de maneira a demonstrar por que configura o meio através do qual as sociedades que experimentaram a colonização procuram afirmar a sua história e a sua identidade próprias. Revelamos a literatura em suas funções sacralizadora e dessacralizadora, a primeira atuando no sentido de unir a comunidade em torno de seus mitos fundadores, de seu imaginário ou ideologia e a segunda correspondendo à desmistificação de tal sistema que vinha sendo construído, surgindo, assim, a consciência crítica da realidade que desconstrói estereótipos (Brend, 2001). Nesse âmbito, a literatura pós-colonial caribenha em língua inglesa priorizou a representação do sujeito a partir da desconstrução de mitos e da revelação de sua história, com o propósito de promover uma cultura que foi impedida de desenvolver-se por meios próprios.

Na parte III, constam as análises dos romances *Annie John* (1985), *Lucy* (1990), *The Boy from Willow Bend* (2002), *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama* (2008) e *Oh Gad!* (2012). Essas obras versam sobre as experiências do povo caribenho e representam sua identidade e herança em contextos pós-coloniais, ao retratarem perspectivas de memória, família, nação, dentre outros, em circunstâncias transculturais. As escritoras frequentemente expressaram no ambiente doméstico os acontecimentos em torno de seus protagonistas, para além de exemplificarem as condições de deslocamento do indivíduo ao revelarem personagens multiculturais em trânsito, em

condições de (e/i) migração, retorno ao lar e consequente fragmentação da identidade.¹⁷ Os enredos eventualmente se esquivaram de seguir a retitude característica dos textos ocidentais, contrapondo-se ao projeto hegemónico que ainda os subjagam.

Na Parte IV, Considerações Finais, correlacionamos os conteúdos abordados pelos romances retratados e os pressupostos teóricos sobre o pós-colonialismo e a identidade, de modo a respondermos ao questionamento proposto pela investigação, ao passo que enfatizamos as suas contribuições ao campo dos Estudos Literários e Culturais.

A maior parte das investigações acerca das sociedades que foram colonizadas evidencia a situação de crise e destaca as questões complexas que as caracterizam. Faz-se necessário reconhecermos, todavia, que o termo "pós-colonial" apresenta múltiplas significações. Antes de explicitarmos os resultados da investigação, é pertinente esclarecermos que o nosso objetivo não foi apenas traçar a complexidade advinda do contexto colonial das ilhas caribenhas, particularmente de Antígua. Enfatizamos, sobretudo, o nosso propósito em revelar e realçar os aspetos relacionados à identidade dos nativos de descendência africana, através da apresentação de seus elementos culturais e de identidade. Salientamos que, por maior que tenha sido o empenho em desenvolver nosso estudo, lacunas certamente existirão, visto que a nossa proposta foi expressar, a partir das possibilidades disponíveis, a visão acerca de uma cultura peculiar, cujas particularidades são ainda timidamente estudadas fora dos seus limites geográficos.

¹⁷ Apesar da distinção entre as teorias pós-colonial e pós-moderna, ambas consideradas difusas e controversas, estar pautada nos motivos que as originaram, o ponto de convergência entre essas duas linhas reside na nova compreensão da representação do indivíduo no mundo, a partir da desconstrução dos valores sociais e culturais até então vigentes. Nas obras analisadas, essa confluência é demonstrada haja vista as adversidades enfrentadas pelas personagens, agravadas pela sua condição pós-colonial, a exemplo da transformação constante da identidade de um indivíduo não mais unificado, aliada ao peso da cor de pele negra. Ainda que seja possível abordar a literatura caribenha sob uma perspectiva pós-moderna, não se pode esquecer a circunstância pós-colonial na qual se encontra inserida. Nesse sentido, está também presente nessa investigação a reflexão em torno do sujeito deslocado, assunto comum à crítica pós-moderna, visto que o pós-colonialismo e o pós-modernismo apresentam características em comum, na medida em que suas abordagens crítico-teóricas se cruzam em noções de ambiguidade, tensões sócio-históricas contemporâneas, percepção e representação do indivíduo, questionando as crenças imperiais de superioridade, com fundamento na racionalidade ocidental, no sentido de desconstruir e revisar os relatos que até então eram apresentados como verdades absolutas.

Parte I --- O território caribenho: Antígua no passado e no presente

1.1 Contextualização histórica

1.1.1 A região caribenha

Where the colonial and post-colonial Caribbean is concerned, the debate around and across the region is complicated by the number of European colonial peoples involved, with their language differences, the differences amongst indigenous populations and enslaved Africans, the latter two groups reduced to the objects of archival content rather than its generators...
(Carbica, 2011 citado em Barber, 2011, p. 2)

A região caribenha, fragmentada em ilhas com extensões bastante delimitadas, constitui um espaço onde as comunidades aborígenes foram praticamente exterminadas e substituídas por habitantes da África, da Ásia e da Europa. Essa condição ocasionou o surgimento de identidades distintas que contribuíram para o aparecimento de culturas globais. No século XVIII, a região tornou-se parte de um novo mundo em expansão, capaz de atrair as nações europeias que reconheciam as novas terras como oportunidades de influência, colonização, ampliação e potencialidade em gerar renda, através de economias mercantis desenvolvidas.

O território caribenho, conforme a figura 1, é disperso por uma vasta área geográfica, porém com massa de terra relativamente limitada, e engloba as ilhas de Trindade e Tobago, ao sul, e Cuba e Bahamas, ao norte. As ilhas são divididas em dois grupos: o primeiro, das Grandes Antilhas (*Greater Antilles*), compreende Cuba, Haiti, República Dominicana, Jamaica e Porto Rico que, juntamente com as Ilhas Virgens Britânicas, formam a borda norte da bacia caribenha. O segundo grupo é o das Pequenas Antilhas (*Lesser Antilles*) que constitui a borda leste da bacia e forma duas cadeias de ilhas paralelas. As que se situam mais na parte leste que termina em Guadalupe são conhecidas como Ilhas de Sotavento (*Leeward Islands*) e abrangem São Cristóvão e Neves, Antígua e Barbuda, além de Montserrat, conforme a figura 2. A cadeia interna que atravessa a Granada faz parte de uma península submersa conhecida como Ilhas de Barlavento (*Windward Islands*) e envolve Dominica, Martinica, Guadalupe, Santa Lúcia, São Vicente e Granada. Já as ilhas de Trindade, Tobago e Barbados são originárias do continente sul-americano e possuem relações geológicas com o leste da Venezuela. Tradicionalmente, os territórios de Guiana e Belize formam parte da região devido à afiliação política e influência da CARICOM,¹⁸ na qual o Suriname também está incluso (Ahmad, 2011).

¹⁸ Sigla atribuída a *Caribbean Community*, bloco de cooperação econômica e política criado em 1973, formado por 14 países e seis territórios caribenhos, que continua a se expandir e desde a década de 90 incluí o Haiti e o Suriname. Em 2006, lançou o *Caribbean Single Market and*

Figura 1 – Mapa do Caribe



Fonte: <http://caribbeanyachtsrental.com/images/caribbean.gif>

Figura 2 – Mapa das Ilhas de Sotavento



Fonte: <http://www.sailinglucy.com/weather2.htm>

Economy que incorporou medidas como a diminuição das restrições de autorização de trabalho, representação coletiva para a Associação de Comércio Livre das Américas e da União Europeia e a possibilidade de incluir as Antilhas holandesas, juntamente com os territórios ultramarinos, demonstrando perspectivas de melhoria da unidade, na região.

No século XXI, adicionalmente aos territórios pós-coloniais, a exemplo do Haiti, Cuba, República Dominicana, Jamaica, Trindade e Tobago, Santa Lúcia, Barbados e Suriname, relações coloniais externas e internas persistem: Guadalupe e Martinica são departamentos ultramarinos da França; Montserrat é um território britânico dependente; Barbuda é uma dependência de Antígua e Carriacou é parte do estado tri-ilha de Granada- que também inclui a Martinica. Há muitas questões em comum entre os vários territórios que formam o Caribe, entretanto, barreiras políticas, socioeconômicas e linguísticas mantêm a região em grupos isolados, condição resultante das variadas nações colonizadoras europeias. Por conseguinte, existem as áreas de influência britânica, francesa, holandesa, espanhola e americana com escassa troca de informações, conhecimento, especialidade e tecnologia (Ahmad, 2011). Apesar de próximas e de possuírem características físicas quase idênticas, as ilhas diferem marcadamente em sua composição racial, linguagem, religião, economia e paisagens culturais. Esse aspecto foi observado por Crist (1954) ao exemplificar o caso de Cuba, católica, de língua espanhola, com uma população mestiça de brancos e negros, e que possui muitas características culturais distintas da Jamaica, protestante, cujo idioma é o inglês, habitada por indivíduos de puro sangue negro.¹⁹

Constituídas por populações descendentes de colonizadores europeus, de escravos africanos e trabalhadores do sistema *indenture*²⁰ provenientes da África, Índia, China, ilha de Java e Europa, todas as sociedades compõem variações de temas pan caribenhos que incluem uma longa história de movimentos populacionais dentro e fora da região, iniciada a partir das migrações dos nativos americanos, seguida pelos movimentos demográficos de colonização e escravidão. Desde a emancipação, a diáspora se tornou significativa em direção a nações da América Central, América do Norte, Europa e inter-ilhas, assim como os movimentos de regresso.

A caracterização acerca da população das Índias Ocidentais formou-se através de cartas e catálogos de viagem, geralmente escritos por europeus como atos de desejo utópico.²¹ Além das revelações de Colombo sobre as suas impressões, após seu retorno à Espanha — “I have so far found no monstrosities, as many expected, but on the contrary all the people are of fine appearance;

¹⁹ O autor também abordou as diferenças existentes numa mesma ilha, a exemplo de Hispaniola, cuja parte ocidental, o Haiti, é um país que possui proprietários de terra negros falantes de francês, sucessores das ideias da Revolução Francesa, enquanto a República Dominicana, na parte oriental da mesma ilha, é um país de falantes do espanhol, que possui grandes latifúndios, por um lado, e pequenos agricultores por outro, herdeiros do latifúndio espanhol que ainda se encontra em vigor.

²⁰ Sistema de contrato de trabalho estabelecido entre proprietários de terras e indianos que migraram para as colônias caribenhas inglesas.

²¹ Além de ser um meio de conhecimento e informação, a viagem configura também uma forma de investigar o mundo. Sob essa perspectiva, a literatura de viagens é considerada uma categoria literária que na sua totalidade sugere uma percepção muitas vezes dúbia sobre o encontro de culturas, que propicia ao leitor o questionamento sobre o mundo, o conhecimento de realidades culturais distintas a partir da produção de relatos curiosos de viajantes que se submetem ao encontro de desigualdades e confrontos fora do seu lugar comum, ao mesmo tempo em que favorece o prazer estético e possibilita ao leitor uma visão de mundo diferenciada e alargada. A respeito do tema, consultar Romano (2013).

nor are they negroes as in Guinea, but with flowing hair..." — (Columbus, 1493 citado em Hulme & Whitehead, 1992, p. 14) expedições subsequentes foram realizadas por Walter Raleigh e resultaram na obra *The Discoverie of the Large and Beautiful Empire of Guyana*, de 1596. Seus relatos de viagem encorajaram a colonização britânica na Guiana e nas ilhas caribenhas, ao passo que ao descrever o índio como "nobre selvagem" influenciou o ensaio *Of Cannibals*, de Michel de Montaigne, o qual inspirou a criação de *Caliban*, de William Shakespeare (L. James, 1999, p. 10). Escritores caribenhos, por sua vez, a exemplo de Aimé Césaire e George Lamming, equipararam *Caliban* à imagem europeia do *West Indian*.

De acordo com L. James (1999), a primeira narrativa completa sobre a colonização europeia no Caribe foi realizada pelo padre dominicano francês Jean Baptiste Du Tertre, em *The General History of the French Antilles (1667-1671)*, no qual descreveu uma sociedade complexa onde colonos, escravos, corsários, católicos, dentre outros, misturavam-se num exotismo fascinante sob céus tropicais (Gouveia, 1980). Foi enfatizada a sua atitude humana tanto em relação aos índios quanto aos escravos, aos qualificar-lhes não como inferiores, mas como seres humanos maltratados. *New Voyage to the Islands of America (1722)*, de Père Jean-Baptiste Labat, é outro documento mencionado que descreve o seu encontro com os *Caribs*, em Dominica.

As Índias Ocidentais foram durante longo tempo consideradas "patas de rivalidades imperiais", réplicas imperfeitas de países europeus ou refúgios exóticos da vida civilizada. A Grã-Bretanha controlou a maior parte dos territórios caribenhos e, naturalmente, um grande número de colônias significava também a presença de vários falantes da língua inglesa na região e potenciais emigrantes. A esse respeito, McIntosh (2010, p. 46), na tese de doutoramento "*Home*": *Emigration, Identity and Modern Caribbean Literature*, destacou que a história do Caribe anglófono, até o final de 1950, pode ser lida como uma série de três movimentos: o movimento das populações não-índigenas, o movimento ascendente do anteriormente dominado a posições de quase dominância e o movimento externo de massas de emigrantes.

1.1.2 A região caribenha anglófona

No período anterior à independência política, os territórios caribenhos de língua inglesa eram denominados *British West Indies*. Frequentemente, essa designação era reduzida a *West Indies*, quando o contexto clarificava que as colônias francesas ou holandesas não eram referidas. De 1958 a 1962, a maioria das colônias britânicas participou da *Federation of the West Indies*, mas o seu declínio foi rapidamente seguido pela independência da maioria dos territórios: Jamaica,

Trinidade e Tobago, em 1962, Barbados e Guiana, em 1966, Bahamas, em 1973, Granada, em 1974, Santa Lúcia, em 1977, Dominica, em 1978, São Vicente, em 1979, Antígua, Barbuda e Belize, em 1981, e São Cristóvão e Nevis, em 1983. Outros territórios permaneceram como colônias britânicas e continuam no século XXI: Montserrat, Ilhas Virgens Britânicas, Anguilla, Ilhas Turcas e Caicos e Ilhas Cayman. Juntamente com as primeiras, essas ilhas foram intituladas *Commonwealth Caribbean*, embora o império britânico tenha tornado essa denominação impopular entre historiadores-escritores, que mais frequentemente se referem ao *English-speaking* ou *Anglophone Caribbean* (Higman, 1999).

Várias colônias foram associadas ao império britânico entre 1763 e 1803, após terem sido territórios pertencentes à Espanha, França e Holanda. A partir da incorporação, as ilhas compartilharam uma experiência colonial britânica comum, embora com variações no âmbito dos acordos governamentais junto à coroa britânica e ao empreendimento colonial, até a independência. O inglês se tornou a língua oficial de domínio colonial, apesar de que os documentos produzidos pelo estado imperial britânico por vezes mantinham os idiomas das antigas potências coloniais europeias- francês, espanhol e holandês (Higman, 1999).

Não obstante os poderes britânicos intencionarem transformar a região em uma cultura de colônias de povoamento, a exemplo das criadas nos Estados Unidos, Austrália e Canadá, o propósito foi rapidamente desconsiderado. A propagação de graves enfermidades e a imposição da dominante indústria de cana-de-açúcar por grandes propriedades foram motivos encontrados pelos imigrantes, que rapidamente foram desencorajados por não poderem arcar com os custos das extensões de terra ou por não suportarem as patologias nas novas colônias. Devido ao predomínio de plantações e da indesejabilidade da região para a colonização a longo prazo, as colônias de língua inglesa, como as suas homólogas francesas e holandesas, tornaram-se fábricas tropicais para a produção e distribuição de mercadorias.

Sete pequenas ilhas britânicas, situadas no leste caribenho, tornaram-se nações soberanas entre 1974 e 1983, conforme supracitado. Nesse período, o contexto econômico e político foi acentuadamente distinto do ano de 1960, quando a Jamaica, Trinidad, Barbados e Bahamas floresceram. As circunstâncias econômicas entre os anos de 1970 e 1980 foram instáveis e desfavoráveis, pois a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu ocasionou modificações no antigo sistema preferencial que favorecia importações do *Commonwealth*.

Em termos políticos, a situação foi complexa, pois ao invadir a região caribenha, a ex- União Soviética disponibilizou tropas e recursos financeiros em movimentos revolucionários, em todo o território. Os líderes políticos dessas ilhas eram conscientes, entretanto, de que a independência não ocasionaria a base para o desenvolvimento. O contexto político e económico, entre 1980 e 1990, fomentou a integração e encorajou a formação de unidade política. Em 1981, as sete nações fundaram a OECS, para que os governos passassem a promover o turismo, a coordenar atividades da aviação civil e a enviar missões ao exterior.

É oportuno mencionarmos que o *Commonwealth* caribenho possui um histórico significativo de corrupção política, assunto que domina a mídia popular e as discussões cotidianas, apesar de estudos ainda não abordarem efetivamente essa questão (McKoy, 2012), que constitui pauta relevante durante as eleições regionais. É imperativo frisarmos, portanto, que as nações do *Commonwealth* caribenho não foram substancialmente evidenciadas em relação ao desdobramento da literatura acadêmica sobre o tema da corrupção, não obstante haver algumas tentativas de estudos quantitativos sobre a matéria.

Qualquer que seja a causa, a corrupção sempre constituiu pauta de interesse político para os governos e as sociedades do *Commonwealth* caribenho. É comum aos governos regionais enfatizarem ações no combate à corrupção e raros conseguiram alcançar o poder sem indicar que essa demanda estaria no topo de suas agendas, conforme enfatizou McKoy (2012). As sociedades caribenhas, portanto, puseram a anticorrupção tanto no quadro das agendas nacionais, quanto internacionais. Os estados do *Commonwealth* caribenho possuem novos programas anticorrupção como o *Inter-American Convention Against Corruption of 1996*, o *United Nations Convention against Transnational Organized Crime of 2000* e o *United Nations Convention Against Corruption of 2003* (McKoy, 2012).

Em pleno século XXI, as nações caribenhas anglófonas figuram amplamente no discurso político global por constituírem ponto de expedição para o tráfico de drogas na América. Desigualdades substanciais existem entre a elite e as camadas populares, geralmente desfavorecidas pela maior economia da região, o turismo, conforme é abordado no capítulo 2, *Neocolonialismo em Antígua*.

Uma característica peculiar à história das colônias britânicas do Caribe é o fato de os europeus rapidamente terem se tornado minoria e raramente terem composto mais de 10% da população colonial, após 1800. Inicialmente, as ilhas eram habitadas por uma classe dominante constituída

por proprietários de terra brancos, uma classe média composta por mestiços e outra menos favorecida, formada por negros servos. A primeira resistia à denominação *West Indian*, visto que os seus laços imaginados, as identidades e os quadros de referência eram europeus, apesar do preconceito que sofriam da sociedade britânica²² (Cobham, 1995). Dentre a classe escrava e os seus proprietários brancos, se encontravam os mestiços. Às vezes alforriada, outras sob a concessão de tratamento preferencial como escrava, a camada mestiça formava a interseção entre os poderosos e os despossuídos, com algum acesso a oportunidades comerciais, políticas e educacionais. A vaidade posicionava os indivíduos de cor livres num espectro de pureza racial e justificava a ampliação de direitos, incluindo o de possuir escravos próprios (W. James, 1993). Essa separação social desencadeou uma herança difusa na história da região, desde a pré à pós-emancipação, até mesmo aos dias atuais. Deliberadamente, o fim da escravidão não criou unidade, ocorrendo, portanto, uma fragmentação social devido à importação de mais grupos para serem inseridos na hierarquia branca-mestiça-negra.

As ilhas de Jamaica, Guiana, Suriname e Trinidad são formadas, em sua maioria, por afrodescendentes e por indianos que iniciaram o processo migratório logo a partir das primeiras décadas de 1845- após a Grã-Bretanha declarar a emancipação dos seus escravos, em 1833- contratados para o trabalho nas plantações, antes executado pelos escravos negros. Durante o período de 1838 a 1917, em torno de 551 000 indianos foram transportados para as ilhas caribenhas e para as colônias ao norte do continente sul-americano.

O regime *indenture* foi caracterizado como uma forma de escravidão, uma solução encontrada para a escassez de escravos negros que após a emancipação optaram por manter-se distantes do tradicional comando do sistema de escravidão degradante, antes constituído por trabalho forçado, maltratos físicos e intermináveis horas de trabalho durante o tempo de safra. Esses ex-escravos decidiram por formar colônias em vilas e dar início às suas próprias plantações, como faziam na África anteriormente ao período escravocrata.

A chegada de indianos desestabilizou a numerosa população afrodescendente recém-emancipada, visto que representava uma ameaça à sua ascensão económica e social (Araújo, 2008). Ao notarem que a presença dos indianos era desfavorável aos seus interesses e que a elite fundiária desejava ampliar a utilização de mão-de-obra indiana, os afrodescendentes externaram o

²² A obra *With Silent Tread*, romance mais antigo de Antígua, publicado em 1890, aborda os conflitos raciais e identitários presentes na época colonial e inerentes às classes brancas e crioulas residentes na ilha. Ver a respeito em Cassin (2002).

seu descontentamento. Por conseguinte, esses povos coexistiriam sob tensão, causada pelas consequências da degradação do sistema escravista, pelo surgimento de estereótipos e jogos de interesse, condição engendrada pelo colonizador britânico, que devido aos seus vários anos de experiência em controlar as populações que colonizou e torná-las subservientes, novamente encontrou uma forma de mantê-las sob o seu controle, através dos conflitos gerados pelo contato entre duas classes diferentes, com interesses distintos, mas que possuíam uma característica em comum: o fato de estarem sempre à margem.

Ao contrário do presumido pelos britânicos — de que com a chegada dos imigrantes indianos os afrodescendentes reagiriam por considerá-los uma ameaça, e que, portanto, seriam impulsionados em direção ao aumento de sua capacidade produtiva — o fato de ambos os grupos estarem submetidos a uma mesma fonte de opressão poderia ocasionar uma tensão social capaz de uni-los e desencadear uma rebelião, a exemplo da ocorrida nesse mesmo período na Índia, a qual havia revelado a intensa capacidade dos indianos de se organizarem política e socialmente. Assim, para as elites locais parecia um desafio conseguir dominar duas classes diferentes, duas consciências subalternas.

A conduta dos indianos revelou que não houve passividade e aquiescência diante do novo sistema de escravidão do qual eles se tornariam as principais vítimas. Esse período foi acompanhado por reação e resistência de maneira a registrar a insatisfação com o *status* de *indentured servants* (Shepherd, 1996). Apesar de não haver um conflito aberto entre indianos e negros, houve tensão nas relações sociais entre os dois grupos. Para os últimos, apenas o fato de os indianos terem aceitado um contrato de trabalho em condições pouco distintas das do período escravagista, os tornavam uma raça inferior. Já os indianos, carregavam o preconceito do norte da Índia por indivíduos de peles mais escuras e se consideravam pertencentes a uma raça superior. Por serem orgulhosos de sua herança cultural, se enquadraram na dinâmica racista da sociedade colonial, assumindo uma superioridade cultural sobre os africanos.²³

A convivência simultânea das populações branca, afrodescendente e indiana construiu uma rede conflituosa de relações que, contrariamente ao imaginado por missionários jamaicanos, não chegou a constituir guerras. Por outro lado, porém, fez emergir profundas diferenças: "suas

²³ Até mesmo as características fenotípicas, a exemplo da textura dos cabelos, eram utilizadas pelos indianos para reivindicar superioridade sobre os negros. Os indianos orientais, através de um sistema de castas, percebiam o tom mais escuro da pele como uma característica desprezível. O comportamento desajeitado dos negros, o qual eles consideravam vulgar, além do modo extrovertido e risonho, contrastavam com seus movimentos disciplinados e habitual discrição.

identidades foram (e ainda são) construídas por meio de um processo colidente e ambíguo, porém, paradoxalmente desejável, uma vez que dele depende a própria sobrevivência de suas identidades culturais” (Araújo, 2008, p. 2). Tais questões motivaram o aparecimento de estereótipos e lançaram as bases para o surgimento de um preconceito mútuo entre as raças, desencorajando a interação social. Mesmo na era pós-colonial, os territórios caribenhos permanecem com as suas culturas tradicionais separadas. Em termos topográficos, linguísticos e raciais, poucas regiões do mundo são tão diversificadas. Relativamente à fusão de identidades, Antonio Benítez- Rojo²⁴ afirmou que o Caribe é caracterizado por identidades conflituosas e configura-se uma região instável, suspensa entre culturas. As diferenças construíram um intrincado cenário social em que cada população instituiu a sua própria forma de se relacionar na sua cultura ou em ambiente externo, fazendo com que houvesse uma fusão inevitável das características culturais individuais por meio da coexistência de forças de dominação e resistência. Convém ressaltarmos, entretanto, que embora cada sociedade possua suas particularidades, há uma forte semelhança entre elas. Existe algo nessas coletividades que pode ser denominado “estrutura crioula padrão”. Assemelha-se a uma pirâmide, onde está estratificado um passado de escravidão e um legado presente de cor como uma indicação de *status*.

As sociedades caribenhas são caracterizadas por dilemas agudos e tendências contraditórias, o que levou Mason (1972, p. ix) a classificá-las como “the most colonial of all colonial societies”. Sob o longo domínio da Grã-Bretanha, as ilhas tentaram preservar suas identidades, soberania e independência, relutando em incorporar o *status* colonial. A procura por uma linhagem cultural e o desejo por estabelecer raízes em um passado não derivado dos colonizadores são, portanto, mais intensos no Caribe do que em qualquer outra região do mundo, conforme acrescentou o autor. Essa circunstância ocasiona por vezes um niilismo que desvaloriza a realização intelectual, a descoberta científica, a arte, a imaginação criativa, além de conduzir a linhagens ficcionais, fatores históricos falsos, nostalgia por uma África romântica que nunca existiu, quando não suscita uma insegurança manifesta, a exemplo de excesso de confiabilidade, de recusa dogmática ao compromisso, de rejeição a qualquer classificação de planos ou ideias e a uma polarização de todas as relações em hostilidade, como completou o autor.

²⁴ Romancista cubano, ensaísta e contista, foi um dos mais notáveis escritores latino-americanos a surgir na segunda metade do século XX. Seus principais objetos de investigação foram a história caribenha e a desintegração da burguesia cubana. Em uma de suas obras mais conhecidas, *The Repeating Island: The Caribbean and the Postmodern Perspective*, o escritor incluiu de Bartolomé de las Casas a Alejo Carpentier, além de escritores contemporâneos como Wilson Harris, Derek Walcott e Gabriel García Márquez.

Em termos linguísticos, os países caribenhos herdaram os idiomas inglês, francês, espanhol e holandês, modificados a partir de padrões crioulos distintos. Conforme expôs Saakana (1996), todas as línguas são governadas por leis gramaticais e fonológicas e no caso das línguas afro-caribenhas, formadas durante o processo de escravização dos africanos pelos europeus, elas não podem ser explicadas através de referências somente europeias. Ramchand (1970) ratificou essa realidade em uma abordagem quanto à caracterização do inglês falado pelos afro-caribenhos como *bad English*:

Since there was no *formal* teaching of any kind, and since the models from which the slaves picked up what they could were themselves *degenerate* ones, it is not surprising that slave English was 'bad English'. Imperfect learning, imperfect forgetting, and the necessary fraternisation with newly arrived Africans ensured that 'bad English' would be 'larded with Guiney dialect'... (Ramchand, 1970 citado em Saakana, 1996, p. 36).

O autor concluiu que há muitos casos iminentes às línguas afro-caribenhas que não podem ser explicados por linguistas. A construção de suas sentenças pode também ser demonstrada através de uma comparação com as línguas africanas. Saakana citou o uso jamaicano do *mi* (*me*) em substituição ao *I*, que somente pode ser explicado por uma língua africana como o *Twi*, na qual esses caracteres significam *I*. Adicionalmente, há a diferença relativa à natureza sonora da fala dos afro-caribenhos. No caso dos países caribenhos de língua inglesa, o inglês padrão é o idioma oficial, apesar de línguas crioulas dominarem o cotidiano nacional. Em termos literários, os escritores caribenhos, em geral, continuam a usar o inglês formal nas suas produções, embora haja o renascimento de línguas nativas que emergem de poetas afro-caribenhos, recebendo aceitação entusiasta e popular.

Nos romances analisados na tese, é comum o uso da língua crioula nos diálogos entre as personagens. É necessária a consciência linguística frente às dificuldades em definir e assegurar uma herança cultural própria e, embora a linguagem utilizada nas Índias Ocidentais seja resistente às normas do inglês-padrão, ela é ainda considerada a língua do colonizador (Juneja, 1996). Para essa autora, é relevante o fato de os escritores caribenhos, que buscam pela audiência do público metropolitano e tentam validar a cultura local, articularem o uso consciente da língua, em uma realidade distinta:

In the difficulties of defining and securing a distinctively West Indian heritage, language consciousness, which is integrally linked to cultural self-consciousness, also has a special West Indian resonance. The people's language of public or private discourse, however transformative of and resistant to the norms of standard English, is still the language of the master, at the very least functionally based on the master's language. The writers, who both seek a metropolitan audience and attempt to validate the local culture, now must move beyond simple use of

Prospero's language to articulate Caliban's curses (Juneja, 1996, p. 9).

Torna-se clara, portanto, a necessidade de o escritor servir-se de linguagem estratégica nas suas obras para que os seus propósitos sejam difundidos entre o público de leitores ocidentais, à proporção em que a sua cultura é retratada.

As línguas dos escravos africanos não sobreviveram intactas, entretanto foram extremamente influentes no desenvolvimento linguístico dos territórios. Os crioulos atraíram a gramática e o vocabulário das línguas africanas, predominantes nas vozes populares, ao passo que o inglês foi difundido quase universalmente. O peso das várias influências e a força das línguas crioulas diferem de acordo com o espaço e tais razões são demasiado debatidas por linguistas. Independente do seu *status* no discurso, entretanto, o inglês é a língua de escrita nos territórios e as tentativas para estabelecer a comunicação escrita no idioma variante continuam controversas. O rumo ao êxito se faz através da educação na língua e na cultura da sociedade metropolitana, condição considerada árdua para as pequenas sociedades, visto que implica em ultrapassar os seus limites provincianos.

1.1.3 Antígua e Barbuda: primeiros habitantes

To what degree are the black Antiguan of today aware of the Amerindian past? Hardly at all. Visible reminders of the aborigines do exist in the form of rare genetic traits affecting hair, complexion, and phenotype; but these are tenuous and provoke little interest. The archaeologist's spade has so far unearthed some impressive artifacts (pottery, cassava griddles, etc.) but these are mainly in foreign museums and consequently inaccessible to the general Antiguan public. The major point of contact for us, as Antiguan, with the indigenous population has been the fantasy world of elementary schoolbooks- at least for those of us who recall the Nelson's Readers that selectively shaped our images of the past.
(Davis & Davis, 1973, p. 25)

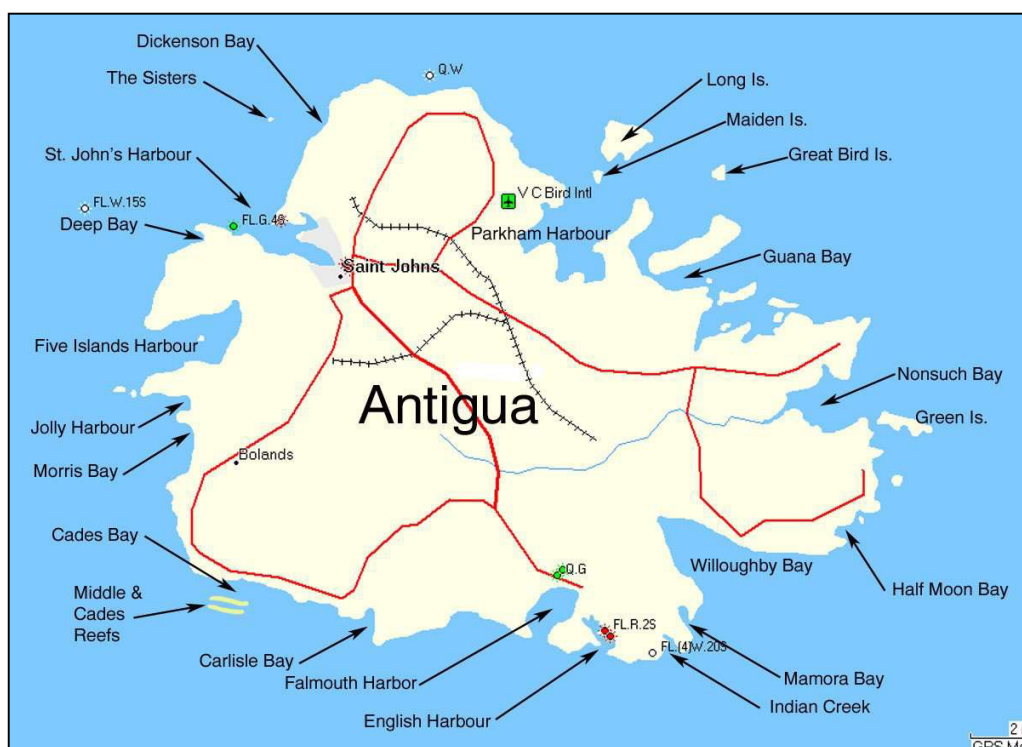
Dados históricos apontam que os primeiros habitantes de Antígua, os *Siboney*, foram nômades provenientes da América do Sul que chegaram à ilha por volta de 500 a.C. e viveram em Jolly Beach (Nicholson, 1983), tendo migrado posteriormente, provavelmente devido à escassez de recursos naturais. Os habitantes subsequentes foram os *Arawaks*²⁵, também denominados *Amerindians*, povos indígenas que eventualmente chegaram à ilha por volta de 2000 anos seguintes e eram agricultores que transportavam uma considerável variedade de plantações para o cultivo. Esses também eram originários da América do Sul e gradualmente se espalharam pela parte oriental do Caribe, movimentando-se para as outras ilhas ou sendo afastados pelos *Caribs*, sul-americanos agricultores como seus antecessores, que se propagaram para o norte das

²⁵ Habitantes que povoavam Antígua e Barbuda quando Cristóvão Colombo alcançou a região em sua segunda viagem ao Novo Mundo, em 1493 (Antigua Country Review, 2012, p. 1).

ilhas e deram nome ao Mar do Caribe.

Antígua e Barbuda estão situadas na parte leste da região e constituem-se membros da Organização dos Estados Caribenhos do Leste (*Organization of Eastern Caribbean States - OECS*).²⁶ O Estado é formado por três ilhas, incluindo Redonda, que é raramente visitada, tendo permanecido deserta durante as últimas décadas (Dyde, 1999). Essas ilhas compõem as *Leeward Islands Colony*, sendo Antígua, cuja capital é Saint Johns, a maior e o centro administrativo (Ver Figura 3). Barbuda é uma das ilhas caribenhas menos habitadas – 1200 habitantes, em média – e relativamente ao uso e manejo de seus recursos reflete o legado de isolamento, de restrição ecológica e de interdependência social. Após a emancipação, seus habitantes passaram a gerir suas próprias contravenções, a exemplo dos conflitos com arrendatários e com a Coroa Britânica, por consequência do acesso e do controle sobre os recursos da ilha. Os emigrantes e os seus descendentes, entretanto, continuam a compartilhar a propriedade comunal e o uso da terra.

Figura 3 – Mapa de Antígua



Fonte: <http://www.virgin-islands-charter-yachts.com/yachts/fidelity100/images/Antigua.jpg>

²⁶Subgrupo do CARICOM do qual também fazem parte São Cristóvão e Nevis, Montserrat, Dominica, Santa Lúcia, São Vicente e as Granadinas, Granada e Carriacou.

Durante o período de escravidão, tanto o senhor quanto o escravo consideravam a expatriação uma penalidade e muitos habitantes de Barbuda resistiram a emigrar com o intuito de trabalhar nas plantações de açúcar pertencentes a Codrington, situadas em Antígua. Após a emancipação, todavia, devido à escassez de oportunidades de trabalho, os deslocamentos tornaram-se inevitáveis. A emigração se tornou uma resposta institucionalizada ao equilíbrio populacional de recursos da ilha. A remoção de jovens adultos reduziu a taxa de natalidade, por conseguinte, a população apresentou crescimento lento, de maneira a não deteriorar os frágeis recursos da ilha. Os habitantes emigrados atualmente ocupam três comunidades principais: muitos vivem em St. Johns, outros residem em Nova Iorque, de onde as raízes de Barbuda derivam do final do século XIX, e em Leicester, no Reino Unido, se encontra o centro para a população proveniente dessa ilha, desde o êxodo dos povos das Índias Ocidentais do final de 1950. Esses indivíduos mantêm seus hábitos culturais através do contato permanente com o seu país natal, da visita de familiares e do regresso de reformados para a ilha.

1.1.4 Descobrimento, escravidão e colonização

I felt within me the overwhelming spirit of the maroon form which I could not escape...I saw many horrors of punishment under slavery. That's why I didn't like that life. In the boiler house there were the stocks, which were the most cruel. There were stocks for lying down and for standing. They had wide slabs with holes through which they made the slave place his feet, hands, and head. They had them [the slaves] immobilized thus two or three months for some insignificant mistake.
(Montejo, 1968, p. 9 citado em M. Ferguson, 2004, p. 249)

A história do descobrimento de Antígua remonta ao mês de novembro de 1493, quando em sua segunda viagem em direção ao Novo Mundo Cristóvão Colombo avistou a ilha e deu-lhe o nome de *Santa Maria la Antigua*, em referência a uma estátua da santa na Catedral de Sevilha, nome que em pouco tempo foi reduzido a Antígua, que significa "velho, antigo". Após a passagem de Colombo, os *Amerindians*, durante os 200 anos seguintes, influenciaram a sua evolução até o início da colonização (Dyde, 1999).

A expansão dos impérios europeus no Novo Mundo demandava força de trabalho, porém os nativos indígenas não eram considerados fisicamente vigorosos para as exigências da função devido, principalmente, às mortes ocasionadas pelas moléstias provenientes da Europa. Os africanos, por outro lado, eram trabalhadores exímios, possuíam experiência com a agropecuária, adaptavam-se bem ao clima tropical e eram resistentes às enfermidades.

Os espanhóis foram os primeiros europeus a se beneficiarem do trabalho escravo no Novo Mundo, em Cuba e em Hispaniola. A disseminação de patologias ocasionou a escassez de trabalhadores e, portanto, os colonos espanhóis gradualmente envolveram-se no comércio de escravos do atlântico. Os primeiros escravos africanos chegaram a Hispaniola por volta de 1501.

O comércio transatlântico de escravos iniciou-se no século XV, na ocasião em que Portugal e outros impérios europeus expandiram-se e alcançaram a África. Por conseguinte, o tráfico de escravos da África para as Américas ocorreu entre os séculos XVI e XIX. Os portugueses foram os pioneiros em capturar negros na costa oeste da África com a finalidade de escravizá-los em território europeu. Os espanhóis, por conseguinte, transportaram os primeiros africanos da Europa para as Américas. Entre 1503 e 1518, os escravos foram conduzidos em navios negreiros diretamente para as Américas, a partir da África Central e Ocidental, com o propósito de cultivar, principalmente, as plantações de café e algodão, extrair ouro e prata, laborar na indústria da construção ou em propriedades particulares. Para Walvin (1993, p. 25), “[...] the Atlantic slave trade drew upon a vast catchment area for slaves and involved a far more complex economic system within Africa than we might at first imagine”. Tal acontecimento resultou em mais de 11 milhões de africanos levados para as Américas, embora muitos tenham morrido nos navios negreiros e, portanto, sequer tenham chegado às colônias.²⁷

Estima-se que por volta de 1680, a população nas Américas girava em torno de 4 500 indivíduos, havendo um equilíbrio entre o número de brancos e negros. Após trinta anos, houve uma expansão em massa de africanos na região, que atingiu aproximadamente 13 000, enquanto a população branca aumentou muito pouco (Dyde, 1999). Em Antígua, a hierarquia racial quase que imediatamente foi alterada no momento em que os escravos adentraram a ilha em massa, impulsionando um senso de superioridade nos servos brancos, que acreditavam estar acima de quaisquer tarefas executadas pelos negros. Estes, por sua vez, empenhavam-se em formar comunidades e resistir à escravidão, tentativas que eram crescentemente frustradas por autoridades coloniais, à medida que se expandia a plantação de cana-de-açúcar.

Na Holanda, embora a escravidão fosse considerada um sistema ilícito, floresceu e sustentou a economia. Por volta de 1650, os holandeses destacaram-se no comércio de escravos,

²⁷ Inicialmente, em torno de 40 000 escravos foram transportados da África para as Américas ou Europa e ilhas Atlânticas (Thomas, 1997). Com o passar do tempo, esse número aumentou, culminando em aproximadamente 60 000 escravos, entre os anos de 1550 e 1575. As estatísticas em muito variam e não afirmam com precisão a quantidade de negros levados da África, mas certamente a escravidão impactou e ocasionou diversas consequências para a vida de milhões de indivíduos, entre 1451 e 1870.

sendo ultrapassados pelos britânicos, em 1700. Historiadores acreditam que ao todo os holandeses transportaram 550 000 escravos pelo Atlântico, dos quais em torno de 75000 morreram antes de chegarem ao destino. Os comerciantes holandeses comercializaram escravos nas Guianas Holandesas, nas ilhas caribenhas holandesas e na colônia holandesa no Brasil. Milhares de escravos, a maioria originária da Índia e outros da África, foram levados para as Índias Orientais Holandesas. Já a França, durante o ano de 1730, conduziu provavelmente mais de 100 000 escravos e prolongou esse método até 1830, mesmo após os outros países o terem abolido, mantendo tal prática clandestinamente, até após a Guerra Civil norte-americana.

Por volta da metade do século XV, portanto, houve um deslocamento intenso de africanos, ocasionando a expansão e o progresso europeus. Documentos históricos demonstram que até o final do século XIX, os europeus estabeleceram um comércio de cativos africanos que originou um complexo sistema de convenções e regras. Esse sistema foi derivado de outros tradicionais e bastante antigos, dentro da própria África.

Em fins do século XVI, Espanha e Portugal dominaram a América do Sul e partes do Caribe. Já a Grã-Bretanha, estabeleceu sua colonização na costa norte-americana. Sobre o tema, Michael Craton declarou:

The British originated neither the sugar plantation system nor the West African slave trade, though they developed and came to enjoy a dominant share of both. The West African slave trade was a byproduct of the Portuguese interest in Guinea gold. (Craton, 1976, p. 1)

A acessibilidade à África Ocidental por via da colonização portuguesa e a eficácia de comerciantes das nações rivais alteraram a direção e intensificaram a escala do comércio africano ocidental. Os britânicos iniciaram a comercialização de escravos em 1562 e durante o século XVIII produziram a metade do açúcar europeu. Foram responsáveis por conduzir anualmente metade dos escravos da África Ocidental.²⁸ Em 1618, a Grã-Bretanha eliminou o monopólio da Espanha para estabelecer colônias nas Pequenas Antilhas. Por volta de meados do século XVIII, obteve o controle total do comércio africano ocidental. Seu domínio na comercialização de escravos impôs um novo período de mudanças nas relações entre a Europa e a África. Os britânicos passaram a explorar, a conquistar e a dominar os africanos. Dessa forma, iniciou-se a era colonial britânica. A *Royal African Company* foi fundada em 1672 e garantiu direitos exclusivos de negociação entre a costa oeste da

²⁸ As estimativas sobre o número de escravos transportados pelos britânicos não são precisas e variam conforme as fontes históricas. O cômputo variou de 2.5 para 3.7 milhões de escravos, de 1701 a 1807, e o embarque anual aumentou de 12 000 para 14 000, antes de 1720, alcançando, aproximadamente, 42 000, durante 1790 (Richardson, 1987 citado em Madrigal, 2006).

África e as colônias britânicas nas Américas (M. Ferguson, 2004). Nos cinco anos posteriores, a companhia enviou aproximadamente 100 000 escravos africanos para as Índias Ocidentais e 5 000 para as colônias da América do Norte. Após o Tratado de *Utrecht*, em 1713, a Grã-Bretanha assumiu o domínio imperial do comércio escravagista e a sua economia nos primeiros anos do século XIX dependia tanto da escravidão quanto dos bens produzidos pelos escravos (Thomas, 1997).

A Jamaica recebeu a maioria dos escravos e, por volta de meados dos anos 1700, o comércio jamaicano era o maior do império britânico (Klein, 1978 citado em Madrigal, 2006). Aproximadamente dois milhões de africanos viveram nas ilhas caribenhas, de uma população total de quase três milhões, em 1825. Os não-negros e mestiços somavam quase 400 000 habitantes. Ao todo, a população era estimada em aproximadamente dois milhões e meio de caribenhos-africanos e mestiços- e uma população branca de 482 000 (Coulthard, 1962). Apesar de a Grã-Bretanha ter abolido o comércio de escravos em 1807/08, a emancipação na região caribenha britânica não foi efetivamente iniciada até 1839.

As ilhas caribenhas, em consequência, tornaram-se o ponto central do império britânico e as colônias açucareiras foram as mais valiosas. As primeiras colônias britânicas foram assentadas em São Cristóvão, em 1623, por Thomas Warner, e em Barbados, por John Powell, em 1627. Outras, como Santa Lúcia (1638-41), ruíram devido aos ataques dos povos *Caribs*. Já as colônias de barlavento, foram sobrecarregadas por servos brancos, durante esse período.

Nas ilhas britânicas ocidentais, a cronologia de resistência, no período de 1638 a 1857, foi intensa e contínua através dos séculos XVII, XVIII e XIX (Craton, 1982 citado em M. Ferguson, 2004). Nas sociedades caribenhas, predominantemente negras, uma rígida hierarquia social de uma minoria branca foi mantida, sendo inevitável a ocorrência de rebeliões negras. Revoltas escravas de dimensões variadas ocorreram em todas as ilhas durante a era da escravidão, principalmente na Jamaica. Uma das mais significativas foi a *Jamaican Maroons*, constituída por fugitivos que conduziram duas guerrilhas contra a Grã-Bretanha. Grupos semelhantes manifestaram-se em Guiana, Suriname e Dominica e os descendentes dessas comunidades detêm uma identidade étnica independente até a atualidade. Os mais célebres líderes escravos foram Tacky, na Jamaica (1760), Cuffy, na Guiana (1763) e Bussa, em Barbados (1816), que incentivaram milhares de escravos em rebeliões violentas (Morley, 2007).

Com exceção de alguns meses entre os anos de 1666 e 1667, quando esteve sob a ocupação dos franceses, Antígua passou ao domínio colonial britânico até o ano da sua

independência, em 1981, tornando-se, juntamente com Barbuda, um estado independente do *Commonwealth*. Durante esse período, a Grã-Bretanha e a França compartilharam rivalidades dinásticas, militares e religiosas, em busca de poder e supremacia. A primeira colonização europeia em Antígua somente aconteceu em 1632, quando a ilha experimentou desenvolvimento intenso, instituições governamentais se estabeleceram e um sistema económico baseado na produção de açúcar e na escravidão foi firmado (Dyde, 1999).

A literatura sobre a escravidão é vasta, multifacetada e corrente. Entre suas características comuns estão a recusa ao silêncio, a reconstrução criativa e as omissões ou expansões táticas. Os fatores classe e gênero também desempenham funções, visto que a escravidão também atravessou essas fronteiras. A heterogeneidade do tema é resultante de uma série de elementos ocasionados pelo transporte forçado de africanos para diferentes países e continentes, pela transformação das paisagens e pelos conflitos resultantes da diversidade entre culturas antigas e as contemporaneamente emergentes, além das distintas posições entre os indivíduos que ansiavam pela liberdade e, portanto, afrontavam os adversários que externavam a imprescindibilidade do sistema: “[t]he slave narrative is a polemical genre; it makes no bones about it” (Appiah, 1990, p. x). Por fim, o contexto literário da escravidão e da abolição demonstra a natureza e a construção do colonialismo e de que forma sua ontologia exploradora moldou os textos e os indivíduos, os países e os continentes. Conforme acrescentou M. Ferguson, essa abordagem permanece relevante por causa da conexão com a literatura dos Direitos Civis, para o discurso sobre a escravidão contemporânea e para os escritos anti-*apartheid*.

Antígua iniciou o seu desenvolvimento através da produção de tabaco, porém em finais do século XVII esse produto foi substituído totalmente pela cana-de-açúcar, que se mostrou mais rentável, tornando-se, portanto, a base da economia local até a segunda metade do século XX. Nesse período, houve disputa entre a Grã-Bretanha e a França pelo seu domínio, assim como de outras ilhas da parte leste caribenha. A produção de açúcar foi lucrativa até os finais do século XVIII,²⁹ entretanto, após esse período, a Grã-Bretanha encontrou fontes do produto mais financeiramente acessíveis, ocasionando o declínio da economia local, circunstância favorável, portanto, para que se pusesse fim à escravidão. Os negros livres continuaram o trabalho nas lavouras, alguns passaram a cultivar em aldeias independentes e, por volta do ano de 1842, diversas aldeias estavam estabelecidas, perspectiva determinante para que o mapa de Antígua

²⁹ Por volta da metade do século XVIII, Antígua possuía 150 usinas de açúcar, um número elevado para uma ilha pequena (Antigua Country Review, 2012, p. 7).

começasse a apresentar a configuração atual (Dyde, 1999). À medida que os negros livres se empenhavam em conseguir a independência política, a economia da ilha continuava a declinar. Um período de recesso económico foi instaurado em Antígua, no final do século XIX. A produção de açúcar declinou mais severamente após a fase de progresso, em 1834.

A história moderna de Antígua iniciou por volta de 1939, quando a luta para pôr fim ao colonialismo foi instituída, assim que eclodiu a Segunda Guerra Mundial. À medida que a ilha tentava tornar-se independente da Grã-Bretanha, envolvia-se cada vez mais com a América do Norte e, conseqüentemente, a influência dos Estados Unidos sobre a região aumentava. Em Antígua, prevalece a influência britânica no que se refere aos aspetos sociais e culturais, todavia, os laços económicos com os Estados Unidos são cada vez mais crescentes, o que a torna dividida entre o Velho e Novo Mundo, conforme analisado no capítulo 2, *Neocolonialismo em Antígua*.³⁰

1.1.5 Independência política

There was a time when Antiguan looked toward the future as a united and committed people. There was a time when Antiguan had an unshakable confidence in V. C. Bird and felt that this great bear of a man, this former Salvation Army captain, would lead them to the promised land. His shoulders were broad enough to carry his people, and his stern visage was a symbol of probity and rectitude. V. C. Bird would show them what freedom and self-determination were all about. There was a time when Antiguan had hope.
(Coram, 1993, p. 13)

A partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial, num acordo firmado com a Grã-Bretanha, os Estados Unidos adquiriram espaços para a construção de bases militares em Antígua e em outras ilhas das Índias Ocidentais. Simultaneamente, ampliou-se a manifestação que reivindicava o fim da escravidão e surgiu a ocasião para se erradicar a dependência económica da ilha ao cultivo de cana-de-açúcar. No período posterior, a população livre tornou-se mais socialmente visível, impulsionando uma mudança em seu *status* político. Houve a inserção da ilha no sistema capitalista internacional, do qual os Estados Unidos detinham o monopólio, em substituição ao império colonial britânico. As possibilidades de transformação constituíram a base para o período de desenvolvimento sob a dependência norte-americana, condição não apenas em Antígua, mas em diversos países periféricos, durante o período pós-colonial.

³⁰ Além das relações internacionais com o Reino Unido e os Estados Unidos, Antígua mantém elos diplomáticos com o Canadá, a China, os países latino-americanos e outros do leste caribenho. É membro da Organização dos Estados Americanos, da Comissão Económica para a América Latina e o Caribe, do Banco de Desenvolvimento Caribenho, da Organização dos Estados do Leste Caribenho, do Sistema de Segurança Regional do Leste Caribenho, da Agência para a Proibição das Armas Nucleares na América Latina e no Caribe e da Comunidade Caribenha e Comércio Comum.

A rivalidade entre as nações imperiais contribuiu, em parte, para o processo de descolonização dos países periféricos. Através do capitalismo, no entanto, o progresso económico desses territórios foi moldado, a partir do século XIX. Surgiu uma nova divisão internacional do trabalho, que facilitou a industrialização dos países colonizados, na era contemporânea. Não significou, entretanto, que a industrialização ocorreu de forma imediata em todos os países subdesenvolvidos. Em Antígua, por exemplo, caracterizada por mercados pequenos e por escassa variedade de recursos naturais, a incorporação de companhias sempre foi menor, em comparação a economias como as de Porto Rico, Jamaica e Trinidad (Henry, 1985). Uma consequência expressiva da inserção desses países no sistema capitalista foi a industrialização ter-se tornado parte integrante do processo de acumulação do centro metropolitano (Henry, 1985).

Para Richards (2007), a natureza exploradora da economia, estabelecida no final de 1620, no início da colonização, ocasionou consequências sociais e políticas específicas para a sociedade de Antígua, que se tornou um espaço comercial para a produção de açúcar e consequente exportação para a metrópole colonial, fato que impulsionou a evolução do contexto político na ilha³¹. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Vere Cornwall Bird foi eleito primeiro-ministro e manteve o poder em Antígua e Barbuda no maior período compreendido entre 1951 e 2004.³² Foi presidente do *Antigua Trades and Labour Union*³³, que em 1945 passou a integrar a Assembleia Legislativa dando início à sua conexão com o governo de Antígua, que continuou por mais de quarenta anos. Um dos méritos de Bird foi a obtenção da garantia do direito ao sufrágio por completo de adultos, em 1951, seguidamente, após cinco anos, à introdução do sistema ministerial de governo (Dyde,

³¹ As colônias passaram por uma expansão, a fim de produzirem açúcar. O domínio do produto e a falta de diferenciação na economia significaram que as divisões políticas não possuíam base económica. A principal questão política, desde a época de sua fundação à introdução parcial da coroa no governo colonial, em 1868, foi o questionamento de que se as expensas governamentais e a defesa da colônia seriam financiados através de tributação direta ou pela cobrança de taxas de importação. Os proprietários de terra eram a favor do último método e, portanto, altas taxas de importação prevalecem e permanecem atualmente, configurando os principais recursos das receitas governamentais. O desejo dos comerciantes de que a carga fiscal fosse mais direta às altas taxas de importação gerou impedimento no comércio. Os líderes comerciantes, entretanto, eram também agentes e fornecedores para as plantações e para os setores comercial e de plantio eram tão entrelaçados que esse desacordo nunca se tornaria a base da competição democrática entre esses dois grupos de interesse. A política, assim, permaneceu desprovida de princípio político e de ideais, e conservou-se centrada em rivalidades pessoais e familiares.

³² V.C. Bird (1910-1999), aos 83 anos, foi substituído pelo filho, Lester Bird, que se tornou o primeiro-ministro (1994-2004), e, ao fazê-lo, uma dinastia política familiar foi instaurada. Seus sucessores foram Winston Baldwin Spencer, entre 2004 e 2014, e Gaston Browne, que ocupa o cargo atualmente. Antígua e Barbuda apresentam um dos mais altos índices de corrupção do Caribe, temática que foi introduzida no discurso político durante os últimos anos (Antigua Country Review, 2012, p. 9).

³³ Organização sindical de Antígua e Barbuda, instaurada em 1939, conectada ao *Antigua Labour Party*, partido político fundado pela família Bird, que se tornou o maior partido em 1951, ocasionando o surgimento de uma dinastia que tem continuamente mantido o controle do governo desde que Antígua e Barbuda tornaram-se independentes. Não obstante, devido aos escândalos políticos, três partidos de oposição foram instituídos, promovendo a fundação do *United Progressive Party* (UPP).

Os sindicalistas George Walter e Donald Halstead formaram o *Antigua Workers Union* (AWU), em 1967, que se expandiu politicamente também e muitos de seus líderes, como Halstead e Robert Hall, proprietário e fundador do antigo *Antigua Barbuda Democratic Movement*, criaram um partido político, o *Progressive Liberation Movement* (PLM). Walter foi eleito primeiro-ministro de 1971-76, durante um período controverso na história política de Antígua, quando o ALP e o PLM se envolveram em contestações veementes pela lealdade política para as massas do país.

As reputações do *Antigua Labour Party*, de Vere Bird e do seu filho, Lester, como símbolos da independência e da identidade de Antígua, e as percepções das relações Antígua-Grã-Bretanha, se refletiram em ambos os lados do Atlântico (Barber, 2011, p. 5).

1999, p. 31) com a constituição de três ministros, dos quais um era ele próprio, vindo a tornar-se mais tarde ministro-chefe:

I examined the life of Vere Bird and he lived like a poor man all of his life. Never enriched himself. So, despite the fact that he had the power, he did not become corrupt. When power failed to corrupt. And so, I felt that it was very important to write his story. Another intellectual, an Antiguan intellectual, wrote the story of Vere Bird, and he said that Vere Bird failed. Not because he was corrupt, but he set out to achieve an objective which he called black democratic socialism. Blacks should be the commanding heights, blacks should be the owners of all the businesses in Antigua. That is what Vere Bird set out to achieve, instead he achieved something lesser.³⁴

Por volta de 1967, a constituição foi reescrita com a finalidade de conceder à Antígua completa autonomia interna, tornando-a oficialmente Estado Associado da Grã-Bretanha. Ao mesmo tempo, Bird e o governo assumiram a liderança da indústria açucareira que estava em declínio e introduziram outras indústrias na ilha, que incluíram uma refinaria de petróleo e, particularmente, a expansão massiva do turismo.

Em 1965, a fim de demonstrar que o povo de Antígua era capaz de governar seu próprio país, Bird negociou com o governo britânico o fim ao domínio colonial, fomentando a independência de Antígua em 1º de novembro de 1981, em associação com a Grã-Bretanha. Esse acordo garantiu ao país o controle sobre os seus negócios internos, porém cedeu a responsabilidade de defesa e de negociações externas aos britânicos. Dessa forma, Bird tornou-se o primeiro-ministro de Antígua.³⁵

Em termos de economia e de estrutura, houve poucas transformações em Antígua entre o período colonial e o pós-colonial, havendo progressos em termos educacionais, conforme afirmou Lionel Hurst, um dos membros da Antigua Labour Party e ex-embaixador de Antígua:

Clearly education has improved tremendously. One of the stories I tell in my V.C. Bird book is about the number of schools that were built, more than 30 schools, for a country of our size. More than 30 schools were built between 1931 and 1971 and that is over a 20-year period, so we were building a school every year or every nine months or something. Part of the reason for that was the determination by V.C. Bird to put a primary school in every village.³⁶

Por outro lado, Hurst descreveu a debilidade do sistema de saúde para atender à demanda da ilha, as falhas estruturais do estado de conservação catastrófico de autoestradas, além das adversidades sociais que envolvem principalmente os indivíduos jovens do sexo masculino devido à

³⁴ Entrevista realizada com Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013, presente na página 298, no Apêndice 4, questão 6.

³⁵ A rainha Elizabeth II é tecnicamente chefe de Estado e é representada formalmente por um governador-geral que nomeia o primeiro-ministro, mas que tem apenas a função de representante, sem exercício de poder, ou seja, o governo é configurado no mesmo estilo da democracia parlamentarista da Grã-Bretanha.

³⁶ Entrevista realizada com o autor Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 4, questão 16, página 304.

escolaridade e à socialização deficitárias e relativamente abaixo da média em comparação com as mulheres:

And our hospital, it used to be that we could deliver health care to anybody that wanted it, at a reasonable cost, and these days we seem incapable of doing that, so I think we've failed in healthcare, we've failed in roads and we haven't been able to attract a large number of males to the teaching profession, because the returns are so low. We get a lot of men, boys who either drop out of school and cause problems for society at large. Some of them even turn to criminal activity or, we have a large number of boys who are doing nothing in particular. Our society, and I think Caribbean society as a whole, is failing because the inability to make better use of the talent of young men. There's no problem with the young women, the young women are doing exceedingly well, in the population of about 375 people in the prison, I think about 10 of them, 10 or 11 are women. The other 360 are all men. The problem is getting men to be socialised, so they spend their time doing useful things rather than harming our society. We have to find a way to fix that problem and these I think are some of our greatest failures. I say education is one of our greatest successes.³⁷

A interação entre os vários interesses políticos do país-ilha persiste condicionada pelas pressões externas na atualidade, na tentativa de mantê-lo sob o sistema capitalista, em domínio dos Estados Unidos. Por esse motivo, as atribuições predominantes no sistema de estado de Antígua são a adoção de instituições liberais-democráticas originárias do capitalismo central, o avanço nas tendências capitalistas de estado, a emergência de estruturas militares e as mudanças nas relações entre o estado e as várias classes sociopolíticas.³⁸

A fabricação de açúcar foi extinta em 1972, 300 anos após o início do seu cultivo. O declínio da produção deveu-se a fatores diversos. Os mais significativos foram os conflitos industriais entre a classe agricultora liderada pelo *Antigua Syndicate Estates* e pela classe operária, gerenciada pela *Antigua Trades & Labour Union*, além da emergência da indústria turística, durante a década de 50. Sob essa perspectiva, pode-se ter uma compreensão dos esforços para a industrialização em uma ilha dependente, marginal, controlada pelo capital externo. Antígua nunca possuiu uma produção industrial consideravelmente avançada e os bens produzidos tiveram a finalidade de atender aos mercados local e regional, sendo o restante exportado para a América do Norte. No setor de serviços, o turismo consiste na atividade mais rentável e experimentou uma ampla expansão, entretanto os benefícios para a ilha não foram comensurados com esse progresso devido a uma série de fatores, nomeadamente o domínio norte-americano. Outro motivo foi a sua ínfima rentabilidade e empregabilidade nas funções menos qualificadas, ocupadas pelos nativos,

³⁷ Entrevista realizada com o autor Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 4, questão 16, páginas 304-306.

³⁸ Baseada nas tradições políticas da metrópole colonial, o sistema político de Antígua herdou as características oligárquicas da democracia britânica do século XVII. O direito político de eleger legisladores foi posto em poder das classes proprietárias. A dependência de mão-de-obra escrava na produção de açúcar significava que o sistema político tornar-se-ia ainda mais exclusivo. No contexto político colonial, a origem social em grande parte determinou o quanto o indivíduo poderia ascender politicamente. A Assembléia e os membros de conselho foram delineados exclusivamente para determinadas famílias. O elitismo se tornou uma característica marcante da política cultural (Richards, 2007, p. 138).

enquanto os expatriados dominavam as posições técnicas, gerenciais e clericais, portanto, com remunerações superiores. E, por fim, esse domínio económico era caracterizado por fugas, devido ao alto nível de importação e de propriedade externa. Apesar de tais fatores serem expostos através de uma produção bibliográfica relativamente ampla, Lionel Hurst evidenciou a relevância do turismo para o progresso socioeconómico de Antígua:

We had a very smart economist by the name of Arthur Lewis. He appears on the \$100-dollar bill, Arthur Lewis, and he spoke about development by invitation. Industrialisation by invitation. You invite people in with large sums of money. They build factories, hotels, banks and so forth. Your people work in them, they learn how these systems work and pretty soon they are doing the same things themselves. But it takes a generation, and after a generation, you will own the bank, own the hotel, own the factory, so you understand?³⁹

As condições político-económicas e socioculturais da ilha, durante o século XX, foram contextualizadas efetivamente pelo professor Paget Henry. Sua análise foi realizada a partir do quadro de evolução limítrofe e do seu impacto no progresso da sociedade: "Peripheralization is the process of subjugating a country for purposes external to it" (Henry, 1985, p. 4). Uma vez que se realize a periferização, ambos os sistemas económico e social deixam de ser controlados localmente. Essa usurpação externa dos controles económico e político, bem como a resistência a tal circunstância, constitui a base das relações entre os dois países. Tais conexões são mediadas e estabilizadas pelo estado periférico que conseqüentemente é autoritário e pressiona a população. O Estado se torna, portanto, a primeira instituição a intervir nas relações entre o poder externo e a sociedade marginal. É precisamente a transformação desse estado em um instrumento de interesses externos que modifica as relações com o sistema cultural, visto que os produtos culturais não são movidos pela demanda local. Logo, a procura por tais produtos não implica oportunidade de crescimento para os produtores locais, além de que há uma redução da demanda, gerando consumo aos produtos dos países metropolitanos, por um ínfimo, porém prestigiado estrato social da população.

Conclusão

A finalidade do prelúdio histórico foi nortear a compreensão do período colonial nas Índias Ocidentais e retratar as peculiaridades que originaram o extermínio da população autóctone caribenha, substituída por escravos emigrados forçosamente, sistema através do qual os efeitos do

³⁹ Entrevista realizada com o autor Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 4, questão 4, páginas 294-295.

imperialismo foram sentidos mais severamente, motivado pelo propósito de cultivo de um único produto que gerasse lucro para os centros imperiais.

Os países livres da colonização, posterior ao ano de 1945, mais do que aqueles cuja independência decorreu no primeiro momento do anticolonialismo, ou seja, na sequência da independência dos Estados Unidos, em função das invasões francesas e por causa das mesmas, ficaram prisioneiros de uma série de características e de circunstâncias, a herança colonial, que os puseram em um ciclo vicioso de indigência e em uma condição de sistemática dependência externa (Lara, 2002).

A partir dessa perspectiva, pode-se delinear a condição dos países cuja independência política ocorreu muito tempo após esse período, como no caso dos países-ilhas caribenhos e de outras tantas nações que somente adquiriram autonomia recentemente. Além das consequências económicas, o sistema escravagista ocasionou conflitos sociais para a sociedade afrodescendente, cuja alienação relativa ao seu passado é um fator autodestrutivo que por vezes não lhe permite posicionar-se criticamente perante o seu passado histórico-colonial, posto que os legados da escravidão estimularam uma obsessão que dificultou o amadurecimento da identidade cultural e o alcance de visibilidade em seus caracteres mais genuínos.

Sujeita a uma variedade de regras coloniais e acessível a populações distintas e mercados, Antígua tornou-se uma monocultura praticamente a partir do primeiro momento do domínio europeu. Nesse período, destacaram-se eventos históricos como o direito ao voto, em 1951, a autonomia governamental interna, por volta de 1967, e a completa independência política, no ano de 1981,⁴⁰ objeto da luta anticolonial que, entretanto, apesar da conquista de poder político, não determinou o controle sobre a economia. As ex-colônias foram as fontes dos recursos, porém os mercados para os produtos eram centralizados e controlados pelos países soberanos. A independência provocou uma espécie de subserviência para o sistema económico do poder capitalista.

A emigração tornou-se um fator contínuo e, a exemplo de diversas outras ilhas das Índias Ocidentais, Antígua possui um número abrangente de cidadãos que residem no estrangeiro permanentemente. Os países para onde migram em massa são Cuba, República Dominicana, Grã-Bretanha, Canadá e Estados Unidos. Em contrapartida, a ilha é atualmente habitada por

⁴⁰ Como as colônias britânicas demandavam independência, Antígua e Barbuda adquiriram *status* de Estado Associado. Os habitantes de Barbuda adquiriram seu próprio órgão governamental, em 1976, o *Barbuda Council*, porém apenas posteriormente a ilha tornou-se parte do país independente de Antígua e Barbuda.

descendentes da Grã-Bretanha, de Portugal, da Síria, da Líbia, da China, do Haiti, da República Dominicana e por uma considerável parcela de norte-americanos e outros europeus que formam uma sociedade cosmopolita (Dyde, 1999).

1.2 Neocolonialismo em Antígua

1.2.1 Contexturas neocoloniais

Tudo isto está certamente cheio de boas intenções. Mas é preciso tomar partido: não há uma má colonização que destrói as civilizações indígenas e atenta contra a "saúde moral dos colonizados" e uma outra colonização, uma colonização esclarecida, apoiada na etnografia que integraria harmoniosamente e, sem risco para a "saúde moral dos colonizados", elementos culturais do colonizador no corpo das civilizações indígenas. É preciso tomar partido: os tempos da colonização nunca se conjugam com os verbos do idílio.

(Césaire, 1963 citado em Sanches, 2011, p. 261)

Na contemporaneidade, o termo "neocolonialismo" é, por vezes, sinónimo de "imperialismo", expressão de mesma natureza, embora relativamente mais abrangente. É um regime de cunho essencialmente económico, que substituiu a antiga dominação metropolitana pela exploração das nações potencialmente hegemónicas sobre as mais fracas. Esse conceito, elaborado em termos teóricos por Nkrumah (1965), explica que a essência do neocolonialismo é pautada na noção de que o Estado que é a ele sujeito tornou-se independente e possui todos os sinais exteriores de soberania internacional. Na realidade, entretanto, o seu sistema económico e político é dirigido externamente e o neocolonialismo, assim como o colonialismo que o precedeu, representa a exportação do conflito social dos países capitalistas.⁴¹

Ao esclarecer o significado do termo, Vakhruchev (1975) o definiu como a política colonial de uma época que se caracteriza pela crise geral do capitalismo e a passagem ao socialismo, reiterando que tal política foi conduzida pelas potências imperialistas em relação às suas antigas colónias e durante esse trânsito foram elaborados novos métodos e processos, a fim de reforçar as posições do capitalismo na luta contra o socialismo e o movimento de libertação nacional, de forma a assegurar novas posições económicas, políticas, ideológicas e estratégicas para o imperialismo (Vakhruchev, 1975). Apesar da continuidade da supremacia das nações imperiais, essa época foi caracterizada pelo alargamento das incoerências imanentes ao capitalismo, pelas objeções entre

⁴¹ Em particular, as demandas dos estados de bem-estar ocidental, nos quais os altos padrões de vida da classe trabalhadora significavam que o conflito de classe no Estado-nação foi transformado numa divisão internacional do trabalho. Essa, por sua vez, se tornaria uma característica definidora da era pós-colonial.

grupos de Estados imperialistas e ainda entre colônias e metrópoles, devido à propagação do movimento de libertação nacional das revoluções anti-imperialistas e proletárias.

Consideremos que o conceito de neocolonialismo é por vezes evocado como uma possível alternativa às preocupações suscitadas pela teoria pós-colonial e, portanto, é um termo apropriado para a descrição da configuração dos fatos em contexto pós-colonial. Embora os territórios colonizados houvessem gradualmente adquirido soberania política, permaneceram, todavia, sujeitos ao controle efetivo das maiores potências que constituíam o mesmo grupo das antigas nações imperiais. O neocolonialismo indica, portanto, uma hegemonia económica contínua que traduz que o estado pós-colonial permanece em situação de dependência dos antigos países soberanos, que por sua vez continuam a manifestar um comportamento colonial face aos estados ex-colonizados, em uma condição em que a classe dominante constitui uma elite que atua em cumplicidade com os interesses do capital internacional, em benefício próprio. Dada a sua primazia no capital financeiro internacional e autonomia global política efetiva, o neocolonialismo representa a etapa norte-americana do colonialismo, ou seja, um império sem colônias. O resultado desse processo é que o capital estrangeiro é utilizado para a exploração e não para incentivar o progresso das nações menos favorecidas. A disseminação do neocolonialismo, portanto, intensificou, ao invés de minimizar, a lacuna entre os países abastados e os periféricos.

Para Young (2001), o neocolonialismo se consolida enquanto produto do enfraquecimento das potências imperiais, que ocorreu a partir da Primeira Guerra Mundial e firmou-se com a Segunda. Se por um lado, após 1945, a forma de dominação direta empregada pelas potências imperiais europeias não era mais sustentável, paradoxalmente as lutas de libertação auxiliaram o novo sistema imperialista a romper com o antigo devido à resistência por parte dos povos colonizados, apoiada ativamente pela União Soviética e subsequentemente pela China e por Cuba.⁴² Como consequência da inabilidade das potências europeias — exaustas devido à guerra — em sustentar um sistema que era cada vez mais oneroso, e ainda em virtude da pressão dos Estados Unidos, que enxergava nos blocos comerciais coloniais uma barreira à sua própria expansão

⁴² O sistema capitalista vê-se atingido devido à Primeira Guerra Mundial e à vitória da revolução socialista na Rússia. A crise do capitalismo desestruturou os impérios coloniais e o movimento de libertação nacional enfraqueceu a dominação das nações coloniais, tornando-se relevante após a Segunda Guerra Mundial e levando ao socialismo alguns países europeus e africanos. O imperialismo deixa, portanto, de ser um sistema universal, ocasionando condições para a supressão do colonialismo e consequente conquista da independência por povos da África, da Ásia e da América Latina.

económica, o novo sistema que substituiu o antigo imperial mostrou-se, entretanto, mais sutil e ao mesmo tempo uma versão indireta do primeiro.⁴³

Hardt e Negri (2001), por sua vez, se preocuparam em analisar os efeitos dessa época de transformações ao longo das últimas décadas, em que os regimes coloniais foram destituídos e após as barreiras soviéticas ao mundo capitalista finalmente entrarem em colapso, testemunhamos uma irreversível globalização das trocas económicas e culturais. Simultaneamente ao mercado e circuitos de produção globais, emergiu uma ordem mundial que pôde ser associada a uma nova forma de soberania, que em sintonia com o processo de globalização foi gradativamente declinando, apesar de ainda ser eficaz. E foi exatamente a decadência da soberania do Estado-nação e a sua inabilidade em regular trocas económicas e culturais que caracterizaram um dos primeiros sintomas da chegada do império.

Se o século XIX foi caracterizado pela soberania britânica, o século XX foi marcado pela supremacia norte-americana, principalmente a partir da disseminação do seu capital pelos países europeus, latinos, asiáticos e africanos. O domínio da Grã-Bretanha começou a enfraquecer a partir de 1885, quando, segundo Quaden (1978), as taxas de crescimento económico da Alemanha e dos Estados Unidos tornaram-se superiores e no início da Primeira Guerra Mundial efetivaram-se suas ascensões a nações industriais. O imperialismo, por conseguinte, transformou-se numa realidade contínua, na medida que, desde 1940, “o *imperialismo-sem-colônias*” dos Estados Unidos tomou uma série de moldes distintos em termos militares, políticos, económicos e culturais, alguns ocultos, outros levemente aparentes. A soberania do capital financeiro norte-americano e das multinacionais para dirigir fluxos de capital, armamentos e informações pelo globo tem um impacto tão relevante quanto o de qualquer regime colonial. Em termos históricos, portanto, a rutura que o termo “pós-colonial” implica é injustificável. No caso dos países caribenhos, ainda que possam ser considerados pós-coloniais — desde que não esqueçamos as contínuas influências dos seus antigos colonizadores — o mesmo termo não se aplica à condição perante o império vizinho. A dependência dos países da América Latina e do Caribe é consequência da penetração estrangeira na economia política dessas nações, que advém do condicionamento à relação com outra economia dominante e capaz de se expandir e desenvolver. As relações internacionais nas quais os Estados Unidos

⁴³ Em um contexto a partir do qual o neocolonialismo económico e militar é definido como o produto das estruturas de poder contemporâneas, é oportuno abordarmos o conceito de neocolonialismo ou imperialismo cultural, que mais frequentemente envolve uma herança histórica, é evidente e geralmente perpetuado através da presença contínua de descendentes de colonizadores, das línguas coloniais como o inglês ou francês enquanto idiomas nacionais, da ocidentalização de instituições educacionais, jurídicas e políticas que foram originalmente estabelecidas durante o período da colonização, além do controle da mídia e da tecnologia.

intercedem têm características de fundo dominante, nas quais estão presentes a segregação racial, a supremacia económica, a expansão territorial, além de situações que são particularmente prejudiciais ao restante da América. A região caribenha sempre constituiu seu alvo de interesse devido à localização estratégica e ao potencial de desenvolvimento.

Desde o ano de 1983, está em vigor a Iniciativa da Bacia do Caribe (IBC), criada pelos Estados Unidos, representante de um conjunto de programas comerciais com 19 países da região. De acordo com Montenegro (2008), o objetivo da iniciativa é facilitar o desenvolvimento económico e a diversificação das exportações das economias da bacia caribenha. A IBC viabilizou a entrada de empresas norte-americanas na região, mas, ironicamente, o setor manufatureiro caribenho encontra-se excluído das negociações devido à pressão dos americanos, conforme declarou a autora.

Azevedo e Herbold (1986), por conseguinte, ressaltaram que além da intensidade do imperialismo norte-americano, o neocolonialismo das metrópoles europeias seguiu a mesma linha em suas possessões, através de um controle económico e ideológico, naturalmente facilitado pelos laços coloniais. A União Europeia reconhece cada vez mais o potencial do setor privado na realização dos objetivos de progresso, embora na prática, tanto este bloco quanto as instituições caribenhas, apresentem dificuldade quanto ao aproveitamento do potencial de desenvolvimento que o turismo, assunto que será abordado na próxima seção, representa.

A Europa é o segundo maior parceiro comercial dos países caribenhos e possui sólidos laços históricos e culturais com a região, além de manter relações políticas e acordos de cooperação baseados em interesses mútuos, nomeadamente justificados pela integração regional, pela mudança climática e pela prevenção de vulnerabilidades, a exemplo dos desastres naturais e do tráfico de drogas. Essa parceria estratégica e ambiciosa é uma das mais significativas no quadro das relações externas da União Europeia, conforme apontou Maingot (1994). Em 2005, a Comissão Europeia adotou o documento político *Stronger Partnership between the European Union and Latin America* cuja finalidade, segundo Krakowski (2008), foi propor um novo ímpeto a essa parceria, através do estreitamento do diálogo e da cooperação entre as duas regiões, revisando estratégias e políticas para melhor endereçar novos desafios globais.

A permanência da condição neocolonialista da Grã-Bretanha nas ex-colônias é impulsionada não somente pelas relações anteriores, mas através da "existência de um sistema refinado e muito astuto de instituições coloniais privadas e de Estado", como enfatizou Vakhruchev (1975, p. 51,

tradução nossa). Essa circunstância explica como a Inglaterra consegue manter trinta países no grupo da *Commonwealth* e utiliza essa instituição para fins neocolonialistas.

No caso dos Estados Unidos, repetem as práticas dos antigos impérios europeus e agem eficazmente naquilo em que os europeus falharam. Uma nova era imperial soberana, entretanto, emergiu, e nem os Estados Unidos ou qualquer outro Estado-nação podem formar, atualmente, o centro de um projeto imperial, visto que o imperialismo terminou, o que significa que nenhuma nação será líder mundial da mesma forma que as modernas nações europeias o foram. Os Estados Unidos, todavia, ocupam uma posição privilegiada no Império,⁴⁴ que deriva não de suas semelhanças com as antigas potências imperialistas europeias, mas de suas diferenças, visto que não apenas comanda um território e uma população, mas também cria o próprio mundo que habita. Ao se espelharem na experiência e nas dificuldades de outras potências imperialistas, aperfeiçoaram os antigos métodos de domínio sem, obviamente, anexar países como fizeram os seus antecessores. Visando o lucro, através da submissão dos países que controlam, conseguiram instaurar o imperialismo económico.

Durante todo o século XX, tornou-se evidente que os Estados Unidos foram autores de projetos imperialistas diretos e impetuosos, tanto interna — como, por exemplo, a exploração do trabalho negro — quanto externamente, a exemplo da Doutrina *Monroe* e dos esforços em exercer o controle por toda a América, além do impulsionamento da Guerra Fria, da Guerra do Golfo, dentre outros.⁴⁵ A raiz de suas práticas imperiais pode ser traçada a partir das suas próprias origens, da escravidão negra e dos genocídios praticados contra os nativos americanos, como observaram Hardt e Negri (2001).

Ganapathy-Doré (2010) ilustrou o discurso incansável de Arundhati Roy, absolutamente reacionário ao imperialismo norte-americano. No seu argumento, a globalização corporativa é uma forma de imperialismo, pois alguns impérios corporativos norte-americanos possuem economias mais amplas do que muitas nações pobres e que mais eliminam empregos do que produzem. É,

⁴⁴ Ao abordarem a distinção entre Império e imperialismo, Hardt e Negri (2001) asseguraram que o imperialismo foi uma extensão da soberania dos Estados-nação europeus para além de suas próprias fronteiras. Em contraste com o imperialismo, o Império não estabelece o centro de poder territorial e não depende de fronteiras fixas ou barreiras. É um aparelho governamental descentrado e desterritorializado que progressivamente incorpora todo o globo, com suas fronteiras abertas e em expansão. Não é constituído pela força, mas com base na capacidade de apresentar força a serviço do bem e da paz. Essa realidade é representada através do "direito de intervenção" do Império com a finalidade de prevenir ou resolver problemas humanitários, garantir acordos e impor a paz — como no caso da Guerra do Golfo, em que os Estados Unidos foram apresentados como a única potência hábil a gerenciar a justiça internacional, em nome da ordem global.

⁴⁵ Alguns acontecimentos representaram uma época de transformação na história da América Latina e do Caribe, como demonstraram Maingot & Lozano (2004, p. 70), ao citarem a transição do autoritarismo para o constitucionalismo, a depressão económica do continente, em 1980, e as subsequentes transformações relativas ao surgimento de economias mais abertas, ao fim da Guerra Fria na Europa e ao estreitamento dos vínculos com os Estados Unidos. Segundo esses autores, as primeiras três transformações fazem parte da explicação para a alteração nas relações dos Estados Unidos com os seus vizinhos nas Américas e pelas modificações nas políticas estrangeiras de estados latino-americanos e caribenhos.

portanto, própria de suas manifestações, a desconstrução da supremacia imperial, ao expor os seus mecanismos invisíveis de arquitetura, ao analisar suas suposições morais, seus fundamentos económicos, penetração cultural e implicações legais⁴⁶. Como membro de um grupo desfavorecido, onde o mundo é dividido entre aqueles que possuem uma relação favorável com o poder e outros que naturalmente são opostos, Roy (2004, p. 42) concluiu: "May I clarify that I speak as a subject of the American Empire. I speak as a slave who presumes to criticize her king". Adicionalmente, Parenti (1995), declarou que o imperialismo tem sido a força mais poderosa na história mundial ao longo dos últimos séculos, e o império, na sua forma atual, é raramente considerado com seriedade pelos acadêmicos, pela mídia e pelos líderes políticos.

Ao relacionarem teorias pós-coloniais e globalização, Nagy-Zekmi e Zabus (207, pp. viii-ix) reconheceram que a "missão civilizadora" do empreendimento colonial foi de fato substituída por "esforços de democratização", ou seja, pela exportação repetida de modelos ocidentais de governância e sistemas económicos que beneficiaram claramente os seus criadores e não aqueles que os receberam. No caso do Caribe, historicamente os Estados Unidos sempre mantiveram vínculos e apresentaram interesse pela região. Desde os primeiros tempos da república, o México, a América Central e o Caribe eram considerados cruciais para a ascensão dos Estados Unidos. O mar caribenho era geoestrategicamente valioso e sua configuração facilitava o controle militar e comercial.

A expansão dos Estados Unidos enquanto potência dependia da sua ascensão industrial e da conquista do arquipélago caribenho. Por conseguinte, a relação peculiar com os Estados Unidos resultante, dentre outros fatores, de uma dramática assimetria de poder, induziu a acessibilidade da região a uma variedade de projetos norte-americanos:⁴⁷

Because power and proximity have not changed, there has been a substantial degree of continuity in the fundamental nature of U.S.–Caribbean relations. Two characteristics of this special relationship later exercised a restraining influence on the hegemonic, unilateralist tendency: the region's multinational and multiethnic complexity and its role in U.S. domestic politics. We cannot forget that this influence is also a result of the European colonialism in the Caribbean region. (Maingot & Lozano, 2005, p. 18)

⁴⁶ Tal qual a escritora Jamaica Kincaid, em Antígua, o poder das ideias de Roy e a força de sua linguagem lhe causaram conflitos de relação tanto na Índia- onde desagradou aos nacionalistas hindus sua origem mestiça e sua afinidade para com o Paquistão- como nos Estados Unidos, onde os conservadores não concordam serem o nacionalismo, o fanatismo religioso, o fascismo e o terrorismo subprodutos do império, como ela suscitou. Por fim, há uma lista de intelectuais com os quais a autora possui afinidade ideológica, a exemplo de Noam Chomsky, Edward Said, Howard Zinn, Ed Herman, Amy Goodman, Michael Albert, Chalmers Johnson, William Blum e Anthony Arnove.

⁴⁷ No momento em que os Estados Unidos passaram de país agrícola à industrial, houve a expansão de seu território e do domínio de outras regiões. Em relação ao Caribe, inicialmente ocorreu o controle económico em Cuba e, em seguida, na Jamaica, no Haiti, na República Dominicana e em Trinidad. Houve entrada intensa de capital norte-americano nos países caribenhos (Azevedo & Herbold, 1986, p. 35), portanto, e os Estados Unidos consolidaram o domínio económico sobre eles, que perderam a autonomia.

Do ponto de vista militar, a região era valorosa para os Estados Unidos porque servia de trampolim para o ataque, a defesa e a expansão, além de que sua posição geográfica facilitava o controle de alguma avaria em tempos de guerra. O Caribe possuía diversos e significativos pontos de avançada militar, o que fez com que a região se tornasse uma zona de conflito internacional. Ademais, representava um vultoso centro comercial, onde existiam numerosos e relevantes portos que serviam, dentre outras finalidades, ao tráfico ágil de produtos tropicais nativos. Para os Estados Unidos, esse espaço deveria ser permanentemente controlado, assim evitando que a sua hegemonia fosse ameaçada.

Há muitas variações na teorização entre a relação de poder estabelecida e as formas de resistir ou de transformá-la. Para Spivak (1990), a Europa se consolidara enquanto sujeito soberano ao definir as suas colônias como Others devido aos propósitos de controle e expansão de mercados. Se por um lado aparecem conceitos como neocolonialismo, teoria da dependência, teoria do sistema-mundo, e no capitalismo conceitos como Keynesianismo, monetarismo, neoliberalismo são comuns, o conceito de "desenvolvimento", que funcionava como uma espécie de mediação entre os dois, era geralmente visto como o caminho a ser seguido após a realização bem-sucedida das lutas anticoloniais. Através do progresso das sociedades, o Outro foi compelido a esboçar alguma forma de agenciamento. A falha em projetos de desenvolvimento em suas formas originais e em muitas áreas do mundo, entretanto, ocasionou uma reavaliação de suas suposições subjacentes que começou a delinear-se nas ideias da crítica pós-colonial.

Por fim, a política neocolonialista no domínio económico resume-se não apenas ao empenho em inserir as novas nações independentes no desenvolvimento do capitalismo, mas também em expandir a influência e o poder dos monopólios. Apesar das modificações desencadeadas ao longo dos anos, a exemplo da dissimulação nos métodos de dominação e do estabelecimento de determinadas concessões por parte das nações soberanas, os países dominados pelos monopólios estrangeiros ainda se encontram sujeitos à dominação económica, política e social devido à apropriação das suas riquezas naturais e à exploração da força de trabalho de sua população, ainda que sutilmente, através do oferecimento de recursos humanos e de materiais em abundância, a valores considerados ínfimos. A herança do sistema colonial, portanto, foi constituída pelo atraso económico e todas as consequências que submeteram à exploração os estados colonizados, dentro do quadro da economia capitalista mundial, oriunda das potências imperialistas que, através de sua política neocolonialista, impediram a autonomia económica e política das antigas sociedades coloniais.

No caso da região caribenha, se o processo de colonização ocasionou adversidades ao nível de retrocesso económico, sociocultural e político, as formas de poder neocoloniais evidenciam as condições adversas de grande parte da população, ocasionadas pela continuidade da influência e do domínio, nomeadamente dos Estados Unidos, associadas à substituição dos colonizadores pela elite nacional e ao predomínio do monopólio de corporações estrangeiras, cujo papel é limitado à administração do capitalismo e obtenção de lucros.⁴⁸ As agências externas dominam suficientemente a região de maneira a justificarem o termo "neocolonial". As sociedades das Índias Ocidentais, portanto, adquiriram soberania apenas para encontrarem, como os escravos emancipados, aparentemente, mas não substancialmente, a liberdade. Na era neocolonial, elas são, mais do que nunca, dependentes das grandes potências. A teoria literária pós-colonial, ao apresentar uma abordagem cognoscível em torno das questões coloniais, toma como parâmetro as discussões sobre os efeitos nocivos do turismo suscitados através da exploração acentuadamente manifesta dessa atividade nas ilhas, conforme analisamos na seção seguinte.

Caracterizadas por um duradouro e austero passado de exploração, as sociedades colonizadas tornaram-se produtos do domínio europeu que as lesou, manipulou e sobrepôs, ocasionando desintegração ao pôr em contato realidades sociais bastante heterogêneas. A literatura pós-colonial retrata essa condição e as questões complexas em torno da identidade cultural, construídas em contrassenso, visto que sempre foi posta em causa a necessidade da existência de um discurso próprio nessas sociedades, enfatizando o debate em torno de problemas específicos, distintos dos centros imperiais. Apesar do fim da era colonial europeia, as últimas décadas da história caribenha são marcadas por algum progresso industrial e pela ascensão de interesses económicos de grupos dominantes internos, aliados à exploração de nações europeias, mas, sobretudo, dos Estados Unidos, cujas corporações são atraídas através de incentivos fiscais que detêm a maior fatia dos lucros, inclusive livres de impostos que, todavia, deveriam ser investidos localmente. Programas de desenvolvimento aumentam a dependência caribenha, haja vista que investidores externos dominam os setores produtivos. Ademais, o império norte-americano exerce uma nova forma de racismo que inclui elites locais corruptas dos países em expansão.

⁴⁸ De acordo com Pattullo (1996), no ano de 1989, por volta de 63% dos quartos de hotel da região caribenha pertenciam a proprietários estrangeiros, com altas porcentagens nas ilhas de St. Maarten, Anguilla e as Caymans (82%), Antígua (87%) e Aruba (88%). Antígua sempre manteve relações diplomáticas com os Estados Unidos, o Reino Unido, o Canadá, a América Latina e os estados caribenhos do Leste. Sua indústria turística é dependente dos Estados Unidos não apenas porque os norte-americanos representam um terço dos turistas na região, mas devido à maior parte das empresas turísticas ser controlada pelos Estados Unidos e ter o suporte do governo local.

1.2.2 Literatura e turismo no âmbito dos estudos pós-coloniais: o *Outro* – uma voz subalterna

It is the paradoxical nature of Caribbean tourism that is both repugnant to West Indians and yet desired by most of them...

(Tabolt, 1974 citado em LaFlamme, 1979, p. 139)

Nesse subcapítulo analisamos a influência progressiva da teoria pós-colonial no campo de investigações na área do turismo, apesar de as discussões em torno do pós-colonialismo ainda pouco abordarem a contribuição que o estudo do turismo pode ocasionar ao reconhecimento da experiência pós-colonial. No caso caribenho, gradualmente ampliam-se as investigações sobre as interseções entre a literatura pós-colonial e o turismo, sobretudo nos países que tratam das questões pós-coloniais da parte anglófona.

Conhecido como um paraíso de clima quente, envolto por um belo cenário natural, o Caribe é destino favorito de europeus e principalmente de norte-americanos⁴⁹, sendo aparente que os efeitos económicos do turismo sejam amplamente destacados em âmbito académico, visto que a região é considerada o sexto destino mundial em termos de receitas turísticas.⁵⁰ A imagem romantizada do turismo caribenho, no entanto, não corresponde ao perfil conflituoso e controverso do setor na região, desencadeado, nomeadamente, pelo controle estrangeiro, além de condições desfavoráveis de outras ordens como a falta de estrutura física e de serviços adequados, o aumento da exploração sexual, a degradação ambiental causada pelo excessivo número de turistas, a concorrência desproporcional entre grandes e pequenos comerciantes locais, a sobrecarga para as comunidades nativas, apenas alguns fatores que revelam o crescimento desequilibrado do turismo na região, considerada a mais dependente dessa atividade no mundo. A eclosão do turismo tornou-se um dos avanços mais significativos da década de 60. Segundo Henry (1985), o número de turistas passou de 12 853, em 1958, para 97 901, em 1980, sendo a maioria proveniente dos Estados Unidos, seguido de turistas canadenses, em menor proporção. Esses países respondem por mais de 50% dos visitantes da ilha. A maioria dos turistas adentrava a ilha nos meses de inverno, de novembro a março, ou nos meses de verão, julho e agosto, permanecendo por uma média de sete dias. Outra forma de se confirmar o crescimento do turismo é através do aumento do

⁴⁹ Algumas ilhas, como Bahamas e Porto Rico, possuem um mercado de visitantes tradicionalmente norte-americano, enquanto Barbados e Martinica atraem turistas britânicos e franceses. Já as ilhas líderes em termos turísticos são República Dominicana, Bahamas, Porto Rico, Jamaica e Cuba (Ferguson, 2002, p. 293).

⁵⁰ Durante o período de crise agrária, o turismo experimentou um crescimento que ocasionou mudança no sistema de governo de Antígua, pois os esforços do estado foram direcionados a expandir a economia, sendo o turismo o maior setor. Para alcançar tal êxito, a elite do estado tentou atrair empresários estrangeiros, incitando a um rápido desenvolvimento e investimento substancial que, entretanto, não foram suficientes para o alcance de condições favoráveis em termos de incremento econômico.

número de hotéis e leitos. Em 1953, existiam apenas três hotéis na ilha. Por volta de 1973, o número aumentou para 33, juntamente com as 10 *guesthouses* que também estavam disponíveis para os visitantes. Em 1961, o número de leitos nesses empreendimentos era de 560. Em 1968, havia mais do que triplicado para 1 800, e em 1975, chegou a 2 496. Essa tendência ao crescimento continuou, e no ano de 1981 o número já era de 3 653 leitos. Esse fator produziu um aumento de investimentos na construção de hotéis entre os anos de 1962 e 1964, e em anos posteriores houve um declínio (Henry, 1985). Outra forma de avaliarmos o crescimento da indústria do turismo é através das receitas geradas. No período de 1961 a 1968, as receitas triplicaram, significando uma taxa de crescimento anual de 16%. Entre 1973 e 1976, houve queda, como resultado da recessão nos Estados Unidos.

A era colonial europeia persiste em sombrear as relações internacionais, a migração e o turismo, ao passo que o turismo internacional continua a ser influenciado pela experiência colonial. O turismo possui estreita conexão com o pós-colonialismo, dado que as ex-colônias cresceram em popularidade como destinos favoráveis aos visitantes, enquanto o resíduo do pós-colonialismo foi transformado em atrações turísticas através de suas populações exóticas, heranças e histórias.

Essa matéria reforça e se incorpora às relações esboçadas pela literatura pós-colonial. Questões de identidade e representações de gênero, nações e culturas são gradativamente reconhecidas como fulcrais à natureza do turismo, particularmente dada a reflexão recente nas bases éticas desse domínio. Surge, portanto, uma preocupação teórica a partir da reflexão sobre o frutífero esbatimento de fronteiras entre campos acadêmicos distintos, tão pertinentes aos Estudos Culturais, e que constituem, sobretudo, uma atitude crítica e reflexiva perante as relações entre as culturas e os povos. Apesar das afinidades, as temáticas pós-coloniais têm recebido maior proeminência nas áreas de estudos geográficos, antropológicos e culturais do que no campo do turismo propriamente dito, no qual, por vezes, são inteiramente ignoradas.

À margem das discussões relativas à expansão do turismo está a forma como a sua gestão contemporânea tem "outrizado" aqueles considerados afastados da base de suas negociações neoliberais, condição contestada por Lionel Hurst, um dos membros do *Antigua Labour Party* e ex-embaixador de Antígua:

We said we want all those people who are employed there, 300 people who were employed there, to remain employed. So, the government buys the hotel and puts in charge of the hotel, an Antiguan. And the Antiguan is responsible for managing the hotel. He has to have a chef or chefs. He has to have financial controllers. He has to have people to do the landscaping and so on, and he says he can find them among the people of Antigua. The largest hotel in Antigua,

the Jolly Beach Hotel and it's run completely by Antiguan. The Hudson Cove run completely by Antiguan. And that's because we have learned over 60 years, how to manage the hotel well. And you know, people get old and have to be replaced. So, a constant need for training, so the younger ones get an opportunity to move up, to do some of the management themselves and so on. So, it isn't always true that the people who own the hotel continue to run it and the Antiguan only do the menial low-paying work. There will be Antiguan doing menial low paying work yes, but there will be Antiguan doing the management as well.⁵¹

Os habitantes de comunidades dependentes do turismo podem claramente diferenciar os benefícios económicos da atividade e os custos sociais implícitos, embora a consciência sobre determinadas consequências negativas não conduza à oposição quanto ao progresso do setor. Nesse âmbito, questionam-se as estruturas socioculturais que são modificadas consideravelmente sob a influência do turismo devido aos seus efeitos nocivos, a exemplo da disparidade social, das desigualdades de género, das tensões sociais provocadas pela relação subalterna entre os caribenhos negros e os turistas brancos e do domínio do setor que é gerido em sua maior parte por grupos estrangeiros, os quais detêm as maiores fatias dos lucros, aliados à cúmplice governança regional. Esse argumento, entretanto, é refutado por Lionel Hurst, ao negar a relação entre a escravidão do passado colonial e os supostos impactos negativos do turismo:

So the similarities between slavery and tourism are non-existent. They are zero. There is no relationship at all between them. And the dignity that is involved with running a hotel is not at all like what is involved with running a plantation for sugarcane. Now you can go to Europe to a hotel. The people who work in the hotel they have white skins. The people who come from Africa and the Caribbean have black skins. The same treatment that you receive in the hotel in Europe by the white people who work there, the same treatment is metered out to the black people who come there. The black people, when the white people come to the Caribbean and I suppose to African countries and so on, for tourism, the roles might be reversed. But the treatment you receive for being a guest is as identical in the Caribbean as it is in Europe. There's no demeaning treatment in Europe, and there's no demeaning treatment in the Caribbean. Working in a hotel is not slavery, it's stupidity to say so, and people say it all the time because they don't think it through. They make silly errors. They make themselves out to be very important. But we know differently. We know that we can make a better income.⁵²

A crítica pós-colonial que se baseia no turismo considera o turista um dos perpetuadores mais virulentos do neoimperialismo, que torna os nativos "exóticos" das regiões que visitam meros objetos de curiosidade. Para esse princípio, é inegável que o legado da era colonial continua a existir e certamente apresenta implicações quanto à forma e aos objetivos pautados no âmbito da propagação do turismo que, a exemplo do colonialismo, lida com a exploração de localidades em função de interesses económicos.

⁵¹ Entrevista realizada com o autor Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 4, questão 4, páginas 294-297.

⁵² Entrevista realizada com Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013. Vide apêndice 4, questão 4, páginas 294-297.

As questões sociais e a dependência cultural, no entanto, configuram-se fatores de menor evidência nas investigações, que constataam que a cultura nativa é considerada inferior à do turista, geralmente da raça branca, patriarcal, imersa no conhecimento e nos valores ocidentais. Dessa forma, o olhar do turista para a localidade visitada é um olhar redutor a um exotismo inferiorizante. As pequenas ilhas que experimentaram a colonização foram caracterizadas por dois fatores: a tentativa de descolonização e a expansão do turismo internacional.⁵³ O turismo é reconhecidamente um contributo económico para muitos destinos em todo o mundo, que favorece o intercâmbio populacional, circunstância enfatizada por Lionel Hurst, no caso de Antígua:

And, all along that beach we started building hotels, essentially giving away the land to wealthy Americans, so that they could build hotels. By building the hotels, we generated a lot of jobs for carpenters, masons, engineers, architects, roofers, all kinds of skills, welding and so on that we required. So we noted that when you are building a hotel, you generate a lot of jobs. When the hotel is finished building, when you end the operation, you create a lot more jobs as well, for people who work there, a large number of housekeepers, bartenders, jobs that require very little skill to begin.⁵⁴

Desde o século XIX, ocorre sua progressiva expansão pelo Caribe. Para Richardson (1992, citado em McLeod, 2008) o governo de Antígua, assim como os outros governos caribenhos, são os responsáveis pela promoção do turismo como maior indústria nacional. Quanto à sociedade caribenha, a participação nas decisões que envolvem o turismo ainda é recente⁵⁵.

É inegável que o turismo exerce um papel na construção do lugar, especialmente em espaços de múltiplos deslocamentos, onde a autenticidade e a identidade são constantemente contestadas e renegociadas. Os conflitos de identidade, frequentemente enfatizados no âmbito dos estudos pós-coloniais, tornam-se pertinentes quando relacionamos a literatura e o turismo. Para os

⁵³ Segundo o professor K. Hall (2005, p. viii citado em K. Haal, Holder & Jayawardena, 2005), o mercado de viagens e turismo no Caribe crescerá a uma taxa anual de 5.5% em termos reais, entre 2003 e 2013 (WTTC 2003), e gerará mais de 2.7 milhões de empregos. Dados recentes apontam que o turismo representa 14% do PIB da região e que há cerca de 2.2 milhões de pessoas trabalhando no setor, o que faz do turismo o maior empregador após o setor público. Todavia, o sucesso proporcionado pelo turismo em um país não pode ser mensurado através da quantidade de turistas que recebe, do número de noites que os hóspedes passam em um destino ou dos seus gastos totais. Um dos principais transtornos ocasionados pelo turismo são os vazamentos substanciais do setor e um dos fatores que contribui é a quantidade elevada de insumos que a atividade importa. Para fazer com que os turistas se sintam "em casa", uma elevada quantidade de bens que não é produzida localmente é importada, a exemplo de *souvenirs* e até mesmo de alimentos consumidos no ambiente hoteleiro. Outro motivo para o escoamento é o fato de a operacionalização do turismo envolver ampla publicidade, bem como pagamentos a agentes de viagem estrangeiros, remessa de lucros para investidores externos e pagamento ao pessoal expatriado, além de que a maioria das empresas, a exemplo dos meios de hospedagem, é de propriedade de empresários estrangeiros.

⁵⁴ Entrevista realizada com o autor Lionel Hurst, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 4, questão 3, página 294.

⁵⁵ A participação da comunidade no planejamento e implementação do turismo é um acontecimento relativamente contemporâneo. Como resultado de recente legislação na Jamaica, membros da comunidade têm sido convidados para encontros com o intuito de discutir planos de desenvolvimento de hotéis na costa norte. No caso de St. Lucia, tem havido envolvimento da comunidade no *Soufriere Marine Management Area*- SMMA (Pantin, 1999, p. 231).

Em contrapartida, para o governo e as empresas, maiores beneficiários da indústria turística, é evidente que o interesse em melhorar o nível de educação da população para a recepção ao turista, provém dos lucros vantajosos advindos do setor, como afirmou Charles (1997, p. 193), pois há clara necessidade de que o setor privado no Caribe se comprometa mais em proporcionar educação para o turismo e treinamento, a fim de reduzir a carga financeira sobre os governos regionais, que constantemente se encontram com recursos escassos.

caribenhos, que creem que as suas raízes culturais foram apagadas e negligenciadas em determinados aspetos, o contato com turistas tende a reforçar essa realidade, principalmente se considerarmos as componentes raça e nacionalidade, que desempenham um papel relevante nas mentes desses povos.

O desejo de ser branco e europeu é um fator preponderante, na medida em que é considerado consequência da escravidão e da colonização: "The first ambition of the colonized is to become equal to that splendid model and to resemble him to the point of disappearing in him" (Memmi, 1957, p. 120 citado em Lowenthal, 1972, p. 250). A frustração, portanto, com o próprio tom de pele, é algo endêmico, na proporção que quanto mais aceitam a avaliação europeia, mais rejeitam a sua própria negritude. Na percepção desses afrodescendentes, imitar os brancos seria o único caminho para o sucesso, em uma sociedade considerada superior e dominante. Acrescenta-se a circunstância de que o maior conflito psicológico, possivelmente, se baseia no fato de existir um auto-preconceito motivado pela justificativa de que as populações negras rejeitam a si próprias.

Se considerarmos que o etos capitalista traspasa a indústria turística e essa entremeia o arquipélago, o impacto do turismo de massa convoca as sociedades caribenhas ao quadro ideológico internacional do capitalismo norte-americano. Como consequência, essa ideologia torna-se dominante nas Antilhas, afeta as interações sociais, distorce a visão da sociedade com relação a sua própria história e às suas tradições culturais, e impossibilita a ascensão de uma identidade nacional própria.⁵⁶

Because of our poverty and because of our basic lack of self-respect and self-confidence, we treat the tourist as a rich man to be robbed or a god to be propitiated, a Jamaican observes. "We beg for alms, we demand tips, we tell him how much we need him, and we try our best to show him what happy dancing souls the "natives" are. Some of these features are common to tourism everywhere; but we are marked by a lack of confidence in our own house, and an absence of real pride in our possessions."⁵⁷

A dependência cultural é por vezes mais categórica do que a subordinação económica. A disparidade entre a liberdade que os povos das Índias Ocidentais são levados a crer que possuem e a realidade neocolonial sob a qual vivem são motivos para conflitos e desapontamentos. Influenciados pelo contato com os visitantes, muitos autóctones passam a adotar o modo americano em suas vestimentas, na alimentação e até mesmo nos valores, que passam a se tornar

⁵⁶ As áreas de *resorts* se tornaram grandes centros de poder: *The Mill Reef Club*, no extremo leste de Antígua, apenas é menos notório do que *Coco Point*, da ilha vizinha Barbuda, um dos *resorts* mais caros do Caribe. De ambos a população local mantém-se afastada e até mesmo sob a vigilância policial. Por vezes, a sociedade foi aconselhada a aprender uma segunda língua- o inglês padrão- para ir ao encontro de turistas (*Barbados Advocate-News*, relatado em *Dominica Star*, 5 de julho de 1969, p. 3).

⁵⁷ Citação proferida por um jamaicano em D. Hall (1968, p. 9).

espécies de guias para o seu próprio comportamento social. Nesse sentido, abatem-se em estado de dependência cultural, são seduzidos, perdem a sua identidade nacional e o senso de dignidade cultural. As consequências são, portanto, a alienação e o isolamento, o abandono de suas raízes afro-caribenhas e a incapacidade de contribuir significativamente para a solução dos problemas socioeconômicos de seu país, ainda que estejam separados e não consigam penetrar de fato na sociedade metropolitana. Diferentemente do turista, que após o período de fantasia retorna à realidade, o nativo permanece em um limbo cultural, perseguindo ilusões que minimizam as chances de desenvolvimento independente (Lowenthal, 1972).

É oportuno recordarmos que a questão de gênero, tão amplamente discutida pela teoria pós-colonial, induz à proposição de considerações na qual o turismo também se faz presente. A imagem sexual utilizada na publicidade de determinados destinos pós-coloniais perpetua a representação do *outro* sexualizado e subserviente.⁵⁸ A subalternidade da mulher e a continuação do patriarcado são elementos intrínsecos às sociedades pós-coloniais. A dispersão tornou-se um atributo comum nessas sociedades, afetando principalmente o sexo feminino, visto que o contexto do neoliberalismo impulsiona a diáspora transnacional.

O "*Outro*", sob o ponto de vista (pós) colonial, representa aquele que, segundo Foucault (1988), é excluído, oprimido ou desfavorecido por um discurso particular. Essa definição é utilizada na análise da representação cultural da relação nativo-turista. O estabelecimento de culturas hegemônicas em comunidades receptoras significa que os valores da cultura turística não apenas solapam e frequentemente interveem na cultura local, mas também reforçam mitos em torno da raça branca e do capitalismo, gerando um canibalismo cultural, conforme analisaram Wearing e Darcy (2011). O conceito de sustentabilidade social é inferiorizado em função de considerações econômicas e, por conseguinte, as comunidades locais não são vistas como partes essenciais do progresso do setor turístico. Essa condição somente pode ser modificada caso haja um esforço consciente baseado em uma abordagem diferente para o *Outro*.⁵⁹

⁵⁸ Adicionalmente ao contexto de exploração sexual, da empregabilidade sazonal e do pequeno crescimento no número de trabalhadores por ano, ressaltamos a proporção relativamente alta de mulheres empregadas no setor. No ano de 1968, o número de mulheres correspondia a cerca de 60% de todos os empregos na hotelaria, em Antígua. A maioria, entretanto, encontrava-se nas categorias operacionais e menos qualificadas-garçonetes, serviços gerais, dentre outros. Um fator que merece atenção é a proporção relativamente alta de expatriados que ocupam as altas posições de gerenciamento e administração, em oposição à realidade dos nativos.

⁵⁹ Com o propósito de amenizar os conflitos existentes entre turistas e comunidades locais, Wearing e Darcy (2011) sugeriram o oferecimento de atividades de lazer nas localidades, a exemplo das práticas do ecoturismo, que promoveriam a interação entre esses grupos. Com a intenção de valorizar as culturas das localidades turísticas e de favorecer o envolvimento dos membros das comunidades, os profissionais do *marketing*, encarregados de promover os destinos, deveriam engajar-se na divulgação de atividades aos potenciais turistas, visto que o desejo de muitos é o envolvimento sadio com os residentes. Quanto à divulgação dos produtos turísticos, deve-se evitar a descrição desses espaços como paraísos tropicais virginais, destinos místicos ou paisagens preciosas preservadas, prontas para serem exploradas no seu estado natural, juntamente

Cabe-nos salientar que a procura por autenticidade motiva muitos turistas modernos de países ocidentais a visitarem ambientes pós-coloniais onde o *Outro* "perdido" (Shepherd 2002; Vivanco, 2002 citados em Duval, 2004) pode ser encontrado. É essa conexão histórica que serve como fundamento para o surgimento do turismo cultural em muitos desses ambientes e localidades. A relação entre a autenticidade e a experiência turística tem sido discutida na literatura e focada na avaliação das expressões culturais e padrões apresentados para o consumo turístico. O âmbito da discussão é o de que os turistas não experimentam a cultura autêntica e que, portanto, são testemunhas da "autenticidade encenada" (MacCannell, 1976) ou de um "pseudo-evento" (Boorstin 1964). Para Urry (1990), os turistas buscam e consomem o sublime ainda desconhecido. Sob a égide do turismo cultural, é frequente a consideração de como as culturas e a organização social são afetadas pela presença dos turistas e de seus olhares. Ao explicar o caso de Botsuana e da Namíbia, o autor acrescentou que nessas localidades foram criadas aldeias-modelo que foram preparadas pelo governo para que os residentes pudessem encenar atividades tradicionais em benefício dos turistas: "We do not want to have to perform for tourists. It is not right that we should be treated like animals in a circus", citação que revela a insatisfação de um nativo, segundo Hitchcock (1997, p. 98 citado em Duval, 2004, pp. 61-62).

Dentre os efeitos considerados mais nocivos, ocasionados pela relação entre turistas e nativos, o mercado sexual formou-se paralelamente ao crescimento do turismo e declarou o Caribe como uma imprescindível fração desse mercado. O turista que procura as ilhas caribenhas com esse propósito é geralmente branco europeu, norte-americano ou canadense e convicto de que ao se relacionar com indivíduos negros, promoverá a igualdade e amenizará os conflitos gerados pela desordem racial. Os turistas brancos ocidentais projetam as suas fantasias sexuais e turísticas sobre o *Outro*, sexualizado e racializado, considerado exótico e natural, dessa maneira justificando essa prática (Taylor, 1999).

O crescimento das viagens internacionais e a Revolução de Cuba (em 1959) são fatores que conspiraram para a promoção do turismo como maior setor económico de muitas ilhas caribenhas.⁶⁰ Seu desenvolvimento tornou-se um dos acontecimentos mais significativos da década

com a fantasia de que os nativos são considerados frequentemente passivos, recetivos, puros, autênticos, exóticos ou subalternos. A ideia fundamentada durante o período colonial, portanto, ressurgiu através do turismo, ao passo que a noção de adversidades sociais e culturais não configura assunto de interesse primário para os responsáveis pelo desenvolvimento do turismo e nem ao próprio turista.

⁶⁰ No *Annual Caribbean Tourism Summit*, fórum realizado no ano de 2011, em Bruxelas, os representantes políticos do turismo no Caribe afirmaram o propósito em dar início a um diálogo mais próximo e sustentado entre membros de estado da União Europeia, do Parlamento Europeu e da Comissão Europeia sobre questões pertinentes ao desenvolvimento do turismo, na tentativa de iniciar um processo que concedesse ao turismo maior foco em futuras relações entre o Caribe e a UE. Justificaram que, de acordo com o WTTC, por volta de 2021, a contribuição direta das viagens e do turismo para o PIB caribenho será de 16.4 bilhões de euros, seu amplo impacto económico será de 50.83 bilhões de euros e a contribuição total na

de 60 e houve crescimento evidente nesse momento de euforia, justificado pela geração de empregos, receita tributária e cambial, melhoria de padrões de higiene e nutricionais, consciência das comunidades e preservação de sítios históricos. Esses fatores, no entanto, não correspondem à realidade da década de 70, momento em que surgiu um olhar mais crítico em relação ao setor quanto aos seus impactos económicos, políticos, sociais e ambientais presentes nos custos elevados que a atividade demanda, quanto à discriminação racial e à subalternidade na interação entre os turistas e os autóctones, descontrolo quanto ao investimento de corporações externas, vários modos de poluição ambiental, dentre outros transtornos.

Essas sérias adversidades sociais oriundas do turismo são suscitadas pelo crescimento exagerado da quantidade de turistas, pelas reações xenofóbicas, pela competição por recursos, pela resistência dos autóctones à subserviência e às inadequadas condições laborais, além dos conflitos sexuais, geralmente relacionados à exploração feminina, nomeadamente de mulheres negras. Desde a época colonial, o abuso ao trabalho feminino tornou-se frequente e muitas mulheres foram transportadas da África para a América para o trabalho nas colônias, por serem consideradas uma possibilidade de empreender o labor árduo e de reproduzir novos escravos.

A tais mulheres restava lutar por posições menos favorecidas e serem excluídas das funções de maior prestígio. Apesar dessa realidade e dos estereótipos populares julgarem passivas as mulheres escravas, houve diversas formas de resistência à escravidão. Por seu lado, Bonicci (2006) afirmou que apesar dos avanços na condição de agenciamento, ainda são verificados indícios da herança colonial, do patriarcado endémico nas sociedades africanas e caribenhas, das diásporas contemporâneas e das nuances oriundas da globalização, circunstâncias acentuadas pelos autores pós-coloniais. Concomitantemente, estes não deixam de representar o poder feminino em novas ruturas e intervenções através das quais a mulher surpreende o patriarcado e toma seu lugar autónomo no mundo contemporâneo.

geração de empregos tem uma projecção de 2.76 milhões. Também há previsão de que a indústria gere 27.17 bilhões de euros das receitas de exportação, alcançando 6 bilhões de euros ou 12.5%. Foram debatidas também mudanças na Europa no que diz respeito à aviação, à tributação, à segurança, ao meio ambiente, ao mercado de carbono e às energias limpas, que têm impacto nos interesses de desenvolvimento em longo prazo do Caribe. Ressaltaram as questões relacionadas ao impacto do crime, à necessidade de expandir o transporte aéreo, o treinamento e a pesquisa, a saúde pública e os investimentos externos diretos na indústria. Foi ressaltado que a presença de cinco ministros caribenhos no evento representava uma indicação clara de que havia interesse da parte caribenha em tentar estabelecer uma forte relação com a UE em prol do desenvolvimento da atividade. Afirmaram também a necessidade de encontrar formas de apoiar indivíduos envolvidos direta e indiretamente no setor, tanto empresários caribenhos quanto grupos das comunidades de base, de maneira a permiti-los obter vantagens da oportunidade de oferecer novos serviços turísticos que não apenas possibilitarão mais alternativas ao consumidor, mas que também garantirão que as comunidades locais partilhem equitativamente da riqueza que o turismo proporciona. Em relação aos Estados Unidos, parece não haver qualquer intenção que a relação ocasionada pelo turismo seja desfeita, condição confirmada pelo estabelecimento da *Caribbean Basin Initiative* (CBI), em 1984, destinada a reduzir os conflitos económicos e políticos pelo estímulo às economias caribenhas, e também designada a encorajar o investimento privado através da eliminação das barreiras comerciais entre os países caribenhos e os Estados Unidos, a captar auxílio externo para o desenvolvimento de infraestrutura e a promover o turismo na região, elemento central do programa, conforme relatou Planisek (1990, p. 466).

Do ponto de vista cultural, a dependência desses países em relação aos mais estruturados é definida como uma condição onde o desenvolvimento do conjunto de atitudes, crenças e valores, que dá significado a uma sociedade e que fornece os pressupostos e regras que governam o comportamento social de seus membros, é tão condicionado por e reflete tanto a expansão de uma cultura externa, que há uma relação de dominação e subordinação entre o centro cultural, ou seja, a metrópole, e a cultura periférica, representada pelo país dependente, como afirmou Lowenthal (1972 citado em Erisman, 1983, p. 342):

New forms of dependency reinforce old colonial habits. Political, economic and cultural constraints are intimately interlinked – commercial ties lead to strategic accommodations, cultural dependency stems from overseas economic dominance. Submission to external cultural criteria is the inevitable concomitant of West Indian political and economic dependence.

Essa é, portanto, a condição real dessas nações caribenhas, que não obstante seu passado colonial conflituoso, perpetuam uma conexão disparadamente desvantajosa com os países líderes.

Erisman (1983) de maneira a contextualizar essas adversidades, apresentou as teorias *Trickle Down*, *Commodization*, *Mass Seduction* e *Black Servility*, cujas análises são distintas, mas que apontam, sobretudo, para a mesma conclusão: a de que o influxo massivo de mercadorias estrangeiras, de indivíduos e de ideias associado à indústria de viagens possui um impacto negativo que reforça o tradicional preconceito, conforme sugeriu Lowenthal (1972, pp. 248-249 citado em Erisman, 1983), de que a população nativa é inferior, e assim torna o arquipélago altamente vulnerável a uma nova forma de dominação externa.

A primeira das teorias, denominada *Trickle Down*, pontua que a criação de bolhas ambientais com o intuito de servir às hordas em férias e a captação de norte-americanos para administrá-las, produz uma considerável colônia ianque em praticamente toda a ilha caribenha. Enfatiza que o poderoso efeito de demonstração engendrado pela transformação da subcultura dominante local em dependente, contende que esta comunidade estrangeira, onde as normas americanas prevalecem, torna-se formadora de opinião para a elite das Índias Ocidentais, que entra em contato próximo e frequentemente lucrativo com esta (Matthews, 1978, p. 59 citado em Erisman, 1983, p. 350). O efeito resultante é que a aristocracia local, ao mesmo tempo dependente — por causa das suas orientações sociais que sofrem influência externa — e dominante — por representar a estação na vida aspirada pelos antilhanos que se encontram nos menores escalões de *status*-, permanece o grupo de referência primária para os outros cidadãos e toda a

situação culmina na difusão dos valores metropolitanos entre a população, conforme explicou o autor, embora haja grupos que resistam e adotem uma posição nacionalista.

A teoria denominada *Commodization* parte do princípio de que o negócio turístico caribenho é controlado por capitalistas norte-americanos desejosos em maximizar seus lucros, oferecendo um produto desejável a um maior número de consumidores possível, e em conter os seus custos ao mínimo. Reconhecendo que o etos capitalista permeia a indústria e que essa permeia o arquipélago, os teóricos concluem que o impacto do turismo de massa convoca as sociedades caribenhas ao quadro ideológico internacional do capitalismo norte-americano. Perez (1975 citado em Frisman, 1983), por sua vez, acrescentou que na medida em que as autoridades metropolitanas continuam a definir a história caribenha como atração turística, a tarefa de romper com o passado colonial continua por acontecer. Essa teoria é ainda mais aplicável aos microestados caribenhos como Antígua, Barbados ou Santa Lúcia, nos quais os enclaves turísticos tendem a envolver todo o país.

A teoria *Mass Seduction* é semelhante a *Trickle Down*, entretanto, rejeita a ideia de que as elites locais são necessárias como intermediárias, já que o efeito da indústria turística sobre a população geral opera na base de contatos diretos entre os anfitriões (nativos) e os convidados (turistas). Influenciados pelo contato com os visitantes, muitos autóctones passam a adotar o modelo americano nas suas vestimentas, na alimentação e até mesmo nos valores, que passam a se tornar espécies de guias para o seu próprio comportamento social. Nesse sentido, eles caem em estado de dependência cultural, são seduzidos, rejeitam a sua identidade nacional e o seu senso de dignidade cultural. A consequência é, portanto, alienação e isolamento, abandono de suas raízes e incapacidade de contribuir significativamente para a solução dos problemas socioeconômicos de seu país, ainda que estejam separados e não consigam penetrar de fato na sociedade metropolitana. Dessa forma, diferentemente do turista, que após o período de fantasia retorna à realidade, o nativo permanece em um limbo cultural, perseguindo ilusões que minimizam as chances de desenvolvimento independente.

A última teoria, *Black Servility*, que como a própria denominação indica se refere à questão de raça, assunto constante na experiência antilhana, é claramente herdeira desse legado, percebendo a dependência cultural como a excrescência das relações raciais inerentes aos

negócios turísticos caribenhos. Duas situações óbvias estão presentes na análise dessa teoria: primeiro a de que o turismo é uma indústria constituída por serviços, que pressiona aqueles envolvidos a adotarem comportamentos acolhedores e obsequiosos perante os consumidores; e segundo a de que praticamente todos os turistas são brancos, enquanto que os nativos que atendem às suas necessidades, nomeadamente em funções mal-remuneradas e desprestigiadas, são em sua maioria negros. E os norte-americanos são, por vezes, racialmente preconceituosos, particularmente quando pagam por serviço e deferência. Essa teoria insiste que o turismo de massa gradualmente impregna os antilhanos com as normas da metrópole e com os valores que se referem às relações raciais. Dessa forma, estes tornam-se culturalmente dependentes e as suas orientações sociais são dominadas pelo racismo que "supostamente" caracteriza os Estados Unidos (Erisman, 1983, p. 358).

Quando em uma nação os subsistemas económicos, políticos e culturais ficam à mercê do controle de uma metrópole estrangeira, significa que estão em posição de dependência, tornando-se um território colonial. O domínio cultural pode ser percebido quando as influências externas passam a prevalecer não somente nos sistemas político e económico, mas, sobretudo, nos "corações e mentes" da sociedade periférica. A exposição aos padrões metropolitanos afeta todos os níveis das sociedades caribenhos e, de maneira a atrair o capital estrangeiro, essas sociedades importam produtos para consumo próprio, como também para atender ao gosto dos expatriados. É aceito com naturalidade e é até mesmo desejável que o ritmo e o estilo de vida no território sejam dominados pelos eventos metropolitanos. Para Lowenthal (1972 citado em Erisman, 1983), o papel das classes médias caribenhos é crucial nesse processo. Com pronto acesso a produtos externos e acordos de crédito acessíveis, uma burguesia em expansão emula os hábitos de compra da elite local e de sociedades mais afluentes. O apetite jamaicano, por exemplo, para luxos estrangeiros pesa na balança comercial desfavorável, mas o governo hesita em restringir as importações, com a justificativa de que um público acostumado com esses gostos, não está disposto a abandoná-los. Já em Trinidad, as expectativas dos consumidores influenciados pela mídia externa, ameaçam pressionar ainda mais os recursos internos (Huggins, 1969).

Diante do cenário de dependência externa e da existência de elites internas, que são ao mesmo tempo submissas à hegemonia exterior e dominantes do ponto de vista local, a maioria dos habitantes comuns se encontra em uma condição inferior, reclamando o seu direito à voz e à participação efetiva no setor, visto que se presume que as ilhas turísticas aceitem o fato de que são financeiramente dependentes dessa atividade, como pontuou Coram (1993, p. 160), ao se referir a

Antígua como uma das ilhas mais célebres do Caribe do ponto de vista turístico. A visão do ex-embaixador de Antígua, Lionel Hurst, entretanto, contradiz a desse autor, ao comparar o período atual com o da escravidão:

Mind you, most people in Antigua earn their living chopping sugarcane. You understand? Right so to move from chopping sugarcane to working in a hotel is a step up. So, if I am a farmer, and all my life I cut sugarcane, and my son now works at a hotel, even if he is a waiter at a hotel, it is a superior job to cutting sugarcane. He's going to earn more, he's going to be exposed from people from outside of Antigua. And he's going to work in a nicer environment because hotels are pretty places. And he's also going to learn new skills, and, he will earn more money. Pretty soon, the Antiguan learn how hotels work, and they begin pooling their resources and building hotels themselves.⁶¹

O interesse dos Estados Unidos pelas ilhas caribenhas é motivado por questões económicas e políticas, e novas dimensões continuam a surgir. A intervenção e o controle do capitalismo norte-americano no setor turístico caribenho são representados nomeadamente por empresários, cujo propósito é maximizar os lucros ao proporcionar um produto desejável ao maior número de consumidores possível, reduzindo os custos desse processo ao mínimo.

Em Antígua, a atividade turística proporcionou sua abertura para a economia mundial, fazendo com que a ilha seja considerada referência para o turismo em todo o mundo. Após a experiência de um longo processo colonial, que repercute negativamente em termos económicos e socioculturais, a ilha vivencia outra forma de dominação. Apesar dos benefícios em termos de desenvolvimento, coexistem os problemas da exploração sexual, do tráfico de pessoas, além da violência racial e de género que integram o quotidiano das comunidades marginalizadas.⁶² A subalternidade feminina e a continuação do patriarcado são fatores que coexistem nas sociedades pós-coloniais. A diáspora tornou-se uma característica comum a essas sociedades, afetando principalmente a vida das mulheres.⁶³

É comum aos diversos contextos em que são abordadas as condições em que o turismo se desenvolve no Caribe, ser citada a necessidade de desenvolvimento sustentável planejado, essencial para o futuro da atividade. O bem-estar favorecido pelo turismo é vantajoso particularmente para uma pequena porcentagem da população, a exemplo das elites locais, que além de obterem

⁶¹ Entrevista realizada com Lionel Hurst em Antígua, em novembro de 2013, que consta no Apêndice 4, na página 294, questão 3.

⁶² A exploração sexual sobressai-se no contexto das adversidades sociais femininas e o Caribe faz parte de um panorama crítico devido ao tráfico de pessoas, o qual ocasiona o policiamento e a vigilância mais abrangentes de mulheres migrantes.

⁶³ Diversas ideologias que retratam a mobilidade feminina ignoram o impacto que têm o colonialismo e o patriarcado como principais fatores do sistema de exploração ao qual as mulheres são submetidas, definindo-as como vítimas de crueldade ou como indivíduos que contaminam a sociedade.

maiores rendimentos com o seu progresso, beneficiam-se através de favoritismo na participação em investimentos externos.

Em termos de sustentabilidade, os elementos que mais necessitam de mudança e investimento são os recursos humanos, pois as suas fraquezas representam as de todos os departamentos. Para que o setor apresente crescimento de maneira independente do domínio externo e favoreça as sociedades, é fundamental o surgimento de parcerias, de cooperação e de colaboração entre os principais elementos componentes da indústria, como as comunidades locais, os setores público e privado. As comunidades deveriam ser o principal foco do desenvolvimento turístico para a garantia da sustentabilidade. O turismo deveria oferecer uma abordagem mais sustentável através da criação de oportunidades de trabalho mais estáveis, da concessão de perspectivas para as pessoas desenvolverem habilidades e capacidades, suporte e atribuição de poder ao progresso comunitário. Tal circunstância, contudo, é aparentemente ilusória diante da situação em que se configura o Caribe enquanto região caracterizada por uma condição altamente dependente da economia externa, fruto de uma herança colonial enraizada na sua estrutura. À luz de contextos sociais, inúmeras pesquisas aportam essa condição do turismo caribenho: "um legado do governo colonial em muitos estados atualmente independentes, que aponta um alto nível de vulnerabilidade à geração de mudanças económicas e tecnológicas externamente" (Abernethy, 2000, p. 15 citado em Jaakson, 2004, p. 173).

Em um mundo em que o turismo é uma indústria globalizada, dominada por ex-potências coloniais, pode o subalterno ter voz? Pode a teoria pós-colonial falar pelo subalterno sem perpetuar a outridade? Em seu artigo *Theorizing Other discourses of tourism, gender and culture: Can the subaltern speak (in tourism)?*, Aitchison (2001) chamou a atenção para o fato de que os autores pós-coloniais, a exemplo de Said (1978), ao enfocarem a dominação hegemônica das populações colonizadas, enfatizaram uma série de estatísticas que, entretanto, para Bhabha (1983), oferecem pouco espaço para a agência por parte dos "colonizados". O ensaio *Can the Subaltern Speak?*, de Spivak (1988), por sua vez, alerta contra a tentativa pós-colonial de "descobrir" (grifo da autora) a voz subalterna que tem sido proferida em silêncio através das forças hegemônicas do capitalismo patriarcal, caso se considere, por exemplo, que o silêncio das mulheres colonizadas- dada a natureza taciturna dessas vozes- é distinto daquele dos homens na mesma condição. É imprescindível, portanto, que não se fale pelo subalterno, mas que sejam criados mecanismos para que ele se articule e seja compreendido, tornando visível o seu posicionamento.

1.2.3 Neocolonialismo vs. experiência turística em *A Small Place*, 1988

Independence for each island is really nothing more than a flag, an anthem, a diplomatic corps that gets rich and ever more pretentious, poverty, exploitation of the land by British and American interests, and governments so fatuous that they believe that true independence is the ability to bar the occasional white reporter who says something the ruling class does not like.
(Coombs, 1970, p. 32)

Os exageros da literatura servem para expressar verdades profundas e inquietantes que só dessa forma poderiam vir à luz.
(Esteves, 1997, p. 67)

A Small Place, obra publicada em 1988, por Jamaica Kincaid, retrata as adversidades decorrentes da colonização em Antígua, refletindo a hostilidade da autora em relação à ilha. Diferentemente de suas outras narrativas, nas quais a figura feminina aparece como símbolo cultural, *A Small Place* estrategicamente ataca o universo masculino da política, dos negócios e da vida pública, embora os seus romances, direta ou indiretamente, examinem a voz feminina como um meio de empoderamento pessoal, cultural e social, em contextos coloniais e pós-coloniais.

A maioria das suas obras é autobiográfica, sendo característica marcante os relatos de sua infância em Antígua e os conflitos na convivência em família. Os efeitos da escravidão e da colonização britânica no Caribe são temas centrais em suas produções, nas quais a autora reflete sobre a influência na relação entre mãe e filha na formação de uma identidade feminina, em uma sociedade dominada pelo sexo masculino. Algumas de suas obras exploram a relação conflituosa com a própria mãe, bem como o desenvolvimento da sua identidade à luz das expectativas culturais. Simbolicamente, Kincaid procurou estabelecer uma ligação entre essa relação e a condição de nação colonial de Antígua, ao comparar o domínio europeu à desarmonia entre mãe e filha.

A Small Place é uma obra em prosa, não-fictícia, escrita no regresso de J. Kincaid a Antígua, após uma longa permanência nos Estados Unidos. De acordo com Smith e Cliff (2006, p.102), a distância geográfica entre Kincaid e a sua mãe não conseguiu romper absolutamente os vínculos psicológicos entre mestre e escravo, visto que no momento em que Kincaid retornou à sua terra natal, os desejos reprimidos que animavam a sua existência emergiram. Para Davies (1994), a re-negociação de identidades é fundamental em circunstâncias de migração e para as escritoras negras em contextos interculturais, e é a convergência de múltiplos lugares e culturas que re-negocia os termos das experiências das mulheres negras, que por sua vez negociam e re-negociam as suas identidades.

A simbologia representativa do conflito colonizador-colonizado e metrópole-colônia é um tema recorrente nas obras de Kincaid e é o principal eixo em torno do qual a pluralidade de pontos de vista apresentados se fixa, sendo exemplo perfeito de como a postura anticolonial se caracteriza acima de tudo por um posicionamento crítico verdadeiramente atemporal.

Seus argumentos são direcionados para um nativo da ilha, um turista norte-americano, britânico ou outro visitante qualquer. As adversidades expostas são justificadas pela herança colonial britânica, a exemplo do modelo linguístico e cultural, dos fatores sociais ocasionados por uma educação de origem britânica, dos choques raciais e entre os gêneros, elementos que, mesmo após alguns anos de independência política, são traduzidos através da “crise de identidade” atribuída aos povos colonizados que não superaram a rejeição à cultura do colonizador, que se incorporou à sua.

Uma leitura atenta revela as múltiplas definições de “turistas” e “brancos”, vocábulos usados com frequência pela autora para situar o leitor sobre as suas perspectivas. A escritora empregou um discurso na segunda pessoa do singular para posicionar os leitores acerca do seu ponto de vista. Estrategicamente, demonstrou as implicações advindas do turismo, afirmando o desconhecimento dos turistas em relação a essas consequências ou de seus próprios papéis nos sistemas de poder:

You disembark from your plane. You go through customs. Since you are a tourist, a North American or European- to be frank, white- and not an Antiguan black returning to Antigua from Europe or North America with cardboard boxes of much needed cheap clothes and food for relatives, you move through customs swiftly, you move through customs with ease. Your bags are not searched. You emerge from customs into the hot, clean air: immediately you feel cleansed, immediately you feel blessed (which is to say special); you feel free (Kincaid, 1988, pp. 4-5).

Ao servir-se de um discurso metaficcional, *A Small Place* desconstruiu mitos coloniais, pós-coloniais e neocoloniais, desse modo interrogando a perspectiva dos turistas e desemaranhando a sucessiva construção colonial de um lugar legitimado apenas por seus visitantes (McLeod, 2008). Jamaica Kincaid descreveu tanto a experiência que um típico turista —branco, de classe-média, europeu, norte-americano ou canadense — teria em Antígua quanto o que esse indivíduo ignora em relação à ilha, pelo fato de possuir uma vida “comum” em seu país e viajar motivado pelo cotidiano fastidioso⁶⁴.

⁶⁴ Os turistas enquanto consumidores depositam expectativas pessoais em cada experiência turística e, na maior parte das vezes, intencionam partir para um destino que lhes proporcione prazer, segurança e que de alguma maneira lhes rememore a sua própria cultura. Se a maioria dos turistas

Ironicamente, determinadas obras de Jamaica Kincaid abordam acontecimentos controversos aos que a autora comumente enfatiza na sua produção literária em geral. Em *My Garden* (1999), por exemplo, ela descreve uma viagem da protagonista à China, enfatizando o seu consumismo capitalista num país comunista, sem explorar o tema político. Nessa obra, ela torna-se a turista, um acontecimento paradoxo às críticas enfatizadas em *A Small Place*. Em *My Garden*, a personagem não é apenas uma turista: não é uma boa turista, pois critica a infraestrutura, os hábitos chineses e todos as questões que denominou como um pequeno colapso nervoso de si.

As adversidades mais comuns na interação entre os nativos negros e os turistas e até mesmo entre os primeiros e os residentes brancos são os conflitos racistas, além da própria natureza do turismo, baseada, sobretudo, em serviços, e associada à ideia de subserviência e xenofobia, principalmente entre os que trabalham diretamente no setor, ou seja, grande parte da população da ilha:

An ugly thing, that is what you are when you become a tourist, an ugly, empty thing, a stupid thing, a piece of rubbish pausing here and there to gaze at this and taste that, and it will never occur to you that the people who inhabit the place in which you have just paused cannot stand you, that behind their closed doors they laugh at your strangeness (you do not look the way they look); the physical sight of you does not please them; you have bad manners (it is their custom to eat their food with their hands; you try eating their way, you look silly; you try eating the way you always eat, you look silly); they do not like the way you speak (you have an accent); they collapse helpless from laughter, mimicking they way they imagine you must look as you carry out some everyday bodily function. They do not like you. *They do not like me!* That thought never actually occurs to you (Kincaid, 1988, p. 17).

Assim como a perspectiva eurocêntrica objetificou o colonizado, para a autora o visitante é feito objeto de escárnio pelos nativos. Ao expor uma argumentação audaz, seu propósito foi reagir às ações dos antigos colonizadores. Em outras palavras, J. Kincaid rompeu a passividade dos que foram silenciados. Relativamente à linguagem articulada e adversa dirigida aos turistas, o discurso é motivado não pelo simples fato de serem brancos, mas de como eles se tornam turistas em Antígua. Visitantes que simplesmente vivem as suas experiências turísticas sem desejarem contato algum com a "hostilidade" dos negros nativos:

In their quest to get away from it all for a week in the winter, White Americans want any experiences with black hostility, which they feel they already know from their own country". So groups of tourists can be typically loud and offensive while expecting deferential servility from their 'hosts' (Frederick, 2003, citado em Richardson, 1992, p.127).

que frequenta o Caribe é norte-americana, muitos dos produtos que são consumidos no *trade* são de origem norte-americana, a exemplo de gêneros alimentícios, redes hoteleiras e companhias de transporte aéreo. Esse é um dos fatores que justifica o domínio de empresas estrangeiras sobre os elementos que compõem o setor.

A obra revela a passividade da população diante das formas de opressão frente ao controle económico exercido por corporações estrangeiras, que têm o governo local como cúmplices, o que induz à conclusão de que a alienação da população com relação à sua própria história é autodestrutiva, pois não a permite estabelecer conexões entre a obsessão com o passado de escravidão e a exploração económica da atualidade, baseada, sobretudo, na indústria do turismo (Edwards, 2007, p. 92). A corrupção governamental é um subproduto da colonização britânica.

Quando questionada acerca de sua opinião com relação à obra, a escritora Joanne Hillhouse, apesar de ter concordado em alguns pontos, esclareceu que o ponto de vista individual não corresponde exatamente à percepção da maioria dos indivíduos que fazem parte daquela realidade:

That's why I say when a book is true in terms of perception, but part of that trueness in terms of perception is the narrator's perception which is not necessarily 100 percent the reality of the people of that particular time, even when the book came out, so there were certain things that felt true at heart in terms of the conflict, the tension between the tourists and the people and attitudes, some of, some things were true in an emotional sense, but they're not literally true [...] because I'm not familiar with that at all and I'm not romanticising. We grew up poor, but I went from a sippy cup, to a spoon to a fork. I never ate with my hands ever, and I'm not saying that it didn't happen before my time. I don't know. It maybe happened in somebody else's time. I don't know. It's all a matter of perspective and so, there are some emotional truths in a book you can't deny. I don't remember the details of the book, I don't remember reading the book. I read it a long time ago, I don't remember reading the book and feeling, 'Well, this is a bold ~~face~~ lie', but I don't remember reading it and feeling this is absolute truth either it just felt like. Well this is one person's perspective on Antigua, and some of it feels true and some of it doesn't feel true.⁶⁵

Frederick (2003 citado em Richardson, 1992, p.2) apontou sua dificuldade em lecionar temáticas inerentes a *A Small Place* para alunos que são potenciais turistas em Antígua: "What kinds of productive pedagogical strategies can result from teaching *A Small Place* to students at a U.S. university, students who are likely to be 'tourists'?" Argumentou ainda que a narrativa oferece aos alunos uma estratégia diferenciada de leitura, interpretação e compreensão de si como indivíduos e estudiosos. A linguagem utilizada seduz os leitores, principalmente os norte-americanos, por ser também um discurso sobre o turismo. Os estudantes são suscetíveis a não analisarem criticamente a obra e, portanto, ignorarem a crítica da autora no que se refere ao colonialismo britânico, ao governo neocolonial, ao desconhecimento e ao equívoco dos nativos quanto ao seu passado e presente, e às interrelações entre todos esses fatores.

⁶⁵ Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013, que conta no Apêndice 2, nas páginas 281-282, questão 17.

Para Young (1995), o seu valor como material de leitura em seminários se encontra no fato de que por ser muito provocativo *A Small Place* invariavelmente inspira os estudantes a debaterem, encorajando-lhes a compreenderem as especificidades de um sítio pequeno no contexto de uma economia mundial historicamente construída. Também insta os alunos a refletirem sobre os seus papéis enquanto participantes da economia política internacional contemporânea e, ademais, a obra pode ser utilizada para introduzir discussões atuais significativas acerca da natureza da produção de conhecimento e de suposições de objetividade acadêmica.

Nesse sentido, proporciona o pensamento crítico acerca da realidade não apenas sob o ponto de vista de uma análise que denuncia a opressão sofrida no período colonial, mas é também uma forma de explicá-la. Trata-se de fazer compreender o sentido real que está por vezes oculto no discurso autobiográfico e descritivo de J. Kincaid acerca de suas impressões nos seus primeiros anos em Antígua, palavras por vezes consideradas amargas ou impetuosas, na opinião de alguns críticos literários. A expectativa foi induzir os leitores norte-americanos a serem conhecedores e testemunhas de uma afrodescendente, de cultura caribenha, naturalizada americana e profundamente transtornada diante de suas percepções:

I think there are things in *A Small Place*, I think in general, this is such a difficult question. *A Small Place*, even when it was written, was felt true and yet exaggerated a little bit like it's true in terms of the narrator's perception and attitude of Antigua at that time. But even then, when she wrote it, she hadn't lived in Antigua for a long time, so when people say 'Oh, Antiguan don't...'. There was somebody who said that they went to a conference and the person said that Antiguan don't eat with fork. And if they got that from a small place, when was that true that we didn't, I mean that's never been true in my lifetime that we didn't have utensils to eat with. I don't remember the particular detail but... That was never part of my experience, but if someone, for me if someone takes that literally, then it's not true of the Antigua that I knew.⁶⁶

O documentário *Life and Debt* (2001), de Stephanie Black, baseado em *A Small Place*, reproduz essa realidade ao traçar uma comparação entre a exploração econômica e social a que está sujeita a sociedade caribenha, dependente do FMI, desde a sua criação, e do Banco Mundial, corporações que, segundo seus representantes, propunham que a globalização deveria funcionar em benefício da população e que, portanto, sugeriam, através do oferecimento de capital financeiro, uma alternativa para financiar os interesses comerciais da ilha, em troca de acordos de livre-comércio. Os acontecimentos, entretanto, registavam o contrário. Os empréstimos eram efetuados a pagamentos em curto prazo e as altas taxas de juros ocasionavam a desvalorização da moeda nacional e o aumento da importação sobre a exportação, acarretando a perda dos produtos e a falência aos produtores locais. Essa situação ainda é bastante atual e pode ser confirmada através

⁶⁶Entrevista realizada com Joanne Hillhouse em Antígua, em novembro de 2013, presente no Apêndice 2, nas páginas 281-282, questão 17.

dos acordos de cooperação internacional que prometem melhorar as condições da sociedade e dos acordos comerciais como a ALCA, o CAFTA e os APE que têm o propósito de eliminar tarifas e barreiras comerciais e ampliar as oportunidades regionais, mas que na realidade aumentam as importações de produtos, reduzem as exportações e geram cada vez mais impostos.

Apesar da crítica incisiva que Jamaica Kincaid, através de *A Small Place*, direciona ao sistema de exploração econômica e social existente em Antígua, advindo da atividade turística, como consequência principalmente do processo colonial subversivo que eliminou as chances de sobrevivência em meio a um mercado mundial controlado por potências hegemônicas, os acontecimentos relatados são frutos de uma realidade notável tanto nas ações e nos acordos firmados entre os países soberanos, quanto no governo e nas corporações privadas que têm no turismo uma imensurável fonte de lucros⁶⁷. Uma parte da dificuldade de Jamaica Kincaid é a inabilidade em identificar uma verdadeira pátria-mãe, uma cultura separada daquela dos colonizadores e dos turistas: a escravidão e o colonialismo, portanto, não deslocaram ou suprimiram uma sociedade indígena; elas criaram Antígua (Byerman, 1995).

A autora intencionalmente destacou a inconsciência de turistas, principalmente norte-americanos e europeus, a um fato visível, porém ignorado por grande parte desses grupos. Há ainda a demonstração proposital da alienação dos nativos de Antígua pelo fato de serem obcecados pelo passado de escravidão (Lewis, 1971), visto que esse sistema foi abolido em datas diferentes entre os anos de 1834 e 1886, porém a sua lembrança ainda permanece no pensamento dos caribenhos. Em *A Small Place*, a experiência do escritor na diáspora contribui para a desconstrução de estereótipos sobre o colonizado enquanto sujeito exótico e sobre o colonizador como sujeito pacífico.

⁶⁷ No quesito investimento na melhoria dos serviços, as ações governamentais foram mais restritas. Primeiramente, o governo manteve um hotel-escola que foi amplamente financiado pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. Tal instituição desenvolve, principalmente, habilidades voltadas para o serviço de alimentação, sem oferecer treinamento a grandes *chefs* ou gerentes. Uma das consequências é que os cargos mais altos do setor hoteleiro tendem sempre a ser ocupados por estrangeiros. Em segundo plano, a promoção mais direta da indústria tornou-se responsabilidade de um conselho de Turismo. Essa instituição, entretanto, foi pouco entusiasta se comparada às instituições ligadas às atividades anteriores ao turismo, ou seja, a industrialização e o cultivo do açúcar, respectivamente, o *Industrial Development Board* e o *Land Settlement and Development Board*. Por consequência, o Conselho de Turismo teve suas atividades restritas à publicidade e à recolha de dados estatísticos (Henry, 1985, p. 125).

Conclusão

A significância desse capítulo em relação ao tema dessa investigação é fundamentada pelas interseções que apresenta sobre dois eixos discursivos, o Turismo e a Literatura Pós-Colonial, relevantes ao desenvolvimento dos debates em torno dos Estudos Culturais e Comparatistas, mas que ainda carece de crescimento sistemático e intensivo. A maneira como um espaço é caracterizado em um contexto literário é um fator a se ponderar na construção da imagem do mesmo, na proporção que a memória assume pertinência no método de sua configuração em produto turístico.

Através da literatura, o destino turístico se transforma em um elemento cuja valorização depende do imaginário do escritor, das memórias por ele evocadas, das descrições a ele atribuídas, transversalmente às vivências e às emoções oriundas das experiências vividas pelo escritor nesse espaço. No caso de *A Small Place*, a propósito de utilização de seu enredo para o exame da perspectiva neocolonial em Antígua, que tem no turismo o seu principal precedente, o arcabouço estratégico provocativo construído pela autora alinha-se ao panorama dramático em contexto político, económico e social, afetos a outras ilhas caribenhas turísticas e às demais pequenas nações em nível mundial que, vítimas do sistema colonial, experimentam através do turismo uma espécie de controle estrangeiro ainda mais pernicioso.

Parte II – Pós-colonialismo e construção da identidade no Caribe

2.1 Panorama da literatura pós-colonial caribenha

2.1.1 Sobre o colonialismo e a teoria pós-colonial

(...) how can the black subject posit a full and sufficient self in a language in which blackness is a sign of absence? Can writing, with the very difference it makes and marks, mask the blackness of the black face that addresses the text of Western letters, in a voice that speaks English through an idiom which contains the irreducible element of cultural difference that will always separate the white voice from the black? Black people, we know, have not been liberated from racism by our writings. We accepted a false premise by assuming that racism would be destroyed once white racists became convinced that we were human, too.
(Jr., 1992, p. 65)

The question emerging is how to tag the label 'post' onto a state which is not yet fully present and linking it to something which has not fully disappeared. But in many ways, this paradoxical in-between-ness is precisely what characterizes the postcolonial world that is neither post, nor past.
(Nagy-Zekmi & Zabus, 2010, p. xiii)

À medida que a *Commonwealth Literature* ou *New Writing in English* passou a ser considerada pelos países hegemônicos de língua inglesa, investigadores descobriram a riqueza e a diversidade de poemas, romances e peças escritas por autores do espaço anglófono, excetuando a produção britânica e a norte-americana, compreendo, portanto, uma vasta zona geográfica que inclui a África, a Austrália, o Bangladesh, o Canadá, a Índia, a Malásia, a Nova Zelândia, o Paquistão, a Singapura, as Ilhas do Pacífico Sul e o Sri Lanka. Enquanto se reconhece que todos esses países possuem características regionais específicas e distintas, a crítica literária pós-colonial tende a dar enfoque às suas experiências comuns, quando todas emergiram a partir da prática colonial e afirmaram-se em tensão com o poder imperial.

O colonialismo definiu-se através de uma relação essencialmente conflituosa, fundamentada na desigualdade estrutural entre os colonizadores e os colonizados, centrada na visão da subalternidade étnica e cultural dos últimos, em detrimento da "missão civilizadora" dos primeiros, que desejavam intencional e absolutamente garantir o domínio em âmbito político, económico e espiritual.

As mais árduas características do colonialismo em todo o mundo são peculiares à região caribenha, a exemplo da aniquilação da população nativa, da pirataria entre as potências europeias e das atrocidades relacionadas ao tráfico de escravos. A população atual das Índias Ocidentais consiste em uma variedade de grupos raciais migrantes, ainda sujeitos às pressões dos seus antigos proprietários europeus e, mais recentemente, dos Estados Unidos.

Os colonizadores baseavam-se em justificativas de superioridade, possuindo técnicas avançadas de variada ordem, e os poderes material e intelectual que criaram resultaram em divisões sociais díspares: cidadãos/camponeses, proletariado/burguesia, elites/ massas, facções cujas distinções são essenciais para a análise do contexto global, visto que a colonização teve significados e consequências diversas para cada grupo, ocasionando entre os mesmos conflitos latentes, que colocavam em causa as relações entre colonizadores e colonizados e entre as culturas apoiadas por cada uma dessas vertentes. Como enfatizou Césaire (1955)⁶⁸, toda a colonização se traduz em um adiamento mais ou menos longo da morte da civilização da sociedade colonizada:

I am talking about millions of men in whom fear has been cunningly instilled, who have been taught to have an inferiority complex, to tremble, kneel, despair, and behave like flunkies. I am talking about natural *economies* that have been disrupted- harmonious and viable *economies* adapted to the indigenous population- about food crops destroyed, malnutrition permanently introduced, agricultural development oriented solely toward the benefit of the metropolitan countries; about the looting of products, the looting of raw materials (Césaire, 1950 citado em Pinkham, 1972, p. 43).

A publicação de trabalhos de mérito, fundamentados em contraposições sobre a condição do colonizador e do colonizado, a exemplo de *Próspero e Caliban* (1956), de Octave Mannoni, *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), de Frantz Fanon e *Retrato do Colonizado* (1957), de Albert Memmi, arrematou a primeira investigação abrangente sobre a psicologia da colonização e os seus efeitos e posicionamentos antagônicos entre o colonizador e o colonizado. Em seus modelos, o ato de escrever em contextos pós-coloniais esteve sujeito ao controle político, imaginativo e social envolvido na relação entre o colonizador e o colonizado (Nagy-Zekmi, 2007).

Said (1978), ao propor o seu modelo orientalista, refletiu sobre a maneira pela qual o Ocidente avalia o Oriente, inferindo-lhe características negativas, denominando-o *Outro*.⁶⁹ Para o autor, o Ocidente, ao representar o poder colonial, imbuí-se de um controle que produz esse *Outro*, o que torna, portanto, a consciência sobre o Oriente baseada no conhecimento do *Outro* concebido

⁶⁸ Em *Discours sur le colonialisme* (1950), obra sobre o colonialismo, o seu impacto sobre o colonizado, sobre a cultura, a história, sobre o conceito de civilização em si, e, mais importante, sobre o colonizador. É, indiscutivelmente, um dos textos-chaves da literatura anticolonial produzida durante o período pós-guerra, como argumentou Robin Kelley - trabalhos que incluem *Color and Democracy* (1945) e *The World and Africa* (1947), de W.E.B. Du Bois, *Black Skin, White Masks* (1952), de Frantz Fanon, *Pan- Africanism or Communism? The Coming Struggle for Africa* (1956), de George Padmore, *The Colonizer and the Colonized* (1957), de Albert Memmi, *White Man Listen* (1957), de Richard Wright, o ensaio *Black Orpheus* (1948), de Jean-Paul Sartre e jornais como o *Présence Africaine* e o *African Revolution*.

⁶⁹ Ao passo que Said afirmou que o Oriente é uma criação do Ocidente, Frantz Fanon propusera outra face desse argumento, ao declarar que a Europa foi uma criação do Terceiro Mundo, já que a sua riqueza material fora originada a partir das colônias. Said ratificou a percepção de Fanon ao discutir a "geografia moral" em *Mansfield Park*, de Jane Austen, onde a escritora "sublinha as agonias da existência caribenha para uma mera meia dúzia de passagens em referência a Antígua" (Said, 1993, p. 59), quando a realidade, entretanto, foi que o trabalho escravo nas plantações de Antígua, de propriedade do Sr. Tomas, produziu a riqueza que sustentava *Mansfield Park*, o ideal de ordem e civilização na Inglaterra, cuja beleza foi acentuada em diversas passagens ao longo do romance (Nagy-Zekmi, 2007, p. 3). Embora a crítica a Said tenha sido antecipada por outros, foi inovadora em evocar às ideias de Foucault e às conexões entre a produção de conhecimento e a práxis do poder.

pelo Ocidente, através de uma representação reciclável, que na avaliação da autora Spivak (1990, p. 3) significa que a representação do *Outro* se torna a justificativa e a base para uma próxima.⁷⁰

O discurso colonial e a teoria pós-colonial são considerados resultados do processo de produção de conhecimento sobre esse *Outro*. Como tais, essas vertentes produzem saberes que, todavia, permanecem vulneráveis, visto que as teorias e os conceitos apropriam os seus objetos de conhecimento sem, no entanto, apontarem alternativas de compreensão e respeito ao *Outro*.

O debate sobre a pureza de conceitos e as formas de percepção também ocorre em outras instâncias. Ao longo de anos, feministas têm questionado se fatores como a lógica e a racionalidade deveriam ser considerados atributos “masculinos”, no sentido de serem produzidos por homens, servirem às necessidades masculinas, operando de maneira benéfica a eles, ou se seriam elementos também aplicáveis ao feminino. Some-se a esse o fato de que uma série de escritores pós-coloniais questionou tanto a história quanto uma construção essencialmente ocidental e a relevância de teorias ocidentais “importadas”, como o Marxismo e o feminismo, por exemplo, em um contexto não-ocidental.

Ao serem teorizadas a natureza da subjetividade colonizada e da resistência cultural e política, um número de questões se manifesta, a exemplo da cultura nacional e nacionalista em relação à libertação política, a natureza do impacto cultural do colonialismo nas mentes dos colonizados e vice-versa, o viés essencialista e antiessencialista da identidade cultural. Essas questões em si geram apreensões como as bases de classe e gênero da subjetivização colonial. Outra série de questões diz respeito à natureza da análise histórica do colonizado, às implicações políticas e epistemológicas de intelectuais que tenham se tornado transparentes e/ ou tenham alegado ser capazes de representar a subjetividade do *Outro* colonizado. Nesse sentido, como sugeriu Thiong’o (1981 citado em Williams & Chrisman, 1994), as abstrações em torno do sujeito colonizado podem vir a ser as teorizações do pequeno-burguês ou das classes intelectuais do colonizado, que se tornam idênticas à colonialidade em si, o que significa que muitas das produções são voltadas à análise da identidade cultural da classe do intelectual colonizado e líder nacionalista, teorizando a sua relação com os indivíduos que ele aspira representar. Conforme acrescentou Gayatri Spivak, a consciência da relação de implicação inevitável do intelectual na

⁷⁰ Em seu discurso sobre a alteridade, Spivak propôs que a outridade é construída através do discurso imperial de poder. Seguindo o pensamento de Lacan, distinguiu entre o *Outro* e o *outro*, sugerindo que ambos foram criados juntos, numa relação recíproca. Em *The Post-Colonial Critic* (1990), a autora declarou que a Europa se consolidou como sujeito soberano ao denominar suas colônias *Others*, ao mesmo tempo que as constituiu com propósitos de administração e expansão de mercados em quase imagens programadas daquela auto soberania (Spivak, 1990).

política do conhecimento, a produção institucionalizada e os processos de produção económica, devem informar o projeto teórico desse intelectual.

Ao considerarmos pertinente a abordagem em torno da semântica do termo *pós-colonialismo*, por trazer em si significados contraditórios, a começar pelo fato de que não possui a mesma conotação em todo o mundo e também porque o próprio colonialismo aconteceu de formas distintas⁷¹ e, por conseguinte, há nações que apenas recentemente adquiriram independência política, expomos a seguir a concepção de McClintock (1995), a fim de demonstrar os desvios infundidos ao seu teor.

O termo carrega em si o sentido de ser cronologicamente subsequente à era colonial em sua relação com essa e em face dela, embora ainda estejamos sob essa esfera de influência, no sentido de que se o colonialismo mantém uma relação internacional de poder económico e político desigual, portanto, não há dúvidas de que esse processo não foi completamente superado. O termo marcou a história com uma série de estágios de um período que perpassou o "pré-colonial", deslocou-se para o "colonial" e então para o "pós-colonial" - um espontâneo, ainda que negado, compromisso com o tempo linear⁷² e a noção de desenvolvimento. Como uma tendência teórica primeiramente denominada literatura de "Terceiro Mundo", progredindo para "literatura de protesto", movendo-se para "literatura de resistência" para, por fim, "literatura nacional", que provoca críticas por ensaiar os princípios do *Enlightenment* no que se refere ao progresso sequencial, linear, sendo, por conseguinte, questionável pela mesma razão.

Se a teoria pós-colonial desafiou a grande marcha do historicismo ocidental e induziu o surgimento de uma série de binários- auto/ outro, metrópole/ colônia, centro/ periferia, o termo pós-colonialismo reorientou o mundo mais uma vez em torno de uma única oposição binária: colonial/ pós-colonial. Além disso, a teoria é assim deslocada do eixo binário de poder-colonizador/colonizado - para o eixo binário de tempo, ainda menos produtivo, dado não fazer distinção entre os beneficiários do colonialismo- os ex-colonizadores- e as vítimas do colonialismo- os ex-colonizados. Para a autora, o imperialismo emergiu como um projeto contraditório e ambíguo, moldado tanto pelas tensões no âmbito da política metropolitana e pelos conflitos internos das

⁷¹ Como exemplificou McClintock (1994, p. 256), a Argentina, formalmente dependente da Espanha há mais de um século e meio, não é "pós-colonial" da mesma maneira que Hong Kong, que adquiriu independência do até então império britânico somente em 1997. As ambiguidades se encontram no fato de que os países que enfrentaram a colonização não compartilham de um passado ou mesma condição comum a que possamos nomear "condição pós-colonial". Muito menos comungam, atualmente, das mesmas circunstâncias. Finalmente, diferentes formas de colonização originaram diferentes maneiras de descolonização.

⁷² O termo "pós-colonialismo", metaforicamente posicionado na fronteira entre o antigo e o novo, o fim e o começo, anunciou o fim de uma era mundial que evocou, entretanto, o mesmo tropo de progresso linear que animou aquele período. O termo, portanto, foi "assombrado" pela figura do desenvolvimento linear que se propôs a derrubar, ou seja, grande parte desses estudos fixou-se contra a ideia imperial de tempo linear.

administrações coloniais, quanto pelas culturas variadas e circunstâncias nas quais os colonos interviam e as respostas conflitantes e as resistências com as quais eles foram recebidos. Por essa razão, a autora diz-se não convencida de que os binários sancionados – colonizador/ colonizado, eu/ outro, domínio/ resistência, metrópole/ colônia, colonial/ pós-colonial – são adequados para a tarefa de contabilizar e são muito menos estrategicamente adversários aos legados tenazes do imperialismo. Elaborado historicamente a partir do maniqueísmo metafísico do próprio *Enlightenment* imperial, tais binarismos correm o risco de simplesmente inverterem, ao invés de derrubarem as noções dominantes de poder.

A era pós-colonial ocorreu em uma suspensão de transe da história, como se os eventos históricos definitivos houvessem precedido o nosso tempo e não estivessem agora em formação. Se a teoria sustenta um descentramento da história em hibridismo, em sincretismo e em tempo multidimensional, a singularidade do termo efetua um recentramento da história global em torno da única rubrica temporal europeia. O colonialismo, portanto, retorna no momento de seu desaparecimento.

O prefixo “pós-” restringe as culturas dos povos coloniais a um tempo preposicional. O termo⁷³ confere ao colonialismo o prestígio da própria história, enquanto este é o marcador determinante da história. Há culturas que compartilham apenas uma relação cronológica, preposicional a uma época eurocêntrica. Em outras palavras, as numerosas culturas mundiais são marcadas não positivamente pelo que as distingue, mas por uma relação subordinada, retrospectiva à circunstância de tempo linear europeu.⁷⁴

Ainda mais complexa é a rutura histórica sugerida pelo prefixo *pós-* ao desmentir tanto as continuidades e as discontinuidades de poder que moldaram os legados dos impérios coloniais formais europeu e britânico- além do islâmico, do japonês, do chinês e outros poderes imperiais. Ao mesmo tempo, as diferenças políticas entre as culturas são subordinadas a uma distância temporal do colonialismo europeu. O pós-colonialismo, entretanto, assim como o pós-modernismo, é

⁷³ O fato de que uma das áreas emergentes mais importantes da investigação intelectual e política é melhor servida através da inscrição histórica enquanto questão central, conforme acrescentou a autora, não convence. Assim como a categoria singular *Woman* tem sido descreditada como um falso universal para o feminismo, incapaz de distinguir entre as circunstâncias variadas e os pontos de desequilíbrio entre contextos femininos distintos, a categoria singular “pós-colonialismo” pode rapidamente incitar a uma tendência em visualizar o cenário global através de abstrações genéricas vazias de nuances políticas. Categorias anuladas historicamente, tais como *the other*, *the signifier*, *the signified*, *the subject*, *the phallus*, *the post-colonial*, ao terem influência acadêmica e comercialização profissional, correm o risco de encurtar distinções geopolíticas cruciais.

⁷⁴ O termo também sinaliza uma relutância em entregar o privilégio de considerar o vocábulo em termos de uma abstração única e a-histórica. Nesse sentido, impressiona a forma como raramente o termo é usado para denotar multiplicidade. Ver a seguinte proliferação em inglês: *the postcolonial condition*, *the postcolonial scene*, *the postcolonial intellectual*, *the emerging disciplinary space of postcolonialism*, *post-coloniality*, *the postcolonial situation*, *postcolonial space*, *the practice of postcoloniality*, *postcolonial discourse*, além do que é considerado pela autora mais fatigante e genérico: *the postcolonial Other*.

desenvolvido de maneira desigual pelo globo. A crítica questiona se a maioria dos países pode, em qualquer sentido rigoroso, significativa ou teoricamente, compartilhar um passado comum único, ou uma condição comum única, denominada condição pós-colonial ou pós-colonialidade?⁷⁵

Orientar a teoria em torno do eixo temporal colonial/ pós-colonial torna mais fácil não enxergar e assim mais difícil de teorizar as continuidades dos desequilíbrios internacionais em relação ao poder imperial. Conforme exposto anteriormente, desde 1940, o imperialismo-sem-colônias dos Estados Unidos tem tomado uma série de formas distintas (militar, política, económica e cultural), algumas ocultas, outras meio-ocultas. O poder do capital financeiro dos Estados Unidos e de enormes corporações multinacionais para comandar os fluxos de capital, de pesquisa, de bens consumíveis e de informação da mídia em torno do mundo pode exercer um domínio impetuoso quanto qualquer canhoneira colonial. É precisamente a maior sutileza, a inovação e a variedade dessas formas de imperialismo que fazem a rutura histórica implícita pelo termo 'pós-colonial' especialmente injustificável. Tal termo é prematuramente celebratório e ofuscante. Enquanto os países podem ser pós-coloniais em respeito a seus outrora mestres europeus, podem não o ser em respeito aos seus novos vizinhos colonizadores. No entanto, o neocolonialismo não é simplesmente uma repetição do colonialismo, nem é uma mais complexa fusão do colonialismo em algo novo, um híbrido histórico. Termos mais complexos e análises de tempos alternativos, de histórias e de causalidades são necessários para lidar com as complexidades que não podem ser servidas sob a única rubrica do pós-colonialismo.

O termo torna-se especialmente instável em relação às mulheres. Em um espaço global em que dois terços da força de trabalho são compostos por mulheres, no qual este grupo detém apenas 10% da renda e possui menos de 1% da propriedade mundial, a promessa de "pós-colonialismo" tem sido uma história de esperanças adiadas. É notório que a burguesia nacional inserida no progresso pós-colonial e na modernização industrial tem sido esmagadora e violentamente masculina. Nenhum estado pós-colonial concedeu às mulheres e aos homens igual acesso aos direitos e aos recursos do estado nacional. Não apenas são as aspirações das nações pós-coloniais largamente identificadas com conflitos masculinos, aspirações masculinas e interesses masculinos, mas a própria representação do poder nacional descansou sobre as construções anteriores do poder de género. A militarização global da masculinidade e a feminização da pobreza

⁷⁵ McClintock (1995) ressaltou que as suas apreensões não são relativas à substância teórica da teoria pós-colonial. Pelo contrário, seu questionamento baseia-se na orientação da disciplina emergente e as suas teorias concomitantes e mudanças curriculares em torno de um termo singular e monolítico, usado a-historicamente e intimidado pela imagem de progresso linear do século XIX.

asseguraram que as mulheres e os homens não vivem a pós-colonialidade da mesma maneira, nem compartilham a mesma condição pós-colonial singular. A culpa pela contínua condição feminina não deve, portanto, ser considerada irrelevante para o debate pós-colonial ou ser posta em notas de rodapé e ser considerada apenas um dilema neocolonial passageiro. O peso contínuo do autointeresse económico masculino e as indisposições variadas do Cristianismo patriarcal, do fundamentalismo islâmico, a persistente desvantagem educacional feminina, a sua dupla jornada de trabalho doméstico e a violência sexual, as histórias das políticas masculinas, enquanto profundamente assentadas no contexto colonial, não são reduzíveis ao colonialismo e não podem ser compreendidos sem teorias discursivas distintas relacionadas ao poder de género.

Por volta do início da década de 90, aconteceu uma transição nos estudos pós-coloniais, com a introdução de conceitos como o hibridismo, a mestiçagem e a heterogeneidade, não negligenciando, obviamente, a influência de críticos da geração passada, como Fanon e Memmi, na articulação de ideias sobre a pós-colonialidade (Nagy-Zekmi, 2007). O mérito do trabalho de Fanon sustenta-se na forma pela qual ele pressupôs as preocupações teóricas vigentes, tais como a formação do sujeito⁷⁶, a alteridade e a política de identidade, em acréscimo aos paradigmas psicanalíticos e linguísticos dos estudos literários e culturais. De maneira a consolidar a herança de Fanon na escrita pós-colonial corrente, faz-se necessária uma contextualização a partir de suas propostas anticoloniais e de seu ponto de vista sobre a descolonização. As ideias de Fanon permitiram o surgimento de uma nova fase que enfatizou noções de hibridismo e de heterogeneidade, de zonas de contato e de terceiros espaços, ao invés do modelo binário de centro/ periferia que repete as representações da iniquidade do sistema colonial.

A literatura pós-colonial, apesar de seus fenômenos culturais híbridos- por envolverem um relacionamento dialético entre a ontologia e epistemologia europeia, com o propósito de criar ou recriar uma identidade local independente- constitui uma produção que, em última análise, não é totalmente acessível ao leitor europeu ou norte-americano, pois os escritores pós-coloniais introduzem uma "estranheza intraduzível" nos seus trabalhos, enfatizando as suas situações limítrofes, posicionadas tanto dentro quanto fora das tradições ocidentais (Boehmer, 2005, pp. 242-243, tradução nossa). Assim, é relevante atentarmos para a circunstância, frequentemente ignorada pela teoria pós-colonial, da dificuldade que encontram os leitores que estão fora desse

⁷⁶ Como pontuaram Ashcroft *et al.* (1998, p. 100), o nacionalismo para Fanon baseava-se na consciência de que as sociedades pré-coloniais nunca foram simples ou homogêneas, mas enquadravam formações de classe e género socialmente prejudiciais que necessitavam de reforma por uma força radical.

contexto, em traduzirem as suas especificidades culturais, conforme afirmou Nagy-Zekmi (2007, p. 245): “[...] cultures in relationship will in some measure always experience difficulty in completely understanding one another”.

Ao citar Ahmad (1992), Boehmer (2005, p. 246) acrescentou que os críticos pós-estruturalistas e/ou pós-coloniais tendem a tratar a literatura de países do sul como um campo de conhecimento coerente, definido por questões como o nacionalismo ou a luta anticolonial. Essa é uma tendência reforçada, já que a crítica oriunda de universidades ocidentais ou da metrópole colonial mantém certa distância do mundo colonizado. Isso resulta, de acordo com a autora, em uma situação em que as abordagens pós-coloniais ocidentais reproduzem uma geografia discursiva desigual que remonta à época colonial.

Do ponto de vista da questão de identidade, para muitos autores, o advento do colonialismo europeu caracterizou-se pela tentativa de extermínio da cultura nativa, pela condenação e aniquilamento de sua linguagem, comportamento e conhecimentos, fatores que ocasionaram, portanto, uma etapa de aculturação, alienação e estranhamento. Mesmo com a tentativa de construir uma literatura nacional, definidora de uma identidade, os escritores caribenhos se dizem cientes das questões trazidas pela pós-modernidade, de esforço em dar ordem à realidade vivida.⁷⁷ A noção de história fragmentada que caracteriza as literaturas pós-modernas mostra a dimensão do quanto os saberes impostos pelo ocidente jamais deveriam ter sido tomados como verdades absolutas, fator que permite confirmar o seu papel de obliterador de identidades. Por outro lado, é necessário termos em conta que já não é fundamental acusarmos incisivamente a cassação das palavras dos dominados pelos discursos dominantes e apontarmos a urgência em reescrevê-las, pois já não mais existem absolutos.

O discurso pós-colonial, ainda que apresente questionamentos em torno da dicotomia colonizador/colonizado, não elimina a insistência de visões hierarquizantes, resultantes do processo de dominação colonial. Quando são abordados pontos relacionados aos estudos pós-coloniais, entram em questão fatores entrepostos no sistema imperial ocidental, quais sejam a transmissão do poder do homem branco através do controle das mulheres colonizadas (a conquista de seu

⁷⁷ Ao reforçarmos a necessidade de afirmação de suas próprias identidades, não queremos dizer que esses escritores até então não possuíam tradições literárias próprias, todavia enfatizamos que a atenção dispensada a tais grupos é recente. Autores como Gayatri Spivak, Ben Okri, Kwame Anthony Appiah, dentre outros, salientaram que as tradições religiosas, morais e intelectuais indígenas, por exemplo, não foram totalmente permeadas pelo colonialismo como as autoridades poderiam ter desejado. Dessa forma, a invasão na cultura de um povo nunca foi total (Boehmer, 2005, pp. 245-246), significando que a ação do elemento humano anterior à invasão europeia não deve ser desprezada.

poder sexual e de força de trabalho), a emergência de uma nova ordem global de conhecimento cultural e o comando imperial do capital.

A literatura pós-colonial é enquadrada pelos autores numa perspectiva crítica que pressupõe a existência de dois eixos, o centro e a margem, e um ato de resistência por parte do indivíduo que se encontra em condição desfavorável. Dessa forma, esse domínio de conhecimento alterna-se entre os extremos da descolonização cultural.

Em *Discourse on Colonialism* (1950), da mesma forma que em outros discursos literários radicais produzidos durante essa época, Césaire abordou a questão colonial de forma a demonstrar como o colonialismo opera para “descivilizar” o colonizador, através da tortura, da violência, do ódio racial e da imoralidade, elementos constituintes de um peso morto sobre o chamado “civilizado”, induzindo essa classe cada vez mais ao abismo da barbárie. Os instrumentos do poder colonial contavam com a crueldade e a intimidação, resultando na degradação do próprio espaço europeu, que também se tornou dependente.

Em *Os Condenados da Terra* (1961), ao levantar consideráveis questões políticas a respeito do projeto da descolonização, Fanon forneceu uma genealogia para a globalização que abordava as complexidades da descolonização. Centrara o seu discurso em dois quesitos: contra o colonialismo na Argélia e nos países do Sul e contra o capitalismo no período pós-independência. Sua luta em libertar a Argélia da dominação colonial foi concomitante ao seu compromisso em libertar os países do Sul da hegemonia europeia. Ele sustentava, entretanto, que mesmo após a descolonização, os países do Sul se encontrariam sujeitos a um neocolonialismo insidioso. Em sua visão, a descolonização genuína não poderia ser auferida sem a implementação de uma política que garantisse sua independência ideológica. O fim do domínio colonial direto não necessariamente significaria o fim do colonialismo. No período pós-colonial, a descolonização necessitaria de uma revolução cultural e política que garantisse a independência econômica do Ocidente.

Ao antecipar a famosa proposição de Fanon de que “a Europa é literalmente a criação do Terceiro Mundo”, Césaire (1967, p. 102) revelara que o sentido de superioridade dos colonizadores, bem como o propósito de missão enquanto civilizadores do mundo, dependia de transformar o *Outro* em bárbaro. Os africanos, os indianos e os asiáticos não possuem civilização ou cultura igual a dos imperialistas, ao passo que os últimos não possuem finalidade ou justificativa para a exploração e a dominação do resto do mundo. O encontro colonial requereu uma reinvenção do colonizado, a destruição deliberada do passado – o que Césaire denominara *thingification*

(coisificação). A obra, portanto, apresenta o discurso de Aimé Césaire acerca dos estragos materiais e espirituais criados pelo colonialismo, bem como configura-se uma crítica ao discurso colonial. Antecipando a explosão dos denominados “estudos pós-coloniais”, a crítica de Césaire a figuras como Dominique O. Mannoni, Roger Caillois, Ernest Renan, Yves Florenne e Jules Romains, dentre outros, revelou como a circulação da ideologia colonial – uma ideologia de hierarquia racial e cultural – foi tão essencial para o domínio colonial. Aimé Césaire, Senghor, Léon Damas e outros faziam parte de um círculo intelectual centrado em torno de um jornal denominado *L’Etudiant noir*. Em março de 1985, Césaire publicou um trato veemente contra a assimilação, no qual pela primeira vez cunhou o termo “Negritude”.⁷⁸ Absorver a cultura que publicamente rejeitava possuía um custo psíquico e emocional que exacerbava um regime já desgastante.

Césaire se propôs a provar que a missão colonial de “civilizar” o primitivo era apenas uma ilusão. O colonialismo ocasionara a destruição massiva de sociedades inteiras- sociedades que não apenas funcionavam em um alto nível de sofisticação e complexidade, mas que podiam oferecer ao Ocidente lições valiosas sobre o modo pelo qual podemos refazer o mundo moderno. O momento pós-colonial, portanto, é árduo, visto que ainda que o aparato oficial tenha sido removido, as ligações política, económica e cultural estabelecidas pela dominação colonial ainda permanecem, embora com algumas alterações. A dominação colonial requereu todo um modo de pensar, um discurso no qual algo considerado avançado, bom e civilizado é definido e medido em termos europeus. Tanto Fanon como Césaire alertaram ao mundo negro não seguir os rastros da Europa nem regressar ao modelo antigo, mas esculpir uma nova direção.

⁷⁸ Ironicamente, naquele momento em que sua peça apareceu, ele trabalhava arduamente assimilando a língua francesa e as humanidades europeias, em preparação para os exames da *Ecole Normale Supérieure*. Juntando-se a René Ménil, Lucie Théseé, Aristide Maugée, Georges Gratiant, Suzanne Césaire e outros, Aimé Césaire lançou uma revista denominada *Tropiques*, evento que coincidiu com a queda da França ao regime fascista de Vichy que, consequentemente, pôs as colônias de Martinica, Guadalupe e Guiana sob a regra Vichy. No momento em que milhares de marinheiros franceses chegaram à ilha de Martinica, o racismo foi flagrante e direto. Como crítico literário, A. James Arnold observou que a insensibilidade desse regime militar também tornava difícil aos martinicanos ignorarem o fato que eram uma colônia como outra qualquer, uma conclusão relativamente mascarada pela política oficial de assimilação. Essas condições contribuíram para radicalizar Césaire e os seus comparsas, preparando-os para uma postura mais anticolonialista no final da guerra (Arnold, 1999, pp. 12-13). A revista foi interdita sob a justificativa de ser “uma revisão revolucionária racial e sectária”. Os editores foram acusados de envenenar o espírito da sociedade, de semear o ódio e de arruinar a moral do país, para o qual foi escrita uma resposta polêmica e brilhante (vide página 14 da obra).

De maneira que a revista sobrevivesse, eles precisaram camuflar a coragem, tornando-a uma revista folclórica das Índias Ocidentais. Apesar das repressões, *Tropiques* sobreviveu à guerra como uma das mais relevantes e radicais publicações surrealistas do mundo. Entre 1941 a 1945, período de existência da revista, os ensaios e poemas publicados revelaram a evolução de uma postura anticolonial sofisticada, bem como uma visão de um futuro pós-colonial. Os autores possuíam uma perspectiva sobre a liberdade que se baseava no Modernismo e uma profunda apreciação por modos de pensamento e prática africanos pré-coloniais. Baseavam-se no Surrealismo como a estratégia da revolução da mente e no Marxismo como a revolução das forças produtivas. Foi um esforço para conquistar uma posição independente de todas essas forças, uma espécie de casamento da Negritude, do Marxismo e do Surrealismo (Arnold, 1999, pp. 9-10).

2.1.2 Cartografias étnico-raciais

The Negro is an animal, the Negro is bad, the Negro is mean, the Negro is ugly; look, a nigger, it's cold, the nigger is shivering, the nigger is shivering because he is cold, the little boy is trembling because he is afraid of the nigger, the nigger is shivering with cold, that cold that goes through your bones, the handsome little boy is trembling because he thinks that the nigger is quivering with rage, the little white boy throws himself into his mother's arms: Mama, the nigger's going to eat me up
(Fanon, 1967, p. 130)

Esse subcapítulo aborda questões étnico-raciais a partir, nomeadamente, das perspectivas teóricas apresentadas em *Understanding Everyday Racism* (Essed, 1991) e *The Fanon Reader*, de autoria de Fanon e editado por Haddour (2006), que reflete a interpretação sobre o panorama racial a partir da abordagem psicanalítica de Frantz Fanon, para quem o racismo não é um elemento descoberto por acaso no curso de investigação dos dados culturais de um grupo, mas para o qual a constelação social e o conjunto cultural são profundamente modificados pela sua existência, o que implica que um grupo social, um país e uma civilização não podem ser inconscientemente racistas. A relevância do problema racista na literatura contemporânea é significativa, ressaltando-se o fato de que a própria literatura, as artes plásticas, os hábitos e os padrões, mesmo que o ataquem ou vulgarizem, ainda assim o restauram, pelo que se pode avaliar, portanto, que o racismo intumesce e desfigura a face da cultura que o pratica.

Os problemas raciais sempre foram lugar-comum, sob contextos variados, nas diversas sociedades de todo o mundo. Os inúmeros acontecimentos, a exemplo de guerras, revoluções, colonizações, migrações, globalização, dentre outros, além da própria complexidade que sustentam, são também acompanhados de tensão por envolverem culturas e jogos de interesse distintos e diversos, além do fato de que nessas relações sociais inevitavelmente estão inclusos preconceitos de toda ordem, que não são únicos ou exclusivos ou apenas étnico-raciais, visto que também compreendem implicações económicas, políticas e culturais.

Nas ilhas caribenhas, o contato entre a elite branca, os afrodescendentes e os asiáticos que para lá migraram, construiu relações sociais complexas, moldando universos culturais ambíguos, de diferentes jogos de interesse, carregado de mitos, de ódio racial, de intolerâncias, de afastamento, de ruturas, de resistência e de restrições culturais. Assim, as diferenças construíram um intrincado cenário social em que cada população instituiu a própria forma de se relacionar dentro de sua cultura e fora dela, fazendo com que houvesse uma fusão inevitável das características culturais individuais por meio da coexistência de forças de dominação e resistência.

As questões raciais, que na maioria das vezes são agudas, estão presentes em qualquer nação onde se desenvolvem, porém não se resolvem. São mescladas diversidades e desigualdades, sejam de ordem religiosa ou linguística, por exemplo, mas que sempre envolvem alguma forma de racialização das relações sociais. Essas realidades sociais são vivenciadas através dos mais variados contextos como as migrações, os escravismos, as revoluções, os conflitos inesperados e até mesmo os convívios pacíficos.

É frequente o discurso de que o racismo é uma praga da humanidade e que se deve procurar incansavelmente por suas repercussões em todos os níveis de sociabilidade. Uma vez que reconhecemos que a opressão racial é inerente à natureza da ordem social, torna-se claro que o real drama racial não é o racismo, mas o fato de que ele constitui uma adversidade diária. Quando o racismo é propagado em práticas rotineiras que parecem normais, ao menos para o grupo dominante, significa que é frequentemente não reconhecido, muito menos problematizado, por esse grupo. Para expor o racismo em um sistema, faz-se necessário analisar os significados ambíguos, revelar as correntes ocultas e questionar o que parece normal ou aceitável (Essed, 1991, p. 10).

Ao articular um discurso para as questões da negritude, do colonialismo e do racismo, com base na psicanálise, Fanon distinguiu opressores e oprimidos, questionou a submissão dos últimos em relação aos primeiros e declarou que o homem de cor precisaria se libertar do seu próprio complexo de inferioridade, latente em atitudes racistas que multiplicam as ações de seus próprios opressores. Por outro lado, a concepção de o homem branco europeu se caracterizar como superior é ratificada por Fanon:

Há na Martinica duzentos brancos que se julgam superiores a trezentos mil elementos de cor. Na África do Sul, devem existir dois milhões de brancos para aproximadamente treze milhões de nativos, e nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superior a nenhum branco (Fanon, 2008, p. 90).

Para o autor, que explicou a questão da dominação do ponto de vista psíquico, a fantasia de uma suposta superioridade estaria associada à fobia dos brancos em relação aos negros, realçada pelo recalque sexual, fato que punha em evidência a consideração da sua própria imagem como racionalmente superior, justificando, portanto, as suas atitudes discriminatórias, que estrategicamente evocavam a desumanização do outro e a super-humanização de si. O seu propósito foi clarificar a consciência para o complexo de inferioridade e fazer com que a partir desse ponto os negros pudessem superar a sua condição colonial. Fanon, entretanto, revelou o quanto para os negros é árdua a construção de uma identidade descolonizada.

Fanon concluiu que os negros antilhanos sofriam de um tipo de desordem mental, uma neurose que resultava da violência do colonialismo e do racismo, da realidade política e econômica da região caribenha, bem como do mau tratamento dispensado ao sujeito colonial (Nagy-Zekmi, 2007, p. 2). A tradicional noção de inferioridade genética é perceptível no tecido do racismo (Duster, 1990), porém, o discurso da inferioridade negra é crescentemente reformulado enquanto deficiência cultural, inadequação social e subdesenvolvimento tecnológico (Rodney, 1982). A crescente influência do determinismo cultural ou a culturalização do racismo são inerentes ao clima ideológico de visualizações pluralistas da sociedade, que têm recebido relevância crescente nos Estados Unidos, desde a década de 60 (Steinberg, 1981). Esses argumentos sugerem que a diáspora negra, nos Estados Unidos, do período da escravidão em diante, passou a testemunhar a diminuição do racismo, mas também a avançar culturalmente e a ocultá-lo.

Dispondo de um discurso anticolonialista, Fanon avaliou que o racismo colonial não diferia dos outros racismos e censurou o procedimento do homem branco, ao qual o negro foi sistematicamente subordinado. A colonização, portanto, é compreendida como um fenômeno violento, na medida que quando o opressor penetra no espaço mínimo que seja do terreno colonial, ocasiona um atrito que impede o oprimido de permanecer nesse território, incontestavelmente. E qual o destino de um país independente em que a burguesia nacional, ao alcançar o poder, relega ao oprimido a permanência de sua condição subalterna, sob a qual o sujeito ainda se vê desprovido de capital intelectual e técnico?

Através da observação sociológica e de sua própria experiência, ao propositar compreender a condição opressiva que a sociedade branca europeia dispensou aos afrodescendentes estrangeiros, Fanon fundamentou-se no ímpeto racista dirigido ao imigrado colonial, na tentativa de desmistificar o complexo de superioridade do homem branco sobre o negro e o fator de dependência desse, a fim de que houvesse oportunidade para a eclosão de um contexto de originalidade, de identidade intrínseca e de força precípua do sujeito de origem africana e de seus descendentes.

O racismo se estende para além dos acontecimentos imperiais. Compõe uma proposição muito mais profunda, nomeadamente a tendência da civilização europeia não em homogeneizar, mas em exagerar e explorar diferenças subculturais e dialéticas regionais enquanto "étnicas" e "raciais" (Nederveen Pieterse, 1989; Robinson, 1983 citados em Essed, 1991). O racismo é historicamente específico, o que não significa que é uma característica "natural" e permanente da

história europeia. Ele é concebido e reproduzido a partir de um agrupamento complexo de condições. Ainda quando se baseia em remanescentes culturais e ideológicos de processos históricos prévios, os moldes específicos tomados pelo racismo são determinados pelas condições económicas, políticas, sociais e organizacionais da sociedade.⁷⁹

Diversas ocorrências desde a Segunda Guerra contribuíram para transformações na base ideológica do racismo e suas manifestações. As alterações no modo capitalista de produção ocasionaram a migração e o trabalho em larga escala dos países do Sul para os europeus e do sul para o norte da Europa. O período pós-guerra testemunhou os processos de descolonização e o aumento do nacionalismo por todo o mundo. O antigo modelo colonial de exploração racial e de opressão cultural, racionalizado a partir de teorias raciais pseudocientíficas, perdeu espaço. Nesse processo, os elementos culturais do racismo tornaram-se mais proeminentes. Ao mesmo tempo, modos de opressão étnica emergiram, alimentados por uma vigorosa identificação nacionalista com a herança cultural do grupo. Essas formas de opressão étnica direta constituem parte inerente ao modelo de pluralismo cultural.⁸⁰

O racismo continua a ser um fator determinadamente essencial para a questão negra. As suas formas de manifestação, entretanto, estiveram em fase de transição durante o período pós-guerra, abrangendo tanto os Estados Unidos como as relações raciais e étnicas europeias. Ao contrário dos Estados Unidos, o racismo na Europa é mais recente, é considerado racismo a partir do "país natal", em contraste com o racismo tradicional nas colônias, no alto período colonial (Solomos, Findlay, Jones & Gilroy, 1982 citados em Essed, 1991). Por mais de duas décadas após a Segunda Guerra, o antirracismo foi popular e as teorias raciais brutas foram desacreditadas. Com a crise económica da década de 70, entretanto, a diáspora negra na Europa começou a testemunhar um ressurgimento do racismo e de sua crescente brutalização—principalmente em países como França, Bélgica e Reino Unido. A situação deteriorou-se ainda mais rápido com a unificação da Europa e a violência contra os judeus, os trabalhadores vietnamitas e os estudantes africanos.

O racismo é definido em termos de cognições, ações e procedimentos que contribuem para o desenvolvimento e a perpetuação de um sistema no qual brancos dominam negros. A condição

⁷⁹ Além do mais, deve-se considerar o impacto de grupos de oposição. Na Europa, assim como nos Estados Unidos, sempre houve grupos que reivindicaram seus pontos de vista de oposição e justiça racial.

⁸⁰ O conceito de pluralismo foi introduzido por Furnivall (1948) como a descrição da sociedade colonial onde diferentes povos buscavam atingir os seus propósitos sem desenvolver, no entanto, o sentimento de lealdade para com toda a sociedade. Atualmente, a noção de pluralismo cultural é também frequentemente utilizada para descrever as sociedades europeia e norte-americana, enquanto constituídas por grupos que são culturalmente distintivos e separados. Pluralistas culturais acreditam na primazia da cultura e das tradições, enquanto determinantes da participação no grupo, e são positivamente comprometidos com a preservação desses elementos distintivos.

negra, no entanto, não pode ser explicada através do fator raça apenas. A dominação racial interage com forças dinâmicas de dominação de gênero e classe, portanto, não se pode negar que essas posições assumam relevância crucial nesse cenário. Enquanto muitos escritores demonstram uma afinidade particular em relação aos debates de raça e de classe, uma perspectiva de classe pura do racismo não é suficiente para sustentar as experiências distintamente raciais e específicas das mulheres negras (Omi & Winant, 1986; Solomos, 1989; West, 1987 citados em Essed, 1991), nem a experiência da opressão de gênero por meio da raça (Carby, 1982; Parmar, 1982 citados em Roberts, 1992). A necessidade de uma abordagem alternativa é também apoiada pela realidade vivenciada. As mulheres negras que possuem escolaridade de nível superior apresentam histórias sobre o racismo cotidiano predominantemente em termos de raça ou em termos de raça-gênero, mas não frequentemente em termos de classe. É relevante isolar conceitualmente o racismo de gênero da opressão de classe, entretanto a conceituação do racismo cotidiano não pode beneficiar-se dos fundamentos principais desenvolvidos numa perspectiva de dominação de classe.

Relativamente à condição feminina, no movimento abolicionista do século XIX e dos direitos civis da década de 60, as mulheres negras ganharam força e poder na luta por direitos feministas e direitos negros. Nos dois séculos, entretanto, essas mulheres se confrontaram com o racismo no movimento feminista e com o sexismo em sua relação com o homem negro. As suas críticas em relação a essas adversidades tiveram determinado impacto. O impacto simultâneo das categorias raça, gênero e opressão de classe conduz a formas de racismo que são únicas para as experiências das mulheres negras, mas, em suas manifestações, sobrepõe algumas formas de sexismo contra as mulheres brancas e o racismo experimentado por homens negros (Ramazanoglu, 1989; Smith & Stewart, 1983 citados em Essed, 1991).

Em um nível macrossocial, o racismo de gênero opera através de diversos mecanismos. As mulheres negras são marginalizadas, encontram-se em desvantagem cultural e são impedidas à ascensão na mobilidade social. Deparam-se com o paternalismo, são subestimadas, geralmente têm poucas oportunidades na carreira corporativa em relação aos homens e às mulheres brancas.

Devido ao fato de que a raça é um princípio ativamente estruturante, é relevante identificarmos como o racismo é projetado nas experiências das mulheres negras. Para compreendermos o impacto do racismo em seu cotidiano, precisamos ultrapassar os limites de questões profissionais, na tentativa de incluirmos as experiências raciais em todas as outras

esferas, as quais incluem experiências pessoais tanto como o racismo cotidiano, quanto as práticas racistas experimentadas na literatura ou na mídia. Ao mesmo tempo, deveria ser investigado como os processos de racismo que ocorrem em diferentes contextos sociais se relacionam.

Embora as mulheres negras possam elaborar individualmente estratégias para romper com relações ou situações opressivas particulares, e frequentemente se oporem ao racismo, como membros de um grupo oprimido elas permanecem bloqueadas nos poderes do sistema, a menos que seja desenvolvida contrapressão suficiente para bloquear tais domínios e para transformar a maquinaria do sistema que produz a desigualdade racial e étnica. Isso explica por que o racismo cotidiano não pode ser reduzido a incidentes ou a eventos específicos. O racismo cotidiano é o processo sistemático que opera através de múltiplas relações e situações. Uma vez que se compreenda que em uma sociedade racista os elementos raça e etnia podem atuar através de qualquer relação social, quando se reconhece as dimensões raciais ou étnicas em relacionamentos particulares, torna-se possível falar em racismo cotidiano como a ativação situacional de dimensões raciais ou étnicas nas relações particulares de uma forma que reforça e contribui para o surgimento de novas formas de desigualdade racial ou étnica.

Os indivíduos são envolvidos distintamente no processo do racismo cotidiano concomitantemente com circunstâncias de gênero, de classe, de *status* e de demais fatores que determinam o conteúdo e a estrutura de suas rotinas. O progresso do racismo cotidiano opera não apenas através da interação direta com os negros, mas também através do contato indireto.

Além de fatores que estruturam o impacto do racismo e da questão da responsabilidade, é ainda necessário estabelecermos uma distinção clara entre os beneficiários estruturais do racismo e os seus agentes reais em situações quotidianas, na medida em que o grupo dominante estruturalmente se beneficia do racismo. Esse argumento se aplica a todos os seus membros, quer concordem ou não. Obviamente, há interesses distintos em jogo em contextos de classe e de gênero. Não obstante, não devemos assumir que todos os brancos são agentes do racismo e todos os negros apenas as vítimas. Tal definição rígida ignora a psicologia de ser oprimido (Fanon, 1967; Meulenbelt, 1985 citados em Essed, 1996), bem como o papel dos negros que trabalham para o que Mullard (1986 citado em Essed, 1991) denomina de instituição de troca étnica e aqueles que podem estar envolvidos na formulação e na adoção de políticas racistas. Reciprocamente, é também relevante termos em conta os diversos membros do grupo dominante que incidental ou

frequentemente se opõem ao racismo, sejam em modestas ou em formas significativas (Mullard, 1984; Terry, 1975 citados em Essed, 1991). Membros do grupo dominante que tomam uma posição clara contra o racismo ou que de outra forma se identificam com a causa negra podem, sob certas circunstâncias, tornarem-se alvos substitutos do racismo.

Dados esses argumentos e tendo em mente que "raça" é uma construção ideológica com expressões estruturais (estruturas de poder racializadas ou "eticizadas"), o racismo deve ser compreendido como ideologia, estrutura e processo no qual desigualdades inerentes à estrutura social mais ampla são relacionadas de maneira determinista a fatores biológicos e culturais atribuídos àqueles que são considerados "raça" distinta ou grupo "étnico". "Raça" é denominada uma *construção ideológica* e não apenas uma construção social porque essa noção nunca existiu fora de um quadro de grupo de interesse. Como teoria pseudocientífica do século XIX, tanto quanto em pensamento "popular" contemporâneo, a noção de raça é inerentemente parte de um "modelo" de "raças" organizadas assimetricamente, nas quais os brancos possuem uma classificação mais elevada do que os "não-brancos". Além disso, é uma *estrutura* porque o domínio racial e étnico existe em e é reproduzido pelo sistema através da formulação e da aplicação de regras, de leis e de regulamentos, e através do acesso a e da alocação de recursos. Finalmente, o racismo é um *processo* porque estruturas e ideologias não existem fora das práticas quotidianas através das quais elas são criadas e confirmadas. Essas práticas tanto adaptam-se a e contribuem por si próprias para modificar as condições sociais, económicas e políticas em sociedade. Porque o papel da ideologia na estruturação do racismo em sociedade é poderoso, é válida a breve expansão relativamente ao significado do termo enquanto ideologia e a relação desta ao preconceito e ao discurso.

A estrutura do racismo quotidiano deve ser vista como um complexo de práticas operativas nas relações raciais e étnicas. As relações raciais são um processo presente em e ativado ao nível diário como também pré-estruturado de uma maneira que transcende o controle de sujeitos individuais. O racismo diário constitui a sua integração em situações quotidianas através de práticas (cognitivas e comportamentais) que ativam as relações de poder subjacentes. Esse processo deve ser visto como um *continuum* através do qual a integração do racismo em práticas diárias torna-se parte do esperado, do inquestionável e do que é apreendido como normal pelo grupo dominante. Quando noções racistas e ações infiltram o quotidiano e tornam-se parte da reprodução do sistema, este reproduz o racismo quotidiano.

Análogo ao cotidiano, o racismo cotidiano é heterogêneo em suas manifestações, mas ao mesmo tempo estruturado por forças em direção à uniformidade. O racismo cotidiano é um complexo de práticas operativas através de relações de classe e gênero heterogêneas, presentes em e produzindo relações raciais e étnicas. Tais relações são ativadas e reproduzidas como práticas. O racismo cotidiano é bloqueado nas dinâmicas subjacentes das relações e das forças da dominação racial e étnica e governado pelos poderes a que dão origem.

Ao estabelecer uma comparação entre racismo e cultura, Fanon (1967) afirmou ser o racismo um elemento cultural, na medida em que a cultura é a combinação de padrões de comportamento motores e mentais decorrentes do encontro do homem com a natureza e com os seus semelhantes. A criação do sistema colonial não provocou a morte da cultura nativa. As observações históricas revelam, ao contrário, que a finalidade é pautada mais em uma angústia contínua do que em um total desaparecimento da cultura preexistente. Essa cultura, uma vez viva e aberta para o futuro, torna-se fechada, fixada no *status* colonial, presa ao jugo da opressão. Tanto presente quanto mumificada, testemunha contra seus membros e os define sem apelação. A mumificação da cultura conduz a uma mumificação do pensamento individual. Para Fanon, a apatia tão universalmente notada entre povos coloniais é apenas a consequência lógica dessa operação. A censura da inércia constantemente direcionada "ao nativo" (grifo do autor) é completamente desonesta. Como se fosse impossível para um homem evoluir, exceto no quadro de uma cultura que o reconhece e que ele decide assumir (Fanon, 1967).⁸¹

Progressivamente, a evolução de técnicas de produção, a industrialização, mesmo que limitadas, dos países subjugados, a crescente e necessária existência de colaboradores, impõem uma nova atitude sobre aquele que ocupa a nação colonial. A complexidade dos meios de produção, a evolução de relações econômicas que inevitavelmente envolvem o avanço de ideologias, desequilibram o sistema. O racismo vulgar em seu molde biológico corresponde ao período de exploração bruta dos braços e das pernas humanas. O aperfeiçoamento dos meios de produção inevitavelmente provoca a camuflagem das estratégias através das quais o ser humano é explorado, nas quais se inserem, portanto, as faces do racismo.

Não é através da evolução das mentes humanas que o racismo perde a sua virulência. Nenhuma revolução interna pode explicar a necessidade do elemento racismo em buscar caminhos

⁸¹ Na visão de Fanon, elementos como a exploração, as torturas, o racismo, as liquidações coletivas e a opressão racial revezavam-se em diferentes níveis, de forma a fazer do nativo um objeto nas mãos da nação ocupante.

mais sutis para evoluir. No coração das “nações civilizadas” (ênfase do autor) os trabalhadores finalmente descobrem que a exploração do homem, na raiz de um sistema, assume particularidades distintas. Nessa fase, o racismo já não aparece sem disfarce, embora em inúmeras circunstâncias o racista encubra o seu racismo. Para Fanon (1967), ele, que afirmava “sentir” e “enxergar através” desses outros, encontra-se como alvo, olhado, julgado. O propósito do racista torna-se assombrado pela má consciência. Ele pode encontrar a salvação somente em um compromisso orientado à paixão, como é verificado em determinadas psicoses.

A opressão militar e económica geralmente precede, torna possível e legitima o racismo, na medida em que se configura a exploração de um grupo de homens que alcançou um alto grau de desenvolvimento técnico, por outro em condições contrárias. O opressor, através do carácter de sua autoridade inclusiva e assustadora, consegue impor ao nativo novas formas de enxergar e, em particular, um julgamento pejorativo com respeito a suas formas originais de existir. Esse advento, comumente designado “alienação”, é naturalmente muito relevante e é encontrado em textos oficiais sob a denominação de assimilação (Fanon, 1967, p. 25).

O oprimido tenta escapar do dialeto da culpa e da inferioridade, por um lado, proclamando sua total e incondicional adoção de modelos culturais novos e, por outro, pronuncia uma condenação irreversível de seu próprio estilo cultural. Tendo julgado, condenado, abandonado os seus padrões culturais, a sua língua, os seus hábitos alimentares, o seu comportamento sexual, a sua maneira de sentar, de descansar, de rir, de divertir-se, “o oprimido *arremessa-se* (grifo do autor) sobre a cultura imposta com o desespero de um homem que se afoga” (Fanon, 1967, p. 25, tradução nossa).

Desenvolvendo o seu conhecimento técnico em contato com máquinas cada vez mais perfeitas, entrando no circuito dinâmico da produção industrial, conhecendo homens de regiões remotas no quadro da concentração de capital, descobrindo a linha de montagem, o time, o tempo de produção, o oprimido fica chocado ao dar-se conta de que continua a ser o objeto do racismo e do desprezo. Não é possível escravizar os homens sem logicamente fazê-los inferiores por completo. E o racismo é apenas a explicação emocional, afetiva e algumas vezes intelectual, dessa inferiorização.

Para Fanon (1967), um país colonial é um país racista. Se na Inglaterra, na Bélgica ou na França, apesar dos princípios democráticos afirmados por essas respectivas nações, ainda há racistas, são esses racistas que, em sua oposição ao país como um todo, são logicamente

consistentes. Ao declarar que uma sociedade ou possui preconceito racial ou não, o autor afirmou que não há degraus de racismo e formas distintas de racismo direcionadas a cada grupo étnico, ou seja, o preconceito sobre os judeus não é diferente daquele sobre os negros. Não se pode afirmar que um dado país é racista, mas que “linchamentos ou campos de extermínio” não sejam por lá encontrados. Essas virtualidades e latências circulam, transportadas pela corrente de vida psico-afetiva, pelas relações econômicas, dentre outros.

Ao descobrir a futilidade de sua alienação, a sua privação progressiva, o indivíduo inferiorizado, após essa fase de aculturação retorna às suas posições originais. A cultura abandonada, descartada e rejeitada, portanto, torna-se para o inferiorizado um objeto de ligação entusiasta. Há um tipo de sobrevalorização marcada que é psicológica e intimamente relacionada ao desejo por perdão. Porque o inferiorizado descobre um estilo que uma vez foi desvalorizado, o que ele passa a fazer é cultivar a sua própria cultura. Tal caricatura da cultura existencial indicaria que a cultura deve ser vivenciada e não deve se fragmentada. Os oprimidos passam a entrar em êxtase a cada redescoberta e tendo antigamente se afastado de sua cultura, o nativo passa a explorá-la com ardor. É uma contínua lua-de-mel. Antigamente inferiorizado, ele passa a permanecer em estado de graça:

I resolved, since it was impossible for me to get away from an *inborn complex*, to assert myself as a BLACK MAN. Since the other hesitated to recognize me, there remained only one solution: to make myself known (Fanon, 1967, p. 115).

Ao ressaltar as diferenças entre os negros das Índias Ocidentais e os negros africanos, o autor argumentou que agrupar todos os negros sob a designação de “pessoas negras” é privá-los de qualquer possibilidade de expressão individual, conduzindo-os à obrigação de combinar a concepção que se possui sobre eles. No momento em que alguém profere “povo negro”, está sistematicamente assumindo que todos os negros dividem um princípio de comunhão. Entretanto, não há nada, *a priori*, que justifique o pressuposto de que características relacionadas especificamente ao povo negro existam. O que de fato existem são povos africanos e povos das Índias Ocidentais, de forma que não se pode enquadrá-los com a denominação exclusiva de “povos negros”, pois tal fato traz em si uma fonte de conflitos.⁸²

⁸² Ao abordar o caso da Martinica, Fanon (1967) argumentou que raramente se encontram posições raciais rígidas. O problema racial é encoberto pela discriminação de classe. As relações não são modificadas por acentuações epidérmicas. Apesar da muita ou pouca quantidade de melanina que a pele possa conter, há um acordo tácito que permite a todos reconhecerem o outro enquanto médicos, comerciantes, trabalhadores. Um trabalhador negro estará ao lado do trabalhador mulato contra um negro de classe média. Dessa forma, tem-se a prova de que as questões raciais são apenas uma superestrutura, um manto, uma emanção ideológica obscura ocultando uma realidade econômica. O autor vai mais além ao esclarecer que em Martinica quando se afirma que um indivíduo é muito negro, tal declaração é feita sem desprezo, sem ódio. E que é necessário o costume ao que é

Antes da Segunda Guerra Mundial, o sentimento dos caribenhos com relação aos africanos era de superioridade e de convicção de que havia uma diferença fundamental entre eles, visto que os caribenhos se consideravam europeus, ao passo que concebiam os africanos como negros. O autor reforçou que os caribenhos, não satisfeitos em se considerarem superiores aos africanos, os desprezavam e, enquanto os homens brancos poderia permitir-se algumas liberdades com os africanos, os caribenhos não podiam, visto que, entre brancos e africanos, a "diferença" estava explícita.

Como assegurou Fanon, esse posicionamento dos caribenhos era legitimado pela Europa. O caribenho não se considerava negro, mas caribenho, ou seja, quase um metropolitano. Com essa atitude, os homens brancos justificavam o desprezo dos caribenhos pelos africanos. O africano, de sua parte era, na África, o legítimo representante da raça negra.⁸³

Os caribenhos passavam por sua segunda experiência metafísica, em que assombrados pela impureza, oprimidos pelo pecado e crivados de culpa, estavam presos à tragédia de não serem brancos, nem negros. Conforme pontuou Fanon, na Martinica, antes de 1939, não havia de um lado o negro e do outro o branco, mas uma escala de cores, bastava um indivíduo possuir filhos de alguém menos negro. Por não haver barreira racial e discriminação, lá estava o espaço irônico característico da mentalidade martiniquenha. Na África, entretanto, a discriminação era real. O negro, o africano, o nativo, era rejeitado e desprezado, de tal maneira que a humanidade lhe era negada.

Até 1939, os caribenhos viviam, pensavam, compunham poemas e escreviam romances tal e qual um homem branco. Anteriormente a Aimé Césaire, a literatura oriunda das Índias Ocidentais possuía características de literatura europeia, já que o caribenho se identificava com o homem branco e adotava o seu comportamento. Após ser obrigado, sob a pressão dos europeus, a

denominado "espírito de Martinica", de maneira a se compreender o que é enunciado. A ironia é um elemento que a consciência assume. Nas Índias Ocidentais, a ironia é um mecanismo de defesa contra a neurose. Um caribenho, em particular um intelectual que já não se serve de ironia em demasia, descobre sua Negritude. Assim, enquanto na Europa a ironia protege contra a angústia existencial, em Martinica protege contra a consciência da Negritude (Fanon, 1967, p. 150). Podemos depreender que um estudo sobre a ironia nas Índias Ocidentais é crucial para a compreensão sociológica dessa região.

⁸³ Os africanos, para além de alguns raros indivíduos, eram menosprezados, desprezados, confinados ao labirinto da epiderme. As posições eram claras: de um lado, os africanos; de outro, os europeus e os caribenhos. O caribenho era um homem negro, mas o negro encontrava-se na África. Em 1939, nenhum caribenho proclamava-se Negro, afirmava-se Negro. Quando o fazia, era sempre em relação a um homem branco, pois era esse que o obrigava a afirmar sua cor e a defendê-la. Por fim, para o autor, nas Índias Ocidentais não havia manifestação espontânea de negritude. Após 1945, os caribenhos modificaram seus valores. Enquanto antes de 1939 eles voltavam os olhos para a Europa e o que lhes parecia digno era livrarem-se da própria cor, em 1945, eles reconhecem-se não apenas negro, mas Negro, e foi em direção à África distante que eles voltaram a atenção. Se nos anos anteriores, eles diziam aos europeus: "Don't pay attention to my black skin, it's the sun that has burned me, my soul is as white as yours", após 1945, mudaram o tom e declararam aos africanos: "Don't pay attention to my white skin, my soul is as black as yours, and that is what matters" (Fanon, 1967, p. 155). Os africanos, por sua vez, ao demonstraram ressentimento, rejeitaram o novo discurso caribenho: "The West Indian had said no to the white man; the African was saying no to the West Indian." (Fanon, 1967, p. 156).

abandonar posições que eram essencialmente frágeis, absurdas, incorretas e alienantes, uma nova geração surgiu. O caribenho de 1945 tornou-se Negro ao descobrir-se filho da escravatura e ao sentir a fundo a África: “[...] It thus seems that the West Indian, after the great white error, is now living in the great black mirage” (Fanon, 1967, p. 27).

2.1.3 Vozes da literatura pós-colonial caribenha

Creoles came into being as innovative, inventive vehicles not only for communication across language differences in a situation where formal education was denied slaves, but also as ways of communicating within an oppressed community
(Savory, 2012, p. 715)

A literatura caribenha em língua inglesa contribui significativamente para a afirmação da identidade, para a luta contra a opressão e a apropriação estrangeira⁸⁴. Crucial para a génese da literatura caribenha como um todo, a resistência à opressão sempre foi um elemento presente nessa sociedade e frequentemente expresso no poder da textualidade. Após a emancipação, várias formas de arte verbais manifestamente auxiliaram a luta contra a exploração e a opressão. O *calypso*, por exemplo, é originado de canções africanas satíricas e tornou-se relevante nessa perspectiva.

Wilfred Cartey, crítico visionário sobre a temática, reconheceu a importância da relação dos indivíduos com o espaço quando a questão é o desenvolvimento de determinada teoria literária. No caso dos escritores caribenhos anglófonos, o conceito de lugar torna-se complexo devido à difusão da experiência da migração e da identidade transcultural. São fatores que, portanto, tornam mais visível a habilidade desses escritores em alcançar um abrangente corpo literário em circulação, como afirmou Savory (1998), respondendo aos seus próprios pontos de vista em relação ao Caribe, a partir de qualquer lugar em que estejam e inclusive os reformulando em distintas áreas do mundo, apesar de uma história individual e coletiva, tanto na região quanto fora desta, tanto histórica quanto contemporânea, de intenso desenraizamento, separação e isolamento da tradição, do lar e de vozes do passado.

As temáticas mais comuns na literatura caribenha das Índias Ocidentais são a interação dos nativos com as paisagens, os rituais folclóricos, os movimentos das aldeias aos centros urbanos, as

⁸⁴ A tipologia pode ser definida como *Anglophone Caribbean literature* tanto como *West Indian literature*. As duas expressões são correntemente usadas, entretanto, a segunda é problemática, na medida em que designa um erro de Colombo ao conceber que descobrira “as Índias” ao direcionar-se para o oeste, sendo, portanto, um termo colonialista. O seu longo tempo de uso pelos caribenhos, entretanto, tornou-se factível. A primeira expressão é menos conflituosa do ponto de vista político, mas é de uso menos popular.

sociedades fragmentadas como resultado dos fatores raça e classe, o exílio, a procura por novos modelos políticos e a procura por si. A questão do exílio e da auto-fragmentação são temas especialmente notáveis através da geração de escritores caribenhos que proporcionaram à literatura anglófona uma presença significativa em âmbito literário e relacionado ao fato de que muitos caribenhos deixaram a região entre 1950 e 1960, intencionando melhores condições de subsistência, em uma época que a imigração em larga escala para a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Canadá era estimulada. Jovens autores compreendiam que garantir o sustento próprio como escritor poderia não suceder no Caribe, portanto, tentavam suas carreiras fora da região, tanto após concluir seus cursos universitários no exterior, quanto simplesmente após a decisão da emigração.⁸⁵

De acordo com Savory (2008, pp. 725-726), Gilkes (1981, p. 84) referiu-se à preocupação dos *West Indians* com a identidade, com uma divisão psicológica e cultural como o tema mais persistente na escrita desses autores. Na atualidade, entretanto, provavelmente veríamos esse fator mais como uma evidência de resistência cultural em um mundo cada vez mais cosmopolitano, do que somente como uma fonte de conflito, mesmo que seja o conflito que induza à criatividade como resposta. Jovens escritores caribenhos podem auto denominarem-se também britânicos, canadenses ou norte-americanos, pois no seu universo uma pluralidade de identidades e eus em coexistência é maioritariamente familiar e positiva. Existe uma cultura que não é especificamente africana, americana, caribenha ou britânica, mas todas essas ao mesmo tempo, uma cultura negra do Atlântico, cujos temas e técnicas transcendem a etnia e a nacionalidade para produzir algo novo e não marcado. A cultura afrodescendente pode, portanto, ser denominada *Black Atlantic* (Gilroy, 1993).

Pauline Melville (1990), utilizou a metáfora da figura folclórica do Metamorfo para expressar uma visão caribenha de identidade como não apenas plural, mas constantemente em fluxo, que

⁸⁵ Alguns escritores migraram para sítios distintos na própria região por um período significativo de suas vidas. Outros foram das aldeias para as cidades, onde a suas tradições e identidades são ameaçadas e fragmentadas. A migração para outros continentes é, entretanto, um dos maiores temas na literatura caribenha anglófona. A escritora Jean Rhys, por exemplo, partiu de Dominica, ainda na adolescência, em direção à Grã-Bretanha e regressou posteriormente como visitante. A sua produção literária problematiza uma espécie de alienação resultante de deixar o lar e não transferir o sentido de lar a qualquer outro espaço. Já o escritor Roger Mais, viveu a maior parte dos anos na Jamaica, mas mudou-se para Londres a fim de juntar-se à já crescente multidão de escritores, devido ao seu primeiro romance *The Hills Were Joyful Together* (1953) (Morris, 1986, p. 305). O escritor John Figueroa, por sua vez, retornou à Jamaica posteriormente à conclusão de seu primeiro grau acadêmico nos Estados Unidos e após um período em Londres. Já John Earne movimentou-se constantemente entre a região e a Grã-Bretanha, porém acomodou-se na Jamaica. Para a geração de escritores posterior, mais acessibilidade a viagens internacionais proporcionou-lhes a opção de continuar na região ou migrar ou ainda partir e regressar, a fim de repor conexões e memórias. Esses fatores impulsionaram a significativa presença de escritores no Canadá: Austin Clarke, Dionne Brand, Claire Harris, Nourbese Philip, Neil Bissoondath, Harold Sonny Ladoo, Cyril Dabydeen, Cyril Foster, dentre outros e na Grã-Bretanha: David Dabydeen, John Agard, Jan Shinebourne, Joan Riley, E. A. Markham, Grace Nicholls, Linton Kwesi Johnson. Outros escritores migraram para os Estados Unidos a fim de lecionar ou trabalhar, mas ainda mantêm fortes ligações com as suas ilhas de origem: Caryl Phillips, Fred D'Aguiar, Robert Antoni, Glenville Lovell, Merle Collins, Anthony Kelmann, Lorna Goodison, Patricia Powell, etc.

transmite tanto um intervalo de vozes caribenhas, quanto de vozes britânicas, provando que uma escuta aguçada para nuances de padrões de linguagem é particularmente útil para um escritor caribenho que experimenta uma variedade de opções linguísticas. Essa questão está evidentemente presente em *White Teeth* (1999), da escritora Zadie Smith, que teve uma recepção muito positiva entre os leitores na Grã-Bretanha. Trata-se de uma representação ficcional da complexidade urbana contemporânea étnica e racial, otimista e efervescente.

Como exemplo dessa geração de escritores, podemos citar George Lamming, Wilson Harris V. S. Naipul, Samuel Selvon, dentre outros⁸⁶. Coletivamente, esses autores contribuíram para o desenvolvimento da temática sobre o exílio, embora tenham também escrito sobre a região em si, as viagens, as migrações e as complexidades que envolvem a questão de identidade. Os jornais literários têm sido valorosos nas Índias Ocidentais, a exemplo do *Kyk-Over-Al*, em Guyana (a primeira série data de 1945), do *Focus*, na Jamaica (durante a década de 40) e o *The Beacon* (Trinidade, de 1931-33).

De acordo com Dalleo (2008), a história literária das Índias Ocidentais iniciou-se nos anos 30 com *The West Indian Novel* (1970), de Kenneth Ramchand. A agitação laboral da segunda metade dessa década, o lançamento do jornal *Beacon*, em Trinidad e Tobago e a publicação *Banana Bottom* (1933), de Claude McKay, foram os principais elementos que deram início a essa tipologia literária. Um dos escritores pós-coloniais caribenhos que contribuem para o enriquecimento do cânone e cujo trabalho iniciou-se quando a história e a tradição africanas foram apagadas da memória pública pelo colonialismo ou apoiadas como fontes ocultas da identidade cultural e da sobrevivência, tanto em seu país quanto em qualquer outro caribenho, é o poeta-historiador Kamau Brathwaite, nascido em Barbados, para o qual restaurar e revelar as diversas identidades da África no denominado Novo Mundo foi um dever.⁸⁷ Brathwaite influenciou a (re)

⁸⁶ Nota-se a singularidade do Caribe quanto à existência de diversos poetas intelectuais, como Aimé Césaire e Edouard Glissant, assim como Kamau Brathwaite, Martin Carter e Derek Walcott. Muitos são membros da *University of the West Indies*, incluindo Edward Baugh, Mervyn Morris e Mark McWatt. As suas poesias coexistem com as suas escritas acadêmicas e tais poetas têm estado à frente das lutas políticas tanto dentro como fora da região. Ademais, representam um conjunto de vozes contra o racismo, a disparidade econômica e os abusos políticos de poder. No campo linguístico, eles refletem o *continuum* entre a língua inglesa padrão e a crioula. A poesia é um gênero literário muito apreciado nas Índias Ocidentais, particularmente como oratória, e os poetas intercalam o uso do crioulo com o inglês padrão, dessa forma criando uma identificação mais próxima à oralidade. Há poetas que publicam escassamente, mas cujos trabalhos são de suma importância, a exemplo de Bruce St. John, de Barbados, que se tornou poeta após os cinquenta anos de idade e que foi incapacitado devido a uma enfermidade quando ainda compunha e apresentava. As antologias são recursos notáveis para a poesia, habilitando muitos poetas pouco conhecidos a conquistarem um público e os críticos a avaliarem uma sucessão vasta de estilos poéticos. Alguns temas centrais emergem das antologias, a exemplo das formas pelas quais a poesia oral e a escrita são frequentemente produzidas pelos mesmos poetas.

⁸⁷ Há muita influência desse escritor na redescoberta e na apreciação de legados africanos no Caribe pós-colonial. As suas produções culturais e literárias são interconectadas, havendo uma preocupação com os vários gêneros musicais da diáspora africana que vigorosamente influenciaram sua escrita. Seu ensaio *Jazz and the West Indian Novel* (1967) explora a natureza social, política e cultural do jazz e da música caribenha.

conceituação da região caribenha por mais de quatro décadas, sempre em diálogo com outros intelectuais, como Derek Walcott, George Lamming e Wilson Harris.

A tradição de romances das Índias Ocidentais começou nos anos 30, com *Banana Bottom* (1933), do jamaicano Claude McKay, com *Pitch Lake* (1934) e *Black Fauns* (1935), do escritor Alfred H. Mendes, de Trinidad, e com *Minty Alley* (1936), de C.L.R. James, também de Trinidad. Juntamente, Mendes e James editaram o jornal mensal *The Beacon*, altamente político quanto literário, como apontou Sander (1995). Todos esses romances exploram a pressão a vidas comuns, em uma região ainda colonial, demarcada por pobreza e racismo endêmicos. Foi, entretanto, um conjunto de textos entre 1950 e 1960, que realmente demarcou a qualidade literária do romance das Índias Ocidentais, a exemplo de *In the Castle of My Skin* (1953), de George Lamming, *The Lonely Londoners* (1956), de Samuel Selvon, *Palace of the Peacock* (1960), de Wilson Harris, *A House for Mr. Biswas* (1961), de V. S. Naipul e *Wide Sargasso Sea* (1966), de Jean Rhys. Esses literatos têm em comum, além de seus moldes próprios de escrita, uma escuta aguda para as cadências do discurso das Índias Ocidentais e uma consciência aguçada do contexto social e político que, apesar das variações de tempo e lugar, é desigual em conjunturas de poder e de riqueza material, reforçado por divisões de raça, classe e gênero. À semelhança de poetas e dramaturgos, os escritores de ficção têm em muito contribuído para a transcrição das línguas crioulas, proporcionando aos seus narradores e personagens vozes crioulas individuais⁸⁸.

O romance também contribuiu para a realização de diversas experiências na cultura caribenha. *Saw the House in Half* (1974), de Oliver Jackman, por exemplo, retrata a contribuição de Barbados, da Grã-Bretanha e da Nigéria para a consciência de um jovem da geração de Walcott e Brathwaite, nascido em Barbados, graduado em Cambridge e jornalista na Nigéria. A classe média tem sido menos frequentemente objeto de ficção desses romances, contrariamente à classe operária, embora Andrew Salkey, John Hearne e Marion Patrick Jones, dentre outros, tenham se preocupado com a experiência dessa classe, em particular. Em termos de identidade racial, embora muitos escritores reflitam a maioria da descendência africana- Lamming, Marshall, Brodber, Kincaid, Lorde, Michael Anthony, Andrew Salkey, Earl Lovelace, Vic Reid-, há um sólido grupo de escritores caribenhos de ficção liderado por Selvon e Naipul- tais como Ismith Khan, Lakshmi

⁸⁸ Ramchand (1983, pp. 91, 94) reconheceu que através do estabelecimento da educação popular, no século XIX, a língua inglesa padrão e a forma crioula mais simples começaram a interceptar-se. Diversos dentre os mais notáveis escritores das Índias Ocidentais tiveram que trabalhar em circunstâncias que constantemente os impediam de escutarem exclusivamente as vozes de suas culturas. Como exemplos, Selvon, Lamming, Rhys e Harris escreveram textos na Grã-Bretanha e Marshall, em Nova York, onde habitava uma comunidade originada de Barbados no amplo contexto citadino.

Persaud-, um pequeno grupo de crioulos brancos- Rhys, Allfrey, Scott- e uma série de escritores de ficção que determinadamente cruzam linhas raciais- Cliff, Zadie Smith, Phillips.

A maior parte da literatura de ficção das Índias Ocidentais é escrita e publicada fora da região. Nomes recentes da escrita ficcional de Barbados, como Gleville Lovell, Kwadwo Agymah Kamau, Cecil Foster e Anthony Kellman retrataram a ilha, embora todos esses autores vivam nos Estados Unidos ou no Canadá. Austin Clarke possui uma longa e distinta carreira como escritor no Canadá, desde *The Survivors of the Crossing* (1964). Romancistas guianenses como Wilson Harris, Roy Heath, Jan Shinebourne, Pauline Melville, David Dabydeen e Fred D' Aguiar vivem fora de Guyana. Garth St. Omer, de St. Lucia, como muitos outros escritores caribenhos, a exemplo de Michelle Cliff, Glenville Lovell e Jamaica Kincaid, vivem nos Estados Unidos. As autoras dos romances cujas obras analisamos adiante, à exceção de Joanne Hillhouse, que reside em Antígua, vivem nos Estados Unidos.

O livro de memórias, embora ainda raro, aparece no cânone da ficção das Índias Ocidentais, a exemplo de *Black Teacher* (1976), de Beryl Gilroy, *Drumblair* (1996), de Rachel Manley, *My Brother* (1997), de J. Kincaid e *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama* (2008), de Monica Matthew. Esses são relativamente distintos da autobiografia formal como, por exemplo, *Smile Please* (1979), de Rhys, e abordam desde uma experiência levemente ficcionada- *Zami: A New Spelling of My Name* (1982), de Audre Lorde- à não-ficção criativa mais inovadora, em que a memória e a imaginação se combinam de maneira a criar um mundo ficcional. *Barajan Poems* (1994), de Kamau Brathwaite, é um texto complexo que é efetivamente a autobiografia do poeta. *My Garden* (1999), de J. Kincaid, é outra nova partida: parte informativo, parte manual prático, ensaio pessoal, principalmente, inova através da própria prática ficcional da autora. Significativo é o fato de que a memória como forma na literatura caribenha anglófona é predominantemente feminina. As biografias das maiores figuras caribenhas não são comuns e de escritores menos ainda, porém, o crescimento dos livros de memória será eventualmente conduzido a um vívido interesse quanto à divulgação das existências pessoais, incluindo as dos indivíduos mais criativos. *Mr. Potter* (2002), de J. Kincaid, entretanto, é considerado um romance baseado na vida de seu pai, embora a autora tenha persistido em narrar a sua própria vida e a dos demais familiares, como base evidente de sua escrita. Seguiu o exemplo de Rhys, mas essa fusão de vida e arte não pode ser considerada como autobiografia ou biografia. É relevante que seja verificada a existência ou não da autobiografia, pois muitas escritoras não deixam claro até que ponto

vivenciaram as experiências que constroem literariamente ou se essas foram apenas embasadas em relatos e em experiências compartilhadas e/ou imaginadas pelos grupos que retratam.

Enquanto todas as versões textuais de experiência são em um sentido ficção, os romances são os mais evidentemente indiferentes para a desordem da experiência real e até mesmo a memória pode não narrar o que de fato aconteceu sem um intenso brilho autoral e controle. Além disso, há uma reticência perfeitamente compreensível na divulgação de experiências individuais na classe média das sociedades insulares, que são pequenas e extremamente conscientes das dificuldades em manter-se a privacidade.

O exílio⁸⁹, segundo Guerrero-Strachan (2005), conduziu a um substrato literário benéfico à cultura em sentido bastante abstrato e geral, enquanto ocasionou angústia aos escritores como indivíduos devido ao fato de os compeliem à procura por um refúgio, por um lar. O deslocamento cultural, nesse caso, foi a causa do exílio. Contrapondo tal noção, o autor analisou o exílio como a consequência de tal deslocamento, ao passo que descreveu brevemente a relevância da linguagem como constituinte cultural, ao analisar o trabalho teórico de Thiong'o, Brathwaite, Lamming e Walcott.

Apesar da importância que Thiong'o (1989), em *From the Corridors of Silence* (1989). *The Exile Writes Back*, atribuiu ao exílio político, o exílio cultural, que pode também ser denominado alienação cultural, é mais significativo para a literatura, refletindo um estado maior de alienação na sociedade como um todo, um caso claro de legado colonial. Em *Decolonising the Mind* (1986), o autor argumentou que é através da linguagem que uma cultura africana pode ser representada. Dessa forma, somente através das línguas africanas nativas ele pode comunicar-se com os africanos trabalhadores e camponeses e descobrir símbolos e valores que correspondam a uma verdadeira cultura africana nacional. Os escritores geralmente falham em comunicar as imagens culturais repletas de valor via suas produções literárias quando utilizam a língua inglesa, principalmente porque as línguas estrangeiras constroem uma barreira entre a elite intelectualizada de autores e a maioria dos nativos aos quais não foram ministradas aquelas línguas. Além disso, o inglês não é a língua apropriada para comunicar as suas experiências, conforme pontuou Thiong'o (1985), em *The Language of African Literature*. Esse autor, desde 1986, tem escrito exclusivamente

⁸⁹O conceito moderno de exílio começou no século XIX como resultado de inúmeras mudanças culturais. É comumente aceito, caso sigamos a linha de raciocínio de Argullos, de que o artista romântico se considerava um exilado na sociedade (como faceta ética e estética da experiência artística, o exílio começa durante o Romantismo). Essa tendência tornou-se mais forte durante o fim do século, quando o modernismo se manifestou e a lacuna entre a sociedade e os artistas tornou-se maior - o artista, escritor, pintor, tornou-se estranho para uma sociedade que não podia ou não desejava compreendê-los.

na língua *gikuyu*, de forma a cumprir o seu papel como escritor. Para Thiong'o (1985), que anteriormente utilizava uma versão da língua inglesa parecida com a padrão, era impossível dispor de uma espécie de inglês africano que não refletia a base psicológica adjacente do inglês. Ele sentia-se um alienígena na cultura inglesa, fato que impulsionou a sua mudança para a língua nativa, à procura de um abrigo cultural.

Os escritores das Índias Ocidentais discutiram os efeitos que os remanescentes da experiência colonial juntamente com o *status* pós-colonial atual têm sobre a linguagem e, conseqüentemente, na literatura que produzem, para os quais a empresa colonial moldou as suas experiências enquanto escritores. Brathwaite (1957) considerou tal fator um reflexo da dicotomia entre a migração e o enraizamento, como explicou em *Roots*. Essa foi uma parte da herança das Índias Ocidentais que de fato apareceu como uma herança física e espiritual. O enraizamento tornou-se central para a cultura caribenha e abriu caminhos para a migração, que tomou duas direções. Primeiramente, deslocou-se da África para as Índias Ocidentais e depois das ilhas para a Europa ou a América. Um ponto imprescindível, portanto, é perceber a migração não apenas como um movimento físico real, mas como uma metáfora. O escritor encontra-se em uma posição excêntrica na sociedade caribenha, como reconheceu Brathwaite (1957). Ele é um exilado tanto em casa quanto no exterior. Dessa maneira, o autor deseja afirmar que não há um espaço adequado para o escritor na sua sociedade. Tal declaração acrescenta uma nova dimensão para a questão do exílio. Se o posicionamento de Thiong'o (1985) era o do acontecimento do exílio devido a fatores políticos, Brathwaite o avalia enquanto consequência da falta de conexão que existe entre o escritor e os leitores, especificamente os leitores das Índias Ocidentais. Brathwaite não pôs de lado a questão da metrópole. Ele percebeu, como afirmou em *Sir Galahad and the Islands* (Brathwaite, 1957), que há um sentimento de desintegração da personalidade sob forças metropolitanas. Novamente, ele se refere à situação colonial. É o poder que a Grã-Bretanha possuiu no início do século XX que forçou o caribenho a afastar-se de seu país. No passado, ele foi compelido a mover-se como um escravo. Atualmente, precisa migrar devido ao clima cultural sufocante no seu país. O escritor necessita remediar a falta ou a escassez de material afastando-se, uma certeza que a maioria dos autores caribenhos compartilha.

As concepções de Lamming coincidem com as de Brathwaite, que investigou as razões pelas quais um grupo de autores das Índias Ocidentais escolheu migrar para outros países. Em *The Occasion for Speaking*, Lamming (1995) buscou responder à questão ao analisar detalhadamente as circunstâncias sociais e culturais do Caribe anglófono. Inicialmente, afirmou que os escritores

das Índias Ocidentais não encontram espaço próprio na sociedade caribenha. A migração de diversos autores é a expressão de uma situação que é largamente reconhecida tanto nas ilhas quanto na Grã-Bretanha. Praticamente, não existem leitores nativos para os escritores caribenhos. Essa afirmação pode não ser factualmente precisa, mas o que ele pontua é significativo no sentido de refletir um sentimento difundido entre os escritores das Índias Ocidentais, que se sentem pressionados a deixar as ilhas para evitar lançar-se em um provincianismo estéril. O autor pontuou que o colonialismo é a base de uma estrutura da consciência cultural das Índias Ocidentais e tal fator implica que ainda há um sentido de dependência na cultura caribenha, definido pela colonização britânica, significando o descobrimento da América e a "crioulização" da população.

Até determinado ponto, a crioulização pode ser equiparada à noção de hibridização de Bhabha (1989, pp. 19-39), exemplificada em *The Commitment to Theory*. A hibridização, segundo Bhabha, implica a abertura do que ele denomina *Third Space*, resultando da divisão que existe entre "o sujeito de uma proposição e o sujeito da enunciação" (Bhabha, 1989, p. 36) e cria "um espaço que afeta a estrutura da simbolização. Os significados e símbolos da cultura não têm unidade primordial ou firmeza, então até os mesmos sinais podem ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos mais uma vez" (Bhabha, 1989, p. 37). Bhabha reivindicou uma cultura que não é nem o espaço da cultura imperial, nem o da cultura nativa, como consequência, uma cultura que não possui um único proprietário, mas é considerada um ponto de encontro e pode ser apropriada por qualquer indivíduo em um dado tempo, desde que a cultura mantenha seus recursos de ambivalência e de falta de unidade pré-ordenada. Isso implica que é um espaço excêntrico, fora do centro no qual qualquer cultura gira em torno. Em outras palavras, é o espaço do exílio.

Em *The Emigrants*, de Lamming (1994), que retratou a questão da emigração por razões económicas, as personagens possuem uma sensação de deslocamento e de perda tanto nas Índias Ocidentais quanto na Grã-Bretanha: não conseguem encontrar as suas identidades. Esse fator não é apenas consequência da marginalização económica, mas também do sentimento de privação cultural que os conduz a exílios culturais. Uma das principais características da cultura caribenha é a mistura de tradições culturais europeias, africanas e da parte leste do Caribe. Através das personagens fictícias, Lamming confrontou o sentimento de alienação, pondo essas personagens em um cenário estranho, tanto cultural quanto geográfico.

Para Walcott (1998), em *The Muse of History*, que formulou uma teoria sobre o exílio semelhante a de Lamming, a hibridização cultural é a característica que todas as culturas americanas compartilham. Como tal, a cultura das Índias Ocidentais é também híbrida, o que significa que uma identidade cultural prévia não sobrevive após a colonização. A hibridização, entretanto, não consiste na total eliminação de suas culturas de raiz. Pelo contrário, envolve uma acomodação à língua oficial dos colonizadores e, conseqüentemente, uma reinterpretação, permitindo-lhes a fusão em uma cultura única.

Walcott aludiu ao conceito de exílio nessa obra, na qual retratou a figura do exílio colonial. Essa abordagem era completamente distinta para o assunto, dado que a colonização não era considerada um exílio real até então. Walcott atingiu esse ponto como consequência de suas experiências nas Índias Ocidentais. Tradicionalmente, os colonos e os seus descendentes não nasceram no país que habitavam. Foram colonizá-lo e, pelo menos em sua maioria, não necessitaram deixá-lo. Desse ponto de vista, todos os colonos deveriam ser considerados exilados, já que foram deslocados tanto geográfica quanto socialmente. A cultura deles não era nativa, mas alienígena em seu sentido mais amplo.

Língua, para Walcott, é a língua inglesa. Ele a moldou de forma a expressar a experiência colonial e como tal ela tornou-se refúgio. Não devemos esquecer, entretanto, que essa não era, propriamente, a sua língua nem a língua dos autores das Índias Ocidentais. Essa foi a razão pela qual um sentido de deslocamento surgiu e pôde ser sentido ainda, apesar de sua naturalização naquele idioma. Um retorno a uma língua africana original não podia ser proposto, nem essa era a intenção de Walcott. A experiência colonial, no entanto, não pode ser esquecida e nem ser posta de lado. Os caribenhos vivem nessa ambivalência cultural que normalmente não é notada ou até mesmo mencionada, embora haja consequências significativas. A cultura torna-se uma espécie de abrigo, enquanto ao mesmo tempo é um lembrete da cultura colonizadora que os impulsionou para fora de si. Conseqüentemente, a situação cultural os sujeita a viver na fronteira.

Walcott se sentia perfeitamente confortável no espaço que o inglês padrão lhe oferecia. Ele criticou a maneira como a colonização tomou forma e desenvolveu-se, apesar de encontrar-se longe das posturas radicais de Ngugi ou Brathwaite. A cultura e a linguagem precisaram ser negociadas e é no processo de aquisição de memória cultural que o exílio irá encontrar-lhes um espaço para situar-se, um espaço similar ao *Third Space* de Bhabha, mesmo que a sua forma real possa diferir da de Lamming.

Os autores citados, embora sejam de descendência africana, seguem diferentes caminhos no que diz respeito às temáticas exílio e cultura. Mantêm uma visão bastante semelhante em relação à linguagem por causa da mesma procedência cultural. Para esses autores, a língua é experimentada enquanto vinda do exterior do reino de suas próprias identidades, o que significa que há algo que eles adquiriram social e culturalmente. Eles são conscientes do papel que a língua desempenha em definir o mundo que envolve os indivíduos e a forma pela qual molda valores morais sociais e individuais. A pretensão de excentricidade, de exílio e de linguagem possui conotações sociais e políticas, particularmente no caso de autores caribenhos, desde que, até certo ponto, eles estejam a escrevendo e reivindicando como características centrais da sociedade.

Os escritores pós-coloniais, a exemplo de Brathwaite, Lamming e Walcott, possuem uma sensação de deslocamento social que os conduzem à investigação em torno da cultura e da língua e a aceitar a última como refúgio. Ngugi, por sua vez, não compartilha dessa visão e considera a língua inglesa como estranha. Anderson (2006) pontuou, em *Imagined Communities*, que a linguagem e a reconstrução desta por linguistas cooperaram na formação dos nacionalismos europeus. Cultura e linguagem são elementos interligados e conectados a uma sociedade particular. A identidade cultural foi primariamente codificada na língua: "*Language was the soul of a nation*" (Hobsbawn, 2000, p. 95). Durante o Romantismo, a linguagem tornou-se o padrão a partir do qual a apropriação do indivíduo a padrões nacionais foi mensurada. Afirmações qualificando a superioridade de uma língua eram muito comuns no início do século XX.

No caso da Grã-Bretanha, a situação foi mais complexa devido às suas colônias além-mar. Do ponto de vista político, a colonização significava a introdução de um sistema cultural novo e estrangeiro em determinados territórios que não compartilhavam a cultura ocidental. A linguagem estava dentre os novos elementos introduzidos. Uma análise do papel da língua na literatura das colônias não poderá simplesmente inferir que os seus habitantes nativos foram coagidos a instruírem-se e a expressar-se na língua colonial ou que a maioria da produção literária pós-colonial é escrita no idioma oficial da metrópole. Pelo contrário, a análise deve ser direcionada à interação da desapropriação da língua nativa, à influência da questão da nacionalidade e à sua reflexão na poética do autor. Os autores das Índias Ocidentais possuem o inglês como língua padrão de comunicação e essa, juntamente com as línguas espanhola, francesa e holandesa se sobressaíram em relação às línguas nativas à época da colonização, evidenciando a sua privação quanto ao uso de suas línguas nativas. A identificação linguística no período imediatamente anterior à independência pode ser ilusória, pois os nacionalismos étnicos e linguísticos podem estar em

caminhos divergentes. No entanto, há uma identificação emocional da linguagem com a cultura nacional nas ex-colônias britânicas, em parte derivada de tal equação.

Na região caribenha, a linguagem é uma questão central para o romance porque o inglês é falado mesmo em formas dialéticas. Conforme Ramchand (2004) argumentou em *The West Indian Novel and Its Background*, o inglês crioulo perdeu a sua preeminência social com o estabelecimento da educação universal. Para o autor, o *West Indian Standard* é a língua predominante, pouco distinta do inglês padrão (Ramchand, 2004). Esse fato não implica, entretanto, que a variação crioula não está presente nos romances caribenhos. A partir da leitura ampla dessas obras, percebe-se que as principais personagens se expressam nessa variante, embora algumas vezes sejam estereótipos que representam personagens cômicas ou periféricas.

Para Lamming, o inglês foi uma dentre as outras línguas expandidas para as Índias Ocidentais como resultado da colonização e que resultou em uma língua imposta a uma população estrangeira (Lamming, 1995, p. 36). Durante o período colonial, a natureza prévia dos colonizados foi redirecionada para outra radicalmente distinta. Não foi simplesmente o fato de que uma nova cultura foi transportada para as Índias Ocidentais e imposta como oficial. A linguagem influencia decisivamente a visão de mundo dos indivíduos e limita, ao mesmo tempo que molda, o espaço de cada cultura. Nesse contexto, é significativa a ênfase na influência das posições social e cultural do escritor enquanto indivíduo que foi destituído de suas raízes e engajado em um deslocamento simbólico constante. Lamming usou os antecedentes históricos caribenhos para formular uma teoria da cultura e do escritor, na qual o desenraizamento e a excentricidade foram postos em primeiro plano.

O exame das diversas línguas crioulas e de outros elementos culturais como a música e os rituais viabilizou indícios relativos à complexa distribuição de africanos pela região caribenha. Linguistas como Richard Allsopp, Mervyn Alleyne e Peter Roberts analisaram a natureza do que Roberts nomeou *West Indian English* e a divulgação de suas diversas identidades, de suas complexas estruturas transculturais e de sua significância e papéis político e social (Savory, 2008).

O valor político e cultural das línguas crioulas e da oratória tem sido ativamente debatido ao longo do tempo e o trabalho cumulativo de investigadores caribenhos no campo da oratória, bem como o crescimento dos estudos culturais, têm finalmente sido respeitados enquanto sérios campos de investigação. A expressão *nation language*, de Brathwaite, é extremamente útil ao sinalizar que cada nação caribenha possui a sua própria continuidade linguística e as suas formações da língua crioula. É comum ao autor ou poeta caribenho escrever tanto em crioulo

quanto na língua inglesa padrão e utilizá-las fluente e simultaneamente no mesmo texto, embora haja um paradoxo nesse contexto, pois para a maioria dos caribenhos a linguagem sentimental, íntima, é o crioulo, ainda que a tendência seja a literatura privilegiar o inglês padrão, como destacou Morris (1999, p. 9 citado em Savory, 2008). Nos romances analisados na tese, nos momentos em que estabelecem diálogos entre suas personagens, as autoras utilizam a forma crioula do inglês falado em Antígua, de modo a proporcionar originalidade à narrativa e permitir que ao leitor nativo haja identificação com o contexto referido.

A história de cada nação das Índias Ocidentais é particular e resultou em identidades culturais particulares. As influências culturais iorubá, hindu, muçulmana, espanhola, francesa, britânica, dentre outras, se aplicam ao caso de Trinidad e Tobago, por exemplo, tanto separadamente quanto sincreticamente. A população de Trinidad geralmente se expressa através de uma variação da língua crioula anglófona, porém o francês e o espanhol exercem influências significativas e tradições familiares. A maioria das línguas crioulas caribenhas, até mesmo as de culturas étnicas menos multifacetadas como Barbados, são de maior complexidade à compreensão por estrangeiros.⁹⁰

Relativamente a qualquer aspecto sobre a região caribenha que se pretenda discutir, faz-se necessária a justaposição do contexto geral à enorme variedade do particular, pois a multiculturalidade originada pela migração de povos de regiões variadas, além dos períodos distintos de escravidão e colonização em cada país-ilha e suas consequências, variaram conforme o desencadeamento dos fatos.⁹¹ É questionável, mas ao mesmo tempo necessário, que se considere o Caribe anglófono como uma área separada do restante da região. Quando falamos em literatura anglófona, é imprescindível evocarmos que suas fronteiras dentro da região não são claramente demarcadas. A ilha de Dominica, por exemplo, que se encontra entre Martinica e Guadalupe, que são nações francófonas, é considerada a *West Indian nation*, contudo, o *patois* francês e o

⁹⁰ Menos complexas etnicamente significa que possuiu uma história pautada na interação cultural entre britânicos e povos do oeste da África, enquanto Trinidad e Guiana, por exemplo, possuem vastas populações indo-caribenhas e histórias mais complexas formadas por culturas europeias coloniais: França e Espanha.

⁹¹ Savory (2008, p. 716) chamou a atenção também para o fato de que a diversidade geográfica é um elemento também considerável nessa perspectiva, pois os escritores constroem metáforas que refletem as suas próprias experiências de topografia e de relevância histórica. Guyana, por exemplo, é continental e possui planícies costeiras de baixa altitude e vasto interior da floresta, entrecortada por rios e cachoeiras, de interesse crucial aos dramas da ficção de Wilson Harris (Durix, 1996). Já as erupções vulcânicas em Montserrat, por exemplo, são assunto de uma variedade de poemas, como *Volcano*, de Ivan Van Sertima's (Burnett, 1986, p. 272). Barbados, na linguagem metafórica da poética de Kamau Brathwaite, simbolizava a forma como a cultura africana foi suprimida e encoberta durante a plantocracia e o alto colonialismo (Savory, 1994). Já a topografia da Jamaica, foi representada em *Cockpit County*, a qual possibilitou aos Maroons estabelecerem separadamente a sua soberania. O mar também aparece como vultoso elemento na literatura das Índias Ocidentais.

catolicismo são fundamentais para a sua cultura. Dessa forma, uma perspectiva pan-caribenha é muito significativa.

A literatura caribenha anglófona reflete uma diáspora de proporções extensas que divide a experiência histórica e cultural da colonização britânica e a mais recente e crescente influência dos Estados Unidos através da mesma língua. A vasta produção literária é, certamente, um significativo contributo à riqueza do Caribe anglófono, juntamente com as particularidades e o contexto histórico dos maiores géneros musicais caribenhos, o *calypso* e o *reggae*, e as suas várias representações de identidade na diáspora caribenha. A tradição constitui uma interação complexa de antigos costumes com novos modos de ser, entretanto as memórias são fragmentadas e frequentemente estagnadas devido à opressão histórica.

A linguagem assume uma posição substancial, já que é a maneira que o homem negro encontra em existir para o outro, como um ponto através do qual ele assume um elemento significativo da cultura branca, da autêntica civilização metropolitana. Não podendo afirmar sua humanidade diante do colonizador branco, a alternativa é aproximar-se de um ideal de igualdade, nesse caso, adquirido através da linguagem.

De acordo com Nagy-Zekmi (2007, p. 2), para um escritor pós-colonial, escolher a língua de expressão é uma tarefa árdua face às implicações psicológicas, estéticas e políticas em representar através do texto as complexidades culturais e linguísticas da região, enquanto ao mesmo tempo considerar as influências comerciais e os leitores aos quais se destinam as suas produções.

O fenómeno da linguagem proporciona um dos elementos ao homem de cor para a compreensão da dimensão do *outro*, no sentido de que falar a mesma língua é existir absolutamente para o outro. Ao fazer uma análise crítica dos argumentos utilizados por Fanon, Nagy-Zekmi (2007) lembrou que o processo de articulação da linguagem implica no emprego de uma determinada sintaxe, a compreensão da morfologia da língua, mas significa, sobretudo, assumir uma cultura, apoiar o peso de uma civilização. No caso exposto por Fanon, o negro antilhano seria proporcionalmente branco, revelando que estaria próximo daquilo que se considerava um ser humano legítimo, na razão direta à sua habilidade em se expressar na língua francesa. Um homem que domina uma língua, portanto, conseqüentemente possui o universo expresso e implícito naquela linguagem. Sinteticamente, a maestria com a linguagem proporciona um poder notável, que permitiria ao colonizado elevar-se acima de seu *status* de selvagem em proporção à adoção dos padrões culturais da metrópole. Westermann (1934), argumentou que o

complexo de inferioridade do homem negro é particularmente intensificado entre os mais intelectualizados, que frequentemente se mostram ingênuos:

The wearing of European clothes, whether rags or the most up-to-date style; using European furniture and European forms of social intercourse; adorning the Native language with European expressions; using bombastic phrases in speaking or writing a European language; all these contribute to a feeling of equality with the European and his achievements. (Westermann, 1934, p. 8)

O homem negro, por conseguinte, assume o papel de provar a existência de uma civilização negra para o mundo branco a qualquer custo.

2.1.4 Fronteiras do feminismo

Black women's writing...should be read as a series of boundary crossings and not as a fixed, geographical, ethnically or nationally bound category of writing...this reworking of the grounds of 'Black Women's Writing' redefines identity away from exclusion and marginality
(Davies, 1994, p. 4)

Os estudos feministas configuram-se uma das principais categorias discursivas no domínio de investigação pós-colonial. Ao refletirem acerca de suas avaliações em relação aos fundamentos pós-coloniais e feministas, bem como ao paradigma que elaboram, os críticos literários procuram apoiar suas convicções sobre a expectativa de agenciamento do sujeito feminino submisso, tratando de inferir competências minuciosas, de maneira a consolidar habilidosamente o pensamento intervencionista no discurso feminista. Depreendemos que os pilares pós-coloniais e feministas viabilizaram, ao partilharem princípios conjuntos, uma eficiente consonância entre os seus componentes de análise crítica. Claramente, os cruzamentos entre essas linhas oportunizaram o aparecimento de considerações sociais e culturais articuladas, facultando que a voz do *Outro* silenciado pudesse restrugir.⁹²

⁹² Relativamente a questões de vitimização e agenciamento, Almeida (2013), no artigo *Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade*, ressaltou que estes elementos têm movido grande parte da crítica feminista, pois se por um lado procura-se elaborar um discurso sobre a vitimização histórica e o legado desse processo de silenciamento e invisibilidade, por outro, busca-se construir um conceito de agenciamento que possa incluir as condições existenciais e materiais das mulheres como uma classe intrincada, multifária, tangenciada pelos diversos componentes identitários e pela existência manifesta de hierarquias de gênero, de classe e de raça. Para a autora, a subalternidade como operador crítico não pode nem estar vinculada a um discurso vitimizante, nem se tornar um elemento fetichizado e exotizado para um suposto consumo, visto que não há qualquer grandeza em se fixar o sujeito subalterno nesse espaço excludente e destituído de possibilidade de poder e agenciamento ou entregar nas mãos de outrem, geralmente um intelectual europeu, apesar de suas supostas boas intenções - o destino a ele reservado. Em outras palavras, a advertência que Spivak (1988) fez em *Can the Subaltern Speak* - de que para o intelectual é necessário estar consciente do seu papel para que não cometa o equívoco de falar pelo outro ou mantê-lo na subalternidade-embora o feminismo não tenha sido entreposto facilmente aos debates pós-coloniais e aos estudos culturais. Para demonstrar a interrupção do feminismo no campo dos estudos culturais, Schmidt (2010 citada em Almeida, 2013) pontuou a indispensabilidade em acreditar-se que as energias feministas no âmbito dos estudos literários possuem a competência de intervir no discurso crítico, revitalizar o ensino e promover uma agenda educativo-pedagógica-política capaz de romper as continuidades históricas das exclusões, da violência e do preconceito. Essa interrupção provoca a desestabilização das estruturas patriarcais, a transgressão de paradigmas binários vigentes no campo social e científico, a descolonização do pensamento em sentido amplo e irrestrito e a reinvenção de subjetividades.

A crítica feminista tem sido questionada ao longo do tempo devido ao branqueamento e ao ocidentalismo. O debate ampliado nas discussões abordadas pelo pós-colonialismo no que se refere à categoria universalista da mulher tem sido alvo de reflexão, expandindo a teorização sobre a forma de se versar sobre o lugar das mulheres na contemporaneidade, as distinções entre elas, os vários sujeitos oriundos do feminismo e a própria transversalidade da questão de gênero. As agendas associadas ao feminismo ocidental são vistas com profundo ceticismo no terreno dos movimentos femininos pós-coloniais. Apesar das agendas em comum, a incredulidade recíproca faz com que debates que poderiam ser bem articulados entre os dois grupos sejam acirrados e não possibilitem a abertura para um mútuo diálogo profícuo. Refletir, portanto, a partir de histórias inteligíveis, alternativas e críticas, mantendo essa postura desestabilizadora e intervencionista, torna-se função decisiva tanto da crítica pós-colonial quanto da feminista contemporânea.

O fato de as mulheres negras reivindicarem os seus próprios espaços em termos teóricos e históricos culminou no surgimento da explosão da produção literária de autoria feminina negra, como também da escrita sobre essas mulheres. Muitas dessas publicações têm na questão racial um dos eixos basilares para a composição do enredo que entremeia o curso de suas personagens e testemunham que o racismo não apenas opera como ideologia e estrutura distinta, mas também interage com outras ideologias e estruturas de dominação.

Diversos autores criticam explicitamente o reducionismo económico rígido e argumentam que as mulheres negras em sociedades dominadas por indivíduos brancos frequentemente são vítimas de exploração económica através da raça. O mesmo pode se proferir em relação à opressão de gênero. De acordo com Stasiulis (1987, p. 5), as feministas negras “chegaram à quase unanimidade em concordar que a questão racial, mais do que a de gênero, configura a sua primeira fonte de opressão.” As mulheres negras vivenciam o sexismo na sociedade, em geral, através de construções de gênero racistas e etnicistas. Nos debates em torno das experiências de mulheres negras, portanto, tanto estão envolvidos o sexismo quanto o racismo. Esses dois conceitos se entrelaçam estreitamente e se combinam sob determinadas condições, em um fenômeno híbrido. Dessa forma, é profícuo falarmos em racismo de gênero quando nos referimos à opressão racial de mulheres negras, estruturada por percepções racistas e etnicistas de papéis de gênero (Carby, 1982, p. 214; Parmar, 1982, p. 237 citados em Essed, 1991). Não apenas as mulheres, mas também os homens negros são confrontados com o racismo estruturado por construções racistas de papéis de

género, sendo exemplos notáveis o estereótipo do pai ausente ou o mito do violador negro (Duster, 1970; Hernton, 1965 citados em Essed, 1991).⁹³

Em fins do século XIX, a doutrina de direitos iguais alimentou uma mobilização feminista na Europa e na América do Norte e em outras colónias de povoamento (Connell, 1998). Por volta da década de 20, as mulheres nesses continentes haviam transgredido as mais inconvenientes deficiências formais ou legais, mais notadamente em relação ao sufrágio, à propriedade privada e ao acesso à educação. Ao mesmo tempo, o conceito de direitos iguais conduziu a distintos questionamentos: se a subordinação das mulheres não era natural ou justa, de que maneira acontecia? Como era sustentada?

As mulheres colonizadas, mesmo antes do surgimento dos ditames imperiais, eram invariavelmente desfavorecidas em suas sociedades, de maneira que o reordenamento colonial do seu trabalho originou resultados distintos daqueles dos homens colonizados, pois necessitaram renegociar não apenas os desequilíbrios de suas relações com os próprios homens de sua sociedade, mas também o agrupamento impetuoso de regras hierárquicas e restrições que estruturavam suas novas relações com os homens e as mulheres do Império.

As mulheres colonizadas foram ambigualmente inseridas nesse processo. Excluídas dos corredores do poder formal, experimentaram os privilégios e as contradições sociais do imperialismo muito diferentemente dos homens colonizados. Ainda que tenham servido discretamente no “cotovelo” do poder como esposas dos oficiais coloniais, confirmando os contornos do império, mesmo que tenham percorrido instituições missionárias ou enfermarias hospitalares em postos avançados ou trabalhado no campo em fazendas de seus maridos, as mulheres coloniais não se envolviam nas decisões económicas diretas ou militares do império e muito poucas colhiam os seus fartos lucros. As leis matrimoniais, as leis de propriedade e de terra e a violência intratável do decreto masculino amarraram-nas em padrões de género desvantajosos e frustrantes. A vasta

⁹³ Ideologias de género específicas racionalizaram a adequação das mulheres negras às ocupações no menor estrato do mercado de trabalho, já segmentado por questões de género. A atuação das mulheres negras foi restrita quase exclusivamente à operacional. A natureza de seu trabalho cruzou linhas de género. Durante a escravidão, as mulheres negras foram exploradas sexualmente e obrigadas a realizar o trabalho definido como distintivamente feminino, mas, simultaneamente, foram forçadas a empreender o mesmo trabalho árduo masculino. Após a abolição, essas mulheres auferiram as posições com piores remunerações tanto em funções femininas quanto masculinas. Ao mesmo tempo, a maioria encontrou apenas ocupações domésticas nos lares das famílias brancas, devido à discriminação flagrante que limitou o número de negros em empregos qualificados e semi-qualificados (Hine, 1989). Apenas na metade da década de 60, quando a legislação federal norte-americana, forçada pelo movimento de direitos civis, lançou um ataque à discriminação racial, as mulheres negras adquiriram ocupações tradicionalmente desempenhadas por mulheres brancas. As mulheres negras foram impostas os piores empregos qualificados e semi-qualificados. Tais tipologias de preconceito de género e de classe foram racionalizadas por construções ideológicas de feminilidade e sexualidade racialmente específicas, representando os modelos opostos aos de mulheres brancas de classe média. Ao contrário da imagem patriarcal dessas mulheres, consideradas fracas, dependentes, passivas e monogâmicas, as mulheres negras foram concebidas como trabalhadoras, fortes, dominantes e sexualmente promíscuas (Davis, 1981; Hooks, 1981). Supostamente, deveriam ser subservientes e estar dispostas a nutrir crianças brancas às custas de suas próprias crianças. As suas imagens racionalizaram a violação de seu papel enquanto mães e o seu controle através da violência e da exploração sexual (Davis, 1978, 1981; Hooks, 1981).

e fissurada arquitetura do imperialismo foi moldada sob questões de gênero pelo fato de que foram os homens brancos que produziram e aplicaram as leis e as políticas à custa de seus próprios interesses. Como tais, as mulheres brancas não foram as “espectadoras infelizes” do império, mas foram ambigualmente cúmplices tanto como colonizadoras e colonizadas, privilegiadas e restringidas.

As mulheres negras possuem uma sólida tradição de autonomia e independência. Para Essed, essas mulheres são mais assertivas e menos conformadas do que as brancas na ideologia do papel sexual devido às suas longas experiências como trabalhadoras e aos seus contínuos desafios em resistir ao racismo e ao sexismo (Adams, 1983; Malson, 1983 citados em Essed, 1991). Embora exista a tese de que a independência autossuficiente foi exagerada (Ransford & Miller, 1983), o estereótipo da matriarca negra permanece e deve, assim, também ser compreendido em termos de suas implicações sexistas.

A recessão econômica após a Segunda Guerra e a passagem da produção industrial à tecnológica dispuseram diversos trabalhadores negros não-qualificados em condições vulneráveis. As deterioradas condições econômicas da maioria da população negra e da população desempregada conduziram ao crescimento de famílias lideradas por mulheres negras. Nesse contexto, a imagem da matriarca negra foi revivida (Moynihan, 1965) e impulsionou um estereótipo que mescla imagens sexistas, racistas e classistas das mulheres negras, assim reforçando a polarização de gênero. Após ignorar a imprescindibilidade econômica de tais mulheres trabalharem fora do lar, muitos a acusaram de ocupar postos de trabalho destinados a homens negros e de privá-los do papel de chefes de família.

O imperialismo e a concepção de raça foram elementos relevantes no Ocidente e na modernidade industrial, sendo que nas metrópoles urbanas tal concepção tornou-se central não apenas para a autodefinição da classe média, mas também para o policiamento das “classes temerárias”, ou seja, a classe trabalhadora, os judeus, as prostitutas, as feministas, os homossexuais, os criminosos e assim por diante. O imperialismo, por outro lado, não pode ser completamente compreendido sem que se considere que o poder da categoria gênero não era a pátina superficial do império, um brilho efêmero sobre a mecânica mais decisiva dos elementos classe ou raça. Ao invés disso, a dinâmica de gênero era, desde o início, fundamental para a garantia e a manutenção do império. A categoria gênero, entretanto, não foi a dinâmica dominante do imperialismo industrial. Desde o final da década de 70, uma crítica feminista entusiasta e

convicente emergiu- em grande parte por iniciativa de mulheres negras — desafiando as feministas eurocêntricas que reivindicavam dar voz a uma feminilidade essencial (em conflito universal com uma masculinidade essencial) e que privilegiava a questão de gênero sobre todos os demais conflitos.

O surgimento do movimento feminista negro transportou o debate que se travava entre os marxistas e as feministas sobre as categorias de sexo e classe, para outra esfera, provando que o fator raça deveria se articular aos demais, o que suscitou que esses elementos coexistissem não apenas quando relacionados às desigualdades entre homens e mulheres, mas entre os componentes desses grupos, separadamente. Dessa forma, gênero, etnia, raça e classe passaram a ser tratados como elementos distintivos das relações sociais e que a partir de uma aplicação simultânea contribuíam para dar voz ao subalterno.

A condição feminina é considerada um quesito social relevante e complexo e a mulher já não é mais compreendida em termos estáveis ou permanentes, conforme afirmou Butler (1990), para quem as questões de gênero não são estáticas, moldadas a partir de elementos que lhe atribuem coerência ou consistência. Contrariamente, interação com modalidades raciais, de classe, dentre outras, que permitem caracterizarmos a sua instabilidade moderada, sobretudo por fatores histórico-culturais e sociais que lhes propiciam dinamismo ao assinalarem a sua atuação enquanto elemento interrelacional que não deve ser examinado de forma isolada. O gênero, muito além de ser uma interseção entre as demais categorias, como argumentou Butler, passa a coexistir com as mesmas, conforme reforçou Nicholson (2000). Para Butler (1990), o gênero é aplicado às pessoas como um sinal de diferença biológica, linguística e/ou cultural. A partir dessa perspectiva, essa categoria é considerada um efeito da linguagem, produzida e gerada a partir de discursos e não da biologia. Dessa maneira, é compreendida como relação social que ocorre em um campo discursivo e histórico de relações de poder, de direitos entre homens e mulheres.

Em *O segundo sexo*, Beauvoir (1949), partindo de uma terminologia filosófica, denominou a mulher como o “outro”. Argumentou que o homem é o sujeito, o absoluto; a mulher, pelo contrário, é o possuído, o outro, o “ocasional”, como a propriedade do homem. Em oposição a Beauvoir, Butler (1990) argumentou que tanto o sujeito como o Outro são os esteios de uma economia significante falocêntrica e fechada, que atinge o seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino. Para Beauvoir, as mulheres são o negativo dos homens, a falta em confronto com a qual a identidade masculina se diferencia. Para Butler, o sexo feminino não representa uma “falta” ou um “Outro” que define o sujeito negativamente em sua masculinidade e

o feminino jamais poderia ser a marca de um sujeito, como defendeu Beauvoir. A relação entre masculino e feminino não pode ser representada em uma economia significativa em que o masculino constitua o círculo fechado do significante e do significado.

McClintock também considerou que até recentemente a relação crucial, porém oculta, entre gênero e imperialismo não foi reconhecida ou foi desdenhada como um fato consumado da natureza. A autora acrescentou que os teóricos do imperialismo e do pós-colonialismo raramente sentiram-se movidos a explorar a dinâmica de gênero do imperialismo e que até mesmo a obra *Orientalism*, de Said, com a sua expressiva relevância e influência, não explora o gênero como uma categoria constitutiva do imperialismo. A vasta e crucial história dos povos negros na Grã-Bretanha, *Staying Power*, de Fryer (1984), também é quase silenciosa em relação à condição feminina, assim como a valiosa análise da cultura popular negra em *There Ain't No Black in the Union Jack*, de autoria de Gilroy (1987).

As evidências emergiram de modo a estabelecer que mulheres e homens não experimentaram o imperialismo da mesma forma. O imperialismo europeu foi, desde o início, um encontro devastador entre hierarquias de poder preexistentes que tomaram forma não como o desdobramento de seu próprio destino interior, mas como uma interferência desordenada e oportunista com outros regimes de poder. Tais encontros, por sua vez, transformaram as trajetórias do imperialismo. A partir desse longo e engajado conflito, as dinâmicas de gênero de culturas colonizadas foram contorcidas de tal forma a alterar, por seu turno as formas irregulares que o imperialismo tomou em várias partes do mundo.

É significativo acentuarmos que gênero não é um sinônimo de mulheres. Conforme Scott argumentou (1988, citada em McClintock, 1995, p. 7): "To study women in isolation perpetuates the fiction that one sphere, the experience of one sex, has little or nothing to do with the other". McClintock acrescentou que, ao contrário de Catherine MacKinnon - para quem "a sexualidade está para o feminismo, o que o trabalho é para o Marxismo" - o feminismo é relacionado tanto à classe, à raça e ao trabalho, quanto é ao sexo. Segundo a autora, um dos mais valiosos movimentos da teoria feminista recente tem sido a sua insistência na separação entre sexualidade e gênero e o reconhecimento de que este é muito mais uma questão de masculinidade do que de feminilidade. Para Kaplan (1989, citada em McClintock, 1995, p. 7), o foco na questão de gênero como categoria privilegiada de análise tende a representar a diferença sexual como natural e fixa.

À medida que apresentou os temas triangulados que formam a base de sua narrativa, quais sejam as relações íntimas entre o poder imperial e a resistência, o dinheiro e a sexualidade, a raça e o gênero, a autora pontuou que:

[...] race, gender and class are not distinct realms of experience, existing in splendid isolation from each other; nor can they be simply yoked together retrospectively like armatures of Lego. Rather, they come into existence *in and through* relation to each other - if in contradictory and conflictual ways. In this sense, gender, race and class can be called articulated categories (McClintock, 1995, p.7).

Dessa forma, sustentou que o gênero não é simplesmente uma questão de sexualidade, mas também de trabalho subjugado e de pilhagem imperial; raça não é simplesmente uma questão de tom de pele, mas também de força de trabalho, influenciada pela categoria de gênero.

Enquanto características como a agressividade e o domínio são consideradas positivas para o homem branco em uma sociedade capitalista altamente competitiva, as mesmas particularidades tornam-se negativas quando atribuídas a mulheres negras. Tais estereótipos são reforçados através da literatura e da mídia (Joseph & Lewis, 1981) e afetam a todas, independentemente da sua origem de classe. Eles racionalizam forças em sociedade com o propósito de manter essas mulheres no estrato mais inferior. Assim, podem ser utilizados flexivelmente para racionalizar a exploração das mulheres negras como trabalhadoras, assim como a sucessão de práticas discriminatórias que impedem aquelas que possuem altos níveis educacionais em seus esforços na consecução de seus propósitos.⁹⁴

Como afirmou Connel (1998, p. 23), as teorias sócio-científicas de gênero são uma criação do Ocidente, definitivamente modernas. Outras civilizações tiveram suas próprias formas de lidar com a sexualidade humana e as relações entre os sexos. Como a questão do erotismo indiano e os códigos de família ilustram, esses podem ser tão sofisticados e elaborados como qualquer criação do Ocidente. Apenas possuem categorias de formação cultural distintas.

Os aportes produzidos pela crítica feminista e pelos estudos de gênero contribuem para a compreensão das diversas dimensões dos papéis dos indivíduos, assim como são essenciais para o

⁹⁴ Para um aprofundamento relativo aos aspetos raciais da opressão feminina negra, o fator raça deve ser isolado das condições sociais e económicas opressoras associadas à escolaridade deficiente e à exploração económica. Mulheres negras com formação em nível superior constituem um grupo particularmente relevante para a investigação sobre o racismo porque, tradicionalmente, consideram a realização pessoal através da educação um elemento fulcral que lhes oportuniza consideráveis avanços sociais. Enquanto a opressão de classe limita os recursos económicos e as oportunidades educacionais da maioria das mulheres negras, a discriminação de raça-gênero no mercado de trabalho enfraquece os benefícios educacionais da classe média. Mulheres negras consistentemente compõem um grupo que apresenta um alto índice de desemprego e de rendimentos insignificantes em relação aos homens negros. Estas e outras categorias de racismo de gênero impedem o progresso de mulheres negras com escolaridade avançada, em suas carreiras. Há uma série de adversidades estruturais que as mulheres negras enfrentam quanto à escolarização universitária e à obtenção e permanência em suas ocupações. A falta de modelos as coloca em uma posição desvantajosa, se comparadas às mulheres brancas. Elas ainda são rotineiramente subestimadas, tendência nitidamente contrastante com suas ambições, geralmente elevadas.

desenvolvimento de estratégias de enfrentamento às matrizes de desigualdade. Em uma perspectiva antirracista e anticlassista, buscam dialogar com o feminismo e os estudos de gênero, visando contribuir com os deslocamentos, as transformações, as conexões e os reposicionamentos, dentro de uma proposta descolonial.

2.1.5 A escrita feminina no Caribe

A separação da escrita feminina caribenha de todo o cânone, tanto em termos de crítica ou de temas de conferência, é uma ramificação do movimento feminino e permite às mulheres escritoras e aos críticos literários engajarem significantes discussões nesse campo, de uma maneira concentrada e produtiva. Os estudos de gênero cruzados são ponderosos, de maneira que o entrelaçamento da história literária feminina com a de autoria masculina é também explorada e compreendida. As questões que interessam à crítica incluem as conexões entre os afro-caribenhos, os afro-americanos e a escrita feminina africana, as questões de classe, de raça e de etnia, especialmente o papel e o contributo de escritoras indo-caribenhas e crioulas brancas.

A produção literária anglófona caribenha é tão diversa e tão complexadamente localizada — na região, na Grã-Bretanha, no Canadá, nos Estados Unidos — que é impossível fixar uma forma de lê-la. Temas como o pós-colonialismo, o feminismo, o pós e o neo-modernismo e as abordagens dos estudos culturais estão bem estabelecidos nesse campo, como em outros do estudo literário pós-colonial. Os contextos históricos e os culturais explicam os parâmetros em contínua transformação de uma região diversa que sofre ameaças da ordem global e de influências comerciais transnacionais. É uma criação que tem contribuído significativamente para a potência da cultura caribenha contra a opressão e a apropriação externa.

Em *Anglophone Caribbean literature* (2008), Elaine Savory, quando abordou a escrita feminina e as questões de gênero, pontuou que desde 1980, quando o movimento feminino no Caribe se tornou influente e organizado, a escrita feminina cresceu significativamente tanto dentro quanto fora da região. O suporte à escrita feminina foi impulsionado tanto pela *Caribbean Women Writers*, cuja data da primeira conferência foi em 1988, quanto pelo jornal *Macomere* que, juntos, propiciaram um fórum acadêmico sobre a escrita feminina. Adicionalmente, antologias como *Creation Fire* (1990) e jornais literários como *The Caribbean Writer* encorajaram as escritoras femininas a publicarem na região.

A história da escrita feminina caribenha anglófona remonta à escravidão. *The History of Mary Prince* (1831) pertence à tradição das narrativas de escravos dos Estados Unidos e do Caribe

que testemunhou as condições de vida do sistema de *plantation* durante a escravidão, onde as experiências femininas eram particulares e frequentemente envolviam relações sexuais coercitivas entre negras e brancos. De forma semelhante, a narrativa *Crimean* (1857), de Mary Seacole, permitiu às vozes femininas caribenhas romperem estereótipos estabelecidos. Um conhecimento minucioso sobre os aspetos sociológicos relativos à mulher caribenha é extremamente considerável na crítica de textos feministas.

A política é um tema marcante na escrita feminina caribenha, assim como na masculina. É complexamente composto por interseções de vertentes políticas importantes, a exemplo da luta em favor da descolonização, contra o racismo e a pobreza, e relativamente em desenvolver e proteger as identidades caribenhas e culturas, tanto quanto a preocupação com a questão feminista.

Em termos de estilo, há mais escritoras de ficção⁹⁵, com predomínio de romancistas em relação a poetisas e dramaturgas. Um notável volume de textos demonstra, através de formas inovadoras de narrativa, não apenas a experiência caribenha, mas particularmente a afro-caribenha - a exemplo de *Angel* (1987), de Merle Collins. Esse fato é demonstrado sob a forma de ensaio crítico em *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject* (1994), de autoria de Carole Boyce Davies.

Embora a produção de Jean Rhys seja a mais extensa dentre as escritoras do Caribe anglófono, o corpo literário pertencente a Paule Marshall, a Jamaica Kincaid, a Michelle Cliff e a Beryl Gilroy assegura estudos críticos mais amplos. Há diversas investigações a respeito das obras de Marshall e Kincaid, porém Cliff e Gilroy são relativamente negligenciadas.⁹⁶ Há ainda jornais literários como o *The Journal of West Indian Literature*, o *Sargasso*, o *The Caribbean Writer* e o *The Jean Rhys Review* que publicam tanto trabalhos críticos quanto criativos sobre os escritores caribenhos em geral.

Conclusão

Ao evidenciarmos os argumentos substanciais que envolvem a teoria pós-colonial, nosso propósito foi apresentar determinados pontos de vista em torno da semântica do termo “pós-

⁹⁵Embora haja um número significativo de coleções de histórias, a exemplo das de Cliff (1988), Senior (1989), Pollard (1994), Adisa (1986), Craig (1993), além do livro de memórias e testemunhos. O tipo de romance mais favorecido é o *Bildungsroman*.

⁹⁶As mulheres caribenhas da parte anglófona produzem significativamente na região, na Grã-Bretanha, no Canadá e nos Estados Unidos. Uma lista seleta de escritoras jamaicanas incluiria Louise Bennett, Erna Brodber, Michelle Cliff, Lorna Goodison, Olive Sênior, Pamela Mordecai, Gloria Escoffery, Velma Pollard, Judith Hamilton, Patricia Powell, Ifeona Fulani, Barbara Lalla, Christine Craig, Jean Binta Breeze, Opal Palmer Adisa, Rachel Manley, Honor Ford-Smith, Joan Riley, Jean D'Costa e Sylvia Winter. De Trinidad e Tobago podem ser citados Nourbese Philip, Ramabai Espinet, Dionne Brand, Rosa Guy, Claire Harris, Sybil Seaforth, Merle Hodge, Marion Patrick Jones, Valerie Belgrave e Elizabeth Nunez-Harrell. Pauline Melville, Jan Shinebourne, Grace Nicholls, Beryl Gilroy e Mahadai Das são alguns nomes

colonialismo” e da noção de tempo linear que sugere, e, em seguida, conjugar os assuntos que incorporam o domínio de investigação sobre o pós-colonialismo, como as questões étnico-raciais, de classe, gênero e feminismo, com enfoque na composição literária produzida por autores caribenhos que se debruçam sobre a escrita de romances e poemas que retratam as circunstâncias advindas do processo colonial e a série de argumentos dessa natureza, ocasionados a partir desse sistema.

Nossas reflexões circunscrevem-se à luz dos estudos pós-coloniais, a partir da contextualização de uma realidade social sob o viés da crítica cultural, que incorpora o colonialismo como objeto de estudo ao tecer uma releitura da prática colonial e de seus efeitos nas relações humanitárias contemporâneas, quando são pautados em elementos correlatos a questões de classe, raça, gênero, nação e etnia. Ao debruçar-se sobre uma abordagem ampla que se propõe a uma desconstrução de mitos sustentados pelo processo colonial, sob o qual o sujeito colonizado era caracterizado pelo ponto de vista decretado pelo colonizador, o discurso pós-colonial produz uma análise que permite a descentralização de referenciais eurocêntricos, a fim de oportunizar a consolidação de um percurso histórico próprio e de identidade cultural dissociada do cenário coercivo derivado do modelo escravocrata.

Através do seu projeto anticolonial, Fanon propôs uma conduta diferenciada tanto ao homem branco quanto ao negro, por meio do desígnio de uma série de recursos, dentre os quais a análise psicológica em relação aos seus complexos raciais e a consequente influência na edificação de suas identidades, que foram instruídas sob o julgo colonial e as suas estruturas racistas.

A literatura pós-colonial caribenha em língua inglesa, ao fundamentar-se no discurso em torno da “crise de identidade” que caracteriza essa sociedade, que após ter vivenciado um processo colonial duradouro ambiciona manifestar um percurso histórico próprio, compila questões emergentes nos principais debates literários e que estão relacionadas a conflitos raciais, adversidades de ordem política, econômica e cultural, exploração e opressão de grupos vulneráveis inseridos nas sociedades afro-caribenhas que estiveram durante um longo período sob o domínio externo e que continuam suscetíveis a tal controle, circunstância que configura uma dependência ainda mais abrangente para essas nações, em determinados aspectos, em comparação ao período colonial.

Ao propormos considerações a partir da temática do pós-colonialismo, é significativo que ponderemos que as diversas nações que experimentaram a colonialidade no globo vivenciaram esse evento em períodos e em espaços de tempo distintos, que culminaram em consequências

diversas, implicando no fato de que cada território experimenta sua condição pós-colonial em contextos específicos. Além desse quesito, é substancial que atentemos para a inconsonância que envolve o termo, já que as conjunturas contemporâneas de diversos espaços por ora colonizados suportam circunstâncias desvantajosamente desiguais, imbuídas por relações económicas e culturais de subordinação relativamente às suas metrópoles colonizadoras, que sustentam uma dependência irrefutável. O que se pretende é advertir para a noção de tempo que o termo insitui, como se o expansionismo das nações poderosas não fosse tão intenso a ponto de sobressair-se diante da suspensão histórica que o vocábulo estabelece. O propósito cardinal do capítulo, entretanto, foi a análise dos elementos e conceitos que constituem o campo de estudos literários que enquadra o pós-colonialismo, e não essencialmente a sua aplicabilidade no que tange ao nexó temporal.

O ponto de vista em torno da questão racial incorporou os raciocínios anticoloniais propostos por teóricos clássicos como Franz Fanon e Aimé Césaire, em seus principais discursos literários que tiveram como pontos basilares o colonialismo, a negritude e o racismo. Os quesitos propostos por Fanon desencadearam conceitos em torno de concepções como o hibridismo, o nacionalismo, a formação do sujeito, a descolonização da identidade cultural e a origem de espaços terceiros, em substituições ao eixo binário centro/periferia até então em vigor, que concedia visibilidade a perspectivas hierarquizantes. A proposição do autor era a de que mesmo após o término da sujeição colonial, somente a partir de uma substancial transformação cultural e política seria possível o surgimento de uma descolonização legítima. Através do seu projeto anticolonial, Fanon propôs uma conduta diferenciada tanto ao homem branco quanto ao negro, por meio do desígnio de uma série de recursos, dentre os quais a análise psicológica em relação aos seus complexos raciais e a conseqüente influência na edificação de suas identidades, que foram instruídas sob o julgo colonial e suas estruturas racistas. Suas concepções são adequadas à realidade pós-moderna, diante da dissimulação das ações determinadas por um novo colonizador.

O discurso de Césaire, por sua vez, é correlato, na medida em que investe com ímpeto na crítica aos intentos sumários da colonização, tais como o ódio racial e a opressão intelectual. Ainda no âmbito controverso do racismo, foi destacado o seu impacto na condição da mulher negra enquanto grupo peculiar, alvo de forças opressoras específicas. A notoriedade da relevância dessa conjunção fundamenta-se no motivo de que as questões feministas se configuram um dos principais tópicos discursivos englobado pelos estudos pós-coloniais, encontrando amparo no fato de que,

nesse trabalho, os romances analisados foram escritos por mulheres que, sob diversos contextos, revelam a complexidade da identidade feminina caribenha, em particular a de Antígua.

A partir de um grupo significativo de escritores, procuramos catalogar as vozes de romancistas e de poetas oriundos da segmentação do Caribe anglófono. Tais autores compõem um proeminente substrato literário em expansão e concentram-se em expor e em reformular pontos de vista em relação à identidade cultural, tanto situando-se fisicamente na região, quanto a partir dos mais variados espaços da diáspora. Os conteúdos mais expressamente narrados são a interação de nativos em âmbitos familiares, a contextualização de práticas folclóricas, a exposição de adversidades do passado histórico da região, como a escravidão e as suas consequências em condições pós-coloniais, as particularidades que envolvem o contexto linguístico local, como a formação, o desenvolvimento e a propagação da língua crioula, as experiências diaspóricas, além das mais variadas conjunturas que envolvem a tese em torno da construção da identidade cultural da sociedade, nomeadamente de origem africana. É eloquente ressaltarmos a consciência aguda desses escritores no que respeita aos relevos sociais e políticos das ilhas que compõem a região, que os enredos de suas narrativas são construídos fundamentalmente em torno de questões que envolvem a classe operária e menos frequentemente a classe média, e que a maior parte do grupo é de descendência africana, sendo os crioulos brancos constituintes de um grupo menor.

Outro fator relevante é que a maior parte da produção literária é escrita e publicada fora do Caribe e o público leitor é maioritariamente estrangeiro, o que revela uma falta de conexão entre o escritor e o seu potencial público interno, um dos pontos que configura a falta de espaço adequado para o escritor em sua própria sociedade, situação que em parte justifica o exílio, que é explicado também devido aos recursos escassos e às condições sócio-económico-culturais das ilhas, além do poder que a nação metropolitana possui. Esses são pontos que ocasionam o hibridismo característico da cultura caribenha- embora esse seja um atributo comum às nações que passaram pela experiência colonial- com a fusão entre as culturas de raiz e a dos colonizadores.

A questão linguística também aparece como um dos extratos centrais das subseções e sua abordagem é controversa. O idioma padrão é a língua inglesa, que propicia a comunicação em moldes formais, de maneira que a voz do escritor ultrapassa as fronteiras geográficas e ele pode existir para o Outro. Questionável, entretanto, é o fato de que o escritor precisa conceber o advento de utilizar o inglês como idioma de referência para descrever a sua cultura negra, em diversas perspectivas tão distinta da cultura metropolitana branca. Nesse sentido, um dos conflitos em torno

da identidade cultural nacional é pautado na linguagem, visto que há uma identificação entre esses elementos. Tais fatores não impedem, entretanto, que o inglês crioulo seja a língua afetiva falada entre os caribenhos e sirva para dar voz às personagens dos diversos romances.

No âmbito das questões feministas, foi dada ênfase aos fragmentos divergentes entre as agendas relativas ao feminismo branco e ao negro, e nessa matéria retornou-se à discussão em torno da questão racial, que é precisamente o que distingue a mulher negra, fator que tem suscitado demasiados debates e produções literárias nesse grupo, além do crescimento de movimentos feministas negros. A escrita feminina negra caribenha originou-se na época da escravidão e tem suscitado discussões em contextos raciais, políticos, de classe e culturais.

2.2 Construção de identidade na literatura pós-colonial

2.2.1 Perspetivas de identidade na literatura pós-colonial caribenha anglófona

Elas (as identidades) emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma "identidade" em seu significado tradicional- isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna
(S. Hall, 1996a, pp. 109-110)

Os debates em torno da identidade cultural vinculam-se aos processos e às práticas que transtornam o caráter estabelecido de muitas populações e culturas, ou seja, os processos de globalização — os quais coincidem com a modernidade (Hall, 1996b) — e os processos de diáspora que se tornaram um fenômeno global do mundo pós-colonial. As identidades invocam uma origem que reside em um passado histórico com o qual eles continuam a manter correspondência. Relacionam-se com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção daquilo que nos tornamos, quem podemos nos tornar e como temos sido representados (S. Hall, 1996a).

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela, ou seja, é exatamente através da relação com o Outro, distinto, no qual encontramos aquilo que nos falta, que a identidade é construída (Butler, 1993; Derrida, 1981; Laclau, 1990). As identidades, portanto, funcionam como pontos de identificação devido à sua capacidade para excluir e ao mesmo tempo necessitar daquilo que lhe "falta" (S. Hall, 1996a, p. 110). Construir uma identidade social é considerado um ato de poder (Laclau, 1990, p. 33), pois a sua afirmação ocorre por meio da repressão daquilo que a ameaça. Para Laclau, a constituição de uma identidade se baseia no ato de

excluir algo e estabelecer uma hierarquia contundente entre os polos: homem/ mulher, branco/ negro, na medida que aquilo que é peculiar ao segundo termo é reduzido em oposição à essencialidade do primeiro.

O termo "identidade", ao passo que suscita uma abordagem discursiva abrangente, é submetido também a uma crítica severa, visto que uma completa desconstrução das perspectivas identitárias se efetua em uma variedade de áreas disciplinares que criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada (S. Hall, 1996a). Atualmente, ouvimos falar da identidade e das suas controvérsias com mais frequência do que em qualquer outro período da modernidade e, embora seja verdadeiro que a identidade ainda ocasiona objeções, não é da mesma maneira que foi ao longo da modernidade. Assim, se o dilema no período moderno era o de como construir uma identidade, mantendo-a sólida e estável, no pós-moderno é, em primeiro lugar, o de evitar a fixação e ceder espaço à sua reconstrução e redefinição (Bauman, 1995). Kellner (2001), entretanto, questionou a exequibilidade dessa possibilidade e observou que a identidade se tornou um jogo livremente escolhido, uma apresentação teatral de si.

Stuart Hall, por sua vez, ao arriscar desenvolver um conceito de identidade não essencialista, mas estratégico e posicional, intencionou assegurar que a sua concepção de identidade não assinala o núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, pelas intercorrências da história. Ou seja, esta concepção não se refere ao segmento do eu que permanece sempre o mesmo ao longo do tempo. Tampouco se refere, em termos da questão de identidade cultural, ao eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus que um povo com uma história e uma ancestralidade partilhadas mantêm em comum (Hall, 1990). Mbembe, em entrevista a Höller (2011), defendeu o argumento da impossibilidade da reconstituição completa da identidade baseada no passado:

[T]here is no way we will overcome the neurosis of victimization if, by transforming the past into our subjective present, we root our identities in injury alone. For the past to become a principle of action in the present, we have to manage to admit the reality of loss and stop living in the past instead of integrating it in to the present as that which must sustain human dialogue. In any case, the complete restitution of the past is not only terrifying, but also a clear impossibility (Mbembe, 2011 citado em Höller, 2001, s.p.).

Nessa concepção, as identidades nunca são unificadas. Ao contrário, são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas. Não são singulares, mas construídas ao longo de discursos e práticas que podem se cruzar ou ser contrários, isto é, estão sujeitas a uma

historicização radical, passando por um processo de mudança e de transformação contínuo (Hall, 1996a, p. 108).

Grossberg (1996) ao questionar as relações entre os estudos culturais com a teoria e a política da identidade e da diferença, reforçou o argumento de S. Hall, afirmando que a identidade é um efeito de relações temporárias e instáveis que define as identidades marcando as diferenças. Para o autor, portanto, a ênfase é sobre a multiplicidade das identidades e das diferenças, ao invés de ser sobre uma identidade singular. As identidades são sempre contraditórias, compostas por fragmentos parciais.

Para Woodward (2000), o processo de construção da identidade é pautado na redescoberta do passado e caracterizado por conflito, contestação e crise. Mercer (1990, p. 4), afirmou que a identidade representa um problema quando está em crise, ou seja, quando a suposição de que a sua natureza fixa, coerente e estável é movimentada pelo experimento da dúvida e da certeza. Quando falamos em "identidade" e "crise de identidade", não podemos esquecer que esses são conceitos característicos das sociedades atuais e da pós-modernidade. A própria globalização exerce influência, ao produzir resultados distintos no contexto da identidade, ocasionando o seu distanciamento no que diz respeito à comunidade e sua cultura. Conforme a autora sugeriu, pode, alternativamente, fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou impulsionar o surgimento de novas posições de identidade.

Em diversas nações do globo, presenciamos movimentos nacionalistas que tencionam afirmar a sua identidade por meio de reivindicações linguísticas, por meio do pertencimento a blocos políticos, ou ainda de suas identidades étnicas. As diversas transformações mundiais da contemporaneidade, sejam de ordem política ou económica, impulsionam o questionamento em torno da manutenção das identidades nacionais e étnicas.

Outras, de forma a lidar com a fragmentação do presente, como exemplificou Woodward (2000), buscam retomar o passado de forma a reacender as suas antigas tradições, embora possamos argumentar que não existe identidade fixa que remonte totalmente ao passado, ainda que os indivíduos envolvidos expressem um desejo pela sua restauração, o que Anderson em 1983 denominou *comunidade imaginada*, ao afirmar que a identidade nacional depende da ideia que os indivíduos dela fazem. Dessa maneira, podemos falar em diversas identidades nacionais e ainda nas formas distintas pelas quais elas são imaginadas, contestadas e reconstituídas. E ainda que esse passado seja imaginado, proporciona alguma certeza em um contexto de transformação e

latente incerteza (Woodward, 2000). Dessa forma, as identidades em conflito possuem um papel preponderante nas mudanças de ordem social, política e económica.

E nesse contexto, passado e presente são importantes, na medida que as ações de contestação do presente buscam justificativa para a criação de novas identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado, conforme complementou Woodward (2000). São exatamente nessas fronteiras que se localizam os conflitos atuais, onde a identidade nacional é questionada e contestada.

Relativamente à questão da construção cultural de identidades, destaca-se a sua forma peculiar de problematização, na contemporaneidade, através do pós-colonialismo e do surgimento de formas diversificadas de contextualizar a realidade, quando as ideologias em conflito cedem espaço à competitividade e às divergências entre identidades distintas, caracterizando e reforçando o argumento de que existe uma crise de identidade na contemporaneidade, como completou a autora (Woodward, 2000), ocasionando a necessidade de negociação entre as múltiplas identidades através da interseção de pontos em comum entre o passado e o presente, as relações entre os valores e outros elementos que são partilhados ou contestados e o exame do entrelaçamento entre as diferenças.

Ao apresentar o conceito de identidade cultural e as formas distintas sob as quais podemos refleti-la, S. Hall analisou quem e o que representamos quando falamos, e concluiu que o sujeito fala a partir de um posicionamento histórico e cultural específico. Uma das suas proposições é a de que, ao intencionar reafirmar e reforçar a sua identidade cultural, uma dada comunidade, por exemplo, a da região caribenha, busca reaver a veracidade sobre a sua história, na unicidade de uma perspetiva cultural partilhada, ou seja, a "caribenhidade". Para S. Hall (1995), a identidade não está no passado para ser encontrada, mas no futuro para ser construída. Dessa forma, os caribenhos não devem abandonar o projeto de recuperar o passado, porém as velhas identidades não devem ser tomadas literalmente.

Outro argumento relevante de S. Hall é o de que a identidade cultural se baseia tanto no "tornar-se" quanto no "ser", reconhecendo que ela possui um passado, que é parte de uma comunidade imaginada, em transformação, e que ao reivindicá-la desencadeamos um processo de reconstrução. A identidade não é fixada em qualquer rigidez, é fluida e plural. Em diversos e distintos sítios, novas identidades emergem, baseadas em classe, género, raça e etnia, ou seja, os posicionamentos dependem dos campos sociais nos quais atuam. As identidades tornam-se cada

vez mais questionadas, ambíguas e fragmentadas. Os sujeitos, ao perceberem a identidade como uma questão de “tornar-se”, estariam capacitados a designar seus próprios posicionamentos, reconstruindo e transformando as identidades históricas originadas do passado comum.

Tomando como base a questão do pós-colonialismo em Antígua, no contexto da problematização proposta, a política de identidade consiste em questionar as estruturas tradicionais de pertencimento em favor do reconhecimento da identidade, que supostamente ocupa espaços marginais, relativamente às identidades hegemônicas. Através da análise das personagens dos romances que compõem a tese, são observadas quais posições de identidade assumem, quais outras identidades estão envolvidas, quais os conflitos que apresentam e como, por fim, são negociadas. A identidade se destaca como uma questão central no transcurso das narrativas, no contexto da demarcação de fronteiras, da reconstrução das identidades nacionais e étnicas e da reafirmação dos essencialismos culturais, pondo em questão convicções tradicionais, culminando, portanto, na problematização e na ponderação sobre a importância das diferenças e das oposições na construção de posicionamentos sobre a identidade, além do questionamento dos elementos que fixam os indivíduos em determinadas identidades culturais e que os separam por meio da diferença cultural.

Face ao contexto da dificuldade em se definir uma identidade própria, o estudo das culturas há de considerar as transformações históricas, econômicas e sociais alavancadas pela invasão colonial, na qual a discriminação cultural e racial assumiu configurações peculiares em cada sociedade, se considerarmos que o processo de colonização global, apesar das semelhanças nos propósitos, é considerado distinto em perspectivas diversas. Como a segregação foi condição própria do projeto colonial, houve alterações de ordem estrutural nas partes envolvidas, pois se por um lado o interesse do grupo dominante era impor a superioridade da sua cultura, por outro, os povos colonizados ansiavam pela recuperação da sua, algo que o processo colonial lhes subtraiu.

Ao ter em conta que a cultura não é um elemento estático, pelo contrário, é inerente à sua natureza evoluir, há uma tendência em se justificar para o colonialismo a premência em doutrinar os povos julgados como atrasados para que estes disponham de instrumentos intelectuais e assim sejam capazes de encaminhar o seu próprio destino. Tal justificativa diverge, todavia, da essência dominadora e capitalista da classe privilegiada, detentora de poder nos países neocolonizadores que, ao proporcionarem progressos aos colonizados através da educação, intencionam tirar proveito do seu papel de educador, visto que há uma tendência em suscitar através desta, a subserviência.

Apesar de a colonização instituir o seu domínio nos aspetos económicos, políticos e sociais, no âmbito cultural, entretanto, embora houvesse a conexão com tais elementos, a implantação definitiva do poder somente seria possível através da dizimação da população dominada ou da chamada resistência cultural por parte de um segmento da população.

A colonização não resultou dos empréstimos dos elementos de uma dada cultura sobre a outra, pois estes não foram assimilados espontaneamente pelos colonizados, visto que foram justapostos desequilibradamente. O que houve foi uma mescla desenfreada de traços culturais distintos, ao ponto de esses não terem se fundido harmoniosamente. Ao serem impostos, tais elementos permaneceram estranhos, pois os povos colonizados não puderam deles dispor e organizá-los dentro do seu universo, adaptá-los às suas necessidades. Essa circunstância lhes foi recusada.

O resultado entre a mistura da cultura do colonizador e a do colonizado não deve ser equiparado a uma fusão de elementos tradicionais e àqueles tomados de empréstimo, na qual a cultura do colonizado permaneceria a mesma. Haveria essa possibilidade somente caso existisse liberdade por parte do colonizado em conduzir-se pelas suas necessidades, condição, entretanto, que lhe foi subtraída. Houve, portanto, o surgimento de uma subcultura caribenha, subalterna à europeia, que impunha a inércia ao homem colonizado, posto que não se daria a sua evolução a partir de uma cultura que lhe foi imposta, na qual ele não se reconhecia e nem decidira assumir.

Convém ressaltar que ao falarmos de identidade caribenha, não podemos esquecer que o Caribe não constituiu um território colonial tradicional, com relações entre duas culturas distintas, a do colonizador e a da população nativa. À época colonial não havia mais cultura nativa, pois a civilização ameríndia autóctone havia sido destruída. A população escrava originada da África, no decorrer dos anos, congregou a língua, os costumes e a cultura dos colonizadores. Assim, o povo caribenho, nascido no século XVII, foi constituído a partir de um sistema ocidentalizado e pode ser considerado como o detentor das maiores experiências dos costumes da civilização ocidental entre os povos negros colonizados. C. James (1989) evidenciou a dissonância entre as condições de vida primitivas dos escravos e a linguagem europeia complexa por eles utilizada, como elemento que lhes foi imposto e que compunha um dos fatores que contribuiu para a existência de incompatibilidade entre a consciência das camadas negras e as suas realidades de vida. O grande paradoxo reside no fato de que, ao passo em que também seja acessível a essa população os atributos do mundo civilizado ocidental, através dos meios de comunicação e dos aparatos

materiais, considerados essenciais para uma existência civilizada, essa mesma sociedade ainda convive com resquícios da escravidão, ainda que a região caribenha consiga produzir recursos para ser autossuficiente, o que contraria a ideia de que é uma comunidade pobre (C. James, 1989).

Ao analisarmos as questões de identidade, nos deparamos com dois fatores que constituem a base da história caribenha, que são a plantação de cana-de-açúcar e a escravidão. C. James (1989) afirmou que a primeira constituiu a influência mais civilizadora e desmoralizadora para o desenvolvimento caribenho. Civilizadora porque os escravos negros foram inseridos no moderno sistema latifundiário das plantações, fato que proporcionou aos mesmos, desde o início, acesso a uma vida moderna, através do contato com os proprietários das plantações que dispunham de uma vida social na qual cultura material e bem-estar eram elementos comuns.

No caso de Trinidad e Tobago, Harney (1996) expressou a dificuldade em se compreender as complexidades da identidade, da raça e do pertencimento, em uma nação moderna multicultural do Novo Mundo. Nos últimos anos, os romances e os poemas sobre Trinidad e sobre o Caribe em geral estiveram sujeitos a uma nova tipologia de crítica literária que gira menos em torno de uma nação, de uma região ou até mesmo de uma cultura e mais em volta de uma série de teorias, considerando os romances escritos por nativos como parte de um amplo discurso sobre o pós-colonialismo, o centro *versus* a periferia, a Europa e o Outro, a linguagem como um terreno contestado dos países do Sul *versus* as potências industrializadas.

O termo "identidade" é ainda utilizado para retratar o ponto de encontro entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode "falar". Dessa maneira, S. Hall (1995) intencionalmente argumentou que as identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. São o resultado de uma bem-sucedida articulação ou "fixação" do sujeito ao fluxo do discurso, isto é, uma interseção. Dizem respeito às posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora saiba que elas são representações e que a representação é sempre construída ao longo de uma "falta", a partir do lugar do Outro, portanto, nunca podendo ser idênticas aos processos de sujeito que são nelas investidos (S. Hall, 1995, p. 112). A suturação, assim, é pensada como uma articulação e não como um processo unilateral, pois uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja "convocado", mas que ele invista naquela posição.

No texto *The African presence*, Lamming (2005), ao destacar a questão relacionada à identidade, fez uma simples comparação entre as diferentes visões e sensações entre um turista americano na Europa e um negro caribenho que empreende uma viagem à África com a mesma finalidade. Os primeiros, geralmente, descendem de homens cuja emigração do continente europeu aconteceu por vontade própria e que enxergam o mundo de forma muito peculiar. É um turista comum, interessado em fatores históricos que são representados através de patrimônios históricos. Segundo o autor, a Europa nada acrescenta ao seu problema de identidade. Já o negro caribenho, mantém uma relação mais pessoal e complexa com a África, já que as suas condições de vida indicam abertamente os motivos que impulsionaram os seus ancestrais a deixarem o continente. Tal mudança implica em consequências desastrosas que podem ser percebidas atualmente em todas as dimensões da vida dos caribenhos, originadas a partir de políticas raciais e coloniais severas. O autor acrescentou que a relação desses povos com a África é obscura no sentido de conhecimento insuficiente da história desse continente do qual é parte, e que somente o sabe “através de rumores e mitos ensombrados pela tutela estrangeira”, o que implica em sua resistência em reconhecer a sua parte no legado africano, que é seu patrimônio.

Diante da problemática de identidade e da ávida busca por sua afirmação, as políticas contemporâneas demonstram uma indignação que faz com que a cultura reivindicada para se representar desapareça em abstrações que acabam por recapitular os estereótipos prescritos pelos colonizadores (Pinar, 2009). Tais políticas são transformadas em promoção pessoal, na qual a vitimização se torna uma mercadoria que demanda pagamento, fator que pode ocasionar oportunismo e canibalismo, pois ao privilegiar sua própria identidade em nome do multiculturalismo, o indivíduo reconhece parcialmente o outro, por vezes desconsiderando-o.

2.1.2 Migrações: da diáspora à globalização

If the experience of displacement has become the paradoxical starting-point for understanding the parameters of belonging in the modern world, then this entails a challenge to the conceptual framework for understanding identity and culture
(Papastergiadis, 1997, p. 188)

A mobilidade transcultural é um fenômeno progressivo na história da humanidade e representa o fulcro crítico abordado nessa parte, em que se situam as questões de identidade através da experiência da diáspora. Na sua essência, as culturas sobrevivem a partir da mobilidade ocasionada pelos contatos interculturais e as concepções que se pautem em visões puristas tornam-se fantasiosas, na medida que as culturas são concebidas como resultados momentâneos de

intricados movimentos de cruzamentos e hibridização. Dessa forma, para que obtenhamos uma interpretação fundamentada e adequada sobre a cultura, e suas diversas interseções e contaminações, precisamos compreender as mais diversas formas e episódios de mobilidade entre culturas, a exemplo da colonização, da migração e do exílio, evidenciando as suas consequências, visto que são esses elementos que constituem a história e a disseminação da identidade, contrariamente a um sentido enraizado de genuinidade cultural e estaticidade, frequentemente imposto às nações, que dificilmente considera os contributos das memórias deslocalizadas.

A história do Caribe é marcada por deslocamento, sendo caracterizada por mais de cinco séculos de constante fluxo populacional, cuja maior parte foi resultado direto de migrações em larga escala. O advento da migração é um tema frequente na literatura caribenha, sendo esta marcada por uma tradição emigrante. Os primeiros escritores nativos da região passaram grande parte de suas vidas no exterior e auferiram notoriedade a partir dos anseios do público metropolitano, a fim de promover o conhecimento de suas colônias. A reflexão sobre a questão da diáspora é considerada uma forma de auxílio de compreensão das complexidades, quando se imagina a nação e a identidade caribenhas em uma era de globalização crescente.

Nos últimos cinquenta anos, a região passou de importadora de mão-de-obra a exportadora e possui uma das maiores comunidades da diáspora do mundo, em proporção à sua população. Historicamente, a natureza, a direção e a magnitude da migração no Caribe sempre foram influenciadas pelas tendências no desenvolvimento socioeconómico global e regional. O comércio de escravos nos séculos XVIII e XIX causou as primeiras grandes ondas de imigração para a região. Após a Emancipação no século XIX, os operários passaram a deslocar-se à procura de emprego ou de melhores condições de trabalho. O capital internacional, que inicialmente transformou o Caribe em uma região recrutadora de imigrantes, o transformou posteriormente em uma fonte de emigração e voltou a satisfazer as principais demandas industriais dos outros países. As empresas estabelecidas desde o início em diferentes ilhas, geraram, por sua vez, uma demanda direta de trabalhadores caribenhos, bem como de seus países de origem. Neste contexto, vale ressaltar que o desenvolvimento dos fluxos de migrantes não era uma iniciativa liderada pelo Caribe, mas foi gerado em resposta às demandas do capital internacional.

Essa condição assumiu um lugar crucialmente relevante na agenda política. Dada a maneira como a questão da imigração é significativa nos países de acolhimento, esse tornou-se um fator decisivo nas relações interestatais. Nesse sentido, a questão da imigração é tão preocupante

tanto aos países provedores quanto aos recetores, em termos do impacto dos imigrantes nas sociedades de acolhimento, também em âmbito sócioeconómico e político, e do ponto de vista dos países que enviam seus habitantes, o impacto é notável em termos da relevância das remessas monetárias realizadas pelos nacionais no exterior e do papel das influências transnacionais e culturais.

O argumento a seguir é baseado em *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior* (1998)⁹⁷, obra de autoria de S. Hall. Ao analisar a proposição de Benedict Anderson, de que as nações não são apenas entidades políticas soberanas, mas “comunidades imaginadas”, S. Hall questionou como seriam imaginadas as comunidades caribenhas após trinta anos de independência política, sociedades onde o “sujeito imaginado” estaria sempre em jogo. S. Hall sugeriu o imaginar da relação do sujeito da diáspora com a sua terra de origem e a natureza de seu “pertencimento”, ou seja, de que maneira se deve refletir sobre a identidade nacional no Caribe, no âmbito da experiência diaspórica. Os sujeitos negros que vivem na Grã-Bretanha, por exemplo, não se desligam de suas raízes caribenhas, ou seja, as conexões permanecem vívidas e se mantêm expressivas na condição do exílio, uma noção clara sobre a identidade cultural de sua terra de origem (S. Hall, 1998).

A modernidade, atualmente, já não mais é definida exclusivamente nos termos ocidentais, ou seja, não parte de um único centro. A diferença cultural motiva o preconceito e a discriminação em relação ao Outro, juntamente com os antigos racismos. O retrógrado modelo centro-periferia entrou em colapso. Por outro lado, as culturas emergentes que se sentem ameaçadas pelas forças do processo de globalização e da diversidade tendem a se limitar em torno de suas inscrições nacionalistas, enquanto deveriam abarcar o jogo da semelhança e da diferença que tem transformado a cultura em nível mundial.

S. Hall (1998, p. 27) argumentou que na situação da diáspora as identidades se tornam múltiplas, já que os caribenhos compartilham com os outros a qualidade de “ser caribenho”: além do fato de que existem semelhanças com as outras populações de minoria étnica, ou seja, identidades “britânicas negras” emergentes, há identificações simbólicas com as culturas africanas e também com as afro-americanas. É comum ao sujeito que vivencia o processo da diáspora, a

⁹⁷O capítulo *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, é resultado de uma palestra proferida como parte das comemorações do quinquagésimo aniversário da *University of the West Indies*, em novembro de 1998.

dificuldade de reinserção em suas sociedades de origem, ou seja, as ligações espontâneas que antes possuíam são interrompidas através desse movimento de dispersão.

Questiona-se, portanto, o que a experiência da diáspora causa à identidade cultural dos caribenhos e de que forma a identidade, a diferença e o pertencimento podem ser concebidos ou imaginados após a diáspora, já que a identidade cultural carrega em si traços de unidade essencial e é inscrita nas relações de poder construídas pela diferença. S. Hall sugeriu uma ponderação sobre a maneira como as nações caribenhas são concebidas após trinta anos de independência política, quais as similaridades entre os seus vizinhos em contexto histórico-cultural, como refletir sobre a relação das sociedades com as suas terras de origem e como pressupor a natureza do pertencimento e da identidade nacional a partir do experimento da diáspora.

Um fator a ser considerado é o de que as comunidades caribenhas negras em diáspora mantêm laços vívidos com suas raízes, preocupando-se em manter no exílio a sua identidade cultural, em países onde se encontram essas minorias étnicas, como na Grã-Bretanha, por exemplo. A "identificação associativa" com as culturas nativas continuam sólidas com o decorrer das gerações, ainda que os sítios de origem não sejam os únicos modos de identificação (S. Hall, 1998, pp. 28-29).⁹⁸ Não podemos desconsiderar, entretanto, que na condição da diáspora as identidades se tornam múltiplas, e que, no exemplo citado por Hall, é a qualidade de "ser caribenho" que os nativos compartilham com os demais migrantes do Caribe, além das similitudes com outras populações de minoria étnica, a exemplo da identificação com as culturas africana e afro-americana (S. Hall, 1998, p. 29).⁹⁹

A maioria dos críticos da literatura anglófona identificou temas em textos intimamente relacionados à experiência da emigração, mas, na sua totalidade, não conseguiram elaborar o vínculo entre esses temas e o status dos autores anglófonos. De acordo com a crítica geral, Ngugi Wa Thiong'o afirmou que o romance das Índias Ocidentais em língua inglesa está em parte preocupado com uma busca geral por raízes. Sob a maioria das personagens fictícias das Índias Ocidentais existe uma sensação de exílio. A alienação, individual e comunitária, é o único tema unificador no romance das Índias Ocidentais.

⁹⁸ Nessa passagem, S. Hall exemplificou o caso dos barbadianos que vivem na Grã-Bretanha, tomando como parâmetro a obra *Narratives of Exile and Return*, de Mary Chamberlain.

⁹⁹ No exemplo dos entrevistados de Mary Chamberlain, destacou-se a dificuldade que sentem os que retornam para a sua terra natal em se readaptarem às suas origens, seja pelo ritmo diferente da anterior vida cosmopolita ou porque sentem que o seu lugar se tornou irreconhecível após suas experiências diaspóricas.

Em tempos modernos, a sensação de deslocamento torna-se mais frequente e um retorno total à unidade anterior torna-se inviável, na medida que o passado e a memória são conhecidos através de seus efeitos. Diante da experiência da diáspora, pode-se questionar de que maneira a identidade cultural é afetada por tal prática, a partir de circunstâncias como a diferença e o pertencimento, visto que essencialmente presume-se que a identidade seja fixada no nascimento e seja impermeável a algo superficial como uma mudança temporária do local de origem do sujeito que se coloca em questão (S. Hall, 1998). Para o autor, a interpretação mais familiar e simples do conceito de diáspora entre os povos caribenhos é a da dispersão que já carrega consigo um compromisso de retorno redentor. É a perspectiva inscrita como subtextos nas histórias nacionalistas caribenhas.

Ao retratar o mito fundador dos povos caribenhos- exemplificando a versão da história do Velho Testamento, uma narrativa de libertação de “povo escolhido”, que justificou a escravidão, decorrente em sofrimento e posterior libertação, esperança e redenção, discurso que oferece uma metáfora dominante às manifestações libertadoras negras do Novo Mundo- possuir uma identidade cultural é conectar o passado, o presente e o futuro em linha ininterrupta, tradicionalmente fidelizando as suas origens, em um mito capaz de moldar os imaginários, influenciando ações e conferindo sentido à história desses povos (S. Hall, 1998, pp. 31-32).

As questões da identidade cultural na diáspora, entretanto, não devem ser tão literalmente interpretadas quanto o são essas metáforas. Essas questões têm-se revelado inquietantes para os caribenhos devido ao caráter decisivo da identidade enquanto questão histórica. As sociedades caribenhas, conforme mencionado anteriormente, são compostas por muitos povos, de origens diversas, e a distinção da cultura caribenha é o resultado da fusão de elementos culturais africanos, asiáticos e europeus distintos (S. Hall, 1998). Contrariamente ao discurso do mito fundador, longe de construir uma continuidade com o passado dos caribenhos, tal história é marcada por ruturas violentas e abruptas (S. Hall, 1998). A modernidade para esses povos foi lentamente construída por via da vontade imperial e de sua prolongada subordinação à dependência colonial.

A relação entre as culturas caribenhas e as suas diásporas não pode ser concebida em termos de origem e cópia, mas sim como a relação entre uma e outra diáspora. Nesse sentido, o referencial nacional não é muito útil, pois a antiga estrutura dos Estados-nação inflige limites rigorosos, desejosos que através desses as culturas se desenvolvam. No caso caribenho, foram empregadas medidas pautadas nesse referencial, a fim de reconstruir a nação após a

independência (S. Hall, 1998). É fundamental que se perceba, entretanto, a concepção diaspórica da cultura como uma insubmissão dos modelos culturais tradicionais voltados para a nação.

Ao retornar à questão da tentativa de reconstrução das identidades caribenhas, a partir do retorno às suas fontes originárias, Hall concluiu que as lutas pela recuperação cultural não foram em vão e enfatizou que retrabalhar a África no contexto caribenho tem sido o recurso mais significativo da política cultural da região. Ressaltou, entretanto, que isso é possível não pelo fato de os caribenhos estarem ligados à herança africana de forma indissolúvel, tendo constituído uma cultura africana distinta que avançou sem mudanças, por gerações. O que está em jogo, contrariamente, é a forma como os caribenhos se propuseram a interpretar, a reler e a reproduzir a África, dentro de sua narrativa.¹⁰⁰

A África exerce o papel de significante para a história caribenha, que foi suprimida e negada, tornando também a raça “pronunciável” enquanto condição social e cultural, dado que na formação cultural caribenha a raça branca e os seus elementos sempre foram posicionados em ascendência, contrariamente à raça negra, disposta de forma subalterna e marginal em seus traços. Consequentemente, as identidades formadas a partir do julgo colonial foram concebidas de maneira a denegar o envolvimento com as histórias efetivas da sociedade caribenha. Nesse contexto, todo o empenho por parte de indivíduos acadêmicos e praticantes de cultura, a fim de recompor a história e os seus fragmentos, constitui parte do que é necessário à reconstrução da configuração e das autoimagens dessa cultura complexa, de forma a tornar visíveis os seus elementos (S. Hall, 1998).

Para Hall, as sociedades estão sempre em processo de formação cultural. A globalização impõe sua influência nesse processo, ao subverter cada vez mais os seus próprios modelos culturais homogeneizantes, desfazendo limites. Portanto, as identidades já não podem mais ser concebidas como estabelecidas e estáveis. Em todo o mundo, o processo de diáspora tem diversificado as culturas e pluralizado as identidades culturais, o que inclui também as nações dominantes, antigas potências imperiais. Essa diversidade ocasiona uma disseminação da diferença cultural em todo o globo.

¹⁰⁰De todo modo, as culturas sempre se recusam a ser totalmente sitiadas nas fronteiras nacionais e ultrapassam os limites políticos. No caso da cultura caribenha, a imposição de fronteiras nacionais dentro do sistema imperial subdividiu a região em entidades nacionais e linguísticas separadas e essa fragmentação permaneceu (S. Hall, 1998, p. 39). Acerca dessa temática, S. Hall citou *O Black Atlantic* (1993), de autoria de Paul Gilroy, como uma influente narrativa que abrange as semelhanças na região caribenha como um todo, obscurecidas pela história nacionalista.

2.1.3 Hibridismo cultural

O "terceiro espaço" que resulta da hibridização não é determinado, nunca, unilateralmente, pela identidade hegemónica: ele introduz uma diferença que constitui a possibilidade de seu questionamento
(Silva, 2000, p. 87)

Por volta do século XIX, o hibridismo tornou-se uma questão chave para os debates culturais e a convergência, no final do século XX, entre as teorias pós-estruturalistas, pós-modernas e pós-coloniais engendrou uma rede de discurso crítico que o privilegiou, favorecendo a agência de assuntos das minorias, desestabilizando os discursos hegemónicos e o propondo como posição viável para o subalterno. O hibridismo foi movido do discurso científico sobre raça para situar-se na zona da identidade. Enquanto destacou a diferença psicológica ou cultural em termos de identidade, serviu primariamente como metáfora para as consequências negativas dos encontros raciais.

Em seu traço positivo, o hibridismo reconheceu invariavelmente que a identidade é construída através da negociação da diferença e que a presença de fissuras, lacunas e contradições não é necessariamente um sinal de falha. Em sua forma mais radical, o conceito salienta que a identidade não é a combinação, a acumulação, a fusão ou a síntese de vários componentes, mas um campo de energia de forças diferentes. O hibridismo não é confinado a uma catalogação da diferença.

O choque entre culturas provocado pelo colonialismo, ao invés de produzir uma bifurcação absoluta entre o colonizador e o colonizado, encorajou a formação de novas culturas híbridas. O colonialismo produziu perdas e ganhos, permitiu que novas formas de identidade ascendessem, enquanto aviltou outras. A sua mensuração não ocorre apenas em termos da intensa exploração ao Outro, mas também nas restrições que foram necessárias para fazer cumprir tal relacionamento. Tanto o dominante quanto o dominado produziram novas autoimagens que foram seletivamente desenhadas a partir de formas anteriores de consciência social:

Colonialism found legitimacy because it elicited a set of codes that were common to both cultures, and because it was thereby able to privilege components that were previously subordinate or recessive in these cultures. (Papastergiadis, 1997, p. 182)

As sementes desse colonialismo fundacional já estavam contidas na consciência de ambas as partes e central para a sua legitimidade foi a valorização do puro e a difamação do híbrido.

Discursos sobre o hibridismo constituem contra-discursos cruciais para a descolonização, oferecendo uma crítica devastadora ao racismo, embora por vezes possa obscurecer as histórias violentas que se esforça para desnudar. O hibridismo é o produto da zona de contato e os

pensadores pós-coloniais assumem a importância da sua influência na agência de assuntos das minorias, ao desestabilizar os discursos socioculturais dominantes que produziram tais assuntos. O hibridismo, portanto, precisa ser repensando como produto da violência sistêmica das persistentes lógicas coloniais.

De acordo com T. Silva (2000), o hibridismo tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. No âmbito da teoria cultural contemporânea, ele coloca em xeque os processos que tendem a conceber as identidades como separadas, fragmentadas ou segregadas, posto que questiona a pureza e a insolubilidade dos grupos de distintas identidades nacionais, raciais ou étnicas. Dessa forma, a identidade que é moldada através do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais anteriores, embora possuam características dessas. Para o autor, os processos de hibridização acontecem entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder, ou seja, nascem a partir de conflitos entre grupos nacionais, raciais e étnicos distintos, e, geralmente, estão relacionados à colonização, às histórias de ocupação e às diásporas.

Para Homi Bhabha, o conceito de hibridismo, além de ser inicialmente utilizado para expor os conflitos inerente ao discurso colonial, é estendido para abordar tanto o conjunto heterogêneo de sinais na vida moderna quanto as várias maneiras de convívio com a diferença. Bhabha propôs que a identidade nunca é fixada de uma vez e que nunca se apega em uma forma absoluta. O hibridismo é o processo pelo qual o discurso da autoridade colonial tenta traduzir a identidade do Outro dentro de uma categoria singular, porém falha e produz outra coisa. A interação entre as duas culturas procede com a ilusão de formas transferíveis e de conhecimento transparente, mas conduz cada vez mais a intercâmbios resistentes, opacos e dissonantes.

O hibridismo torna-se um modo interpretativo para lidar com o que Bhabha denominou justaposições do espaço e a combinação de lapso de tempo a partir do qual uma sensação de estar é construída e oscila constantemente entre os axiomas de estrangeiro e familiar. Bhabha sugeriu que, de maneira a apreender as estruturas contemporâneas de agenciamento, precisamos deslocar nossa atenção da produção concreta de objetos discretos e considerar, contrariamente, o processo de identificação inquietante. O autor enfatizou que a identidade nunca é fixada para sempre, nunca é absolutamente coerente. Ressaltou que a qualificação teórica no processo de formação da identidade não implica que esta é construída fora de um vácuo político e cultural. Elaborar a elasticidade na trajetória da identidade não é uma reivindicação de que os horizontes são ilimitados,

o acesso é livre e o passado não possui peso ou forma (Bhabha, 1994). Para o autor, atenção ao processo de identificação requer reconhecimento refinado da estratégia de negociação. A identidade sempre pressupõe um senso de localização e um relacionamento com os outros. Entretanto, essa atenção ao lugar não pressupõe encerramento. A representação da identidade quase sempre ocorre precisamente no ponto onde houve deslocamento (Bhabha, 1994).

Bhabha (1994) argumentou sobre a necessidade de passarmos além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de dar enfoque aos momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais, dando início a novos signos de identidade. É através do deslocamento de domínios da diferença que as experiências coletivas de nação e o valor cultural são negociados. Para o autor, a articulação social da diferença é imbuída por uma negociação complexa e se encontra em progressivo andamento, procurando atribuir autoridade aos hibridismos culturais que florescem em momentos de transformação histórica. Os conceitos de culturas nacionais homogêneas, as transmissões de tradições históricas, enquanto base do corporativismo cultural, estão em processo de redefinição. A ideia de uma identidade nacional pura somente é atingida por meio da morte dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras da nacionalidade moderna (Bhabha, 1994).

S. Hall (1996c), por sua vez, afirmou que a identidade cultural é sempre híbrida. Insistiu, entretanto, que a forma precisa desse hibridismo será determinada por formações históricas específicas e repertórios culturais de enunciação. A partir dessa perspectiva, o hibridismo pode ser visto como operando em dois níveis: se refere ao constante processo de diferenciação e troca entre o centro e a periferia e entre diferentes periferias, assim como serve de metáfora para a forma de identidade que é produzida a partir dessas conjunções. O autor representou as identidades híbridas como sempre incompletas, mas isso não implica que elas aspiram a um senso de totalidade e que invariavelmente estão aquém de se tornar um produto acabado, mas sim que a sua energia para o ser é dirigida pelos fluxos de um processo contínuo.

Para S. Hall (1996c), a etnicidade se torna um conceito positivo para o reconhecimento de que todos falamos a partir de um lugar particular, de uma história particular, de uma experiência e de uma cultura particular. Estamos, de certo modo, *eticamente* localizados e as nossas identidades étnicas são cruciais para o nosso sentido subjetivo de quem nós somos. Ao iniciar tal contestação ao longo dos limites da etnicidade, S. Hall (1989), apresentou um modo de se compreender a identidade, o qual é, paradoxalmente, tanto inclusivo quanto específico.

As questões de identidade cultural têm sido inquietantes para a sociedade caribenha por constituírem fatores históricos, marcados por ruturas abruptas oriundas da longa tutela de dependência imperial e também por sua diversidade étnica, caracterizando uma sociedade composta não apenas por um, mas por uma pluralidade de povos que têm origem em todos os continentes do globo, apesar do predomínio dos povos de descendência africana. O resultado híbrido do agrupamento de elementos culturais variados não pode ser facilmente desagregado em seus elementos de origem, conforme completou S. Hall (1989). Isso não significa dizer que a cultura caribenha é uma imitação da cultura dos colonizadores, mas evidencia uma criouliização ou mesmo transculturação, que surge no momento em que a cultura metropolitana dominante transmite materiais aos grupos subordinados que, por sua vez, os selecionam e reinventam. Durante esse processo, ocorre o cruzamento de trajetórias dos sujeitos envolvidos, anteriormente separados por circunstâncias geográficas e históricas.

Para Hall, a cultura caribenha é essencialmente impura e híbrida, condição necessária à sua modernidade. É necessário ressaltar, entretanto, que a mistura entre diferentes seres humanos não estabelece uma relação de igualdade, mas relações de poder mantidas pelo colonialismo. Os acontecimentos ligados à independência e aos movimentos pós-coloniais são momentos de demanda cultural, de reavaliação e de reapreensão, nos quais as histórias imperiais continuam a ser intensamente retrabalhadas. Os debates mais vigorosos na dinâmica da diferença na cultura contemporânea ocorreram no campo da teoria pós-colonial. Não há limites culturais fechados estritamente. Há, na verdade, uma espécie de continuidade cultural. A globalização cultural, mais do que homogeneizar, hibridizou, e nesse contexto, a identidade cultural tornou-se dúplice ou mista.

À medida que argumentou a respeito do seguimento híbrido oriundo do entrelaçamento dos diferentes elementos culturais dos continentes africano, asiático e europeu, Stuart Hall sustentou que esse resultado não mais é facilmente dissociado das suas unidades genuínas. Esse fato, entretanto, não faz da cultura caribenha uma imitação das outras, apesar da evidente criouliização ou transculturação. E é através dessa transculturação, da zona de contato, que os grupos submetidos à condição colonial irão selecionar e reinventar, a partir dos elementos transmitidos pela cultura dominante. A colonização e a modernidade ocidental, portanto, foram introduzidas em nível mundial e originaram um projeto significativamente desigual, porém, global, fazendo do povo caribenho "recrutado da modernidade", segundo Scott (trabalho não publicado, citado em S. Hall, 1998, p. 35).

Mercer (1994) descreveu que essa troca cultural é gerida por uma dinâmica que apreende elementos das culturas dominantes e de certa maneira os crioualiza e rearticula seu significado simbólico. Esse fator híbrido é visível ao nível da linguagem, através da variação crioula e do *patois*, que desestabilizam e carnavalizam o domínio linguístico do inglês padrão. Mercer demonstrou que em uma sucessão de formas culturais há uma dinâmica que se apodera de elementos simbólicos das culturas dominantes e os "crioualiza", deslocando determinados signos e rearticulando de outra forma os seus significados simbólicos. Como exemplo dessa resultância hibridizante, citou a linguagem, constituída pelo crioulo, pelo *patois* e pelo inglês negro, que desconsolidam o domínio linguístico do inglês padrão. A cultura caribenha, portanto, é essencialmente impura, condição necessária à sua modernidade (S. Hall, 1998). A conquista da independência e a questão pós-colonial são momentos de reapropriação histórica. Essa reconfiguração, entretanto, não pode representar um retorno ao ponto de origem, visto que há agora algo novo, diferente, e é esse elemento que torna o Caribe exemplo de uma diáspora moderna.

Conclusão

Nas questões relacionadas à identidade, são pertinentes a permuta de traços e padrões de cultura que evidentemente é estabelecida através do contato entre o colonizador e o colonizado, ao longo do tempo. Não há como se conceber um corte absoluto com o passado, ainda que se apresente um repúdio generalizado ao legado colonial. Ao se libertar do domínio estrangeiro, um povo não será culturalmente livre durante o processo de retomada da sua própria cultura, ao desprezar a significância dos contributos legados pelo colonizador.

Os escritores provenientes desse contexto intencionam demonstrar o desejo que o colonizado apresenta em libertar-se do peso advindo das influências nocivas e subordinantes da cultura estrangeira e também do transtorno racial que esse processo implica, para então atingir uma humanidade plena, por uma consciência de si verdadeira. Assim, o intuito é ser reconhecido por aquilo que realmente é, redirecionando a sua própria história, ainda que cheia de lacunas, na tentativa de remodelar uma perspectiva social deformada. O desejo de ter a sua cultura revalorizada, entretanto, não acontece de maneira estruturada, de modo que não permite ao colonizado resistir estrategicamente ao processo a que foi durante tanto tempo submetido. Acrescenta-se a relevância da libertação total das forças produtivas por parte do colonizado, em termos económicos, sociais e culturais, e não apenas políticos, como fator essencial à construção do progresso.

O "eu" é relevante para a identidade caribenha, pois devido a uma história de escravidão, crioulização e colonização, a questão "Quem sou eu" adquire um significado mais profundo e se torna carregada dentro dos temas culturais e raciais que não se encontram com a mesma intensidade no cenário europeu. A crioulização significa mais do que apenas uma mistura, pois envolve a criação de novas culturas. Os processos culturais de crioulização, no entanto, não são simplesmente uma questão de pressão constante do centro em direção à periferia, mas uma interação muito mais criativa de elementos crioulos.

As identidades caribenhas são produzidas pelo processo de crioulização mediado pelos vestígios da cultura, mas ligada à metrópole em um duplo vínculo que não os torna completamente britânicos nem ocidentais, mas mais do que a soma de ambos. De fato, essa duplicação do Caribe britânico integra e reproduz um eixo cultural que articula a intersticialidade da condição pós-colonial e ilustra o que S. Hall (1996c) definiu como o reconhecimento da imensa diversidade e diferenciação do histórico e experiência cultural dos sujeitos negros. Assim, as ilhas caribenhas anglófonas estão entre os resquícios de um império colonial britânico. Enquanto o passado histórico e o presente colonial as relacionam com uma metrópole distante, as suas identidades culturais as colocam dentro de um continuum caribenho.

O sujeito crioulizado é, portanto, um elemento cultural que enfatiza a nova identidade comum no lugar da identificação. A consciência da diáspora, ao contrário, geralmente reflete um grau de ansiedade com as identidades culturais na localização atual. A "pátria" é recuperada através da memória histórica e da organização social, o passado proporcionando um pólo contínuo de atração e identificação. Partindo da premissa de que a crioulização significa mais do que apenas a mistura, observamos que a transmissão cultural em situações de deslocamento e desterritorialização sugere o reconhecimento de "outros" poderosos. Não podemos deixar de notar que a crioulização é a força que traz as culturas humanas em relação uns com os outros, um processo de relação que não reduz o outro ao mesmo, nem se resolve de forma reificada e imutável.

A migração é uma das características definidoras do Caribe moderno nesse processo. A migração caribenha no século XXI evolui no novo contexto de um mundo globalizado. A migração intra-caribeira assume uma forma completamente diferente, mas ainda moldada pelos traços característicos do longo processo histórico. Até atualmente, os emigrantes permanecem nos moldes e nos vestígios das primeiras migrações intra-caribenhas, as que responderam às demandas

gerenciais do grande capital. Há uma mudança, entretanto, nas orientações tomadas por diferentes nacionalidades, porque nem aqueles que emigram, nem os países que recrutam, são necessariamente os mesmos. Este é igualmente o caso de certos países anfitriões que se tornaram fornecedores de mão-de-obra, como no caso da República Dominicana em relação às Índias Ocidentais anglófonas, ou Porto Rico em relação à República Dominicana, e assim por diante. Além disso, há fluxos de migrantes para as metrópoles europeias, de data relativamente recente. Por exemplo, o maior aumento na emigração ocorreu durante a década de 1970 para os Estados Unidos e o Canadá, antes de uma mudança tardia para a Europa.

Uma mudança significativa reside nas causas das migrações que inicialmente ocorreram devido às necessidades específicas de empresas multinacionais e de seus países de origem. Atualmente, são as próprias sociedades caribenhas que, devido aos desequilíbrios estruturais de suas respectivas economias, são *motu proprio*, forçando a partida de uma proporção significativa de suas populações. Se a migração continua a ser impulsionada pela demanda por parte dos países anfitriões, os países de onde se deslocam os emigrantes beneficiam-se da chance de reduzir as tensões sociais internas ocasionadas pelas estratégias de desenvolvimento atuais. Paradoxalmente, enquanto um crescimento significativo está sendo alcançado em determinados países, também há um aumento relativo ainda maior da escassez de recursos.

Outra particularidade da emigração atual é a forma como os países caribenhos criaram uma diáspora impressionante de sociedades transnacionais. Por conseguinte, esses países podem apresentar fronteiras culturais, económicas e, às vezes, políticas, dentro das sociedades anfitriãs. Este modo de organização na vida do imigrante aumenta o espaço para a negociação com as autoridades, tanto nos países de origem como nas sociedades de acolhimento, mesmo que se trate de uma população cujo poder reside na possibilidade de afetar situações positiva ou negativamente. O ressurgimento de grupos xenófobos proclama um nacionalismo e um chauvinismo desatualizados para justificar politicamente a rejeição aos imigrantes simplesmente porque são estrangeiros. Mas a consequência mais grave do surgimento desses grupos radicais é que eles podem aparecer em países que, ao mesmo tempo que empregam mão-de-obra estrangeira, veem parte de sua própria população emigrando para outros países. O medo da imigração provocada por esses grupos criou um ambiente tão hostil que a garantia de conflitos étnicos em alguns países pode produzir consequências negativas cada vez maiores nos próximos anos.

Por estas razões, faz-se indispensável o desenvolvimento de um diálogo que atribua respeito à dignidade dos imigrantes e à necessidade de um quadro regulamentar sobre a imigração. O ponto de partida em qualquer diálogo regional e global é o reconhecimento de que a migração intra-caribenha é intensa, multidirecional e avança continuamente. Além disso, como essa mobilidade entre os povos é reconhecida como intrínseca à própria estrutura da sociedade atual, é importante reconhecer nessas migrações um contributo positivo em termos de desenvolvimento, dado que se concentra em características sociais e culturais, centrais para a identidade do Caribe.

**Parte III – Pós-colonialismo e construção da identidade em Antígua: Jamaica Kincaid, Monica
Matthew e Joanne Hillhouse**

3.1 Memórias autobiográficas em *Annie John*, 1985

[...] *When I was growing up, we still celebrated Queen Victoria's birthday on May 24, and for us England (and I think this was true for V. S. Naipaul, too) and its glory was at its most theatrical, its most oppressive. Everything seemed divine and good only if it was English. So my education, which was very 'Empire', only involved civilization up to the British Empire- which would include writing- so I never read anything past Kipling. Kipling wasn't even considered a serious writer*
(Cudjoe, 1989, p. 398)

3.1.1 Signos e metáforas

Jamaica Kincaid escreveu *Annie John* quinze anos após imigrar para os Estados Unidos e um pouco após Antígua tornar-se independente. Como narrativa de cunho autobiográfico, o romance retrata uma condição comum às sociedades caribenhas pós-coloniais, ao abordar o contexto familiar conturbado o qual a autora utiliza para aludir à condição de nação colonial de Antígua.

Suas narrativas inserem-se em uma perspectiva distintivamente pós-colonial devido ao posicionamento ambíguo da escritora nas obras, que versam sobre identidade, pátria e família, a partir do sofrimento que acomete a personagem principal em seu desenvolvimento, desde a infância até a diáspora. A reflexão em torno das histórias fundamenta-se na importância atribuída ao ambiente familiar para a construção da identidade do indivíduo, portanto, o lar simboliza um significativo micro-espço dentro do projeto imperial maior. As narrativas entrelaçam quesitos pós-coloniais que são também alargados e ritualizados pela pós-modernidade: feminismo, sexualidade, esgotamento, formação, memória e relações conflitantes. São articuladas, estrategicamente, questões sobre pertencimento, identidade racial e distinções de gênero, através de vozes que proferem emoções complexas em um estilo de escrita lírico constituído por metáforas e descrições simples.

A mãe de Jamaica Kincaid pertencia a uma família de camponeses, na ilha caribenha Dominica. Sua avó materna era de origem indígena *Carib*, o avô paterno era um policial metodista. A mãe migrou de Dominica para Antígua aos 16 anos e conheceu o pai, Roderick Potter, um taxista que se tornou empregado do *Mill Reef Club*, em Antígua. Seus pais nunca se casaram. Mais tarde, entretanto, a mãe casou-se com David Drew, que exercia os ofícios de carpinteiro e marceneiro. Kincaid frequentou uma escola morávia, a *Antigua Girls School*, e, em seguida, a *Princess Margaret School*, e foi, durante algum tempo, aprendiz de costureira. Em 1958, nasceu seu primeiro irmão, Joseph Drew, seguido por Dalma Drew, em 1959, e Devon Drew, em 1961. De acordo com a

autora, o nascimento dos três irmãos em estreita sucessão, além dos problemas de saúde do padrasto, ocasionaram dificuldades financeiras e o seu afastamento da escola para auxílio no cuidado ao lar. Em 1965, Elaine Chyntia Potter Richardson deixou Antígua para tornar-se babá em Scarsdale, Nova Iorque. Mais tarde, trabalhou como recepcionista, arquivista e secretária. Obteve o diploma do ensino secundário, estudou fotografia na *New School for Social Research* e frequentou o *Franconia College*, em New Hampshire. Publicou seu primeiro artigo em 1973. Tornou-se escritora *freelance* para o *Ms. Ingenue* e o *Village Voice* e mudou o seu nome para Jamaica Kincaid. Em 1976, tornou-se colunista da revista *New Yorker* e iniciou uma longa amizade com o editor William Shawn. Casou-se com seu filho Allen, compositor, em 1979. Em 1983, recebeu o *Morton Dauwen Zabel Award*, da Academia Americana e Instituto de Artes e Letras, por *At the Bottom of the River*, uma coleção de breves contos. Publicou *Annie John* no mesmo ano em que nasceu sua filha, Annie. *A Small Place* foi publicado em 1988, no mesmo ano do nascimento do filho Harold. *Lucy* foi o romance seguinte, de 1990, a partir do qual iniciou a publicação de uma série de artigos sobre jardinagem, no *New Yorker*, em 1992. Em 1994, publicou *The Autobiography of My Mother*, baseado no histórico de vida de sua mãe e, em 1997, foi a vez de *My Brother*, um livro de memórias sobre o seu irmão mais jovem, Devon Drew, que permaneceu em Antígua e faleceu vitimado pelo vírus HIV.

O leitor de *Annie John* pode imediatamente perceber as semelhanças relativas aos fatores tempo e espaço entre o início da vida da escritora e a da protagonista Annie, ambas paralelamente aproximadas. O foco principal do romance é a relação emocional entre mãe e filha. Mais significativamente, a vida de Kincaid e essa obra incluem as tentativas de forjar a sua própria identidade e a decisão de afastar-se da família e de Antígua, a fim de manter o duramente conquistado senso de si. A formação da identidade da autora incluiu a atribuição de um novo nome, assim como a protagonista Annie, no capítulo final, insistiu em ser nomeada Annie John e já não mais "Little Miss".

No estilo narrativo da escritora, a principal voz é a da protagonista/narradora e o diálogo principal é o seu próprio. As obras de ficção de Kincaid são romances de introspecção, em que apenas uma personagem central é minuciosa. As outras personagens são avaliadas pela narradora e, portanto, pelo leitor, apenas na medida em que seu comportamento tem um impacto sobre o seu progresso. Essa condição aplica-se mesmo ao retrato da mãe com quem a protagonista é tão intensamente envolvida. Assim, a percepção do leitor relativamente à mãe permanece bastante limitada. O assunto principal é a jornada de Annie, a sua vida interior, e não há o intuito

de caracterização completa e detalhada no caso das outras personagens que compõem a sua trajetória.

A protagonista do romance é uma criança que cresce em uma perspectiva familiar e escolar que lhe propiciam experimentar situações que possibilitam a apreensão da realidade à sua volta enquanto espaço de subordinação. Ao entrar na adolescência e conduzir-se analiticamente diante dos fatos, Annie assume uma postura questionadora e reflexiva, a partir da qual sua identidade aos poucos é moldada, conduzindo-a, portanto, à urgência em romper com os padrões hegemônicos centralizados na figura da mãe, que a posicionam em desvantagem enquanto mulher e indivíduo fruto da opressão colonial.

Annie John traz uma condição comum às sociedades caribenhas pós-coloniais ao focar a situação familiar conturbada, a qual a autora utiliza para fazer alusão à condição de nação colonial de Antígua. A personagem criança cresce em ambiente familiar e escolar que lhe proporcionam a vivência de situações que conduzem à apreensão da realidade à sua volta como um lugar de subordinação. Ao adentrar a adolescência e orientar-se analiticamente diante das circunstâncias, a personagem assume uma postura questionadora e reflexiva, a partir da qual a sua identidade aos poucos é moldada. Surge, portanto, a necessidade em romper com os padrões hegemônicos centralizados na figura da mãe, que a posicionam em desvantagem enquanto mulher e indivíduo fruto da opressão colonial. A identidade cultural híbrida da protagonista é observada no momento em que questiona a educação nos moldes coloniais em que lhe é imposta, mas, em contrapartida, aprecia a literatura inglesa.

Segundo Mistrion (1999), desde a sua publicação, *Annie John* tornou-se um dos romances mais lidos em escolas secundárias norte-americanas. Foi nomeado uma das melhores obras do mesmo ano, pelo *Library Journal*, e citado em diversas listas entre os livros mais populares em aulas de língua inglesa do ensino secundário. Em 1993, o *School Library Journal* recomendou a obra para cursos de ensino fundamental e secundário, como uma das mais relevantes escritas femininas. Entre os estudantes norte-americanos, há uma relativa identificação com os elementos universais característicos do retrato de *Annie John*, a exemplo da alienação em relação à família, aos amigos e à educação escolar. Nesse contexto, a protagonista vai além, ao afastar-se de sua terra natal e procurar perfazer seu próprio caminho no exterior. Uma combinação entre universalidade e singularidade concede ao romance um forte apelo. No caso dos estudantes, podem obter uma visão de suas próprias trajetórias e, ao mesmo tempo, vivenciar uma experiência

multicultural. Impressiona-os perceberem como não apenas as relações familiares moldam os indivíduos, mas as forças históricas e culturais de cada país formam seus sujeitos. Se por um lado, os estudantes identificam-se com as adversidades características da protagonista, talvez bastante similares às suas próprias, por outro, sentem-se intrigados com determinados contextos distintos, pois Annie cresce em uma cultura diferente, com história, costumes e sistemas educacional, de saúde e religioso peculiares.

A linguagem poética e evocativa do romance produz diversas imagens significativas que reforçam os seus temas centrais. O capítulo *The Circling Hand* retrata o início dos sentimentos de alienação de Annie em relação à mãe. *Columbus in Chains* representa a sua atitude em relação ao colonialismo. *Somewhere, Belgium* simboliza o seu desejo de vivência independente em outro país, bem como de seu fascínio pela ficção. Jamaica Kincaid produziu uma narrativa em primeira pessoa raramente recorrendo a diálogos entre as personagens- na qual a voz amadurecida da protagonista expõe descrições vívidas e poéticas de episódios essenciais do início de sua vida. O enredo é revelado a partir do seu ponto de vista, descrevendo eventos e sentimentos tais como os percebia. O leitor é imediatamente situado em relação à consciência juvenil, porém a linguagem traz a complexidade, a eloquência e a evocação da escritora adulta. O tom do romance, condizente com uma perspectiva infantil, é simples, contudo, muito evocativo e vívido. É direto, mas também sugestivo, ao propor profundidades psicológicas e mistérios que não podem ser articulados, que circulam em torno das descrições de acontecimentos e pensamentos. O efeito é relativamente fantasioso, como se as ações fossem filtradas através de sua consciência muito tempo após os episódios terem lugar.

A paisagem nunca é explicitamente definida dentro do romance. Em princípio, o universo psicológico do leitor é conduzido a um espaço qualquer. Fica claro, entretanto, através de referências e alusões, que a história ocorre em uma pequena ilha caribenha que pertencia ao império britânico, em algum período do século XX, antes da independência política. Como o romance é autobiográfico, um leitor consciente da história da escritora consegue discernir que o cenário do enredo é o de Antígua na década de 60, entretanto, os temas centrais representados são também condizentes a outras ilhas das Índias Ocidentais.

Há diversos espaços onde as ações ocorrem: a casa da família John, a escola de Annie, o cemitério, a área de compras do centro da cidade, as docas, os caminhos ao ar livre e os campos que servem como áreas de lazer para crianças. Vários desses espaços envolvem instituições

particulares na comunidade: a família, o sistema educacional, as áreas comerciais. Os espaços de lazer compõem uma zona de liberdade temporária para as crianças antes de ingressarem nas responsabilidades da vida adulta. Diversos atos iniciais do desafio de Annie em relação à mãe e às professoras têm espaço nesses ambientes antes de se moverem para as arenas públicas e institucionais.

A maioria das personagens do romance é de Antígua, com exceção da mãe e avó de Annie, originárias de Dominica, e da diretora da escola e uma colega de classe que são britânicas. Significativamente, a narradora não expõe claramente que as personagens são de descendência africana. O fator raça, portanto, não é mencionado, à exceção do caso das duas personagens brancas. Como a mãe da escritora possui origem indígena, há uma referência oblíqua a tais nativos que foram aniquilados um século após a chegada de Cristóvão Colombo, fato que adiciona riqueza à percepção do leitor relativamente ao tema do colonialismo. As outras personagens representam os habitantes de Antígua — o pai, que é carpinteiro, a costureira, os vizinhos, os colegas e as professoras da escola, além de outros nativos. Todos contribuem para o desenvolvimento da protagonista e da sua sensação gradual de estranhamento e alienação.

Ao longo do texto, uma cadeia de significantes transforma-se dramaticamente, desde o amor à igreja- que simboliza pureza- à sexualidade. A transição de Annie para uma nova escola e a descoberta de relações sexuais dos pais são incidentes que demarcam uma transfiguração drástica e a necessidade de (re) compartimentalizar-se aos propósitos do controle. O sexo simboliza uma interrupção desagradável e enfatiza a repulsa às transformações domésticas.

A estrutura do enredo apoia as principais ideias do romance. A história da adolescência de Annie é narrada em uma passagem de seis anos, dos dez, no primeiro capítulo, até o final do seu período escolar, por volta dos 16 anos, e é subdividida em episódios, com enfoque em acontecimentos significativos. O romance é disposto em uma ordem cronológica aproximada, através de oito capítulos, com referências ocasionais a incidentes anteriores ou posteriores, em um mesmo capítulo. Progressivamente, a narrativa baseia-se na convivência idílica de Annie na companhia dos pais, além de versar sobre os primeiros atos de distanciamento entre mãe e filha, após o décimo segundo aniversário da protagonista, quando a mãe decide que ambas deixariam de trajar-se da mesma forma, além de que a filha deveria capacitar-se em habilidades consideradas femininas.

Além do contexto familiar, o romance é focado nas experiências da protagonista no ambiente escolar. Annie destaca-se em âmbito escolar e possui atitudes e ideais distintos dos demais, e frequentemente rebeldes. Após sofrer um esgotamento e “renascer”, age excêntrica diante dos colegas de classe e aliena-se ainda mais, antes de afastar-se de Antígua em direção à Europa, como fez a autora de seu romance favorito *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Nesse momento, ocorre a ruptura final na relação mãe-filha. Apesar da interrupção no tempo, a sequência de episódios demonstra uma separação progressiva entre ambas, em toda a adolescência, culminando no argumento final, uma crise acompanhada de um renascimento e da decisão de partir. Tendo externalizado seu desgosto pela fantasia e pela hipocrisia de seu mundo, a protagonista adentra lentamente na fase adulta, em uma nova versão, e compreende que para viver terá que abandonar Antígua, de modo a dissipar o poder da ilha sobre si.

3.1.2 Colonialismo e resistência

Durante a década de 60, período escolar da protagonista, Antígua seguia o sistema de educação britânico designado para as suas colônias das Índias Ocidentais. A educação britânica à qual teve acesso era calcada na imitação à cultura colonial, uma espécie de imposição hierárquica superior, onde os alunos da terra colonizada, ao invés de analisá-la criticamente, apenas a replicava. O currículo escolar dava ênfase à história e à cultura europeias, particularmente da Grã-Bretanha, e à literatura britânica. Aos alunos era ministrada a história das Índias Ocidentais a partir de uma perspectiva colonial britânica.

Durante o curso de análise da narrativa, os elementos aguçam nos leitores determinados questionamentos relativos ao significado da história escravocrata em Antígua¹⁰¹, a exemplo do motivo pelo qual a protagonista rejeita a figura de Cristóvão Colombo¹⁰²; de sua própria posição social em Antígua; as razões da migração constante dos nativos para outros países; até que ponto a compreensão da história da ilha, particularmente do seu passado colonial, aprofunda a apreciação sobre os temas abordados; de que forma a compreensão sobre a história caribenha e sobre diversas concepções que circundam a atuação de Colombo aumentam o discernimento sobre a atitude rebelde de Annie no ambiente escolar; e até que ponto a apreensão de questões familiares, educacionais e diaspóricas de cunho caribenho aprofundam a assimilação do romance.

¹⁰¹ A narrativa faz referências à Inglaterra, ao colonialismo e à escravidão. A imagem do sino anglicano, por exemplo, é um constante símbolo colonial ao longo do enredo.

¹⁰² A representação hagiográfica de Colombo como um branco ícone imperialista carrega uma semelhança com Noddy, um protagonista racista pomposo da ficção infantil britânica, exportado para Antígua. A adulação lendária concedida aos personagens de Blyton assemelha-se à reverência em relação a Colombo, ao longo dos séculos (M. Ferguson, 1994, p. 58).

Enquanto Annie John aprende a lidar com emoções complexas, também se identifica politicamente no âmbito escolar. O capítulo do romance denominado *Colombus in Chains* é iniciado com uma descrição do sol que brilha como os “ventos alísios sopram”, ventos nomeados após as rotas marítimas. As crianças em idade escolar eram doutrinadas a reverenciar Cristóvão Colombo como notável personalidade, navegador e explorador excepcional, descobridor e fundador do Novo Mundo, apesar de seus ancestrais terem sido vítimas da escravidão. Colombo, portanto, é retratado como símbolo das contradições de uma educação colonial. Como forma de resistência, Annie John registra em crônica a versão do percurso histórico caribenho adulterado pelo colonizador, geralmente incontestado pelos demais estudantes:

In fact, I was no longer on the same chapter we were studying. I was way ahead, at the end of the chapter about Columbus's third voyage. In this chapter, there was a picture of Columbus that took up a whole page, and it was in color- one of only five color pictures in the book. In this picture, Columbus was seated in the bottom of a ship. He was wearing the usual three-quarter trousers and a shirt with enormous sleeves, both the trousers and shirt made of maroon-colored velvet. His hat, which was cocked upon one side of his head, had a gold feather in it, and his black shoes had huge gold buckles. His hands and feet were bound up in chains, and he was sitting there staring off into space, looking quite dejected and miserable (Kincaid, 1985, p. 77).

A protagonista acreditava ser incapaz de designar o lado ao qual realmente pertencia — o dos senhores ou dos escravos- porque todos celebravam o nascimento da Rainha Victoria- e por extensão, a história europeia- até mesmo os descendentes de escravos, indivíduos cientes de suas origens enquanto vítimas daquela história:

We could look everybody in the eye, for our ancestors had done nothing wrong except just sit somewhere, defenseless. Of course, sometimes, what with our teachers and our books, it was hard for us to tell on which side we really now belonged- with the masters or the slaves- for it was all history, it was all in the past, and everybody behaved differently now; all of us celebrated Queen Victoria's birthday, even though she had been dead a long time. But we, the descendants of the slaves, knew quite well what had really happened, and I was sure that if the tables had been turned we would have acted differently; I was sure that if our ancestors had gone from Africa to Europe and come upon the people living there, they would have taken a proper interest in the Europeans on first seeing them, and said, "How nice," and then gone home to tell their friends about it (Kincaid, 1985, p. 76).

A contradição entre os valores oficiais transmitidos pelas escolas e os dos indivíduos que reconheciam o que de veras havia ocorrido culminou com a repulsa de Annie por Colombo, apesar dos discursos dos livros oficiais. Ao ver a ilustração de Colombo derrotado de volta à Espanha, após sua terceira viagem às Américas, Annie mostra-se satisfeita, constatando o desprestígio do colonizador. O retorno de Colombo — dessa vez humilhado- parecia um castigo justo ao explorador,

visto que as viagens resultaram na exterminação dos *Caribs* — a etnia de origem de sua mãe — e na escravidão.

A personagem Ruth, colega de classe britânica, proveniente de um contexto educacional distinto, conduz Annie a contemplar as injustiças da escravidão britânica e a sua própria desorientação sobre a contradição entre a sua perspectiva da história e a que lhe foi repassada pela escola. Annie faz referência a *The Schoolgirl's Own Annual*, uma obra que retratava meninas brancas felizes, alheias ao mundo à sua volta, um lembrete do paradigma colonial convencional de ignorância e negligência. Annie, entretanto, apieda-se da insipiência de Ruth, sozinha em um país “estrangeiro” marcado pelas ações hediondas de seus antepassados. O pai de Ruth havia sido missionário em África, portanto Annie proclama consciência não apenas ao seu próprio papel socialmente construído no paradigma colonial, mas da sua presente doutrinação.

A disparidade entre as lições oficiais aprendidas em âmbito escolar e o conhecimento sobre as origens e a herança poderiam conduzir a contradições em mentes como a da protagonista. Nesse contexto, não apenas a interpretação da história é relevante, mas os valores difundidos pelo sistema educacional e o seu impacto na formação da identidade de indivíduos jovens, visto que o propósito da educação é a socialização infantil através da iniciação em sua própria cultura, de maneira que os indivíduos apreendam a consciência de seu espaço em sociedade. Quando os valores e as perspectivas estrangeiras são mais transmitidos e valorizados do que os dos nativos, a sua cultura passa a ser considerada inferior — e por extensão, os próprios nativos. Um sistema educacional em moldes coloniais, portanto, pode ocasionar sentimentos de inferioridade no educando, como também o sentido de que a sua própria cultura é secundária em relação àquela transmitida no ambiente escolar — no caso, a cultura britânica. A rebeldia de Annie John na escola, particularmente quanto à desfiguração da ilustração de Colombo, pode ser vista como resistência contra um sistema que não reconhece a própria história, cultura e valores de seus alunos¹⁰³. Uma crítica a tal fator sucintamente explica os efeitos de um sistema de educação colonial que transmite valores culturais estrangeiros do poder imperial para a população nativa:

In a colonial society the purpose of education, the initiation of a child into his culture, became distorted since it was the values of a foreign culture which had to be taught while the native tradition was derided or ignored. Colonial education separated people from their environment, taught them dependence and destroyed their self-worth (Drayton, 1977, p.viii citado em Mistrion, 1999, p. 120).

¹⁰³ Ao danificar a imagem de Colombo, proferindo as mesmas palavras que a sua mãe proferia para afrontar o seu avô, Annie faz correlação à imagem de sua mãe, da mesma forma que há correspondência entre o pós-colonialismo e o patriarcado.

O significado simbólico da punição aplicada pela professora Miss Edwards à protagonista devido à desfiguração do livro e pela arrogância ao difamar Colombo exemplificam os valores coloniais europeus que a escola preconizava:

It was bad enough that I had defaced my schoolbook by writing in it. That I should write under the picture of Columbus "The Great Man..." etc. was just too much. I had gone too far this time, defaming one of the great men in history. Christopher Columbus, discoverer of the island that was my home. And now look at me. I was not even hanging my head in remorse. Had my peers ever seen anyone so arrogant, so blasphemous? (Kincaid, 1985, p. 82).

De maneira a puni-la, a professora obriga Annie a copiar longas partes do poema *Paradise Lost*, de John Milton:

Having located herself on the edge of naughtiness- nuanced opposition to imperialism- she has surrendered primal innocence. Paradise slips away as she recognizes its boundaries. We never learn what happens afterwards; this indeterminate closure underscores the multiple lost paradises marked by Columbus's Caribbean presence. (Kincaid, 1985, p. 59)

Há duas condições irônicas nessa repreensão: frequentemente, o Caribe é visto como o "paraíso perdido", desde a chegada de Colombo, e a personagem Lucifer oferece a Annie um excelente exemplo de desafio e rebeldia. Jamaica Kincaid afirmou que denominara Lucy a personagem principal de seu próximo romance devido ao Lucifer de *Paradise Lost*.

A referência à realeza britânica é também um elemento comum na produção literária da escritora. A denominação da escola de Annie — *Princess Margaret* — a faz recordar de um incidente da infância com profundo desgosto, quando aguardava a chegada da princesa Elizabeth e do príncipe Philip, os quais eram por todos reverenciados. O patriotismo, a lealdade e a maternalidade relacionavam-se à rainha Victoria e à celebração anual do *Empire Day*. A realeza simbolizava uma relação que a protagonista rejeitava:

Her ancestors had been the masters, while ours had been the slaves. She had such a lot to be ashamed of, and by being with us every day she was always being reminded. We could look everybody in the eye, for our ancestors had done nothing wrong except just sit somewhere, defenseless. Of course, sometimes, what with our teachers and our books, it was hard to tell on which side we really now belonged- with the masters or the slaves- for it was all history, it was all in the past, and everybody behaved differently now; all of us celebrated Queen Victoria's birthday, even though she has been dead a long time (Kincaid, 1985, p. 76).

Após passarem-se 30 anos desde que Annie fora estudante em uma Antígua colonial, o sistema educacional sofreu modificações aos poucos, de forma a refletir os valores caribenhos. Nos 500 anos após a chegada de Colombo ao Caribe, um aspeto significativo relativo à independência é o controle local do currículo nas escolas:

Caribbeans want to put history right. One of the benefits of independence that is deeply valued by many Caribbeans is control of the school systems. Until independence, Jamaican schoolchildren learned more about England and France than they did about Trinidad and Barbados. They learned little about the fact that...there was a slave rebellion, or at least the very real threat of one, almost every year. These things are part of their oral tradition, the stories children are told at night, but there was little of them in schools... Caribbeans were taught that while Europeans were doing great things, their own ancestors were working in the fields. Many saw their only choices to be either rejecting education entirely or being molded by a colonial education that rejected their own world...It was an education designed to make the students feel inferior. They learned that they were underlings, that greatness was elsewhere, in France and England and Spain. Important things were always achieved by white foreigners. Caribbeans were expected to admire men who had owned and traded their ancestors (Kurlansky, 1992, pp. 14-15).

No século XX, a partir do declínio do colonialismo europeu, os aspetos negativos atribuídos a Colombo enquanto explorador foram expressos mais frequentemente tanto nos Estados Unidos quanto no Caribe já independente. Os descendentes das tribos nativas originais e os descendentes de escravos têm contestado expressamente a glorificação a Colombo. A Espanha liderou o movimento em celebração ao eufemisticamente designado "encontro" entre culturas, enquanto outros denominaram-no "holocausto" e outros ainda desejavam a manutenção do vocábulo tradicional "descobrimento", mais europeu, apesar de que havia milhões de povos indígenas no Novo Mundo que já o havia "descoberto" e lá se domiciliado muito antes do aparecimento de Colombo. Relativamente a esse período, existem diversos artigos que analisam o impacto das viagens de Colombo, com uma série variada de opiniões e interpretações.

Annie revelava um sentido complexo de identificação e de projeção ao desejar se harmonizar com os colegas e ao mesmo tempo demonstrava perspicácia ao ser apontada como monitora na escola. O poder a envolvia. Acima de tudo, a personagem saboreava notoriedade por efetivar atitudes ilícitas. Apetecia-lhe o comportamento subversivo, a fim de compensar os sentimentos traumatizantes de abandono e de dominação pessoais. O desafio de Annie decorria não apenas do exercício de poder enquanto adolescente, que oscilava entre a infância e a maioridade, mas também a partir de uma rebeldia política calculada que ela tentava nomear: sua resistência identificava engodos quanto ao passado colonial, um presente pós-colonial distorcido e um futuro imprevisível. Ela rompia o "verniz da harmonia familiar" e desdenhava das vantagens de uma educação tradicional (Smith, 1989, p. 55). Embora fosse duplamente reprimida e codificada enquanto objeto colonizado, ela recusava obliteração sob qualquer esfera e considerava a professora cúmplice do colonialismo britânico.

O colonialismo também foi expresso através da autoridade materna, que era frequentemente associada à autoridade colonial britânica. Ambas as condições tentavam controlar o comportamento de Annie, a fim de mantê-la como sujeito dependente, ditando o que ela deveria pensar e sentir. Mrs. John desejava dominá-la da mesma maneira que as condições pessoais e políticas em Dominica ameaçaram contê-la, antes de migrar para Antígua. Nesse sentido, *Annie John* continuou a saga do *coming of age* iniciada em *At the Bottom of the River* (Kincaid, 1983), uma coleção de pequenos contos da escritora¹⁰⁴. A crítica literária infere que a interpretação tradicional do *Bildungsroman* é a de que o protagonista é homem, branco e europeu. Neste sentido, *Annie John* é uma revisão do *Bildungsroman*, porque ainda é uma história que acompanha de perto a maturidade psicológica e intelectual da protagonista e está ancorada na tradição literária europeia, entretanto o romance difere em termos do acréscimo de uma nova dimensão: quem o protagoniza é uma mulher, negra e nativa de um país colonial.

Annie John apresenta as características desse gênero, visto que possui uma trama cronológica que se move desde a infância até a idade adulta, devendo ao final o protagonista encontrar seu lugar na sociedade, além de tradicionalmente descrever dois processos: a libertação, quando o/a protagonista deixa o lar e passa a viver por conta própria; em segundo lugar, há um processo oposto de recapitulação quando descobre que existem outras pessoas que podem preencher a função da família e prestar cuidados, ajuda e afeição mútua. O romance atende a tais particularidades. Os fatos são narrados cronologicamente por uma jovem que busca a sua identidade à medida que cresce, havendo um momento de libertação quando embarca em uma viagem solitária para a Inglaterra. No entanto, Jamaica Kincaid introduz certas mudanças significativas para o conceito.

Anteriormente, desde o início da história, Annie tem um apoio permanente de uma mãe, portanto não é uma heroína independente. Uma protagonista de um *Bildungsroman* deve sofrer um processo de alienação para alcançar a autoconsciência. No entanto, a busca de Annie por identidade não parece ser uma decisão consciente, pelo contrário, é a mãe que a separa emocionalmente e

¹⁰⁴ Considerações acerca dos elementos de ficção, da biografia do autor e das estruturas de gênero do romance alargam a compreensão do leitor. A questão, porventura, mais significante quanto à análise de *Annie John* é enxergá-lo como um romance *coming of age*. A história do desenvolvimento de um indivíduo jovem até atingir a maturidade- ou *coming of age* - é um gênero de ficção originado no século XIX por Johann Wolfgang von Goethe, em *The Sorrows of Young Werther* (1774). Tal gênero é frequentemente denominado romance de desenvolvimento ou, em alemão, *Bildungsroman*-romance (*Roman*) sobre crescimento (*Bildungs*). O *Bildungsroman* frequentemente abrange a história da infância e da adolescência, com um conflito entre gerações. Geralmente, mostra o crescimento de um indivíduo jovem em uma sociedade provinciana e sua migração para uma maior, cosmopolita. O gênero também inclui a história da educação da personagem, tanto a acadêmica quanto a emocional, e a busca por sua própria vocação/ identidade/ valores/ filosofia de trabalho. Esse tipo de romance autobiográfico é frequentemente o primeiro de um romancista, com um forte foco na personagem. É frequentemente narrado em primeira pessoa, com um apelo episódico e um final aberto, permitindo o seu desdobramento futuro.

quem, como podemos depreender, quer que Annie cresça. Annie, "invadindo a realidade externa áspera", aparece apenas ao final do romance, após sofrer mudanças mentais e físicas durante a doença.

Acrescentamos que Annie não é uma heroína típica de um *Bildungsroman*, porque ao invés de se aventurar no futuro, Kincaid enfatizou a sua indecisão emocional. De acordo com Iversen (2007), romances particulares podem ser considerados *Bildungsroman* em maior ou menor grau. O discurso colonial realizado no romance de Kincaid constituiu uma nova abordagem para o gênero, pois alterou os fundamentos ideológicos do romance. O tema principal já não foi a assimilação às estruturas sociais, mas a busca da identidade em uma sociedade colonial controversa. Kincaid construiu as revisões da estrutura tradicional de várias maneiras, e a protagonista mulher não constituiu um "herói típico independente", mas sim o "herói de sua própria vida".

Em termos de estrutura, *Annie John* revisa a tradição. O romance tem início com imagens de morte, ao invés de nascimento, e termina com uma imagem de fuga da protagonista. No primeiro capítulo do livro, Annie fica obcecada com a morte. Por um lado, sua obsessão surge do medo da morte. Por outro, é uma curiosidade simples de uma criança. No entanto, o motivo da morte está presente em todo o romance.

A experiência de crescimento da personagem fictícia se aproxima bastante da experiência do próprio autor. Em diversas entrevistas, Jamaica Kincaid afirmou que os seus romances são intensamente autobiográficos e que muitos dos acontecimentos são emocionalmente verídicos. É profícuo, portanto, delinear os fatos proeminentes na vida da escritora, visto que eles se aproximam paralelamente, notoriamente em tempo e em espaço, àqueles da existência ficcional de *Annie John*.

A passagem da juventude para a fase adulta e as consequências desse percurso possuem apelo universal, justificando a popularidade da obra. Trata-se de uma experiência individual, que no discurso se expande para a experiência universal, muitas vezes se aproximando do mitológico em suas dimensões. Algumas características da obra cruzam linhas culturais ao demarcar a frustração com a família, com a escola e os amigos. Para a escritora Joanne Hillhouse, os temas retratados no romance são peculiares às transformações do período da puberdade, caracterizando a contemporaneidade da narrativa:

[...] I think that a story like *Annie John*, for instance, would be relatable to any young girl coming of age in the Caribbean, irrespective of them coming of age now or then, having said that but, but, a young girl coming of age now she has social media, she has a different sort of

context to the story so there are certain things that are not going to be immediately relatable to her but the whole idea of the changes you go through at puberty, the confusion of growing up, the sort of frisson that happens between you and a mother, all of that can be relatable irrespective of what time the story takes place [...]¹⁰⁵.

O leitor compreende prontamente que *Annie John* reúne a maior parte dos critérios para o romance de desenvolvimento, embora a procura por uma vocação e valores seja facultada para o futuro, no final aberto do romance. O fato de a personagem ser feminina pode modificar o resultado:

Female novels of development often entail rupture rather than integration- a rebellion, sometimes successful, sometimes not, against the repressive structures of a society with strong rules about a woman's place in it. With *Annie John*, one may also add the repressive strictures of a colonial society. Ultimately, it becomes clear to Annie that she will be unable to forge her own identity without leaving the familial, as well as the colonial, strictures behind (Mistrun, 1999, p. 8).

Há também uma questão provocativa sobre a auto-descoberta de Annie: seu "recomeço" acontece na Inglaterra, a base do poder colonial, onde Annie teria uma profissão ligada aos papéis tradicionais de gênero, dos quais desejava esquivar-se. Nesse país, Annie submeter-se-ia ainda mais à influência britânica e, ao atravessar, retornaria em um certo sentido aos passos de seus antepassados escravos e regressaria às raízes do poder colonial, na tentativa de se redefinir. Alguns críticos sugeriram que Annie John era incapaz de firmar seu poder como uma mulher das Índias Ocidentais madura, que vivia em uma Antígua colonial de maneira produtiva ou positiva. Contrariamente, parecia escapar aos transtornos que surgiram a partir de sua autodefinição. "Retornava", portanto, para a origem do colonialismo, ainda procurando a sua identidade.

Comprovadamente, a protagonista de *Lucy*, romance que dá continuidade a *Annie John*, assumiu múltiplas identidades ao migrar de Antígua para os Estados Unidos, ao passo que procurou por distintas formas de refazer-se, em uma busca constante por uma identidade que se apresentava inacabada, deslocada, em permanente edificação. Assim, essa personagem representa o indivíduo da diáspora, marcado por um percurso descontínuo de negativa da sujeição causada pelos conflitos coloniais de outrora e pelas novas experiências culturais em um espaço que rejeita, que contrasta com o caráter híbrido de sua personalidade, mas que ao mesmo tempo ela absorve, seja por inclusão ou por rejeição. A condição social feminina também se revela valiosa e complexa, dentre outras razões, pela fuga do sujeito feminino que não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes, além do que a mulher da colônia é duplamente colonizada: tanto pelo patriarcado,

¹⁰⁵Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013. Ver Apêndice 2, páginas 285-286, questão 23.

quanto pela metrópole. Através de referências alusivas, Jamaica Kincaid relaciona todos os seus romances, não apenas os dois primeiros, como se eles constituíssem uma longa saga, mas descontínua, de maneira que às vezes precisou ser recontada de forma distinta, a fim de ser compreendida.

3.1.3 Simbologia patriarcal

A escrita feminina pós-colonial representa um estímulo ao desejo pela descolonização física e psíquica, em uma conjuntura em que a figura do “eu” aparece com o intuito de legitimar sua voz silenciada. Os textos kincaidianos circunscrevem-se em um cenário enérgico, onde se nota o universo íntimo das personagens, que estão em uma fluidez constante, de maneira a demonstrarem um raciocínio amplo acerca das relações hierarquizantes vivenciadas pelo sujeito contemporâneo-homem/ mulher, negro/ branco, colonizador/colonizado.

Annie John evidencia a simbologia patriarcal/colonial que a relação conflituosa com a genitora representa, condição também presente no romance *Lucy*, durante a passagem da personagem criança à fase adulta. A sensação de perda e traição que acompanha o desaparecimento do afeto de uma mãe uma vez estimada é a abordagem central, visto que no início do enredo Annie descreve metaforicamente a relação entre ambas como um paraíso, onde havia cumplicidade, circundada por muita afeição. À medida que a personagem cresce, entretanto, há um distanciamento da mãe e, a fim de suprir a insuficiência afetiva, Annie tenta consolidar amizades intensas e sobressair-se quanto ao desempenho escolar, de maneira a obter a aprovação materna:

My mother and I each soon grew two faces: one for my father and the rest of the world, and one for us when we found ourselves alone with each other. For my father and the world, we were politeness and kindness and love and laughter. I saw her with my old eyes, my eyes as a child, and she saw me with hers of that time (Kincaid, 1985, p. 87).

Figurativamente, Jamaica Kincaid estabeleceu uma conexão entre essa relação e a condição de nação colonial de Antígua, ao comparar o domínio europeu à desarmonia entre mãe e filha. Assim, a narrativa se baseia na sua relação com a genitora, a qual concebia como “um império em si mesma” (Sheehan, 2006 citado em Lang-Peralta, 2006, pp. 79-80, tradução nossa). Na maioria dos romances de Kincaid, sua mãe representa, ironicamente, o colonizador (Smith & Beumel, 2006 citados em Lang-Peralta, 2006, p. 101). A relação é sempre paradoxal e as personagens nutrem um sentimento de afetividade e, ao mesmo tempo, de repressão e domínio.

Metaforicamente, o romance reporta essa conexão através da transformação da protagonista em uma mulher dominada pelos colonizadores e seus aliados dos ditames patriarcais, visto que a mãe atendia aos requisitos paternos, que possuía tratamento prioritário enquanto chefe de família e ícone do poder colonial. A exposição da submissão de Annie ao domínio patriarcal crucialmente afetava sua existência diária. Inicialmente, a sua identidade também estava entrelaçada com o relato da mãe sobre a sua própria história de vida. Contrastando com a independência da mãe e o seu conseqüente afastamento de Dominica, sua terra natal, o âmbito familiar é a existência protegida do pai até a morte da avó, por quem fora criado, após o abandono dos pais.

As questões da fase adolescente, no que diz respeito à maturidade física e social do indivíduo, além dos componentes que envolvem a sexualidade, são elementos incorporados à evolução da protagonista. Sob essa perspectiva, Annie John tenta lidar com o que considerava a perda do amor materno e empenha-se à finalidade de manter uma identidade particular, de maneira a sobreviver diante das circunstâncias que lhes eram impostas. O jogo de berlinde, por exemplo, mencionado no enredo, era absolutamente proibido pela mãe por sua prática ser considerada inapropriada ao sexofeminino:

Perhaps it had stuck in my mind that once my mother said to me, 'I am so glad you are not one of those girls who like to play marbles,' and perhaps because I had to do exactly the opposite of whatever she desired of me, I now played and played at marbles in a way that I had never done anything (Kincaid, 1985, p. 61).

Jogar berlinde era uma aprendizagem autodidata, em uma altura em que Annie abominava ser aprendiz de costureira, conforme imposição da mãe. Transgredindo e separando-se emocionalmente, em um ato de vingança qualificado, uma vitória sobre a progressiva vigilância materna, a protagonista se torna engenhosa em sua proeza na habilidade com as bolas de berlinde e na apreciação de suas qualidades marcantes:

At one level, marbles represent embryos of the breasts she and her friends covet. Beautiful orbs of defiance, they proliferate, have to be concealed, are exchangeable, and always desirable. At another level, they resemble the stolen library books she hides, treasures that identify rebellion against constraining gender roles, a personal power gained by outwitting authority, and an obsession with knowledge that rivals her previous obsession with death. By secreting books and marbles, she breaks from the world of the adult community and builds an alternate way of discerning and doing. Declining to be a gracious object, a lady for the community to admire, or even mother's helper around the house, Annie John constructs herself against the cultural grain. She will not and cannot renounce desire and self-determination (M. Ferguson, 1994, p. 54).

O processo de maturação de Annie é contínuo ao longo da narrativa. Renuncia à sua vaidade e a sua infantilidade não afetada mistura-se silenciosa e facilmente, enquanto ela narra os tempos antigos. As reminiscências permitem um arredondamento da personagem, sua presença através do espaço e do tempo. A recordação do passado viabiliza um determinado contexto para o novo projeto de Annie John: uma jovem mulher a confrontar pressões diversas e a reivindicar agenciamento. Kincaid encaixa-se perfeitamente na tradição literária caribenha, já que as escritoras dessa origem têm em comum uma preocupação relativa às pressões sobre as mulheres na adolescência, além da crítica ao poderio masculino.

A leitura em torno do relacionamento mãe-filha continua à medida que Annie John aborda questões de classe, ressaltando sensações de impotência política e pessoal. A insatisfação em relação à figura materna, que deseja que a formação de Annie seja calcada nos valores britânicos (Annie deveria sujeitar-se às prescrições sociais) e no sistema educacional até então vigente, que estimulava a reverência a Cristóvão Colombo, interconectam-se, tornando o texto constantemente aberto, fluido e especulativo, através do contraste entre o contexto autobiográfico e o ficcional.

Ambos os dominadores ameaçaram a evolução da independência e da identidade individual de Annie, que tentou resistir a qualquer de suas tentativas de moldar sua personalidade. Mrs. John a enxergava como uma extensão de si e passou a rejeitá-la diante de qualquer tentativa de comportamento distinto do seu. Já os colonizadores, recusaram-se a considerar os afrodescendentes de Antígua indivíduos com história, cultura e identidade próprias, pois, contrariamente, inculcaram-lhes os valores britânicos que pareciam entrar em conflito com a realidade do espaço, ocasionando-lhes perda da autoestima. A oposição de Annie a tais ameaças contribuiu para a sua decisão final de afastar-se não apenas da mãe, mas também de sua terra natal. Sua decisão de embarcar para a Inglaterra não pareceu ser cuidadosamente pensada, uma vez que era muito motivada pela sua necessidade de se tornar independente dos pais. Ao tornar-se sua própria testemunha, suas relações intensas ainda coexistiam, mas ela estava pronta para embarcar e abandonar o passado, preenchendo-se com as novas experiências:

She is the vessel leaving old parts and places, emptying out to let new experience fill her up. Her mother cannot take her words away, for she is taking them with her. All the water that threatens to separate her from her mother and drown her- amniotic fluid- is being released (M. Ferguson, 1994, p. 74).

Paradoxalmente, a personagem se encontrava sempre em dois espaços ao mesmo tempo. Embora se recusasse a admitir, a sua vida continuava conectada a Antígua até mesmo quando

partiu. Annie, portanto, permanecia parte daquele ambiente, ainda que continuasse ou não vinculada à sua família.

3.2 Retrato feminino em *Lucy*, 1990

3.2.1 Exílio autoimposto

I was unhappy. I looked at a map. An ocean stood between me and the place I came from, but would it have made a difference if it had been a teacup of water? I could not go back.
(Kincaid, 1990, pp. 9-10)

No romance *Lucy*, autobiográfico, considerado continuação de *Annie John*, o cenário escolhido é Manhattan e o período é a década de 60. Jamaica Kincaid continuou a história da protagonista anterior, narrando a diáspora da jovem que migrou para os Estados Unidos rompendo com os elementos que compunham o seu passado- pátria, família e origens- buscando redefinir a sua identidade em um contexto diferenciado. *Lucy* constitui a história de migração dos primeiros anos de uma mulher afro-caribenha em Nova Iorque e de suas experiências como *au pair* junto a uma família branca e abastada. Tanto *Annie John* quanto *Lucy* devem ser compreendidos como as duas partes de uma narrativa, na qual a protagonista emerge de uma versão mais jovem de si.

Através dessas protagonistas, Jamaica Kincaid revelou a conjuntura conflituosa experimentada pela sociedade pós-colonial de Antígua, ao partir de condições complementares: do crescimento da personagem criança ao início da fase adulta e imigração. Lucy afasta-se de Antígua a fim de servir a uma família americana de alta classe, passando a conviver com pessoas brancas. Embora não enfrente manifestações de racismo evidentes, a escritora torna visível a percepção cultural da protagonista ao empregar a estratégia de inversão, através da transformação de Lucy em um indivíduo que tanto os senhores quanto os seus amigos tentam cativar, fingindo ignorar as distinções relativas à raça e à classe social. Lucy, entretanto, não se ilude pelo comportamento daqueles que lhe eram próximos, embora não demonstre essa percepção abertamente, e, conscientemente ou não, afirma o seu direito de oposição a qualquer tipo de autoridade (Azevedo, 2008).

A nova trajetória de imigração permite à protagonista vivenciar circunstâncias distintas, mas não menos conflituosas do que as anteriores. As adversidades auferem um contexto expressivo e diferenciado quando Lucy passa a experimentar situações distintas e contrastantes, vendo-se então diante da necessidade de hierarquizar e re-hierarquizar cotidianamente a sua identidade e dar-lhe

significado conforme o momento, procurando estabelecer um consenso (M. Silva, 2012). Assim, a protagonista afasta-se de Antígua, entretanto o desligamento de suas raízes não é concretizado, pois ela continua atrelada à sua mãe e às suas memórias, ou seja, um enfrentamento próprio do ser colonizado, comumente retratado pelos escritores caribenhos em suas obras. A escolha de Lucy é por dialogar consigo, buscando sentido para as suas origens híbridas: a ação desprezível do colonialismo de Colombo e o seu próprio país, do qual possuía compreensão limitada. Ao reinventar-se em Nova Iorque, a personagem traça o seu próprio caminho de regresso ao começo de sua resistência e consciência sobre o processo colonial. Em seus pensamentos, retorna à Antígua, recordando-se de suas raízes.

Ao inserir-se no espaço norte-americano, Lucy não apreende essa nova cultura e nem se desvincula das circunstâncias ligadas à insígnia da figura materna. Apesar da ruptura física com a sua presença, após a partida para os Estados Unidos, as circunstâncias advindas do conservadorismo da mãe atravessavam-lhe os pensamentos a todo instante e influenciam as suas ações. Notoriamente, depreende-se que o rompimento e a rejeição relativos à imagem materna e à nação colonizadora são recursos falhos em última instância, dada a impossibilidade de se ignorar a existência de tais elementos simétricos.

Com o advento dos movimentos migratórios, comumente os sujeitos da diáspora, ao se depararem com a cultura dominante, passam a estabelecer uma identidade cultural híbrida a partir do questionamento de sua própria identidade nacional e da metropolitana. Equivocadamente, Lucy supunha que ao deixar o seu país natal escaparia do contexto anterior regido por normas patriarcais centradas na figura materna. Na realidade, a mesma conjuntura patriarcal de outrora é reproduzida na família com a qual passa a conviver. Embora haja um claro estranhamento e uma árdua adaptação ao seu novo lar, para Lucy é incontestável o fato de que não mais se ajustaria às circunstâncias sob as quais vivera em Antígua. Se a diáspora, por um lado, a faz sentir-se distante e estrangeira, por outro possibilita a construção de sua identidade devido ao desligamento dos ditames patriarcais familiares.

Apesar da ênfase no tema da migração, o romance não aborda apenas a questão do choque cultural recorrente na diáspora. Antes, a personagem representa, mais especificamente, uma reflexão sobre o significado de pertencimento. Ao passo em que a sua existência prossegue distante de seu país natal, a sua individualidade emerge na formação de um caráter definido pela complexidade e pela força, em busca de sua própria identidade. O fato de migrar para um espaço

longínquo a faz sentir-se desconfortável com o novo e não lhe permite escapar do passado. Ao contrário: a sua desorientação no novo país a sujeita a permanecer face a face com o passado e, portanto, a reconhecer que a assimilação em um contexto cultural não é transferida para outro (Edwards, 2007).

A literatura que retrata o tema da migração, especialmente a que dá ênfase ao deslocamento do indivíduo de um país periférico para a pátria-mãe colonial ou outra metrópole, revela as crises e as transformações de uma identidade migrante após a construção de um novo sentido de lugar na constelação desigual do Império. Na produção de Jamaica Kincaid, a exploração de um espaço e de seus habitantes por terceiros torna complexa uma infância colonial e conflituosa aquela identidade colonizada em formação. Enquanto projeto literário e político, as narrativas da escritora direcionam a estratégia pós-colonial descrita pelos geógrafos Alison Blunt e Gillian Rose, por meio da qual, ao pensar através das estruturas de poder que sustentam uma identidade (periferizada) e escolher uma identidade híbrida ou local, é possível deslocar a (ampla) distinção entre o centro e a margem, tão necessária para a colonização do sujeito (Blunt & Rose, 1994). Enquanto Kincaid descreveu em *Lucy* as circunstâncias íntimas de uma identidade colonizada, as suas conclusões e as estratégias do eu falam para uma política pós-colonial de localização radical e abrangente (Hughes, 1999).

Gênero é um elemento diferenciador relevante na experiência da migração caribenha (Momsen, 1993). Para os indivíduos caribenhos em geral, a migração configura uma extensão natural de sua ampla variedade de atividades extra-domésticas. Implica na liberdade em afastar-se sem muitos transtornos, deixando as poucas obrigações para trás (Olwig, 1993). Para as mulheres, entretanto, geralmente mais associadas à esfera doméstica enquanto mães ou membros vitais da família alargada, a partida torna-se mais árdua, uma vez que suportam uma responsabilidade muito maior do que as suas contrapartes masculinas, visto que continuam a apoiar, inclusive financeiramente, a família. Muitas vezes, essas mulheres caribenas migrantes, ao conseguirem uma vivência estável no exterior, oportunizam também aos membros familiares a experiência da migração e da fixação no país de acolhimento. Em oposição a tal circunstância, Lucy recusa a maioria de suas responsabilidades familiares quando imigra para Nova Iorque. É acentuado o seu desejo de livrar-se da vigilância materna, a qual era agravada pelas circunstâncias limitantes da pequena ilha. Ao desejar isolar-se da mãe, a estratégia encontrada pela protagonista foi incinerar as cartas que recebia desta. A rebeldia e a fuga, portanto, constituem motivações significativas para a migração de mulheres jovens no contexto caribenho.

Lucy, assim como as demais produções de J. Kincaid, conceptualiza os relacionamentos interpessoais em relação ao passado político e histórico do Caribe. As relações envolvem um opressor e um oprimido. A mãe figurativamente é o colonizador que sufoca a identidade, que já é complexa por abranger elementos culturais africanos, caribenhos e europeus. A língua do colonizador não apenas imita o opressor, mas também se torna lugar de resistência, enquanto Kincaid explora a impossibilidade de construir novas identidades sem “ver milhares de anos em cada gesto, cada palavra dita, cada rosto”. Através da língua do colonizador, a escritora expõe os seus pontos de vista relativos ao processo colonial e as suas consequências para a cultura e a identidade do caribenho pós-colonial:

Writing, even if it is in the colonizers' language, is her only means of expressing her anger. There is no way to right the wrongs, but she can write about the wrongs. The multiple perspectives that she has gained from this history, along with the irritation that it generates in her, inspires her productivity, leading her repeatedly to construct selves in writing, expressing the ambivalence located at the source of her art (Lang-Peralta, 2006, p. 43).

Ao perder o contato com o seu lar, Lucy não se liberta completamente de Antígua. A presença viva do quotidiano do qual se afastara é a ironia de sua experiência diaspórica: “As each day unfolded before me, I could see the present take a shape- the shape of my past” (Kincaid, 1990, p. 90). Relativamente à paisagem e aos indivíduos com os quais convivia, Lucy, como a maioria dos imigrantes, experimenta uma sensação de exílio, um sentimento descrito pelo caribenho George Lamming como de “inadequação e irrelevância da função em uma sociedade na qual o passado não pode ser alterado e cujo futuro está sempre além do alcance” (Lamming, 1995, p. 12, tradução nossa).

Os debates em torno das noções de “centro”, “periferia” e “exílio” há muito têm contribuído para o imaginário e a produção literária caribenhos. A percepção do Caribe enquanto lugar marginalizado foi substituída pelo auto-confiante re-desenho pós-colonial das categorias “centro” e “periferia”. Os escritores pós-coloniais não têm como ponto de partida nas suas narrativas o denominado “centro”, nem tampouco escrevem a partir do espaço definido pelo centro como “periferia”, mas a partir de outro “lugar”, onde é nutrida uma “terceira voz” mais forte em termos de identidade, possibilitando um autodelineamento maior e contínuo.

No caso de Jamaica Kincaid, a sua narrativa sobre o centro e a periferia enfatiza a complexidade da distinção do interior de um espaço a partir do seu exterior e é precisamente em parte a presença do externo que auxilia a construção da especificidade desse espaço (Massey, 1992). Ao representar um espaço, em geral, e Antígua, especificamente, Kincaid corrompe a

distinção espacial entre “local” e “estrangeiro”. O mapa convencional do império é revertido, portanto, à pequenez de um espaço: uma ilhota torna-se ampla. Reciprocamente, Nova Iorque e Inglaterra são reduzidas aos seus lados particularmente “perversos”. De acordo com Tiffin (1990, p. 37), em muitas de suas produções, Kincaid referiu-se à Inglaterra e à denominada norma “universal” através de uma perspectiva muito particular: um “pequeno” lugar que através das práticas coloniais tornou-se hábil em controlar grande parte do restante do mundo. O “lugarejo” não é, afinal, Antígua apenas- é a Inglaterra também. Distâncias reais e percebidas são trazidas inequivocamente à questão, visto que Lucy acreditava que somente uma mudança geográfica iria banir para sempre de sua existência os elementos que mais desprezava.

De modo geral, *Lucy* ilustra a maneira através da qual um lugar de origem, o lar de alguém, através das expectativas alheias e de suas próprias memórias e temores, continua a interromper o novo espaço e as suas novas identidades. Para Lucy e Jamaica Kincaid, Antígua representa família e infância, estagnação e repressão dentro de um sistema patriarcal-colonial. Embora Lucy viva em Nova Iorque, Antígua permanece o *locus* de sua consciência pós-colonial, sua identificação racial e cultural (Hughes, 1999).

3.3.2 Feminismo negro

Jamaica Kincaid fez uso de uma perspectiva analítica intensa sobre a condição feminina em relação à forma como a opressão social enraíza-se nas relações de gênero, configurando, portanto, a situação da mulher marginalizada pela cultura colonial e vítima dos seus efeitos.¹⁰⁶ No âmbito dos estudos feministas, as discussões concentram-se em temas que exercem formas análogas de dominação sobre aqueles que tornam subordinados. O feminismo é assunto de interesse crucial para o discurso pós-colonial e as experiências femininas no patriarcado e as dos sujeitos colonizados podem ser comparadas em diversos âmbitos. Tanto as políticas feministas quanto as pós-coloniais opõem-se ao posicionamento hegemônico, suscitando debates vigorosos em várias sociedades colonizadas, onde são enfatizadas questões de gênero ocasionadas a partir da condição colonial.

As condutas das escritoras, particularmente no que se refere a glorificar e denegrir tradições, variam conforme princípios dos seus passados, níveis educacionais, consciência e

¹⁰⁶ No seu romance *The Autobiography of My Mother* (1996), Jamaica Kincaid retornou ao Caribe para investigar a vida ficcional de Xuela, uma mulher dominicana. Essa constitui mais uma de suas produções enfocada nas mulheres, na relação entre mãe e filha, entre mulheres brancas e negras e no relacionamento entre mulheres e a ameaça colonial.

compromisso políticos, e suas buscas por alternativas aos níveis de opressão, frequentemente inscritos nas tradições mais reverenciadas. Seus textos lidam com, e frequentemente desafiam a dupla opressão-patriarcado que precede e continua após o colonialismo, inscrevendo os conceitos de feminilidade, maternidade, tradições conservadoras e circunstâncias desfavoráveis em um sistema capitalista introduzido pelos colonizadores. As escritoras feministas lidam com os fardos do papel feminino em ambientes urbanos- instituídos pelo colonialismo-, com o aumento da prostituição em cidades e a marginalização da mulher na participação política real.

Em *Lucy*, Mariah é a personagem bela, generosa, ingénuo, bem-disposta e intencionada senhora branca- que tratava a protagonista como protegida e não necessariamente como serviçal:

As her name suggests, Mariah's many virtues reflect the qualities attributed to a fairy grandmother or an adoptive mother, or better yet, to Simone de Beauvoir's 'sainted Mother,' 'the 'mediatrix' between the individual and the cosmos as 'the very incarnation of the God'" (François, 2008, p. 80).

Seu senso de altruísmo era facilmente notado por Lucy: "Mariah was superior to my mother, for my mother would never come to see that perhaps my needs were more important than her wishes" (Kincaid, 1990, p. 64). A senhora mostrava-se ansiosa por apresentar à jovem perspectivas aprazíveis, tais como "uma caminhada no início da noite de primavera", "um jardim repleto de narcisos", "uma passagem de noite em um trem e o despertar para o café da manhã, na medida que este se movia 'por campos recém-arados'". Lucy reconhecia que o apreço de Mariah era transmitido através de circunstâncias diversas: "If she went to a store to buy herself new things, she thought of me and would bring me something also [...]. She paid me more money than it had been agreed I would earn" (Kincaid, 1990, p. 110).

Mais significativamente, através da representação de Mariah, Jamaica Kincaid expôs o abismo histórico que separa o feminismo branco do negro. Lucy cresceu em um espaço colonial completamente dominado pelas regras metropolitanas transmitidas através da mãe, considerada difusora de antigos costumes patriarcais. No romance, a relação mãe-filha permeia a narrativa, imbuída de uma potencialidade feminina. A figura materna é declarada ainda mais potente por representar os valores e as estruturas da metrópole e a conduta feminina corporificada no culto à feminilidade vitoriana, do qual a filha desesperadamente procura afastar-se¹⁰⁷. O desligamento de

¹⁰⁷ Nesse âmbito, a análise sobre o relacionamento mãe-filha, de Adrienne Rich, *Of Woman Born* (1976), torna-se particularmente relevante se aplicado a *Lucy*. Rich atribuiu o termo *Matrophobia*, ou o temor em tornar-se mãe, a filhas que consideram que as suas mães lhes transmitiram um compromisso de ódio por si mesmas, além das restrições e das degradações ligadas à existência feminina. Rich explicou que é mais fácil rejeitar uma mãe sem pretextos do que enxergar para além das forças agindo sobre ela. Embora o ódio pela mãe culmine na matrofobia, pode haver também uma atração subjacente profunda em direção à mesma, um temor em relação ao fato de que caso uma ceda, irá identificar-se com a outra por completo.

Antígua acontece devido à necessidade de separação da figura submissa e dominadora que a mãe representava. Somente dessa maneira a personagem conseguiria construir a sua identidade. Ao trilhar um novo caminho, ela intencionava autoconhecer-se e libertar-se.

Para François (2008), a protagonista escrutina os sinais da hegemonia no contexto da emigração. O relacionamento entre as personagens é corrompido devido às divisões ideológicas, culturais e de classe, além da situação de conflito entre Lucy e a mãe. Ela despreza Mariah devido à sua ignorância no que respeita aos contrastes sociais e raciais, mas também pelo seu esforço contínuo em generalizar as vivências femininas em um protótipo homogêneo. Ao dar enfoque aos diálogos entre Lucy e Mariah, a autora ratificou que o relacionamento entre ambas é frequentemente corrompido devido às suas desproporções em conjunturas ideológicas:

She dismisses Mariah with condescending scorn, not only for her lack of awareness of social and racial inequalities but also for her employer's attempt to intellectualize and universalize women's experiences in a homogenous paradigm. At the same time, however, Lucy remains inexorably drawn to Mariah, in part due to the woman's many acts of generosity and kindness extended to her employee. (François, 2008, p. 79)

Adicionalmente, o relacionamento com a senhora norte-americana aos poucos apresenta semelhanças com o que possuía com a própria mãe, pois Mariah desejava que Lucy compreendesse as circunstâncias através de um olhar "privilegiado", que não lhe era próprio, que lhe tolhia a individualidade, ainda que lhe encorajasse o amadurecimento intelectual (Edwards, 2007, p. 66). Em diversos episódios, Lucy se sente objetivada por indivíduos que a estereotipavam em função das distinções racial e cultural, não a consideravam um sujeito pleno, pelo contrário, a viam como a mulher exótica "das ilhas". Essas circunstâncias amargam na personagem uma sensação de não pertencimento a Antígua, sua casa, nem aos Estados Unidos, seu novo lar. Na tentativa de dar sentido à sua situação, Lucy definiu-se como "exilada".

Ao longo do romance, é traçada a dificuldade da protagonista em decretar uma separação geográfica e psicológica da mãe. Esse afastamento torna-se mais improvável à medida que Lucy recorda-se da mãe a partir dos pensamentos e ações de Mariah, cujo afeto tentava inclui-la no núcleo familiar e na família ideal de classe média, que para a protagonista eram tão sufocantes e

Rich concluiu que a matrofobia pode ser concebida como uma divisão do eu sob o desejo de tornar-se purgado completamente da escravidão materna, a fim de torna-se individualizado e livre. No caso de Lucy, na busca por liberdade, ela luta de maneira a alcançar a sua individualidade. Nessa conjuntura, fundamenta-se o conflito entre Lucy e Mariah, que involuntariamente a faz recordar tanto a mãe quanto os valores totalizantes da "terra-mãe", dos quais Lucy tentava esquivar-se.

colonizadores quanto o afeto de sua mãe. A diferença racial, cultural e de classe de Lucy — assim como sua experiência colonial — são potencialmente silenciados dessa forma.

Outro ponto em destaque no romance é a sexualidade que em Lucy aparece como forma de poder, de libertação e de negação aos moldes patriarcais. A personagem subverte essa condição ao permitir-se vivenciar encontros amorosos fortuitos, dos quais excluía a possibilidade de qualquer vínculo afetivo, sem, no entanto, deixar de experimentar o deleite que essas relações fortuitas lhe proporcionavam. Inserida em um universo patriarcal, Lucy, que foi educada nos moldes tradicionais de uma cultura conservadora, desejava romper as expectativas de ter que corresponder às exigências desses padrões, cujos valores rígidos de comportamento feminino e as regras de conduta social levariam-na a adquirir a mesma postura impenetrável e soberana da mãe.

Claramente, nota-se que Jamaica Kincaid optou por utilizar protagonistas do sexo feminino nos seus romances com o propósito de atribuir-lhes voz e de ir de encontro ao sistema opressor então vigente nos contextos familiar e sócio-educativo. Seu desejo foi “criar um discurso mais adequado para reportar a realidade e a identidade de um sujeito feminino pós-colonial” (Azevedo, 2008, p. 104), e para tal utilizou, conveniente e estrategicamente, o relacionamento familiar no intuito de articular um discurso anticolonial por vezes velado, porém evidente. A maioria dos escritores oriundos do contexto pós-colonial intenciona demonstrar o desejo que o colonizado possui em libertar-se do peso proveniente das influências subordinantes da cultura estrangeira para então atingir uma humanidade plena, por uma consciência de si verdadeira. O intuito foi, portanto, ser reconhecida por aquilo que era, a fim de redirecionar a sua própria história, ainda que repleta de lacunas, na tentativa de remodelar uma perspectiva social deformada. O transtorno encontra-se no fato de que o desejo de ter a sua cultura revalorizada não acontece de maneira estruturada, de modo que dificulta ao colonizado reagir contra as estratégias de exploração e alienação a que foram submetidos.

3.3.3 Fragmentação e redefinição de si

Em *Lucy*, Jamaica Kincaid explorou as ambiguidades, as contradições e a intensidade da ideologia colonial britânica, os seus costumes vitorianos, como também o legado debilitante do sistema de *plantation* que transpassava a mente, o corpo e a memória da heroína. A protagonista perscruta os sinais da hegemonia no contexto da emigração. Ao intencionar escapar do conflito que a relação mãe-filha desencadeava, nomeadamente porque a mãe tentava lhe reproduzir em uma espécie de cópia, a personagem afasta-se de sua terra natal em busca de outro caminho, de uma

definição de sua identidade, distante do domínio patriarcal que a mãe simbolizava. Como sujeito fragmentado, vê-se forçada a situar-se e a redefinir-se.

Jamaica Kincaid demonstrou por que o imperialismo britânico e o neocolonialismo norte-americano, notoriamente, exercem constante influência sobre a identidade nacional caribenha. Mesmo estando em espaço estrangeiro, Lucy tentou (re) articular a sua identidade, apesar da concepção de nação que lhe fora imposta. Na maior parte das obras da autora, uma crise de fúria e perda centraliza-se na figura materna. Não apenas é a lacuna entre mãe e filha central, mas o conflito suscitado por essa divisão pode também ser visto como metáfora para outro tema primário- dominação racial e cultural (Simmons, 1994). A figura materna é forte, bela, inteligente e laboralmente reprodutiva. Simultaneamente, a escritora apresentou essa mesma mãe como uma mulher de identidade fraturada e emprestada. A piedade da servidão cristã, as regras de etiqueta britânica e o trabalho doméstico constante definem o seu papel materno. Na experiência adolescente de Lucy, o lar e a ilha tornam-se zonas de conflito, onde a mãe tenta controlar a criança que insistentemente evita e subverte o controle colonial. Em linhas mais amplas, ao examinar as relações de género no Caribe, Momsen afirmou:

A double paradox: of patriarchy within a system of matrifocal and matrilineal families; and of a domestic ideology coexisting with the economic independence of women. The roots of this contemporary paradoxical situation lie in colonialism (Momsen, 1993, p. 1).

Concebendo novas identidades e resistindo às identidades e às localizações delimitadas para si pelos outros, Lucy permitiu transformações em sua identidade como parte da sua migração para Nova Iorque.¹⁰⁸

Ao longo do romance, a protagonista não tenta escolher entre identidades, o que não indica, entretanto, que Lucy era inconsciente em relação aos ditames das oposições sexuais, geográficas ou culturais essencializadas. Lucy era bastante perspicaz em relação às duas opções mais prontamente disponíveis para si: permanecer em um lugar em que não podia realmente sentir-se em casa ou partir para outro onde seria uma "forasteira vulnerável" (Simmons, 1994, p. 121). Tendo chegado tão longe, essa dicotomia prevaleceu para Lucy, em Nova Iorque, da mesma forma que em Antígua. Quando se torna imigrante, indivíduo e filha bastante diferente do que era até então, qualquer retorno a Antígua a posicionaria novamente como uma "forasteira vulnerável":

¹⁰⁸ Semelhante na temática- e mais abertamente autobiográfico-, segundo Hughes (1999), é a peça escrita por Kincaid, *Putting myself together* (1995) - sobre as suas primeiras experiências em Nova Iorque. O título sugere tanto uma dizimação prévia ou um auto-desmembramento trazidos pela experiência da migração ou pela experiência mais ampla de povos colonizados que vivem as instituições opressoras da cultura dominante.

Her identity exists between being somehow, in New York, the devil- a figure she holds on to, an excluded person but a powerful one- and the 'warm blue sea' of her Caribbean, and there being a powerless and colonized person. This substrait metaphor of 'betweenness' embodies the multiple contradictions of the migration experience; the places of the 'devil' and the 'warm blue sea' both contain overlapping territories of empowerment and disempowerment (Hughes, 1999, p. 190).

Lucy continuava a experimentar a negação do senso de "pertencimento", em Nova Iorque. Ao mesmo tempo, os norte-americanos negavam as diferenças entre esse e o país ao qual ela pertencia.

Se em *Annie John*, o acontecimento que indicou a resistência à ideologia dominante ocorreu no ambiente escolar, visto que a personagem entrara em contato com o ensino da história através da ótica do colonizador, em *Lucy* o conflito da protagonista foi desencadeado a partir do choque vivenciado com a realidade dos senhores e de seus amigos, que não possuíam a exata noção do quanto as ações dos colonizadores, os seus ascendentes, marcaram negativamente a história caribenha. Ao conhecer amigos de Mariah que já haviam estado como turistas em Antígua- ou somente "as ilhas" (*The Islands*) - como costumavam denominar o Caribe, Lucy ficara envergonhada de ser natural de um país avaliado pelos visitantes apenas pelo grau de diversão que os proporcionava. A visão do turista é personificada pela personagem Dinah, uma das amigas de Mariah, ao questionar a protagonista: "So you are from the islands?" (Kincaid, 1990, p. 56). Lucy reconhecia Dinah enquanto indivíduo que enxergava a partir de uma nação ampla, poderosa, para a qual lugares pequenos são consumíveis, brilhantes e genéricos, ou seja, "ilhas tropicais", exatamente onde as especificidades locais não são significativas para as nações poderosas e os seus respectivos cidadãos, conforme Gillian Beer:

The idea of the island is no longer one of a fortress, defended by the sea, rather remote islands are accessible and commodified as leisure packages, but the commodification itself depends on an unchanged survival of long-standing western literary and scientific ideals of 'the island' (Beer, 1989, p. 21).

O paradoxo de vir de tão longe, de um lugar tão pequeno, tão infinitamente consumível e consumido por incursões coloniais do passado e pela atividade turística do presente, induzia Lucy à fúria e à intensificação de impressões de deslocamento e não-pertencimento.

Através da personagem Dinah, Kincaid também retratou o que Cohen e Mascia-Lees descreveram como "a produção excessiva e quase histórica de um Outro mítico- não atípica de turistas ocidentais" (Cohen & Mascia-Lees, 1993, p. 141). Dinah negava as particularidades de Lucy — a sua raça, o país de origem e a sua experiência no domínio colonial — ao inferir que

conhecia “as ilhas”, tratando como natural o fato de haver visitado Antígua e entretido-se em sua estada.

Ao moldar as suas personagens para o desenvolvimento de uma identidade independente, a escritora tentou desconstruir a imagem dos colonizadores, questionar essa cultura e propor um molde de valorização de um modo de ser caribenho, a partir da aprendizagem, escolhas e experiências individuais de sujeitos que possam adquirir uma identidade descolonizada. Por isso, a maioria de seus romances é autobiográfica e o dilema da identidade é destacado através da associação entre as experiências do passado, as vivências do presente e a construção do futuro. *Annie John* e *Lucy* são romances que demonstram a destreza de Kincaid em associar questões familiares às de ordem sócio-cultural, abordando sutilmente o quesito identidade, sendo este um conceito fundamentado no deslocamento do espaço entre o passado e o futuro, através da atual agência do sujeito que resulta do seu posicionamento por meio da cultura. Mais do que tornar a literatura uma forma de protesto, uma reação contra o período colonial europeu, a sua narrativa possui conceitos e características próprias de pensamento.

A falta de compreensão até mesmo no que se refere à linguagem, entre Kincaid e os seus familiares, refletia a distância que a separa tanto deles quanto de Antígua, indicando que era considerada uma estranha entre a sua própria família e uma estrangeira no seu próprio país (Edwards, 2007, p. 106). Ela não poderia ter se tornado escritora na convivência com as pessoas que mais conhecia: “(...) I could not have become myself while living among the people I knew best...” (Kincaid, 1997, p. 169 citada em Edwards, 2007, p. 112). Por trás da consciência existencial e niilista da autora, encontra-se uma história muito pessoal de obsessão e incapacidade em resolver completamente os desgostos do passado: “I have a line drawn through me, and that overwhelms everything that I know about myself at this moment.” (Kincaid, 2002, p. 145 citada em Bouson, 2005, p. 176). Ao ser questionada sobre o rancor e a fúria das suas protagonistas, a escritora afirmou que independentemente do que revele em sua escrita, em termos pessoais possui êxito e supõe que é exatamente esse fator que lhe proporciona liberdade em expressar negatividades (Edwards, 2007, p. 95). Jamaica Kincaid caracterizou os seus romances “como exemplo limítrofe do gênero autobiográfico, em que a imagem do ‘eu mulher’ se expande para representar o ‘nós’”. Portanto, a sua produção literária, enquanto se faz autobiográfica, ao mesmo tempo questiona os limites entre veracidade e mito, os limites da representatividade, com a expansão do “eu” para representar “outros”, ou seja, um grupo que se encontra à margem, em busca de sua identidade própria (Azevedo, 2008, p. 95).

A produção literária de Jamaica Kincaid pode ser avaliada em termos universais, o que explica as emoções confusas como parte do seu processo de maturação. A autora retratou o intrincado processo de emoções identificáveis na juventude, com indivíduos dos mais variáveis espaços e culturas. Uma análise mais detalhada, entretanto, sugere que a ambivalência sobre relações pessoais que emerge na sua produção, especialmente desde o romance *Annie John*, está imersa na história e na política particulares de Antígua.

Nos enredos, situações binárias ocorrem entre as personagens, dando ênfase à complexidade em torno da identidade cultural na situação colonial, que evidenciará os sinais de ambivalência extrema manifestos em mimetismo ou nas várias tipologias de obsessão com a identidade. Nesse decurso, são pertinentes a mistura complexa de atração e repulsão que caracteriza a relação entre o colonizador e o colonizado. O colonizador espera pelo mimetismo, apesar da possibilidade de ameaça. A ambivalência do colonizado elimina a autoridade do colonizador porque o desejado mimetismo no colonizado pode facilmente transformar-se em escárnio. Segundo Bhabha (1994), a ameaça de mimetismo é a sua dupla visão, que ao divulgar a ambivalência do discurso colonial também rompe a sua autoridade. Ao enfatizar a dualidade na experiência colonial, Bhabha afirmou que a ambivalência do mimetismo, quase, mas não por completo, sugere que a cultura colonial fetichizada é potencial e estrategicamente um contra — apelo insurgente e que seus efeitos de identidade são sempre crucialmente divididos (Bhabha, 1994). No caso de Lucy, após a tentativa de alcance de independência: “I wish I could love someone so much that I would die from it” (Kincaid, 1990, p. 164), a expressão de simultâneo desejo por uma emoção intensa e morte, a cessação de toda a emoção, é indicativa da “divisão” de identidade descrita por Bhabha. O único amor que Lucy experimenta é aquele por sua mãe, que a desaponta, portanto, ela não poderia desejar amor sem desejar a morte, o fim da dor.

Tanto a obsessão quanto a consolidação da identidade e a ambivalência como forma de resistência são evidentes na produção literária de Kincaid, mais notavelmente em *Lucy*, e, de fato, parecem ser fonte de inspiração para a autora. A protagonista Lucy explicitamente resiste às tentativas de fazê-la copiar o comportamento dos que a rodeavam. Ao invés de “imitação”, Kincaid utilizou o termo *echo* para descrever o que a mãe de Lucy desejava: que a filha fosse o seu eco. A luta de Lucy para não ser um eco causa uma lacuna na comunicação entre as personagens, mas permite a Kincaid fazer o uso da língua do colonizador como local de resistência. Assim, é revelada a futilidade da tentativa de criar uma identidade separada da história, da cultura e da família de um indivíduo (Lang-Peralta, 2006).

Um significativo episódio da narrativa remete à adversidade em torno do mimetismo. A menção a narcisos (*daffodils*) elicitando emoções complexas em Lucy, que se recorda da educação britânica, em que precisamente aos dez anos de idade, fora convidada a recitar um poema sobre narcisos, para um auditório, na Queen Victoria Girl's School. Ao fazê-lo, fora elogiada pela maneira como pronunciara cada palavra, revelando que havia imitado a língua inglesa com precisão: "While she is praised for mimicking English idioms so accurately, she is acting falsely: making "pleasant little noises that showed both modesty and appreciation" (Alcott, 2000, p. 18). O ressentimento a motiva a esquecer cada palavra daquele poema, representando como o efeito opressor da educação colonial projetava-lhe em uma identidade, uma linguagem e uma cultura que não eram as suas.

A imitação envolvida no ato de recitar o poema definiu o palco para a resistência que brotara em Lucy quando Mariah a levava para ver as flores: "Mariah, do you realize that at ten years of age I had to learn by heart a long poem about some flowers I would not see in real life until I was nineteen?" (Kincaid, 1990, p. 30). As flores tornam-se para a protagonista mais um símbolo da colonização, pois ao recitar o poema ela é forçada a expressar a emoção que um britânico -autor do poema- sentia pelas flores que ela jamais havia visto. A maneira que a protagonista encontrava para resistir à imposição de um aspecto da outra cultura era tentar esquecer o poema tão alienante para si. Da mesma forma, Lucy resistiu ao desejo de Mariah para que imitasse, dividisse e ecoasse os seus sentimentos e visões ao apreciar as flores. Nesse momento, analogicamente, Kincaid demonstrou que o desejo de Mariah era exatamente o que Lucy abominava na mãe, que desejara que ela fosse o seu eco. Nessa passagem, tanto Mariah quanto a mãe de Lucy representam o colonizador.

A obsessão com a identidade descrita por Ashcroft *et al.* (1998) e a dupla visão sugerida por Bhabha ocasionam falhas de comunicação que por diversas vezes a isola. Inicialmente, Lucy tenta comunicar-se, mas fracassa em muitas instâncias, muito embora o inglês seja a língua em comum. Ainda que tenha recebido uma educação britânica, ela era considerada estrangeira no espaço para o qual migrara, condição reforçada quando enxergava as circunstâncias diferentemente daqueles à sua volta. A protagonista decidiu tomar suas próprias decisões relativamente à forma pela qual responderia às novas circunstâncias de sua existência, ao invés de imitar os demais, fazendo com que ainda que apreciasse determinados aspectos do seu novo lar, manifestasse reações ambivalentes devido ao seu passado.

Jamaica Kincaid enfatizou a natureza instável da linguagem, no romance. A relação entre o significativo e o significado frequentes tornou-se tão complexa quanto as emoções em si. Diversas interpretações para declarações e gestos foram oferecidas, podendo ter significados variados. Dessa forma, a linguagem possuía mais de um significado para Lucy, assim como a emoção ambivalente. Enquanto distanciava-se do lar, tanto geográfica quanto emocionalmente, esperava sentir-se livre, de forma que não enxergasse os resquícios de centenas de anos em cada gesto, em cada palavra e em cada face. Era incapaz de sentir-se livre, entretanto, visto que constatava imperialismo e opressão proliferando ao seu redor.

Sua percepção minuciosa quanto às relações de poder a torna independente de forma que decide não aceitar julgamentos. A ânsia por tornar-se livre e a decisão de deslocar-se para um novo espaço e obter um novo emprego são acontecimentos significativos nesse processo de tentativa de descolonização da mente. A separação da figura materna situava Lucy em condição de heroína, ao afastar-se do lar e da mãe, que limitava seus horizontes. Já a separação de Mariah, simbolizava o afastamento do domínio do lar da mãe-substituta. Eram a rebeldia e a ambivalência de Lucy que alimentavam o seu rancor e concebiam a resistência para impulsioná-la a tornar-se heroína em sua própria visão, ao invés de uma serva. A ligação entre o lar colonizado e o lar do colonizador configurava a semelhança entre a mãe de Lucy e Mariah: "The times that I loved Mariah it was because she reminded me of my mother. The times that I did not love Mariah it was because she reminded me of my mother" (Kincaid, 1990, p. 58). Na asserção há, entretanto, uma diferença significativa, pois Mariah reconhecia a necessidade angustiante por independência que partia de Lucy: "This was a way in which Mariah was superior to my mother, for my mother would never come to see that perhaps my needs were more important than her wishes" (Kincaid, 1990, pp. 63-64). *Annie John* e *Lucy* têm em comum, portanto, a problematização em torno da imagem materna.

As narrativas se concentram na exploração da simbologia patriarcal/colonial que a relação conflituosa com a figura materna representava, condição presente nas duas obras, a partir do desenvolvimento da identidade à luz das expectativas culturais, na passagem da personagem criança à fase adulta. Figurativamente, Kincaid estabeleceu uma conexão entre essa relação e a condição de nação colonial de Antígua, ao comparar o domínio europeu à desarmonia entre mãe e filha, a primeira simbolizando, ironicamente, o colonizador. A relação é sempre paradoxal, na qual as personagens nutrem um sentimento de afetividade e ao mesmo tempo, de repressão e domínio.

A segunda protagonista representa uma extensão da primeira. O relacionamento sereno do período de infância cede espaço às desavenças que surgem na adolescência e na fase adulta, quando os valores da mãe, metaforizados em função dos imperativos patriarcais, criaram um vácuo em todos os âmbitos de convivência entre a mãe e a filha. O nascimento dos irmãos, outro símbolo da masculinidade autoritária e preeminente, fez com que a personagem constatasse a distinção de tratamento por parte dos pais. Deliberadamente, Annie pensou em esquivar-se desse convívio e inferiu como alternativa mais viável a sua ida à Inglaterra, a pátria-mãe colonial. A mãe denotava a metáfora da Antígua colonizada e patriarcal e o repúdio de Lucy se devia à sujeição dessa enquanto mulher e à simultaneidade em relação à personificação da figura do opressor, tão perpetrada pela genitora e tão rejeitada pelas protagonistas de ambos os romances.

Através do exame desses romances, podemos constatar que a construção de uma identidade nacional em uma contextura pós-colonial e a desconstrução da identidade imposta pelo colonizador constituíram os propósitos da escritora. Ao retratar a conjuntura histórica da sua nação colonizada, Kincaid vinculou o desenvolvimento de sua própria identidade à identidade nacional, criando estratégias de resistência ao imperialismo e refutando o discurso histórico oficial.

Mais significativo nesse âmbito é ponderar que não são necessariamente os fatos desencadeados ao longo do texto que interessam, mas as táticas utilizadas enquanto meios de representar a sua própria condição através das protagonistas. No caso de Jamaica Kincaid, as suas narrativas instituem uma autorrepresentação da natureza colonial enraizada na cultura de Antígua.

3.3 Ausência e Identidade em *The Boy from Willow Bend*, 2002

3.3.1 Golpes e perdas; luta e redenção

I hate this place. I hated him. I hated her. I hated myself here. But most of all I hated the name. Dead End Alley. When I was growing up, it made the place feel like a grave, you know? And like I was being buried alive with all the ghosts and skeletons and secrets. It was suffocating. I had to get away. Had to. Had to. Had to,"
his mother said and he just looked at her.
(Hillhouse, 2002, p. 90)

Primeiro romance ficcional escrito por Joanne Hillhouse, publicado em 2002, *The Boy from Willow Bend* narra a jornada de infância e amadurecimento de Vere Carmino, que desfruta de uma existência aparentemente idílica em uma aldeia em Antígua denominada *Dead End Alley*. A personagem é marcada pelas satisfações diárias de uma infância lúdica, que, entretanto, é também pontuada pela dor que sublinha as suas relações familiares, que ocupam dois extremos. Ao construir o percurso de Vere através de sua percepção do mundo enquanto criança, a romancista

situou a sua infância em uma rede de valores que projetam o contexto sociocultural do Caribe pós-colonial. Em uma sociedade sem expectativa, formada por indivíduos degradados humana e socialmente, fadados ao silêncio da história, a autora deu enfoque ao comportamento das personagens de forma a delinear e a representar o perfil identitário-cultural dos afrodescendentes de Antígua.

Nascida em Antígua, em 1973, Joanne Hillhouse é autora dos romances *The Boy from Willow Bend* (Hillhouse, 2002), *Dancing Nude in the Moonlight* (Hillhouse, 2004) e *Oh Gad!* (Hillhouse, 2012). As suas produções ficcionais, as não-ficcionais e as poesias foram publicadas em diversas antologias e revistas e estão incluídas nas listas de cursos em escolas e universidades caribenhas e norte-americanas. A escritora formou-se em Comunicação Social pela *University of the West Indies*, onde também realizou vários cursos de literatura e escrita. Tem participado de atividades literárias dentro e fora do Caribe, tendo recebido inúmeras premiações, a exemplo do *UNESCO Honour Award* (2011) pela contribuição à alfabetização e às artes literárias de Antígua e Barbuda, *David Hough Literary Prize* (2011), *Burt Award for YA Caribbean Literature* (2014), *Leonard Tim Hector Memorial Award* (2014) e *Flash Fiction Prize* (2015).

Ao longo do enredo, Hillhouse destacou uma série de temas endêmicos às experiências caribenhas, desde meados ao final do século XX: situações complexas que envolvem questões de gênero, classe, raça, migração, parentalidade e conflitos emocionais diversos, perspectivadas através de uma prosa singela, baseada na personalidade cativante com a qual a autora dotou o protagonista, ao passo que relatou as suas primeiras experiências afetivas e expôs os vieses de sua educação em contextos pós-coloniais.

Em *The Boy from Willow Bend*, a autora elaborou uma história que tanto leitores jovens quanto adultos podem apreciar e que verdadeiramente captura a identidade de Antígua. A obra figura na lista de escolas tanto em Antígua, quanto em outras ilhas da região, e constitui o principal romance analisado nos primeiros anos do ensino secundário, tendo recebido *feedback* positivo de professores, pois os estudantes relacionam as suas experiências às do protagonista e tal processo se faz relevante na medida que a formação da identidade individual no estágio inicial da adolescência irá moldar a identidade na fase adulta.

A narrativa produzida por Joanne Hillhouse, enquanto sistema de representação cultural, construiu através de Vere um indivíduo cuja identidade apela à coletividade. *The Boy from Willow Bend* traz contribuição significativa para as artes literárias caribenhas e coopera para a preservação

da história das Índias Ocidentais. Apesar de ser um romance bastante expressivo para os que possuem raízes caribenhas, também possui apelo internacional, na medida que aborda questões universais como abandono, instabilidade, escassez e migração. O livro é um recurso para a discussão dessas experiências em sala de aula e oferece aos adolescentes a oportunidade de estudar a cultura de Antígua através de um entrecruzamento de construtos sociais como gênero, estruturas de poder, raça e classe:

Currently, the Antiguan literature being used is *The Boy From Willow Bend* by Joanne Hillhouse. This is taught in the lower secondary school as a main text. I personally did not teach this novel, but I did study it and assist the teachers with ways in which to instruct and teach the novel to the students. I received positive feedback from the teachers. The students enjoyed the novel and could relate to some of the experiences of the main character.¹⁰⁹

Em princípio, a narrativa abordou a proteção concedida a Vere pela personagem Tanty, esposa dominicana de seu avô Franklyn, contra os abusos forjados por este, que reproduzia um padrão de comportamento sexista comum na região. A enfermidade e a subsequente morte de Tanty conduziram o enredo em um caminho mais aflitivo para Vere, que precisava se acostumar à ausência da única mãe que conhecera, além de enfrentar a hostilidade contínua do avô, agravada com a dor doluto.

Franklyn foi caracterizado como um homem em conflito constante, cujo comportamento e valores eram reflexos de sua história ou provavelmente esses elementos constituíram uma extensão deformada dessa história. Ao replicar os gestos e os anseios da autoridade colonial, Franklyn repetiu os abusos cometidos no seu próprio passado. Relativamente ao surgimento de uma classe burguesa pós-colonial, Franklyn, enquanto policial reformado, poderia ser considerado parte de um novo regime especializado em oportunismo e que manteria a população confinada à indigência e à servitude. Hillhouse, no entanto, ofereceu uma visão redutiva da cumplicidade de Franklyn às transgressões coloniais. Um temor parecia assombra-lo, embora ele não tivesse noção desse fato. A enfermidade que o acometia ofereceu uma instância crítica relevante ao romance. Nesse momento, à medida que Vere se recusava a aceitar a iminente morte de Tanty, enfrentava bravamente o avô contraditório e, após relutâncias, descobre que por trás de sua superfície tempestuosa, Franklyn nutria algum afeto pelo neto. Essas transições permitiram o desenvolvimento de uma ligação entre as personagens e para Vere o reconhecimento de um afeto que era recíproco:

¹⁰⁹ Entrevista realizada com Zahara Hall, professora da educação básica na *Antigua Girls School*, em Antígua, em novembro de 2013.

'I was so proud of you,' he said another night, 'Playing that guitar. Yes, I used to listen to you at night. Didn't mind it one bit.'
Vere was shocked but managed to stay quiet.
No one had ever told him they were proud of him before, not even Tanty. He'd had no idea it would feel so good. (Hillhouse, 2002, pp. 86-87)

A natureza cáustica, controladora e abusiva de Franklyn explicava parcialmente por que a mãe de Vere abandonara Antígua, sem propósitos de regressar. Tentava compensar a sua ausência através do envio de esporádicas remessas financeiras a partir dos Estados Unidos, mas que mal eram suficientes para manter Vere em uma instituição escolar privada:

Even though she was gone now, she still sent money for his school, so he knew she hadn't forgotten him. And every time his grandfather talked about taking him out, Tanty put her foot down.
She said, 'Maybe you don't respect education but is what the boy's mother want for him.'
(Hillhouse, 2002, p. 22)

Vere, por sua vez, experimentava a falta dolorosa da mãe durante o seu crescimento e ansiava pela sua presença. Adicionalmente, em alusão à história de soldados norte-americanos em Antígua, que nutriam relações fugazes com mulheres nativas, Hillhouse dotou Vere de um pai também ausente, o qual ele nunca conheceu:

He was the colour of hot Milo cooled by milk, and his hair was softer and curlier than his mother's. This he owed to his father, as far as he could tell. He'd never seen a picture of the man, but he'd once heard old Ms Buckley remark that it was a white man, an American, from up on the base. She said his mother ran around too much and got just what was coming to her, and that his father was now back in the States after declaring the boy wasn't his. To Vere, his father sounded mean and he didn't ever want to meet him.
He considered this...maybe he wouldn't mind meeting him if he was really mean. Meaner than his grandfather, mean enough to make him go away.
Maybe then his mother would come back. She had said she was only going for a little while, but that was years and years ago. The last he'd heard from her was a birthday card for his last birthday, his eighth. He missed her (Hillhouse, 2002, p. 14).

A falta de estrutura familiar, portanto, representada na ausência das figuras materna e paterna, constituiu um dos enfoques da obra. Enquanto sujeito racial de gênero em um ambiente hostil, a mãe de Vere tentava resistir às dificuldades económicas e à dominação patriarcal que enfrentava tanto em Antígua quanto nos Estados Unidos, além do racismo nesse país. A caracterização da personagem ratifica, portanto, que para o sujeito feminino caribenho diaspórico é vital remapear novos espaços da diáspora, a construção de novos ambientes seguros que permitam a sua sobrevivência e a afirmação de sua identidade feminina híbrida específica. Ela precisava, por conseguinte, de um espaço *in-between* para reconciliar o seu corpo dividido, possivelmente o

"terceiro espaço" que Homi K. Bhabha se referiu em *The Location of Culture* (1994), não o baseado em exotismo ou multiculturalismo, mas em hibridismo.

3.3.2 Pais migrantes

Os efeitos da diáspora caribenha foram vivamente representados no romance e os Estados Unidos eram deveras presente na existência de Vere enquanto país não apenas de oportunidades - visto que a sua mãe partira em busca de condições de vida satisfatórias- mas motivador de laços familiares desfeitos. A personagem June, filha de Franklyn, também abandonada pela mãe migrante, experimentava na casa do pai a sua última estada em uma série de outros lares nos quais havia sido, inclusive, vítima de agressões, até finalmente partir para os Estados Unidos na companhia da mãe. Os Estados Unidos são frequentemente descritos como terra de "imigrantes" que ocultam as disparidades evidentes entre racializados. Caso esse país fosse denominado uma terra de "diásporas", essas relações possivelmente não se transformariam, entretanto poderiam desestabilizar o domínio do nacionalismo americano e a supremacia branca, podendo prontamente acomodar novos migrantes, desde que esses aceitassem o estilo de vida americano (Kalra, Kaur & Hutnyk, 2005).

Através da trajetória dessas personagens, constatamos que a migração caracteriza abandono para aqueles deixados para trás e defrauda a possibilidade de uma vida familiar normal, à medida que revela problemas psicossociais enfrentados pelas crianças que diariamente lidam com o abandono. Ao longo do enredo, o protagonista enfrentou a lacuna da mãe ausente, preenchida com solidão e afastamento até o seu regresso após a morte do avô. Como afirmaram Asís (2006) e Parreñas (2002), no caso da migração materna, os destaques são impactos psicossociais e mudança de papéis de gênero como resultado da rutura familiar. E nas situações em que ambos os pais migram, um fator adicional inclui a dificuldade enfrentada por avós (Giannelli & Mangiavacci, 2010).

Conforme anteriormente evidenciado, a região caribenha possui altos níveis de migração infrarregional e internacional. O *United Nations Secretariat* (2002) estima que a taxa de migração do Caribe é a maior do mundo, sendo a migração internacional dominante. A magnitude da diáspora caribenha refletiu-se nas comunidades caribenhas consideráveis na América do Norte e na Europa (J. Ferguson, 2003; Foner, 1998, 2001; Prachi, 2007; *United Nations Secretariat*, 2005), que foi estimada em mais de seis milhões, em meados da década 1990 (Nurse, 2004). Nos últimos anos, o impacto desse movimento tem recebido muita atenção na literatura. No entanto, as investigações

disponíveis têm-se centrado em grande parte sobre os desafios e os benefícios económicos (Blank, 2007; Cortes, 2008; D' Emilio *et al.*, 2007; Palmer, 1990), com menos atenção voltada para os efeitos sobre as crianças deixadas quando os pais migram¹¹⁰ (Bakker, Elings-Pels & Reis, 2009; Crawford-Brown, 1999; Dobson, 2009; Toyota, Yeoh & Nguyen, 2007).

Adicionalmente ao enfoque histórico do grande número de migrantes do sexo masculino, é o mais recente aumento de migrantes do sexo feminino, enquanto procuram oportunidades na América do Norte e no Reino Unido (Gadsby, 2006; Ho, 1993; *United Nations Secretariat*, 2005). O padrão mais recente em pequenas economias insulares envolveu a migração em série, geralmente associada à classe operária, em contraste com o movimento das classes média e alta que migraram como uma unidade inteira (Smith, 1981). Isso demonstra o papel do fator classe no comportamento migratório das referidas sociedades (Soto, 1987; Thomas-Hope, 1992).

As principais teorias sobre a migração concentram-se no impacto psicológico sobre os indivíduos nos países de acolhimento, com destaque para os resultados de isolamento social, choque cultural e depressão, devido à perseguição de propósitos e à mudança cultural (Kuo, 1976). Os jovens cujas mães são ausentes ou que enfrentaram mudanças nos arranjos de cuidado parental demonstraram maior probabilidade em adquirir problemas comportamentais: "For children whose mother had migrated and who were not in contact with their father, feelings of rejection and abandonment were directed towards the mother and these children fantasized about and mourned their father" (Dillon & Walsh, 2012, p. 878). Para aqueles deixados nos países de origem, entretanto, as consequências psicológicas não são abordadas adequadamente (Battistella & Conaco, 1998). Assim, as questões relacionadas às relações conjugais, aos papéis parentais e aos efeitos sobre o desenvolvimento das crianças requerem mais análise (Battistella & Conaco, 1998; de la Garza, 2010; Malinauskas, 2006). As investigações sugerem que para algumas crianças o resultado pode ser negativo, resultando em desafios emocionais, psicológicos, comportamentais, educacionais e de saúde (Bakker *et al.*, 2009; Crawford-Brown, 1997; Jones, Sogren & Sharpe, 2004; Pottinger, 2005):

Children experience distress when they do not receive this type of attention, which in young children can be evident in cases of physical separation from the caregiver, resulting in anxiety, fear, anger, and sadness (Bowlby, 1988; Bretherton, 1992; Kobak & Madsen, 2008). In older children, lengthy absence, poor communication and signals of abandonment or rejection, can

¹¹⁰Essa experiência é comum e parece ser permanente na vida caribenha moderna. A criança que vive sob essa condição é denominada *barrel child*, ou seja, aquela que cresce no país de origem ou dos pais migrantes, enquanto esses procuram encontrar empregos para si e para a família em outros países, nomeadamente os EUA, o Canadá e o Reino Unido. A criança geralmente fica sob os cuidados de familiares ou amigos.

compromise the bond between caregiver and child (Bowlby, 1982; Parks & Stevenson-Hinde, 1982).

O transtorno familiar está estreitamente associado à depressão, à redução da autoestima elevada e à dificuldade de adaptação no país de acolhimento, independentemente do *background* cultural. O apoio de membros familiares afeta positivamente a autoestima das crianças e reduz os seus sintomas psicológicos. A associação entre a desagregação familiar e a depressão é geralmente mais intensa no Caribe anglófono.

Em termos de vínculo parental, as crianças são mais ligadas aos cuidadores do que aos pais. A duração da separação é mais relevante do que a idade em que ela ocorre. Quanto mais longo o período de separação, mais árduo é para a criança identificar-se com os pais. Além disso, os meninos são mais propensos a apresentar níveis mais baixos de conformidade e níveis mais elevados de desvio. Os filhos de pais migrantes apresentam pior desempenho escolar e mais profundamente expressam sentimentos de raiva, abandono e solidão (Adams, 2000, p. 876):

Although a negative influence on children's school performance has been hypothesized when the head of the household migrates (Hanson & Woodruff, 2003), insufficient empirical studies exist to support this (Cortes, 2007). Further, Coronel and Unterreiner (2007) noted the challenges in investigating educational outcomes in this context, indicating the need to consider the interaction of complex variables such as individual psychological and physiological Stressors, and social and economic factors.

Para alguns dos indivíduos, a separação não resulta em consequências negativas. Para outros, no entanto, a migração em série possui efeitos negativos sobre a relação pai/mãe- filho, que se torna evidente na reunificação e durante as tentativas posteriores de adaptação ao novo arranjo familiar.¹¹¹ Para o protagonista do romance, a separação precoce da mãe, além dos transtornos emocionais devido à falta de notícias, eram agravados em razão da escassa remessa financeira que chegava dos Estados Unidos:

Tanty seemed confused. "Well, whatever you all think best." She lowered her voice so Vere had to strain to hear. "Only thing, though, is I don't hear from his mother in a while. Letters now getting send back which mean she move an' don't think to send us the address yet. The last set of money she sent was January gone. I don't know how we going to manage because I not working nowhere. All we have is Franklyn's pension money. I can't take in the sewing like I

¹¹¹ Adams (2000, p. 878) demonstrou um estudo de caso sobre um indivíduo caribenho que foi separado de seus pais aos 18 meses de idade e voltou ao convívio familiar aos oito anos de idade, a fim de examinar questões sobre migração e reunificação. A integração da criança foi prejudicada por problemas de comportamento e o mau desempenho escolar foi relacionado a questões de perda, insegurança e luta para se adaptar a uma família reconstituída. Glasgow e Gouse-Sheese (1995) investigaram um grupo de adolescentes caribenhos entre 14 e 21 anos que recentemente migrou para o Canadá, com o propósito de juntar-se às suas famílias. Ele descobriu que a separação dos pais biológicos, a falta de contato com os mesmos, a eventual perda do cuidador para a migração e os problemas associados ao reencontro entre pais e filhos, levaram os jovens à depressão. Os adolescentes relataram sentirem-se abandonados e rejeitados, apesar da justificativa da migração para a melhoria dos padrões de vida dos pais. Quando os pais não mantiveram contato com os seus filhos ou deixaram de fornecer o apoio financeiro prometido, esses sentimentos foram reforçados (Adams, 2000, p. 878).

used to because I getting down. I haven't been keeping well. If I don't hear from the mother soon, I might have to take him out an' put him in government school." (Hillhouse, 2002, pp. 33-34)

A. Smith (2000) examinou os efeitos psicológicos e fisiológicos da migração e do ajuste para os adolescentes do Caribe anglófono e os seus pais, por meio de entrevistas. Os jovens separados dos pais, por um período que variou de um a dez anos, possuíam entre 11 e 15 anos de idade quando migraram e passaram a residir em Nova Iorque, durante pelo menos um ano. Todos relataram um sentimento de perda devido à falta de contato com os seus pais e à dificuldade em restabelecer relação com os mesmos. Alguns indivíduos apresentaram sintomas que indicavam dificuldades na adaptação ao seu novo ambiente.

No caso apresentado no romance, apesar das condições desfavoráveis para Vere Carmino, em consequência de uma infância com pais ausentes, cada acontecimento é realista e molda o seu percurso para a vida adulta, que segue por uma trajetória de êxito ao descobrir a sua aptidão para a música e progredir no contexto escolar, firmando-se como aluno exemplar agraciado com uma bolsa de estudos que lhe possibilitou frequentar uma escola católica particular, transformando, portanto, as suas perspectivas. Através dessas circunstâncias, Hillhouse frisou a relevância da educação para a vida do sujeito:

[...] He'd earned a scholarship to the Catholic secondary school for being among the top three students in his class, so he'd used the fifty dollars from his mother to have a uniform made. He even had money left over, which he hid under his mattress. He felt for it now, brushed it with his fingers reverently as if it was gold. (Hillhouse, 2002, p. 57)

Diante das adversidades, Vere aprendeu a cuidar de si, enquanto as perdas fizeram-no amadurecer. Tornou-se bem-sucedido nos estudos, apesar das inúmeras rupturas no ambiente doméstico, e rapidamente compreendeu como a questão de classe opera em Antígua, à medida que reconhecia as conexões diretas entre a sua classe social considerada inferior na escola, comparativamente aos demais alunos, e a sua existência desprovida de recursos financeiros:

But mostly he was just shy about trying to mix it up with the society types who went to the school...They weren't of his world and he wasn't from theirs. Even with his little badboy clique, he'd still feel like the country cousin who came dressed all wrong for the town wedding (Hillhouse, 2002, p. 60).

Ao final do romance, o protagonista transformou-se em um adulto maduro que muito aprendera, particularmente com as mulheres do seu convívio, que deixaram marcas no seu caráter através dos anos. Também assimilou árduas lições a partir das ausências alheias, tornando-se íntegro e engenhoso ao longo do caminho de suas próprias descobertas. Após a morte do avô, a

sua mãe finalmente apareceu - quase 10 anos após migrar para os Estados Unidos- e decidiu levá-lo consigo ao regressar: "...you're alone now. With Daddy dead, I figured it was time I come and see how you were doing. Who else you have now?" she stammered. "Me," he said. "Just like always" (Hillhouse, 2002, p. 90). Nessa passagem, Vere já era um adulto e mais do que afeto a oferecer, havia muitos questionamentos a fazer, a exemplo dos motivos pelos quais a mãe o teria abandonado, praticamente sem enviar notícias:

First thing she said when she entered the house he'd spent so many days cleaning: 'Wow! The demons have been exorcised.' Then she hugged him, called him her boy, her baby boy, how tall, how handsome, how proud...
He was too numb to respond to her, didn't know how to react. Last time he'd seen her, he'd been a boy and the sun had risen and set with her smile. Now he didn't know who she was or how to be with her (Hillhouse, 2002, p. 89)

A mãe, por sua vez, esclareceu-lhe o motivo pelo qual deixara o lar em *Dead End Alley*, visto que nada de satisfatório poderia de lá surgir, a menos que houvesse a mudança da denominação da aldeia para *Willow Bend*, transformando a sorte dos indivíduos que lá viviam:

'I hate this place. I hated him. I hated her. I hated myself here. But most of all I hated the name. Dead End Alley. When I was growing up, it made the place feel like a grave, you know? And like I was being buried alive with all the ghosts and skeletons and secrets. It was suffocating. I had to get away. Had to. Had to. Had to,' his mother said and he just looked at her.
'It's just a name,' he said, finally. 'Could just as easily have been Willow Bend, I suppose, for all the willow trees, you know.'
'Willow Bend,' she said. 'I like that. Yeah. That's much nicer.' (Hillhouse, 2002, p. 90)

Essa alteração constituiu uma surpresa final que, em muitos aspetos, elucidou como as personagens sentiam-se inicialmente e influenciaria o modo como iriam situar-se com relação ao passado, no futuro. Ao ser questionada sobre o feito, a autora explicou:

Dead End Alley is a generic expression in Antigua for any 'road' (foot path) that goes nowhere... I wanted to use it here to sort of capture the state of their lives, how stuck they are (physically, emotionally) ... and to free them from that state (or begin the process of freeing them from that state) with the renaming... I think that's what I was trying to do with the names¹¹².

Em termos linguísticos, o romance exemplificou através de diálogos entre as personagens a estrutura da versão crioula da língua inglesa. Aos alunos que analisam o romance em sala de aula é, portanto, oportunizado o exame do léxico, do vocabulário, da morfologia, da fonética, da sintaxe, dos recursos retóricos e de natureza pragmática da linguagem característica de Antígua, para além

¹¹² Entrevista realizada com a escritora Joanne hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013.

do fato de que essa linguagem é a utilizada no contexto familiar desses estudantes, conforme a seguinte passagem:

'What lies dat you out here telling? I here listening to you, you know. In case you don't know. When you done now, none of you all can sleep. Don't know where you pick up all dem foolishness from. I going to have to talk with your grandmother.' (Hillhouse, 2002, p. 27)

A linguística é um campo onde a noção de hibridismo possui uma história distinta focada na preservação. Com a finalidade de explorar um assunto ainda razoavelmente marginal entre a classe estudantil, é significativo que o conceito de crioulização e a ideia de um *continuum* linguístico que evoluem tanto a partir do estudo das interações, quanto entre os povos europeus e afrodescendentes no Caribe, constituam assuntos analisados pelos estudantes. Conforme anteriormente abordado, para além da escravidão, surgiu uma série de novas linguagens que foram classificadas como *pidgin* e, mais localmente, *patois*. O *patois* francês ou inglês prevê o estabelecimento da ideia de linguagens híbridas, que consistiam a grosso modo no vocabulário de uma língua imposta à gramática da outra. Faz-se significativo suscitar que o sistema esclavagista também produziu uma amálgama de várias línguas africanas. As línguas crioulas resultantes forneceram material para a investigação linguística e foram por diversas vezes analisadas de forma isolada e até mesmo negligenciadas de contextos sociopolíticos. O uso autêntico, preciso e adequado das línguas crioulas das Índias Ocidentais, a inclusão de caracteres crioulizados, a exploração da identidade, a fusão de tradições literárias e artísticas europeias e caribenhas e a representação efetiva da relação entre o passado e o presente constituem recursos valiosos para os romances caribenhos.

Relativamente ao mito em torno dos cenários caribenhos, Burns (2008) sugeriu que desafiar as paisagens caribenhas mitologizadas envolve o reconhecimento das maneiras em que a terra e os indivíduos são definidos em relação a circunstâncias históricas. Adicionalmente, Murray (2009), argumentou que o mito sobre o Caribe enquanto paraíso somente pode ser exposto ao desestabilizarmos as narrativas literárias coloniais. Entre outras circunstâncias, tal processo implicaria em interrogarmos os pressupostos da insularidade, individualizarmos as experiências das personagens na paisagem, enfatizarmos a temporalidade, inibirmos dicotomias coloniais e reconhecermos o hibridismo na paisagem tropical.

Os discursos sobre a desmitologização da paisagem caribenha estão além do escopo desta discussão. Faz-se necessário, entretanto, reconhecermos que os romances caribenhos ilustrados, caso tenham por finalidade serem autênticos, precisam fornecer representações contextualizadas

de topografias físicas e sociais do Caribe, mais complexas e variadas. Os autores de livros infantis caribenhos devem considerar a sua cultura como única e os livros infantis como essenciais, a fim de que as suas produções sejam generosamente consumidas pelo público-alvo, não apenas como uma necessidade de instrução académica em sala de aula, mas pelo próprio aprazimento proporcionado pela leitura.

Enquanto a literatura infanto-juvenil caribenha aufere um público mais amplo dentro e fora do Caribe, deve-se ponderar que tanto o texto quanto as dimensões visuais ilustradas reflitam realidades e contextualizações autênticas, ao invés de distorções que possam implicar na perpetuação de mitos ou de estereótipos negativos sobre a região e os seus povos.

Os últimos anos têm sido relevantes para a literatura infanto-juvenil no Caribe devido ao aproveitamento de oportunidades anteriormente inexploradas direcionadas a esse público, à medida que a tecnologia digital e o baixo custo de publicação e divulgação introduziram algumas editoras independentes e produziram diversas publicações para essa faixa etária:

I know that *The Boy from Willow Bend* is or was as of 2009 on the schools reading list in Antigua; and I know that *Dancing Nude in the Moonlight* has been taught at at least one secondary school – the teacher brought me in for a Q & A. I've received invitations to speak at other schools where it was being read either officially or unofficially and I receive inquiries about myself by students (or the parents of students) reading especially *The Boy from Willow Bend* in Antigua and Anguilla. I would suggest you speak with one of the teachers on the question of whose identities are explained in the classroom. I know that there's been concerns about the content – I was called in to the Ministry of Education once to discuss some of the language in *The Boy from Willow Bend* after it had been put on the reading list which was a head scratcher for me and which obviously the writers of other books being taught would not have had to deal with since they are not for the most part writers living on the Island.¹¹³

O terreno, portanto, é significativamente diferente do que era nas décadas de 1960 e 1970. Questões sobre representação e autenticidade cultural na literatura infantil têm sido objeto de discussão e de pesquisa académica. A autenticidade cultural em livros infantis é essencial porque a transmissão literária é uma das principais maneiras através das quais as crianças adquirem conhecimento de outras culturas e, por extensão, adquirem atitudes em relação a essas culturas. Outra razão é possibilitar aos jovens leitores compreenderem as suas próprias experiências precisa e sensivelmente representadas nos livros, para além de lhes assegurarem a oportunidade de questionar as ideologias dominantes na sociedade, capacitando-lhes a visionarem uma sociedade mais justa, tolerante e humana.

¹¹³Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, através de correio eletrónico, em novembro de 2012. Vide Apêndice 1, página 272, questão 3.

3.3.3 Papéis de gênero

Ao analisarmos o contexto cultural e identitário concebido em torno das obras dos autores caribenhos, ressaltamos que pouco se discute acerca de questões relacionadas aos homens e à masculinidade nos debates pós-coloniais, em contextos de subdesenvolvimento e em termos de raça e de classe, visto que o foco da argumentação sobre gênero, este compreendido como as construções sociais e psicológicas que se impõem sobre as diferenças biológicas (Cecchetto, 2004), é consistentemente dedicado às questões que envolvem a natureza psicofísica das mulheres, os seus direitos e as suas funções na sociedade, e o contexto ideológico das relações sociais em que estão inseridas.

A academia tem produzido uma série de discursos sobre as mulheres, estabelecendo a conquista pela garantia à voz e aos direitos, entretanto, poucos estudos debatem como se desenvolvem as representações masculinas em contextos sociais e políticos, diante das transformações pelas quais passa a sociedade. A literatura que identifica coerentemente a escassez financeira em contextos femininos, por exemplo, muitas vezes deixa de investigar as consequências dessa condição no que se refere aos homens. Ironicamente, a masculinidade começou a ser debatida entre os estudos feministas através de uma linha de investigação crítica sobre as desigualdades entre homens e mulheres, ainda que o surgimento dessa discussão tivesse como propósito a contextualização da situação feminina em uma perspectiva social que é hegemonicamente masculina.

Os debates em torno do gênero masculino começaram a surgir por volta dos anos 70, notadamente nos países anglófonos, porém ainda com enfoque acentuado na questão de papéis sexuais, a partir de uma abordagem funcionalista que concebia o masculino e o feminino como pontos de referência distintos entre si, não analisando as inter-relações entre os gêneros. Consideraram a forma pela qual os homens e a masculinidade têm sido analisados por meio de uma série de diferentes teorias e literaturas e sugeriram que as condições específicas do universo pós-colonial, relativamente a questões de gênero, exigem uma abordagem flexível, ainda sincrética, se a existência desses homens estiver a ser compreendida e, mais importante, apreciada e melhorada.

Uma consequência irônica dessa limitação, no caso da sociedade caribenha, tem sido silenciar ou tornar os homens negros "invisíveis". No sistema de ensino britânico, homens negros desenvolvem perspectivas subordinadas em relação à masculinidade, que refletem a sua exclusão

do poder masculino hegemónico (Mac an Ghail, 1994). Há um aspeto defensivo para esta construção da masculinidade que permite a criação de um espaço seguro, tanto emocional quanto espacial, mas também sinaliza um desafio e legítima diferença (Westwood, 1990).

Os homens negros precisam ser compreendidos como "sujeitos sociais multidimensionais" (Mac an Ghail, 1996, p. 1, tradução nossa). A pluralidade em torno de suas masculinidades deve ser considerada no contexto ambivalente e contraditório da identidade negra e a sua complexa interação com as instituições do Estado e as ideologias raciais (Marriott, 1996). Essa perspectiva envolve destacar a relação entre masculinidade, sexualidade e poder. Faz-se pertinente escutarmos os homens negros que interrogam o sexismo, que se esforçam para criar pontos de vista diferentes e opostos relativamente à masculinidade. As suas experiências são práticas concretas que podem influenciar os demais. A progressiva luta de libertação negra deve possuir movimentos feministas sérios capazes de extinguir o sexismo e a opressão sexista para as futuras gerações de indivíduos negros, em nome da luta que historicamente tem sido um desafio redentor subversivo para a supremacia do branco patriarcado capitalista.

Proponentes da teoria pós-colonial demonstram que os homens já respondem de forma criativa à sua marginalização, não apenas por compreenderem o que essa marginalização significa e de que maneira, historicamente, surgiu. A representação da masculinidade negra e pós-colonial já não pode ser tomada como neutra. A forma através da qual os homens negros são posicionados tornou-se central aos contextos sob os quais pensamos nos mesmos em conjunturas pós-coloniais. Nesse âmbito, a antropologia tem produzido uma valiosa descrição das realizações masculinas, embora raramente tenha incorporado a história da sociedade colonial e pós-colonial em suas considerações etnográficas (Finnström, 1997).

A determinação de condutas sociais e releituras dos contextos literário e histórico do passado permitem corroborar que o patriarcado não determina a autoridade do pai, mas a supremacia dos homens, ou do masculino, como categoria social. Nesse arranjo social, as relações são conduzidas por dois fundamentos, ou seja, a submissão hierárquica das mulheres aos homens e dos homens jovens aos mais velhos. Estratificado na distinção biológica entre os sexos, o patriarcado notabilizou os atributos que integram as identidades masculina e feminina em uma conjuntura coletiva, favorecendo-se de um imaginário que alia vigor físico e domínio, por um lado imputando ao masculino a noção de supremacia e, por outro, o sentido de fragilidade ao feminino. A superioridade masculina que foi regida pela submissão hierárquica das mulheres validou o

domínio sobre os corpos, a sexualidade e a dependência feminina, designando comportamentos sexuais e sociais nos quais o masculino possui privilégios e regalias. A perspectiva patriarcal habitual caracterizou a autoridade da figura paterna na família como gênese e paradigma das relações de soberania que prevaleceram até um determinado período, até o momento em que o poderio do pai sobre a filha foi deslocado pela autoridade conjugal do marido sobre a esposa, instituindo um novo patriarcado. As adversidades em torno da estruturação social da mulher, sob a ótica do patriarcado, portanto, tiveram princípio em diversos âmbitos da conjuntura social e é irrefutável a função da literatura nesse transcurso.

Longe de esgotar a problemática em torno da masculinidade, particularmente do homem caribenho de Antígua, o nosso objetivo não é aprofundar a questão para examinar como diferentes masculinidades são construídas e como os homens são posicionados e agem no mundo, tema que é ainda timidamente investigado em âmbito acadêmico e que pouco constitui o *corpus* literário entre os escritores nativos da ilha, mas contribuir com a análise das imagens masculinas na perspectiva dos papéis de gênero oferecidas pelo romance *The Boy from Willow Bend*, e construídas na interação autor-texto-leitor, que é considerada a seguir.

A escravidão e o colonialismo que estimularam a vitimização feminina através do sistema patriarcal são temas transversais no romance. A autora enfatizou o domínio das regras masculinas a partir do relacionamento entre Tanty e Franklyn, que era tão ou mais torturante quanto a relação entre avô e neto. O casamento, assim como a paternidade, representa um espaço de crítica dentro e sobre o qual se considera o funcionamento do patriarcado- constitui um relevante mecanismo através do qual às mulheres é assegurado o reduto do patriarcado, na medida que a sua proteção torna-se responsabilidade do marido.

Hillhouse caracterizou Franklyn como um sujeito que ditava as regras domésticas com voz altiva, era protagonista de diversas relações extraconjugais ao longo dos anos, que resultaram no nascimento de filhos que Tanty, que sofria por ser estéril, aceitava e criava:

'You bring her here an' dat should be enough for me? Like I don't matter? Like I don't have feelings? When it going stop? Eh, Franklyn? When? How much of your children an' dem, an' their children you done bring here to me as though you tryin' to shame me for not givin'you none? How much more behind dis one? Look at me, sixty-three an' still with likkle bwoy to raise! An'you bringing more, a near teenager girl on top of dat! When it going stop? You don't see you too old for dem things now?' (Hillhouse, 2002, p. 13).

Homens como Franklyn, exemplo genuinamente machista da sociedade de Antígua, impõem controle vigoroso no lar, ao passo que mulheres como Tanty exalam uma força tranquila

sem a qual o ambiente doméstico não pode ser mantido, circunstância que se torna especialmente clara após sua morte. A subordinação das mulheres no casamento se expressa mais flagrantemente na violência doméstica. A autora dispõe desse relacionamento para demonstrar a complexidade dos papéis de gênero na sociedade de Antigua.

O impacto do neocolonialismo, as mudanças na economia política e nos papéis de gênero resultaram em perda de *status*, poder e autoestima para os homens, ocasionando elevado antagonismo nas questões de gênero (Silberschmidt, 1992). O quadro materialista do feminismo pós-colonial permitiu verificar que a maternidade e o cuidado ao lar não são suficientemente reconhecidos pelos homens, conforme analisado anteriormente. Precisamente porque o capitalismo tornou-se cada vez mais penetrante, insidioso e brutal que uma análise feminista rigorosa e revitalizada da sua classe dinâmica fez-se politicamente necessária. O declínio do Estado-nação e o fim do colonialismo também marcaram a crise histórica concomitante dos valores que representaram, principalmente a autoridade masculina fundada e incorporada na família patriarcal, a heterossexualidade compulsória e a troca de parceiras- tudo articulado na instância severa da masculinidade imperial.

Essas são questões de relevo crucial também nos romances *Mr. Potter* (2002) e *The Autobiography of My Mother* (1996), de autoria de Jamaica Kincaid, nos quais a escritora estabelece os meandros das relações familiares como os efeitos da história coletiva do colonialismo e da escravidão. O debate feminista pós-colonialista analisa exemplos de interseção nas abordagens de gênero e sexualidade, em *Mr. Potter*, romance no qual Kincaid narrou a história do pai ausente, órfão e analfabeto que abandonara a mãe, assim como a outras diversas mulheres em Antigua. Mr. Potter foi caracterizado como um homem arrogante, pai de muitas crianças, todas meninas, incluindo a própria autora, pelas quais ele não assumia qualquer responsabilidade relativamente à criação ou sustento.

Através dessas personagens, as escritoras demonstram que não há um estilo de vida alternativo a adotar, portanto, os homens se ocupam com subempregos e atividades informais. Consequentemente, são mal remunerados e optam por não desembolsar com gastos para cobrir despesas domésticas, porém despedem devido ao alcoolismo e às relações extraconjugais:¹¹⁴

¹¹⁴ A escassez de empregos formais não é um fator surpreendente, dada a retração no âmbito profissional, circunstância que é agravada entre os países periféricos. Como consequências, há um aumento da violência doméstica, do alcoolismo e do suicídio (Gemeda & Booji, 1998; Mayekiso, 1995).

His grandfather [Franklyn] kept throwing away his pension cheques on drink and women. Basic utilities like water and electricity were more often off than on because his grandfather just couldn't keep up with the payments (Hillhouse, 2002, p. 67).

Esse é apenas um dos exemplos de uma série de acontecimentos que contribui para afetar e desestabilizar a função da família moderna em Antígua e, conseqüentemente, desestruturar o lugar antes ocupado pelo homem enquanto núcleo da família patriarcal. Assim, a organização familiar, constituída pelo marido, esposa e filhos, sob o poder do homem enquanto chefe de família, foi notavelmente alterada. Essas transformações abalaram o mito moderno da masculinidade que perdeu a sua hegemonia em relação à base da família patriarcal.

Enquanto a sociedade valoriza crucialmente a paternidade como um aspeto da masculinidade, o homem não carrega os encargos associados à maternidade. O patriarcado é sustentado à revelia, em parte, porque a família nuclear não foi consolidada na classe operária ou até mesmo na unidade nuclear da classe média, a responsabilidade masculina não necessariamente inclui a criação dos filhos. A iniciação masculina na paternidade, em si um indicador de êxito para o patriarcado, emerge como um privilégio na liberdade que proporciona. O papel dos homens como pais é explicitamente limitado e dada a sua ausência do lar e de suas responsabilidades, eles mantêm a liberdade, enquanto as mulheres são sobrecarregadas com os afazeres domésticos. As mulheres da classe operária, assoberbadas devido à ausência de apoio dos homens no lar, são também duplamente castigadas pela estigmatização do estado deles enquanto imprudentes e irresponsáveis em trazer ao mundo crianças que não podem suprir. A mãe solteira e pobre, em última análise, torna-se um poderoso símbolo de uma força contra a estabilidade nacional. Em um instante, seu lugar subordinado é cimentado na maternidade "não planejada".

Através do uso de estratégias particulares de repetição intratextual, as escritoras multiplicam perspectivas não apenas através do reexame de acontecimentos semelhantes, mas também demonstram como experiências análogas ocorrem repetidamente ao longo de um período prolongado. Essa dimensão situacional é verificada nas exposições cronológicas expressas em *The Autobiography of My Mother*, bem como em *Mr. Potter*, por exemplo. Em *Mr. Potter*, os acontecimentos regressam explicitamente ao ano de 1492, ou seja, a "descoberta" das Américas por Colombo e, portanto, o início da colonização europeia no Caribe. Afetados pelas conseqüências da colonização e do imperialismo, os membros da família, conectados uns aos outros genealogicamente, agem de acordo com os mesmos padrões e reproduzem as ações do outro, ao passo que ilustram a forma como a história se repete. Essas personagens, portanto, compartilham

uma história comum de infortúnio, aviltamento e escravidão. Tal clima social, definido por desconfiança e isolamento, não viabiliza possibilidade para relações afetivas. A ausência de amor parental torna impossível às personagens formar laços duradouros, tanto no que diz respeito às relações familiares, bem como aos conterrâneos, visto que indivíduos que compartilharam uma história comum de sofrimento e escravidão comumente consideram o outro não confiável. Tal tensão social, definida por desconfiança, isolamento e negação de afeto, torna-se um legado que é transmitido através de gerações. O ano de 1492 é, portanto, identificado como o marco que liga as limitações psicológicas das personagens ao período histórico relevante do colonialismo transatlântico. A conjunção desses eventos identifica o colonialismo e, implicitamente, o comércio de escravos, como a causa para a inépcia das personagens em estabelecer vínculos familiares duradouros ou em propagar afetividade, o que ilustra o efeito do transtorno perpetuado das estruturas familiares na psique das personagens.

Nesses romances, são dramatizadas as dinâmicas da opressão sexual que se perpetua tanto por homens quanto por mulheres. Irônica e inadvertidamente, um sistema opressivo e complexo relativamente aos elementos gênero/sexo, é a fonte de fúria das personagens. Um dos principais focos das narrativas é como as autoras utilizam a cumplicidade feminina das personagens para dramatizar as cicatrizes físicas e psicológicas de gênero e de desigualdade sexual instituídas pela autoridade patriarcal em Antígua e no Caribe africano. O furor dos protagonistas e a cumplicidade de mulheres, incluindo mães, dentro do sistema do domínio colonial britânico patriarcal acarretam uma mistura explosiva nesses romances. Com base na multiplicação e na repetição dessas personagens, verificamos o quão as mesmas são representativas de um coletivo que é afetado pela história comum de colonialismo e de escravidão. Através das genealogias fictícias de personagens diferentes, mas notavelmente semelhantes nesse âmbito, os romances examinam o desenvolvimento histórico das condições sociais atuais. As dificuldades de formação de laços afetivos familiares são, portanto, diretamente relacionadas à história colonial coletiva que começou em 1492.

A recorrência de personagens com perfis semelhantes ao longo das gerações indica os efeitos contínuos do colonialismo e da escravidão até os dias atuais. Essa repetição em um nível intertextual, ou seja, ao longo dos diferentes romances, possui a mesma finalidade: as escritoras empenham-se em demonstrar uma experiência caribenha compartilhada e coletiva. No caso do romance em questão, a autora capturou a importância das mulheres na hierarquia social das

famílias caribenhas e as dificuldades diárias que têm de lidar, relativamente aos seus sentimentos, à sexualidade e à angústia para escapar de uma vida que, aparentemente, não evolui.

3.4 Relatos de infância em *Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama*, 2008

3.4.1 Vínculos afetivos em memórias

Mama instilled in me, her adopted daughter, important life lessons. These lessons were taught with love, and were shared in happy times, during conflicts, during difficult challenges, through personal grief and sacrifices. In the presence of folly, she was always wise. My children have all heard Mama's proverbial quotations, which I have instinctively hurled at them overtime. Mama's axioms have become mine. Her legacy is now theirs.
(Matthew, 2008, p. ix)

*Journeycakes: Memories with My Antiguan Mamma*¹¹⁵ é um romance escrito em prosa e foi publicado em 2008 pela autora caribenha Monica Matthew, natural de Antígua, que atualmente vive em Queens, Nova Iorque. É um livro de memórias que enfatiza a orientação familiar e o afeto vivenciado no período da infância- tanto através da influência de pais biológicos como de outros adultos que assumem esse papel- caracterizando-os como aspetos fundamentais à formação psíquica dos indivíduos na fase adulta, fatores que permanecem na memória individual durante esse percurso. Através da narrativa, a autora revive as memórias de crescimento e de formação de sua personalidade em Antígua, junto à sua mãe adotiva Mary Ambrose- Mama May- protagonista do romance.

De caráter autobiográfico, a obra representa um regresso da autora ao universo de suas origens, ao longo de um percurso narrativo de ritual genealógico e de reconhecimento das raízes de sua identidade nativa, plasmada em tradições, crenças e transgressões. O romance retrata inteligível e genuinamente a rotina familiar em Antígua, enfatizando suas características culturais, sociais, históricas, raciais, religiosas, políticas, de linguagem, de género, classe e os movimentos migratórios dos nativos, bem como as implicações decorrentes desses percursos. Ao suscitar sua reflexão em torno de instâncias teóricas relativas ao género autobiográfico, a escritora jamaicana Michelle Cliff (1990) destacou a relevância da descrição de experiências de vida próprias e de vozes ancestrais quando a cultura dominante nega constantemente a sua autenticidade, tentando reconstruir-lhe a fim de exigir o silêncio individual e coletivo. Assim, em *Journeycakes* as linhas de memória recuperam os sinais do passado. A escritora realizou a apreensão de

¹¹⁵ A palavra *Journeycakes* faz alusão à *johnnycakes* (bolos de farinha de milho) e se refere a alimentos de primeira necessidade que há séculos eram levados em viagens longas, na Inglaterra (Matthew, 2008, p. 161).

um tempo vivenciado, assim como do espaço outrora compartilhado, e tais condições incidem sobre a sua existência, uma vez que viveu em Antígua até a sua juventude. Os retalhos da memória de tempo e lugar se configuraram em rastros de um passado-presente que foram recuperados e filtrados pelo seu universo autobiográfico.

Um número crescente de autores caribenhos tem incluído suas memórias de infância tanto em romances, como em poemas. Nesse âmbito, destacam-se um conjunto de obras singulares. A jamaicana Hazel D. Campbell usou habilmente a história de vida da mãe na zona rural da Jamaica, juntamente com a sua própria experiência de infância em Kingston, para criar uma coleção que é um registo histórico social e linguístico. Lakshmi Persaud, de Trinidad, autor de *Butterfly in the Wind* (1990), exemplificou como as histórias de uma dada cultura eventualmente afetam a nossa própria compreensão a respeito da vida e, em alguns casos, nos auxiliam a interpretar as ações de nossos pais. Cecil Foster, através de *No Man in the House* (1991), recriou a vida em Barbados, antes da independência. O contexto político, entretanto, foi apenas uma parte da história, pois certamente o menino que fora criado pela avó, em situação de pobreza aguda, é o próprio autor, que ansiava pela presença dos pais, que migraram para a Inglaterra. Pauline Stewart, Valerie Bloom e Lyn Joseph usaram a poesia para recapturar as suas memórias de infância. As suas produções incentivam a discussão e inspiram a escrita criativa por meio de comparações. De forma semelhante às demais produções autobiográficas, *Journeycakes* possibilita avaliações críticas que habilmente delineiam a natureza complexa das subjetividades do Caribe que, embora baseadas em uma história colonial e cultura comuns, exibem diferenças e contradições marcantes.

As reminiscências e os relatos legitimamente descritos no romance caracterizam as personagens como membros de uma família típica de Antígua. Em entrevista, Matthew descreveu resumidamente os pressupostos subjacentes à concepção, construção, escrita, produção, publicação e divulgação da obra, bem como a motivação em transformar a história de vida de sua mãe em romance:

The stories have been recorded in my consciousness over time and subconsciously they'd surface as analogies, metaphors with friends, my own children or even with intimate partners. I decided to begin to write mama's stories as a few friends encouraged me to do so. I joined a writers group, signed up for writing courses at a few local colleges and Mama exploded on my pages. And so I had a number of individual stories but they were never intended to connect/flow in a novel form. In the year 2001, when Mama May got sick and I realized that she could be leaving all that she had influenced over the years, I wanted to capture that moment on

paper and to relate to other family members who could not be there.¹¹⁶

A expressão de encantamento por Antígua e a sua cultura é o pilar que define o enredo, constituído com base no quotidiano familiar. O comportamento dos membros que compõem a comunidade também moldou e configurou as situações contextuais. Os fatos narrados são habituais e não apresentam indícios de agitação social arraigada. O acontecimento mais intenso é a descrição da experiência de quase-morte da protagonista, a partir do advento de sua convalescença, entretanto, em seguida, o leitor é conduzido a acontecimentos mais tênues. Matthew concentrou-se nas experiências de vida dos nativos negros da ilha, a partir de 1960, juntamente com a análise de suas tradições e paisagens, ao passo que fez uma reflexão crítica e situada sobre as ações habituais da mãe. A relação de afeto entre gerações constitui o foco da narrativa, nomeadamente no que se refere à Mama May, que é retratada como uma mulher de princípios e valores nobres:

Yet, she [Sophie Daniel] had purchased land, and mothered and loved Miss May, consciously teaching her to value herself and to demand respect. The legacy of perseverance, dignity, kindness, and love for others were to become the principles by which Mama would live her life (Matthew, 2008, p. 20).

3.4.2 Disparidade entre géneros: maternidade vs. paternidade

O enfoque predominante do romance é na estima entre os membros familiares, convocando os leitores a refletirem sobre a forte simbologia da figura materna no ambiente doméstico. Assim como as mulheres de outras culturas, as escritoras das Índias Ocidentais concebem a identidade feminina não como um processo solitário de individuação, mas como uma sequência altamente contextual de conexões com indivíduos próximos, particularmente com outras mulheres-mães, filhas, avós.

Mama May cresceu na companhia da avó materna, Sophie Daniel, embora longe por vinte e seis anos da mãe Frances Grant, Pepsi, fato que impediu uma conexão materna plena, pois em 1924 Pepsi migrou para Santo Domingo- atualmente denominada República Dominicana- para cuidar do pai. Uma relação de afeto entre as mulheres que compunham a família, entretanto, é narrada pela escritora:

Mama's love for her mother was unconditional, though she knew her lifestyle created a permanent rift between them. She was unflinching in her duty to her mother; it was not predicated on reciprocity. Mama always said children should take care of their parents in old age. Sophie had this expectation as well (Matthew, 2008, p. 27).

¹¹⁶ Entrevista concedida por Monica Matthew, através de correio eletrónico, em 2014, que consta no Apêndice 3, página 289, questão 1.

Ao contrário da identidade masculina, que se desenvolve através da separação precoce da mãe, a identidade feminina é potencializada através da identificação e da conexão prévia e contínua com a mãe. Niesem de Abruna (1988) suscitou que a natureza da identidade da mulher adulta decorre especificamente da relação da filha com a mãe, ao passo que Rich (1976) acrescentou que a fortaleza de uma mulher pode ser mensurada a partir da predisposição ao apoio transmitido por outra mulher:

I am talking here about a kind of strength which can only be one woman's gift to another, the bloodstream of our inheritance. Until a strong line of love, confirmation, and example stretches from mother to daughter, from woman to woman across the generations, women will still be wandering in the wilderness (Rich, 1976, p. 242).

As referências repetidas e exaustivas de temas associados à mãe e à maternidade na escrita de mulheres caribenhas servem para validar a presença poderosa da mesma, que é abrangente, onipresente e onisciente. A análise da escrita feminina envolve uma negociação complexa entre as categorias do sexo feminino e masculino e entre as histórias pessoais, sociais e políticas das mulheres. Ao enfocarem os papéis de mãe, as escritoras caribenhas contribuem para a afirmação da comunidade onde se inserem, trazendo à tona a resistência das mulheres no percurso histórico, visto que o mito da forte matriarca negra disfarça a sua impotência diante da sociedade.

A natureza da inscrição e as espécies de individuação alcançadas podem diferir de texto para texto, em função não só de como cada escritora experimenta o legado histórico, mas também sobre a maneira como as diferenças geracional, de classe ou raciais se cruzam na historicização de sua experiência. O êxito da escrita das mulheres caribenhas, portanto, pode ser legitimado a partir de sua integração com a literatura do Caribe como um todo e de sua crescente ocupação de lugar central no desenvolvimento dessa literatura.

Nessa perspectiva, *Journeycakes* se assemelha a *Annie John* e *Lucy*, embora a escritora tenha negado a influência de outras escritoras:

Unfortunately, if was not Caribbean authors [that influenced me]. [I was influenced by] James Mc. Bride and Russell Baker (one Afro-American and the other Caucasian). James Mc Bride writes about his mother in *The Color of Water*; also, Russell Baker, *Growing Up*. It was the loving treatment to their mother's strength and weaknesses that inspired me.¹¹⁷

Apesar das semelhanças entre os romances, os pontos de vista entre as autoras são distintos, na medida que abordam a relação mãe-filha. Matthew reconhece o seu apreço quanto

¹¹⁷ Entrevista realizada com a autora Monica Matthew, através de correio eletrônico, presente no Apêndice 3, questão 2, na página 289.

ao estilo de escrita de Kincaid e à equivalência temática dos romances, embora saliente a distinção acerca da representação da vinculação afetiva entre mãe e filha, que na proposta literária Kincaidiana foi formada a partir de um sentimento dúbio, de um jogo de amor e ódio:

We both center our work on motherhood and mothering. I admire her writing style, though I think I deliberately attempted to write a love story with Mama. Jamaica writes about her mother from a different place- a lack of love and indifference and understanding (that's all I'll say here).¹¹⁸

Por um lado, Jamaica Kincaid salientou perspectivas teóricas próprias que nos convocam a um lugar crítico relevante, ao descrever em ambas as narrativas um convívio complexo com a mãe, pormenorizando questões intrincadas que se assemelham à relação colonizador/colonizado. Seus constantes retornos e referências à mãe expressaram o modo íntimo com o qual esta é conectada à cultura da metrópole. A mãe encarnou essa cultura e à incorporou à ilha e à sua história. Monica Matthew, por sua vez, enfatizou o vínculo afetivo intenso que manteve com a mãe adotiva: "Even as a child, I knew that God had blessed me. When I compared my life with that of other children in the neighborhood, I knew I was blessed to have Mama in my life" (Matthew, 2008, p. 61). Precisamente, esta dimensão discursiva é fulcral ao suscitarmos uma perspectiva comparativa entre as propostas de ambas as escritoras.

Enquanto a figura materna simbolizava afetividade, a relação de Matthew com o pai, todavia, foi caracterizada por conflitos e distanciamento¹¹⁹, aspecto que exemplificou as suas complexidades e esboçou um quadro comum e característico a todas as personagens que retratam o pai, nos romances abordados na tese:

For all my years growing up, my father continued to live in my head, though he had been dead since 1959. His memories were not kept alive by any sweetness, warmth, or even love, for I had never learned that I should love him. It was the taunting of childish rivalry that resurrected my father every time and caused a blanket of sadness to come over me (Matthew, 2008, p. 39).

¹¹⁸ Questão 14 da entrevista realizada com a autora Monica Matthew, via correio eletrônico, presente na página 292, do Apêndice 3.

¹¹⁹ Matthew brevemente situou as divergências também verificadas na relação entre Mama May e o seu pai, indicando como tal conflito é comum na sociedade de Antígua e se configura um conflito entre gerações:

Her father, whom she called Uncle Brother, played her like skilled obeah man with a voodoo doll. He knew well where to place the pins to elicit the desired response; his character fed on it. As a child, I could not understand why she continued to care for this man that I called Grandpa, except for the fact that he lived too close to our fence to be avoided (Matthew, 2008, p. 29).

Essa discórdia foi prolongada até a definição matrimonial de Mama May:

The bond between father and daughter flourished, but it changed after Mama began having children. He, too, was disappointed with the relationship Mama had with Daddy Edmund. Perhaps once Mama decided that she was woman enough to make her own decisions, she ignored Grandpa. The relationship between the two became strained, and Grandpa, annoyed that he could not convince her to leave Daddy Edmund, became disheartened (2008, p. 30).

Os homens geralmente assumiam um papel que era intimidador, indiferente e desprovido de emoções. Nas comunidades negras caribenhas, o legado da escravidão criou um padrão de pais frequentemente ausentes, de maneira que, em diversos casos, a mãe ou a avó são as únicas provedoras.¹²⁰

Assim, o vínculo afetivo entre a escritora e o seu pai em nada se equipara à sua ligação com a mãe, e, portanto, pode-se concluir que essa dimensão situacional valida a irrelevância da figura paterna na formação da identidade da personagem, evidenciada pela sua ausência nos eventos narrados ao longo do enredo, legitimando a sua inércia frente à família e o caracterizando indivíduo comum face ao sistema patriarcal instaurado e que se tornou mais ostensivo ao longo das gerações.

Sobre a forma como os homens lidam com a questão da parentalidade, a autora enfatizou os comportamentos distintos entre os progenitores através de recordações que suscitaram o abalo das raras demonstrações de emoção e a incerteza da masculinidade ideal. Ao comparar os modos distintos de expressar sentimentos, Matthew questionou a dissimulação masculina em relação às emoções comparativamente às mulheres, que as manifestam nos mais variados contextos:

Mama May and the other women of that time provided the nurturing in the household and relegated the disciplinary actions to the male if one was present. They openly showed emotions—crying, suffering...actively involved in day to day aspects of child rearing and keeping the family together-----working together to 'make ends meet' so to speak.

In *Journeycakes*, men like Grandpa (Mama's father), Daddy Edmund (the father of Mama's children) were stern, unforgiving to children, wore manhood as protective gear- did not show emotions openly... and so were aloof from children and very often their women. They were also the breadwinners. This was how the men identified themselves and this was how I viewed them.¹²¹

Ao salientar perspectivas teóricas fundamentadas em torno de experiências próprias que caracterizam a exploração de contextos relacionados ao machismo enraizado na cultura de Antígua, Matthew capturou a atenção dos leitores e suscitou uma questão que possui raízes na cultura escravocrata que seguiu seu país na modernidade. Ao enfatizar as distinções de tratamento entre os sexos feminino e masculino, Mama May era ciente dessa condição, inerente às mais diversas sociedades:

¹²⁰ Relativamente à educação infantil, as técnicas eram transmitidas através de gerações, conforme sugeriu Matthew, embora o fenômeno da escravidão tenha gerado uma medida de brutalidade que se infiltrou nos princípios que sobreviveram à travessia do Atlântico. Os maltratos demasiado severos aplicados às crianças, administrados indiscriminadamente pelo cônjuge de Mama May, certamente são exemplos da penalidade voltada para o mais vulnerável.

¹²¹ Entrevista realizada com a autora Monica Matthew, através de correio eletrônico, presente no Apêndice 3, questão 6, na página 290.

Society treated men differently, this she knew. She had felt it, and she has seen it, too. Women lost jobs in the civil service if they became pregnant and were unmarried, while unmarried men in the civil service frequently fathered children, very often with several women. The wage in her weekly envelope was never equal to that of the men with whom she worked at the sugar factory (Matthew, 2008, p. 9).

Ao ser questionada sobre o seu ponto de vista relativamente às distinções entre os géneros, a autora enfatizou as transformações, embora tenha ratificado a subversão da identidade feminina perante a masculina, ainda existente:

The work continues as in the rest of the world. Women have made great strides in business, political offices, education etc. There is a level of disrespect from men even those in higher socio-economic and academic ranks. I guess we are so programmed to believe that we are less than, even a women's coalition called (POWA) disbands themselves from issues involving women of a lesser class or profession (Discrimination exists among us).¹²²

Por outro lado, a partir dessa dimensão situacional, a escritora propôs uma semelhança entre os sexos, quando os homens buscam atenuar a sua racionalidade. Em relação aos homens não se submeterem a convenções ou adotar comportamentos considerados civilizados, Matthew sugeriu que a questão da masculinidade, embora compreendida, pode ser contestada. Por outro lado, a fragilidade masculina ante a incapacidade de suprir a família, ocasiona transtornos para a autoestima e configura um exemplo pungente de vulnerabilidade:

My father, a man who desired to take care for his own family, had failed. His wife, my mother, died after childbirth, and left him alone to care for six young children. The family slowly began to fall apart. One of his children left to live in another village with my grandmother, Annie Jacob; he cried silently. As Mama and Daddy Edmund walked away with me- a child he had ably kissed and hugged, fed, and giggled with- he was broken. When my newborn sister Avril died soon after, and the others left in his care could not be cared for well enough, he lost confidence. My father was crushed. He was no longer a man. The losses were too much and too soon, one after another. Eventually, he died too (Matthew, 2008, pp. 40-41).

A necessidade de repensar formulações, situações e relações em torno da questão da masculinidade constituiu o fulcro crítico que irá configurar o assunto do próximo romance autobiográfico de Matthew, que segundo a escritora versará sobre o seu pai e os outros homens da família: "I think it's about time the men tell their stories about fatherhood, relationship and society. The title is *DANIEL AND THE LIONS: The Men Tell Their Stories* (title-a work in progress)"¹²³.

Através de um conjunto de instâncias culturais e identitárias de alcance significativo, os sociólogos caribenhos argumentam que as tensões impostas sobre as relações entre homens e

¹²² Entrevista realizada com a autora Monica Matthew, através de correio eletrónico, presente no Apêndice 3, nas páginas 290 e 291, questão 9.

¹²³ Questão 15 da entrevista realizada com a autora Monica Matthew, via correio eletrónico, página 292, do Apêndice 3.

mulheres durante a escravidão continuam a afetar as estruturas familiares. A persistência de famílias chefiadas por mulheres e a presença marginal dos homens na criação dos filhos refletem os moldes das estruturas sociais africanas, bem como as consequências do passado escravo, cujas mistificações históricas tornam-se centrais e emblemáticas. Mais significativa para as mulheres escritoras, entretanto, são as particularidades dessas tensões, que no Caribe se cruzam com a política cultural. A capacidade das mulheres em sobreviver económica e espiritualmente nas circunstâncias mais inóspitas pode estar enraizada no âmbito da escravidão, onde as mulheres escravas trabalhavam tão dura e longamente quanto os homens e apresentavam os primeiros sinais de uma nova alvorada de resistência e luta, ao se rebelarem. Também há conexão com aspetos da cultura africana ocidental, onde em muitos grupos étnicos as mulheres controlavam as atividades de mercado e desfrutavam de certa independência económica (Patterson, 1982).

3.4.3 Da escravidão à diáspora

A escravidão constituiu um dos pressupostos subjacentes à proposta literária de Monica Matthew, que analisou alguns aspetos relacionados a essa instância de subversão em Antígua e nos demais territórios caribenhos de colonização britânica que partilham uma experiência colonial comum e enfrentaram um longo período demarcado por escassez económica, mesmo após um século do período escravocrata:

The hardships of the 1930's permeated every household across Antigua, especially in the villages where sugar cane and farming were the main sources of work. Wages were menial and people were hungry (Matthew, 2008, p. 16).

A autora mencionou que o ano de 1935 foi demarcado por uma conjunção de profunda letargia devido à crise que afetava as Américas. Com o surgimento dos prenúncios da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Antígua atravessava uma época de seca rigorosa e todas as ilhas caribenhas enfrentavam adversidades sócioeconómicas e um alto índice de desemprego: "There had been many times of shortage- no meat on the dinner plate, an empty food safe, sometimes only a piece of a loaf of bread, gutted up and stuffed with sugar or nothing at all" (Matthew, 2008, p. 15).

Precisamente, através da pluralidade de temas face à colonização e as suas consequências em fatores como raça, identidade e neocolonialismo, Matthew declarou a existência de questões sociais complexas e de como os reflexos do período colonial são subjacentes ao quotidiano de gerações que percorreram esse conturbado período histórico e que ainda permanecem sob o jugo de experiências opressoras e excludentes, em sociedades marcadas pela discriminação racial, social e de género.

Ao transcender limitações, a escritora declarou a existência de um complexo de inferioridade relativamente à raça e à identidade negras entre os afrodescendentes de Antígua, além do neocolonialismo resultante do fenómeno da ascensão do turismo:

Slavery and colonization have left deep imprints today in how we show love and appreciation for our skin complexions. There is still an inferiority complex that can be strengthened by lack of self-esteem and ignorance. Skin bleaching and straightening of the hair are still rampant, as one believes chances for work hierarchy, and even love interest are lessened otherwise. As an Antiguan, there is not much that is uniquely ours as assimilation of the other is so readily and powerfully embraced. The face of neocolonialism is masked in and fanned by a tourism industry that creates a generation of dependency on European or North American visitors while lack of agricultural pursuits and other industry deemed unattainable/ not exportable.

The sociology of race is of little significance in our society I think, because political power across the board lies in the hands of Afro- Antiguan. The new face of colonization in the form of prejudices based on class, economic standing, and education are what Antiguan grapple with on a daily basis¹²⁴.

De maneira semelhante a Jamaica Kincaid em suas obras, Matthew evidenciou o papel da instituição educacional para a formação da identidade do indivíduo e revelou a falta de conexão entre a escravidão e o racismo em decorrência da ocultação do histórico de colonização e de escravidão no ambiente escolar, nomeadamente da relação entre esses acontecimentos e o preconceito racial visível na contemporaneidade. Para a autora, a instituição educacional, portanto, falhou na apresentação de um posicionamento contrário à ideologia dominante, perpetuando a formação da concepção a partir de uma perspectiva colonial:

I read the hangings on the church walls too, and never made a connection to slavery, the plantations, and the planter class of that time, or to the racism and prejudices that still existed in Antigua. Although I studied West Indian History in Secondary School, teachers failed to connect what was written in the textbooks to what was happening around us (Matthew, 2008, pp. 23-24).

Antiguan women/ men still struggle with identity and how to define it. I noticed you have used the term Afro-Antiguan a few times. Sadly, not many from my generation and perhaps none from the younger today would define themselves as Afro-Antiguan. They would declare that they are Antiguan. There is a discomfort in our African heritage, and at the same time our Antiguanness is not readily definable¹²⁵.

O papel de pais imigrantes que deixaram Antígua à procura de melhores oportunidades em outros países foi também ponderado pela escritora. Embora não haja uma concepção única sobre os parâmetros que definem o termo "diáspora", este geralmente alude ao movimento de povos que deixaram seus países de origem e migraram para outras partes do mundo. No enredo do romance,

¹²⁴ Entrevista realizada via correio eletrónico, com a autora Monica Matthew, presente no Apêndice 3, questão 9, páginas 290 e 291.

¹²⁵ Entrevista realizada via correio eletrónico, com a autora Monica Matthew, presente no Apêndice 3, páginas 290 e 291, questão 9.

os pais de Mama May mudaram-se para Santo Domingo e enviaram recursos para Antígua, a fim de atenderem às despesas de subsistência da filha. De geração em geração, esta estratégia foi repetida.

A diáspora, por sua própria natureza, não pode ser considerada um fenômeno fixo. Por conseguinte, tem lugar a nível transnacional, em diferentes realidades e evolui continuamente. O deslocamento de povos tradicionalmente derivou de um trauma. Nos tempos modernos, o desarraigamento e as dispersões têm sido as consequências da escravidão, tanto quanto da violência política. A globalização, no entanto, através da migração de capital, bens e informações, estimula o deslocamento de povos em uma escala sem precedentes.

A necessidade e a consciência da necessidade de afastar-se do país de origem, mesmo que seja para outra ilha na região caribenha, a fim de contornar os constrangimentos institucionais para alcançar *status* e mobilidade, utilizando a migração como um meio de atingir esses propósitos, explica a alta propensão para a migração nos primeiros anos seguintes à independência. Explica ainda por que, mesmo quando o trabalho dos ex-escravos era necessário nas plantações, eles procuravam e prontamente respondiam a oportunidades que motivassem o afastamento de suas ilhas de origem, a fim de um dia retornar em circunstâncias propícias. Além disso, as primeiras migrações têm implicações duradouras para a dependência contínua sobre a migração enquanto liberdade para quaisquer restrições- doméstica, económica, social ou política -através da partida e, em seguida, do regresso, a partir de condições favoráveis (Thomas-Hope, 1978).

Assim, na diáspora, uma identidade trans-caribenha é elaborada, cada vez mais empenhada em esquecer o ambiente original de maneira a forjar a existência de uma nova coletividade que abarca toda a região. O Caribe, no entanto, é muito fragmentado e fraturado em todos os níveis de sua existência, para ser confortavelmente fechado em uma categoria homogênea. De fato, a região é palco de competições e conflitos em curso por aqueles que procuram um espaço autónomo próprio (Premdas, 1995).

A partir da experiência dos pais imigrantes notava-se que as condições materiais consideradas prósperas entre os nativos negros eram sustentadas pelas famílias que se deslocavam para o exterior e supriam os seus familiares através do envio contínuo de rendimentos. Em um dado período, o progresso em nível pessoal baseou-se na migração com a finalidade de alcançar prosperidade: "Between 1834 and 1967, upward mobility meant abandoning Antigua for greener

pastures” (Hurst, 2009, p. 60).¹²⁶ Em dado momento, a maioria dos filhos adultos de Mama May não mais vivia em Antígua. Do exterior, eles enviavam livros e materiais escolares com o propósito de proporcionar aos seus familiares as ferramentas necessárias para alcançar êxito. Os pais eram induzidos, portanto, a afastar-se da colônia açucareira: “In order to succeed, parents were forced to leave their sugar colony. Sugar and slavery defined Matthew’s Antigua, we are told, throughout the tale (Hurst, 2009, p. 60).

Em Antígua, a década de 1930 foi economicamente muito árdua e em determinados momentos não havia o mínimo de recursos para subsistência. Tal situação contribuiu para moldar o caráter e fortalecer a determinação entre os membros da família de Matthew. Quando as condições materiais prosperaram, as gerações seguintes pareceram desconhecer a privação de um período anterior.¹²⁷ Essa amnésia histórica é subjacente ao propósito de *Journeycakes*. Atualmente, entretanto, Antígua não é a mesma do período de sua juventude, pois os níveis de escassez foram sumariamente reduzidos e a possibilidade de migração para os Estados Unidos, o Canadá ou o Reino Unido melhoraram incomensuravelmente as circunstâncias anteriormente mais árduas:

In reality, most of the residents, just like Mama, worked daily, set high standards, and educated their children. Gray’s Farm, now called Gray’s Green Community, has produced teachers, doctors, lawyers, artists, mechanics, writers, calypsonians, musicians, and, as of 2004, Antigua’s third Prime Minister (Matthew, 2008, p. 85).¹²⁸

As questões políticas foram sutilmente abordadas por Matthew que, apesar da menção favorável aos políticos VC Bird e Baldwin Spencer, desviou-se de uma discussão aprofundada acerca de rivalidades políticas, apesar da temática frequentemente ocupar uma posição de maior relevância no cotidiano dos nativos da ilha.¹²⁹ A autora apenas declarou que a política continua a causar discrepância entre as opiniões das massas:

Antiguan political culture—has divided and continues to divide the masses. Politicians operate as micro representatives to constituencies instead on a national level. There is the continued notion that one’s vote gives the power to the elected and helplessness and total dependency to

¹²⁶ Lionel Hurst nasceu em Antígua, foi embaixador do país e é autor das obras *Democracy by Diplomacy* (2007), *Luther George: The Barack Obama of Antigua and Barbuda* (2010) e *Vere Cornwall Bird: When Power Failed to Corrupt* (2012).

¹²⁷ Lionel Hurst afirmou que atualmente os filhos da autora vivem de forma digna, livres de privações, condição que é consequência da perseverança e da destreza da autora em relação à criação dos filhos, uma circunstância transmitida entre gerações. Para Hurst, essa condição deve servir como exemplo aos descendentes de imigrantes, qualquer que seja a sua origem, devido à “generosidade” dos Estados Unidos do século XXI. Durante a juventude em Antígua, a recolha de água nos fontanários públicos, como exemplificou Hurst, era um ritual diário que expunha Matthew a insultos. Casas de banho e água corrente eram considerados itens de luxo para indivíduos acostumados à recolha de um balde com água em praça pública e à eliminação de resíduos humanos sem sistema de esgotamento sanitário adequado. Essas privações chegaram ao fim, segundo é transmitido aos leitores da obra, conforme finalizou Hurst (2009, p. 59).

¹²⁸ Atualmente, as famílias cujos membros frequentaram universidades são principalmente os descendentes dos imigrantes da geração anterior. Byron, por exemplo, irmão adotivo da autora, que migrou para as Ilhas Virgens Americanas aos 15 anos, após ter sido abandonado quando bebê pela mãe, tornou-se um professor e o primeiro advogado da família.

¹²⁹ Lionel Hurst explicou seu ponto de vista relativamente à sutileza da autora: “I believe that I can explain the source of this vacuum. Rivalries in Antiguan politics create many enemies; by avoiding the subject she makes no enemies” (Hurst, 2009, p. 61).

the electorate. You can deduce that I am not happy with the politics at present.¹³⁰

Embora não tenha direcionado a sua escrita exclusivamente ao público caribenho, a linguagem empregada nos diálogos entre as personagens é a variação crioula da língua inglesa. Apesar de expressar relevantes temas universais do começo ao fim da narrativa e de sua escolha pelo inglês padrão de forma a emoldurar o enredo, há a interposição do discurso direto informal, estratégia também utilizada para compartilhar os acontecimentos íntimos que a história revela. Ainda através do ato de estabelecer uma linguagem direta através do dialeto de seus antepassados, a autora expressou o seu afeto por Antígua, mesmo que dessa maneira tenha afastado-se de outros públicos. Para Matthew, os imigrantes de Antígua em Nova Iorque, Toronto e Londres fazem uso dessa linguagem excludente que os caracterizam como únicos. Ao reproduzir esse fato na obra, a autora se aproximou desse público:

People who have a love story/ies or memories of being loved as a child, folks who were not reared/ loved by a biological parent. Folks who simply took parenting especially single parenting for granted and may want to reflect on the strength and perseverance of parents back then and even on parents who are still alive. I want young people today (the ME generation) to learn or begin to appreciate adults around them¹³¹.

Ao declarar, entretanto, que o seu maior público leitor está entre os caribenhos, principalmente de Antígua e Barbuda¹³², e ao ser questionada até que ponto a sua narrativa se passa no Caribe moderno e incorpora as preocupações e valores dessa sociedade, a autora mencionou as transformações ocorridas para as mulheres após as décadas de 60 e 70:

I keep thinking that women like Mama May and the women around her back then (though speaking of the 60's and 70's) do not exist today. Mama's story centered around a village of women who cared for each other. They built communities and showed concern for all. They had the knowledge of herbs to cure illnesses, they gathered on evenings and discussed problems, solved them also. So, I couldn't say it is the Caribbean today for those reasons. However, in terms of concern about education, I think this remains a drive; a passion and folks will make the sacrifice to send children for higher levels of education. Still today many women are raising children in the absence of fathers. Also, as mentioned in the book, physical abuse in the home is still a concern.¹³³

¹³⁰ Entrevista realizada com a autora Monica Matthew, via correio eletrônico, presente no Apêndice 3, questão 9, nas páginas 290 e 291

¹³¹ Entrevista realizada com a autora Monica Matthew, via correio eletrônico, presente no Apêndice 3, questão 5, nas páginas 289 e 290.

¹³² Em entrevista, a autora comentou o perfil do seu público leitor:

I knew my audience would be broadly Caribbean men and women who have been loved/influenced by a strong mother, aunt, sister, neighbor during their childhood years-those who could relate to the type of discipline and customs common to Caribbean life. However, I was moved when folks talked to be about an Italian, Jewish, American and Spanish mother, grandmother or aunt who was like Mama May (Entrevista realizada com a autora Monica Matthew, via correio eletrônico, presente no Apêndice 3, questão 5, nas páginas 289 e 290).

Ao afirmar que o seu público é predominantemente local, Matthew admitiu uma perda relativa em determinados aspectos culturais que transcendem gerações: "Folks are able to relate -there are commonalities in Caribbean child rearing, family life and our Africanisms that transcended through generations. Sadly, we are losing it" (Questão 12 referente à entrevista presente no Apêndice 3, na página 291).

¹³³ Questão 1 referente à entrevista presente no Apêndice 3, na página 289.

Conforme sugeriu Hurst, ao julgar a partir de sua formação, nota-se que Matthew evidentemente se interessa em atrair um público diversificado, constituído tanto pelos que se enquadram em padrões mais conservadores, quanto pelos que são amplamente caracterizados a partir de moldes mais modernos: “[...] *Journeycakes* is one of the jewels which every Antiguan family should own, every West Indian needs to read, and every American student needs in order to understand their neighbors from the Caribbean (Hurst, 2009, pp. 61-62). Hurst acrescentou que, apesar dos acontecimentos simples que o constituem, *Journeycakes* consagra a sua perpetuidade através do impacto que causa nos leitores caribenhos e porque reproduz uma história que foi notadamente negligenciada:

This tale by Monica Matthew will ensure her immortality, not unlike her Mama May. Long after she has passed, thousands will continue to read her tale. Novel Richards, the first black Antiguan to publish, lives on because his book *The Struggle and The Conquest* is still read by scores of youthful Antiguan each day. As a case study in child rearing, in mother/ daughter relations, in maleness and its uncertainties, in the benefits of immigration and learning, *Journeycakes* will live on in the consciousness and on the reading tables of many a West Indian family for generations to come. The neglected of our history is being addressed in many quarters. Matthew has taken on the subject using the tools available to her in early 21st century Antigua (Hurst, 2009, p. 61).

Através de sua primeira produção literária não fictícia, Monica Matthew evidenciou que as mulheres negras estão cada vez mais representadas na literatura. As suas vozes revelam uma parte fundamental do todo literário da região:

I wanted her to live on as I realized so many of our ordinary women in the Caribbean gave fully of themselves, however, there is no written document that they were here. Nothing except word of mouth about these strong family-oriented women. (And oral story telling is seldom a part of family life today!)¹³⁴

Em um contexto sociopolítico que tem como premissa divisões raciais hierárquicas crivadas por opressão, dominação e resistência, em primeira instância, o trabalho dessas mulheres é um sinal vital de capacitação com a literatura emergente. A expressão chave "literatura caribenha", no entanto, é antitética por intenção ao apontar divisões sociais. Sinaliza uma preocupação com o reconhecimento de influências culturais realizadas em comum que informam e moldam a literatura. No entanto, as diferenças não podem ser ignoradas (Anim-Addo, 1996, p. xi).

¹³⁴Entrevista realizada com a escritora Monica Matthew, através de correio eletrônico, em 2014, presente no Apêndice 3, questão 1, página 293.

3.5 Probabilidades transculturais em *Oh Gad, 2012*

3.5.1 Deixar, ficar, regressar

I've felt, my whole life, like I was seeing things from behind a pane of glass. I didn't feel connected to here, to Mama Vi, to my father. All I'm trying to do is get inside, get inside of something
(Hillhouse, 2012, p. 263)

*Oh Gad!*¹³⁵, o terceiro romance em prosa ficcional da escritora Joanne Hillhouse, aborda as realidades vivenciadas no Caribe moderno e constitui uma referência significativa nos debates contemporâneos acerca do pós-colonialismo, para além de propor uma reflexão em torno de um agrupamento de instâncias teóricas que molda e configura as situações contextuais acerca de diversos temas na pós-modernidade — a diáspora, o capitalismo, as identidades plurais, a transnacionalidade, o rompimento e a transformação de domínios e fronteiras culturais e políticas. Hillhouse compôs personagens com personalidades autênticas, distintas e profundas, embora conturbadas, mas capazes de muito refletir sobre questões sociais concretas que impactam as vidas de mulheres negras de Antígua e Barbuda. A autora tornou vívida a heterogeneidade da sociedade através de personagens que se sentiam compelidas a migrar, outras que eram comprometidas com o lugar e outras ainda que retornaram para a ilha anos após a migração, em condições de incerteza.

A narrativa tem como protagonista Nikki Baltimore, uma jovem mulher nascida em Antígua, que migrou para os Estados Unidos ainda criança, retornando às suas raízes na idade adulta. O enredo evidenciou a sua busca por envolvimento afetivo e ascensão profissional em um momento de transformações nas normas sociais do período. Os temas nucleares da obra incluem questões sobre ética, poder e corrupção, que variam conforme a posição socioeconómica de cada indivíduo na sociedade. Temas transversais compreendem a história sociocultural da ilha e a expansão do setor turístico local. A trama evolui através de um ambiente de tensão dramática, que se intensifica à medida que a escritora se concentra nas profundezas psicológicas das personagens. Ao enfatizar as experiências de alienação, da sensação de isolamento que surge a partir da separação dos indivíduos de seus membros familiares, em decorrência da migração norteadada pela escassez

¹³⁵ A expressão *Oh Gad!* era particularmente proferida durante a fabricação de panelas de carvão e de outros utensílios de argila, na indústria cerâmica da aldeia *Grays Farm*. Alude ao momento delicado em que acontece algo inadequado durante a produção de uma panela de carvão de barro, por exemplo, o momento em que ela pode se partir. Tal era a circunstância em que se emitia exaltadamente a expressão que intitula o romance.

financeira, Hillhouse interrogou ações e comportamentos humanos, suscitando reflexões críticas pertinentes acerca da sociedade contemporânea:

[...] Having said that, I think that I write from an authentically Antiguan space in that what I write is so reflective and so all consuming in terms of my culture, my people and where we come from, the way that we speak, the values that form who we are, so all of that is there.¹³⁶

Esse constitui um dos cerne do romance que se concentra na experiência de migração de Nikki enquanto tentava se reaproximar da família ao regressar dos Estados Unidos para Antígua. Situando-se nessa condição, a protagonista encontrou um elenco de personagens diversas e enfrentou os desafios de se reconciliar com os membros familiares e de reconduzir a sua trajetória em situação de instabilidade. A sua motivação para o regresso se deveu ao encanto paisagístico da ilha, à sua cultura e à política — uma visão idealista, mas compreensível, sobre a sua terra — e a possibilidade repentina de se reaproximar da família. São os fatores de atração da região caribenha, incluindo o clima, o retorno às raízes e a disponibilidade de oportunidades- ainda que seletivas e promissórias- que constituem as motivações para o retorno: as experiências são influenciadas por memórias nostálgicas, por uma série de avaliações críticas sobre a condição presente no país estrangeiro, para além de complexidades diversas.

Esse momento configura um desejo profundo e irracional de voltar ao lar e uma motivação subconsciente de completar seu ciclo de vida. Antígua oferecia-lhe a oportunidade de vivenciar aptidões ainda não experimentadas e de iniciar uma nova carreira. A protagonista se torna o produto do cruzamento de fronteiras culturais e de confluências de mais de uma tradição cultural. Quando em confronto com essa realidade, enfrenta um dilema em relação à sua identidade e autoestima, pois se tornou estrangeira na ilha:

Coming back to Antigua always twisted her up, mostly because, like New York, it didn't feel like home. Nowhere did. But while in New York she could lose herself in that alien feeling; here everything was so uncomfortably close, everyone so *familiar*. The disorientation wasn't helped by the vague sense of knowing coiled inside her; Antigua was a place she didn't quite remember, but hadn't really forgotten (Hillhouse, 2012, p. 7).

Apesar de insuficientemente instruída, Mama Vi, sua mãe, desejava que Nikki crescesse provida por melhores recursos, aos cuidados do pai, o professor Winston Baltimore, pelo qual a protagonista, apesar da convivência, não dispunha de afeto. Uma das características de *Oh Gad!* é a presença de personagens femininas fortes e assertivas, de maneira semelhante às personagens dos demais romances analisados na tese. Mama Vi não era uma mulher amável, dada a delicadezas,

¹³⁶ Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, em Antígua, em 2013, presente no Apêndice 2, questão 3, páginas 277 e 278.

devido à vida árdua e ao ônus de criar seis filhos sem suporte algum. Winston Baltimore, entretanto, reconhecia suas virtudes:

Independent, artistic, curious and opinionated...she's not literate...or widely knowledgeable; she's ignorant of life beyond this village...She's a very political being...She intrigues me. She's of the most remarkable women I've never known, callused and muddied hands, bead tie, worn dress and all... (Hillhouse, 2012, pp. 167-168).

Um princípio comum às ex-sociedades escravistas, também abordado nos romances analisados anteriormente e que a obra convoca a um olhar crítico relevante, é a constituição de muitas famílias e a transitoriedade dos homens no núcleo familiar, com a consequente criação dos filhos pela mulher, sem nenhum suporte masculino. Esses fatores configuram um legado da escravidão, uma versão e uma herança da poligamia praticada em partes da África e o consequente surgimento do híbrido bastardo, condição causadora de impacto nos indivíduos caribenhos, onde as mulheres provam ser a espinha dorsal do lar e da comunidade. Suas atitudes, portanto, relativamente às suas realidades existenciais e aos seus relacionamentos, são afirmações feministas:

[...] I was typing up some old plays recently, written when I was still a college age student and the thing that struck me, I mean, they're not very good but the thing that struck me was how consistent certain themes have been in my work in the case of female characters, who are strong and yet vulnerable and yet who are daring, who are reaching for certain things but at the same time are afraid to give themselves over full to certain things. I think those complexities probably exist in me; those contradictions probably exist in me to some degree and some of Nikki's story in *Oh Gad!* is trying to navigate my own questioning and confusion with some of those issues having to do with a women's place in the world and a women's place in the relationship to the men in her life [...].¹³⁷

Durante a sua travessia pessoal e cultural, Mama Vi permaneceu um enigma para Nikki, visto que as poucas oportunidades de aproximação entre as duas ocorriam durante as férias de infância na ilha: "Truth was, she had never tried to know her mother, and if Mama Vi was still here, still alive, there would have just been more silence between them. If her mother was here, really here, Nikki wouldn't be here" (Hillhouse, 2012, p. 58). Os seus sentimentos em relação ao pai também eram conflituosos e Nikki se sentia prisioneira de seu rigor e inflexibilidade, desconfortável e sufocada em sua presença:¹³⁸

¹³⁷ Questão 6 da entrevista realizada com Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013, em que ela reflete sobre a consistência de determinados temas feministas em suas obras. Vide Apêndice 2, página 275.

¹³⁸ Professor Baltimore, entretanto, tentou viabilizar uma aproximação com a filha ao lhe revelar seu histórico familiar: seu pai, um homem branco, abandonara sua mãe, que o criou isolado de outras crianças. Baltimore descreveu a mãe como uma mulher cujos sentimentos eram negativos em relação à própria vida, provavelmente ao filho, à Antígua e ao homem sobre o qual ela nunca havia comentado, que ele acreditava ter sido responsável, pelo menos em parte, pela migração da família:

She remembered him as a big, bushy bear of a man who never hugged, in fact barely touched her, whose every conversation was filled with lessons and verbal lacerations. A man who told her he was her father, but never taught her what family was (Hillhouse, 2012, p.263).

O retorno de Nikki a Antígua aconteceu anos mais tarde, por ocasião do funeral de Mama Vi. A morte da mãe a lançou repentinamente em seu meio, induzindo-a a confessar a angustiante sensação de viver parte da sua existência sem conexão com os membros familiares: "I've felt, my whole life, like I was seeing things from behind a pane of glass. I didn't feel connected to here, to Mama Vi, to my father. All I'm trying to do is get inside, get inside of something..." (Hillhouse, 2012, p. 263). A protagonista era incapaz de usufruir de momentos aprazíveis e não se adaptava em qualquer ambiente, consequência do processo natural de alienação dos que retornam aos seus países após muitos anos residindo no estrangeiro:

Return migrant experience differs according to island context, the metropolitan backgrounds of returnees, and the extent to which returnees are well-supported by transnational networks of extended and nuclear families, while others are not so socially embedded in such transatlantic or pan-American fields. On the other hand, return migrants of whatever age or background face a range of common adjustments and ultimately, in some instances, strongly perceived frustrations in coming to terms with their new island homes. (Potter, 2005, p. 284)

A liberdade inerente ao transnacionalismo e ao regresso coexistem com os desafios da reinserção ao país de origem. São fatores que refletem as contradições intensas inerentes às liberdades e às restrições da migração e os paradoxos em que um mascara o outro. No caso de Nikki, nos poucos momentos em que retornou à ilha em visita à família, durante a infância, demonstrava apreensão por ser considerada e sentir-se estrangeira.¹³⁹ Ela era considerada a criança estranha, tratada como objeto frágil. Apesar das controvérsias, Nikki afirmava o seu direito de fixar as suas raízes em sua terra natal:

But I can't change the past...that Mama Vi sent me away, that was her choice...that maybe I don't belong here. Well, if that's what it is, that's what it is. But, I'm choosing to come back now... (Hillhouse, 2012, p.61).

A protagonista, no entanto, experimentou um sentimento de desilusão ao regressar devido às distinções de comportamento e percepção em comparação aos indivíduos com os quais começara a interagir, para além do fato de que a cultura norte-americana se tornara parte de sua identidade, uma identidade diaspórica, ainda que Antígua fosse a sua referência de "lar". O processo de (re)

My mother hated her life, hated herself, maybe hated me a little, hated Antigua, hated the man she never spoke of and whom I always believed had paid at least in part, for our exodus from the island. My mother, I believe, is what ignited my quest for learning, and my desire to unravel the mysteries of the ways we are..." (Hillhouse, 2012, p. 314).

¹³⁹ A protagonista menciona que o seu desconhecimento quanto aos coloquialismos era de fato um dos fatores que a afastavam da comunidade: "[...] the way people said without really saying, knowing that the meaning was clear, if you were truly part of things" (Hillhouse, 2012, p. 367).

integração e de (re) assimilação, portanto, tende a proceder em estágios, primeiramente através da (re) assimilação estrutural e social, simultaneamente à (re) assimilação cultural, e somente quando a primeira decorre em bom ritmo, a (re) assimilação cultural e de identificação conseguem fluir.

Aqueles que migram e posteriormente retornam aos seus países enfrentam uma linha de pressões físicas e/ou psíquicas, experimentam uma situação complexa que lhes permite responder, reagir e se movimentar, a depender do modelo de elementos que funciona como agente e catalisador. Assim, o regresso é um advento mais complexo do que a (e/ i) migração. Esse processo se torna ainda mais árduo de investigar devido às mudanças de percepção do indivíduo. Traçar o movimento de retorno ao país natal é algo ambivalente, visto que pode não ser permanente. O retorno é apenas compreendido através da consciência sobre as causas que fizeram o indivíduo afastar-se de suas terras de origem. É considerado um componente integrante do circuito de migração caribenha, portanto persiste uma orientação de regresso que seja significativa. Dessa maneira, tal fenômeno é um aspeto institucionalizado do processo de migração, enraizado em uma ideologia que inclui a expectativa de uma vivência melhor no estrangeiro: atualmente, metrópoles ocidentais hospedam um grande número de indivíduos do arquipélago, que migram por motivações económicas e políticas, em menor grau, por melhores condições de saúde e oportunidades de acesso a sistemas educacionais de qualidade. Já outros, migram porque consideram o pequeno mundo caribenho asfixiante. Nikki, portanto, é a personagem que representa o "impuro", uma cultura híbrida, uma condição necessária à modernidade. Sua identidade é construída através da fusão e da diferença, o que a torna múltipla. Dessa forma, surge o seguinte questionamento: o que a experiência da migração causa aos modelos de identidade cultural e como essa identidade é concebida após essa experiência? No caso de Nikki, o que notamos é que o resultado híbrido não pode ser mais facilmente desagregado em seus elementos de origem, o que evidencia, portanto, a criouliização, a identidade transcultural. O retorno de Nikki à Antígua constituiu um momento de reapropriação cultural, característica do pós-colonialismo. Não significa, entretanto, o regresso à cena primária, à autenticidade dos elementos formadores de sua cultura de raiz. As situações que lhe ocorrem são efeitos do passado e da memória. Ela se encontra na encruzilhada, com sua trajetória e memórias, a sua identidade transgredindo fronteiras.

Na segunda parte da obra, Nikki procurou retomar a relação com a mãe, que deveria ter acontecido antes de sua morte. As constantes visitas ao seu túmulo, quando dialoga como se a mãe estivesse viva, comprovam que dela brotava um sentimento longamente reprimido durante a infância. Posteriormente, a protagonista inicia a reconciliação com o pai através da leitura dos

diários que este lhe concedia, originados dos anos em que realizou pesquisa de campo etnográfica em Antígua e também da época em que conheceu Mama Vi. Ao falar sobre a mãe, Nikki revelou o seu lado exterior, justificando a sua maneira própria de ser, e pela primeira vez analisou um pouco a si própria. Refletiu sobre o seu modo insensato de julgar os pais durante parte de sua existência: "I am thinking about how I invested so much time in not being my father's daughter. My mother was always with me" (Hillhouse, 2012, p. 339). Permanecer face a face consigo, a induziu a confrontar-se, a olhar-se internamente. Este confronto deu-lhe discernimento acerca de si, concedendo-lhe o meio para uma autoavaliação e um autorreconhecimento. Propôs-lhe a conveniência de conhecer e de acolher-se de forma harmoniosa. Ironicamente, o seu autoaprisionamento foi uma forma de libertação do olhar sufocante ou da compreensão do "outro", uma libertação que lhe proporcionava ver-se pela primeira vez com os seus próprios olhos e não através dos olhos do "outro".

Em Nikki, se sobressaíam transtornos tanto no contexto pessoal quanto no profissional, entretanto a protagonista não compreendia o motivo de suas próprias insatisfações. A incapacidade em lidar com os seus dilemas nos conduziu à análise de uma característica fundamental em outras personagens que Hillhouse esboçou com habilidade e sustentou eficazmente em seus outros romances: a necessidade de defesa das personagens. A armadura decorrente do comportamento defensivo protegia o seu núcleo emocional, mantendo-a distante dos outros, tornando extremamente complexas as suas relações. Ao mesmo tempo, a resistência a habilitava a evadir ou a ignorar questões sobre o próprio passado que ela negava, ou com as quais era incapaz de lidar. Consequentemente, desconsiderava os sentimentos acerca de circunstâncias reais e relevantes em sua vida.

O seu envolvimento no contexto político e o convívio com a classe elitista de Antígua a conduzem por percursos arriscados no momento em que lhe é ofertado um cargo prestigioso no departamento de turismo, pelo político Hensen J. Stephens, com quem ela iniciara um relacionamento afetivo. Ao descobrir que Stephens era casado, Nikki enfrentou uma crise moral e em seguida buscou um novo emprego, tornando-se a porta-voz de um grande projeto de desenvolvimento turístico que atraía a oposição política, uma vez que privava os cidadãos das terras nas quais haviam trabalhado por gerações, interrompendo os seus modos de vida.

Por não ser consciente de seus próprios sentimentos, a protagonista era incapaz de formular uma resposta clara que lhe permitiria lidar com tais adversidades de forma mais

construtiva. Sua afeição em relação aos pais, ao namorado que deixara em Nova Iorque e ao trabalho fazia parte de um complexo maior de sensações que ela fora induzida a repudiar:

And Mama, I never knew her.' The words an indictment not of the mother who sent her youngest away, but of the daughter who never tried to find her way back; the daughter who'd tucked away Christmas and birthday cards with bad script, never bothering to reply; the daughter who'd stopped visiting as soon as she had a choice in the matter. Nikki felt, for the second time that evening, like a fraud; whoever thought Terry and her mom would have had anything in common. Well, they both had this- the ability to pull this truth from her; her relationship with both of them had been a lie. '(Hillhouse, 2012, pp. 20-21)

Para rejeitar, mascarar e evadir tais sentimentos, Nikki, à semelhança das protagonistas de outros romances, necessitou desenvolver o seu lado exterior resistente e impenetrável, que deixava aos outros e a si a uma distância definida desse núcleo emocional de sentimentos intrincados e relações complexas. Assim, uma oportunidade de furtar-se, esquivando-se dos seus pensamentos e do seu contexto social em Nova Iorque, tornara-se bem-vinda.

3.5.2 Personalidade dupla

A característica predominante na personalidade de Nikki é a autodefesa, expressa na necessidade de manter-se distante das pessoas e também de renegar, evadir e opor-se a fazer uma reflexão crítica e situada sobre os acontecimentos. Intimamente conectada à necessidade de fuga de seu núcleo emocional, ela era incapaz de manifestar metas pessoais, e, portanto, carecia de um projeto positivo de individualidade que a permitiria definir objetivos mais positivos e ser mais proativa em favor de sua realização. Na ausência de autoconhecimento, as escolhas em relação à carreira, bem como as circunstâncias referentes às relações interpessoais foram resultados de acontecimentos externos que de alguma maneira conseguiram penetrar a sua armadura de autoproteção.

O seu comportamento alusivo aos relacionamentos era ambivalente. Nikki necessitava pôr à distância o novo indivíduo ou situação que encontrara, ao passo que cedia às emoções que tais interações afloravam. De um lado, uma parte resistia e lançava defesas contra tais intrusões externas e contra os sentimentos bloqueados ou negados que eles podiam despertar. Por outro, uma vez que essas emoções eram reveladas, Nikki era incapaz de controlá-las. Elas oprimiam a sua defesa e a surpreendiam como se não estivesse em contato com tais emoções. Em síntese, ela necessitava evadir e ocultar o seu núcleo emocional, tornando-se uma mulher com inibições intensas relativamente aos seus sentimentos e que conseqüentemente era incapaz de permitir-se viver a totalidade das situações pessoais e profissionais nas quais se envolvia.

Sua evasão e inabilidade para conviver espontaneamente são demonstradas em um dos diálogos com a irmã Jazz e tais sentimentos confirmam a sua incapacidade em traçar propósitos coerentes, portanto, seguindo muito naturalmente a sua necessidade de fugir de seu núcleo emocional:

I wanted to be my own person,' Nikki said. 'But I guess I never decided who that was'. She laughed softly. 'There were times when I fantasized about doing nothing, contributing nothing, just being, not any particular shape of color or texture, something impossible to hang on to or to pin down like the wind or...like sunset, the way when I'm sitting on my back porch at home, the colours bleed into one another before you can even begin to name them, the colours new every evening like they're being made up on the spot; I fantasized, fantasize still sometimes, about being like that. Of course, I was never enough of a rebel, didn't have courage enough to let go, unfulfilling as everything was, is. (Hillhouse, 2012, pp. 291-292)

A inépcia em modelar a sua identidade motivava as atitudes da protagonista, determinando a natureza de suas interações e diálogos com os familiares. Devido à insuficiência de projeção na sua individualidade, que impedia a fluência do autoconhecimento e uma consequente aproximação eficaz com os demais, Nikki se relacionava negativamente com eles. Por diversas vezes, escapou aos questionamentos ou reforçou as muralhas defensivas existentes, de modo a repelir a abertura dos que se encontravam próximos. Esboçar essa atitude negativa durante o diálogo com os outros fazia parte de seu comportamento. Ao tomar conhecimento do falecimento da mãe, Nikki não expressou emoção, para além da decisão de ir ao funeral. Essa era uma das maneiras de a protagonista demonstrar a sua personalidade defensiva, incapaz de dividir uma parte substancial dos seus sentimentos.

As instâncias de suspense e drama que emergem das páginas de *Oh Gad!* são baseadas na forma como Nikki seria capaz ou não de ultrapassar a sua atitude defensiva e de abrir-se ao afeto, encontrando, assim, o caminho para uma vida mais plena. A protagonista demonstrava estar emocionalmente aprisionada aos conflitos, medos, dúvidas e mágoas do passado e, portanto, era incapaz de vivenciar completamente o seu presente com a maturidade de uma jovem adulta. A fuga e a necessidade de ocultar o seu núcleo emocional possuíam suas raízes em conflitos irresolutos na infância:

Jazz, after all, was the offspring of Professor Winston Baltimore's one legitimate union. She, Nikki, was the product of the unlikely- and adulterous- coming together of a West Indian-American intellectual snob and a rural Antiguan coal pot maker. Knowing the Professor, she didn't understand how that was even possible. But there it was. (Hillhouse, 2012, p. 9)

Os efeitos bloqueadores dessas inconformidades comprometiam os seus vínculos afetivos, diálogos e performances profissionais. Embora Nikki não tenha permanecido no seu círculo familiar,

no seu meio cultural, mas longe dos familiares por longo tempo, ela foi aceita após romper bloqueios. Durante o esforço para se aclimatar à sociedade de Antígua, à sua família e lidar com o seu passado, a interação com os demais, quer positiva ou negativa, deu-lhe a oportunidade de compreender adequadamente a si e àqueles essenciais ao seu cotidiano. Ao término do romance, as personagens que enfrentaram dilemas constantes superaram essa condição através de um processo de aceitação ocasionado por uma melhor compreensão do seu histórico familiar, razão que os induziram a descobrir a procedência de suas dúvidas e a superar as suas inseguranças. No caso de Nikki, a “recuperação” aconteceu a partir do reconhecimento da instabilidade da sua identidade fragmentada. O enredo ratifica, portanto, que a identidade não deve ser concebida como uma categoria estática e permanente, mas como um processo, em todo o seu dinamismo e contradições.

3.5.3 Tensões pós-coloniais

A temática da migração é enfaticamente abordada por Hillhouse e relaciona-se a um dos principais assuntos destacados no seu primeiro romance ficcional, *The Boy from Willow Bend*. Enfatizamos, entretanto, que em *Oh Gad!* a autora não realizou uma abordagem profunda sobre a experiência de Nikki enquanto imigrante caribenha em Nova Iorque, nem dos desconfortos possivelmente causados durante esse período. Dada a relevância da temática para as sociedades das ilhas, tanto *Oh Gad!* como *The Boy from Willow Bend* dão ênfase à relação entre pais imigrantes desejosos por melhoria socioeconômica- condição que possui antigas raízes em Antígua- e seus filhos, que em sua maioria precisam viver em situação de abandono e incertezas. Dessa forma, as crianças cujos pais são ausentes, bem como aquelas que migram junto com esses, constituem um grupo particularmente vulnerável. Irmãos oriundos de uma estrutura familiar complexa, frequentemente desconhecidos ao outro e às vezes criados em países diferentes, são personagens comuns nas narrativas de escritores caribenhos.

O impacto da migração pode ser devastador, uma vez que ameaça a longo prazo o bem-estar e o desenvolvimento dos caribenhos para a vida adulta:

The above insights that we glean from these sociological aspects of the novel suggest that within these economically strapped families too often many of the children did not get the emotional support and sense of solidarity that they needed to have with both of their parents. These broken family ties often left their growing members with real feelings of incapability, inferiority, insecurity and resentment, which they must either conceal or act out. Both of these responses lead to practices of bad mindedness, which will make it difficult for them to be fully present in the adult phases of their lives. (Henry, 2014b, p. 50)

As crianças que sofrem esse impacto enfrentam vários desafios em termos de educação e saúde, bem como adversidades psicossociais. O sacrifício feito pelos pais, apesar das boas intenções, ocasionou uma geração de crianças perdidas que precisaram obter uma posição em um mundo que parecia inaceitável:

[...] Many children left behind suffer from depressions, low self-esteem which can lead to behavioral problems, and at increased risk of poor academic performance as well as interruption of schooling. (Bakker, Elings-Pels & Reis, 2009, p. 2 citados em Romeo-Mark, 2014, p. 30)

A decisão individual do migrante é influenciada por circunstâncias diversas, além das socioambientais. Devido à migração, as crianças caribenhas são induzidas a acreditar que as suas perspectivas futuras serão melhores fora dos seus países e que a sociedade de acolhimento representa a terra das oportunidades, enquanto o desejável seria o regresso dos que migram ou pelo menos uma redução da taxa de emigração, de maneira a promover o desenvolvimento e a integração da região. Não significa, entretanto, que a não ocorrência da migração é necessariamente benéfica ao país: há muito a se ganhar tanto pelo indivíduo como pela sociedade a partir da mobilidade, especialmente no caso de estudantes e daqueles no início de suas carreiras. Devem ser criadas oportunidades e estratégias, contudo, para que haja a retenção desses indivíduos após o regresso.

Em *Narratives of Exile and Return* (1997), Mary Chamberlain abordou as histórias de migrantes barbadianos para o Reino Unido, enfatizando que mesmo após a migração permanecem os elos fortes com as raízes no Caribe. No caso de Nikki, pelo fato de ter crescido longe de Antígua e devido aos contatos esporádicos com os membros familiares, faltou senso sobre a sua terra de origem e conseqüente afastamento dos elementos constituintes da sua identidade cultural, requerendo uma identificação associativa com a sua cultura de origem, embora Antígua não deva ser considerada a única fonte de identificação para a protagonista, visto que em situação de migração as identidades se tornam múltiplas. A força do elo umbilical, entretanto, é refletida no momento que a personagem já adulta regressa.

Livres ou forçadas, as migrações mudam de composição, diversificam as culturas e pluralizam as identidades culturais. Chamberlain (1997) abordou ainda a dificuldade enfrentada pelos que retornam em se reconectarem às suas sociedades de origem, seja por sentirem falta do ritmo de vida cosmopolita ou por perceberem que a terra de origem se tornou irreconhecível,

circunstância que configura uma condição comum entre os povos caribenhos e um contexto profundamente moderno de deslocamento:

I identify with Nikki, the central character, because I come from generations of immigrants and am still an immigrant. I was "the fish out of water," at the age of eight and literally "the alien". But I believe her experience was much more traumatic as she was separated from her family at a tender age, a critical time of life, when bonding with one's parent is essential to one's identity, feeling of security and self-worth. Many have walked in her shoes. It is the resulting feelings of alienation, loneliness and exclusion with which I particularly empathize. Belonging comes with only acceptance and inclusion. (Romeo-Mark, 2014, p. 37)

Os migrantes que regressam são demograficamente seletivos, comportamentalmente diversificados, possuem atitudes e percepções divergentes de suas ilhas e consequentemente as suas experiências, as adaptações e os comportamentos raramente são comumente partilhados, portanto eles se mobilizam e providenciam um movimento de "solidariedade" para iniciar a mudança social. As motivações para o retorno são diversas e as suas experiências são influenciadas por memórias nostálgicas de suas ilhas de origem, por uma série de avaliações críticas de sua situação atual, por comparações entre lugares, entre meios sociais, experiências de trabalho e entre muitas outras complexidades.

As referências às questões da vida real na Antígua moderna inevitavelmente refletem o passado. Hillhouse instituiu repetidas referências a pressões económicas graves que atingiram as famílias da classe operária de Antígua e Barbuda, herdadas do período da escravidão:

[...] Hillhouse hints that this combination of economic poverty and a matri-focal family structure has produced the phenomenon of itinerant or absent fathers, and mothers who have to be strong because they also have to father the children. (Romeo-Mark, 2014, p. 49)

O romance revelou também uma questão muito contemporânea no Caribe, retratada anteriormente na tese, que é a economia baseada no turismo. Até que ponto se compromete o país para permitir que o turismo floresça? Um dos pontos relevantes do enredo foi a tensão entre as empreiteiras, os empresários que desejavam construir grandes empreendimentos hoteleiros e que tentavam convencer a população da rentabilidade da atividade turística. Conforme abordado anteriormente, concebemos que a era pós-colonial é caracterizada por formas de progresso económico dominadas pelo crescimento do capital local e as suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da

emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. Nesse cenário, a situação colonial de alguma forma permanece, pois sobrevive através de seus efeitos. Assim, com clareza, Hillhouse incitou o leitor a não negligenciar a história crucial da escravidão em Antígua e no Caribe em geral.

Devido à forma significativa como Nikki refletiu o contexto social familiar mais amplo e de imigrante, ela suscitou outras personagens bem articuladas e originais na literatura caribenha, nomeadamente na de Antígua, apesar de no romance Hillhouse salientar perspectivas teóricas próprias. Semelhanças são verificadas entre *Oh Gad!* e outras narrativas analisadas na tese. Os enredos de Hillhouse acontecem no espaço doméstico e são sempre sobre a família. A intensidade e a persistência do sentimento de evasão de Nikki aludem a personagens dos romances de Jamaica Kincaid: Xuela, em *The Autobiography of My Mother*, Lucy e Annie John. Já as características atribuídas à aldeia *Grays Farm* e a Mama Vi, remetem a *Journeycakes*, de Monica Matthew. Através dessas criações, essas escritoras suscitam no leitor uma reflexão acerca da sociedade caribenha contemporânea e embora coexistam distinções e distâncias significativas, com referência às perspectivas histórico-sociais, consideramos como ponto de interseção a tentativa de reconstrução da identidade através da exposição da complexidade dos vieses pós-coloniais em Antígua, de maneira a romper com os padrões infundidos pelos colonizadores, produzindo um estilo que rejeita a ordem e as restrições do cânone europeu. É precisamente esta dimensão discursiva que importa analisar, em uma perspectiva comparativa.

No que concerne à recepção do público em relação à obra, a autora expôs em entrevista que os leitores avaliam positivamente o romance, pois prontamente se identificam com o enredo como se fosse o de suas próprias vidas. Esses são nomeadamente leitores caribenhos e, até determinado ponto, os leitores caribenhos que migraram, que se relacionaram com a espécie de descoberta narrada através da protagonista e das demais personagens, além de considerarem as histórias simplesmente genuínas e autênticas. Esses expatriados, portanto, parecem experimentar uma sensação de descoberta e re-descoberta:

[...] In reading *Oh Gad!*, I began to realize both how much and how little I know about Antigua, as an Antiguan-American half-breed. At times, I felt proud and at other times, I felt the same resentment that Nikki felt as being an insider-outsider... It was so refreshing to read a book that I could totally relate to.... from the dialect, to the food, to the way the characters relate to each other... The surprise was the history lesson. Thank you, Joanne Hillhouse, for helping me 'A Born and Raised Antiguan', to learn things about my culture that I didn't know... I was raised in Antigua and I must say, you have captured the essence of our culture in this book. I have actually learnt so much from reading this book about history than from attending 11 years of school in Antigua. Your references to the music, language, food, carnival, places of interest, all

the intricate details are thoroughly represented. I love It! Thank you for celebrating the history of Antigua through this novel.¹⁴⁰

Outro tema cerne de reflexões plurais é a linguagem. Através do uso da variação crioula do inglês e de provérbios nos diálogos entre as personagens, Joanne Hillhouse retratou o cotidiano da ilha e aproximou o público que consegue se identificar com a prosa, que oferece um retrato de elementos da sociedade da Antígua contemporânea, através das referências à língua, às personalidades conhecidas, aos eventos históricos e culturais. De diversas maneiras, a decisão por utilizar essa linguagem foi uma declaração sobre a reivindicação da própria identidade e a autonomia linguística se torna motivo de orgulho e referência. Além disso, seu uso dissipa estereótipos, como os que afirmam que as línguas crioulas são dialetos, que são utilizadas entre falantes de classes inferiores e que são impróprias para pessoas educadas- visto que a linguagem está ligada à identidade de grupo, e, no Caribe, está indissociavelmente ligada à classe- para além de inspirar a liberdade linguística e tornar o inglês crioulo a língua materna.¹⁴¹

A escritora acredita que para muitas pessoas em Antígua a língua materna é a crioula falada na ilha, a variante que se ouve desde criança. Nas escolas, entretanto, os estudantes são instruídos na língua inglesa padrão, ocasionando por vezes interferências na comunicação, visto que essa não se configura a primeira língua. Se alguém a rejeita, contudo, acaba rejeitando a si próprio. Para a autora, portanto, a língua inglesa padrão é uma espécie de extensão, pois é uma parte do que se aprende no ambiente escolar, da língua de socialização:

The correct speech is not Standard English or Antiguan English. The correct speech is what communicates with the other person, it's what is true to you and is understood by the other person. So, if you're talking [...] and all of it is true to you, you know what I mean. So, what I reject is this idea that one is good and one is bad.

What I believe is that from a lot of people, I'm not going to say for everybody, but for a lot of people their first language in this place is the Antiguan, their first language, they, the Antiguan language is their first because if you learn language by listening to the people around you, you in your mother's arms as a baby, you're not necessarily going to be learning formal English, you're going to be learning what is sort of the language in the community which is sort of one [...] thing which is the Antiguan dialect which you speak. You get into the classroom and they

¹⁴⁰ Questão 2 da entrevista realizada com Joanne Hillhouse, através de correio eletrônico, em novembro de 2012. Vide Apêndice 1, páginas 270 e 271.

¹⁴¹ Sobre a questão da linguagem, o autor caribenho Kamau Brathwaite introduziu a noção de *nation language* como um termo que descreve a língua em forma no Caribe. O inglês caribenho difere da língua nacional imposta e também do inglês crioulo, o qual é frequentemente definido em termos pejorativos. A *Nation language* se assemelha à língua nacional imposta em alguns de seus recursos lexicais, mas também possui os atributos da influência africana, em particular dos que foram herdados pelo Caribe (Brathwaite, 1984, p. 13). A *Nation language* também procura de uma forma mais positiva uma identidade cultural particular. Ao contrário das línguas crioulas, que são sistemas de linguagem em seu próprio direito, encontradas globalmente, uma *nation language* é um termo culturalmente mais específico e menos neutro, que afirma um *status* positivo para formas linguísticas caribenhas que não são padrão (Donell, n.d., p. 11). Esse conceito se preocupa menos com questões como qual a ortografia utilizar ou o estabelecimento de definições sociolinguísticas. Ao contrário, procura sublinhar a conexão entre a linguagem, a formação da identidade cultural e as ferramentas de expressão. Essa definição de Brathwaite, portanto, é considerada a expressão e a representação da cultura e identidade das sociedades caribenhas. Confere aos povos caribenhos seus próprios estilos, vocabulários e normas.

have to instruct you in Standard English and there's sometimes miscommunication that takes place because that is not your first language and by rejecting that you're rejecting yourself as well. So, it's not that when you're speaking Standard English you're not yourself. It's sort of an extension. Standard English is a part of what you learn, what you're socialised into. [...]¹⁴²

Nas ilhas francófonas, o uso adequado da língua francesa ainda é visto como uma necessidade para a promoção social. Autores são desafiados sobre como e em que medida utilizam crioulo ou *patois*, o que essa linguagem expressa sobre os seus protagonistas e as suas ilhas, e, finalmente, o que as suas próprias vozes, seja na narração onisciente ou na poesia, representam sobre si e as suas origens – as suas respostas a estes desafios estão intrinsecamente ligadas às suas posições. Já nas ilhas anglófonas, o inglês padrão é associado aos escalões superiores da sociedade caribenha, configura um índice de desempenho educacional e *status* social, sendo considerado nativo apenas por uma pequena elite. É precisamente esta dimensão discursiva que importa analisar, em uma perspectiva comparativa. As sociedades de Antígua e Barbuda, no entanto, se expressam em inglês crioulo em graus variados, a maior parte do tempo, apesar de que a língua inglesa metropolitana padrão, embora funcione como segunda língua, é culturalmente essencial na sociedade. Além de concessões quanto à linguagem, esses autores realizam adaptações para os seus públicos que muitas vezes exibem simultaneamente a sua identificação de divisão e multiplicam posições marginais. A fim de obter êxito, esses textos precisam ser escritos de tal forma que um público estrangeiro possa lê-los, entendê-los e apreciá-los, o que muitas vezes inclui a simplificação da linguagem crioula, além do acréscimo de exposição e uso de um quadro metropolitano de referência. Os escritores caribenhos, portanto, escrevem em uma linguagem que privilegia tanto a língua crioula quanto as línguas europeias, simultaneamente.

A virada do século XX marca um momento histórico para a literatura feminina caribenha. Para Joanne Hillhouse, *Oh Gad!* possui a história mais complexa dentre os seus romances, por lidar com o percurso atribulado de uma personagem, a sua relação familiar intrincada, além de abordar questões de desenvolvimento maiores e questões políticas e complexidades da vida na ilha:

[...] I would say, in terms of the most complex story line, *Oh Gad!*, because it's dealing on so many levels, it's dealing with a personal journey, it's dealing with her relationship with her family, it's also dealing with larger developmental issues and political issue in the country and sort of smaller developmental issues as well, understanding the complexities of island life [...].¹⁴³

¹⁴² Questão 9, da entrevista realizada com Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 2, página 278.

¹⁴³ Questão 1, da entrevista realizada com Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 2, página 273.

A preocupação comum entre os artistas e os escritores caribenhos contemporâneos é encontrar uma maneira de tornar a singularidade e a diversidade de suas culturas mais visíveis e co-participativas no processo da globalização. Esse romance, portanto, reflete as tensões e marcas culturais da sociedade de Antígua, o contexto de migração e a dependência em relação a cidades metropolitanas, como Nova Iorque. *Oh Gad!* representa a Antígua contemporânea, os efeitos produzidos sobre o indivíduo a partir da separação de sua família e o mundo moderno das relações humanas. A identidade é caracterizada em seus múltiplos pertencimentos e dimensionada em termos transculturais e transnacionais, ocasionando a descontinuidade e a ruptura de fronteiras, configurando a reafirmação da pluralidade da identidade caribenha e possibilitando a constatação de que o pós-colonial traduz uma época de diferença e determina suas implicações no sujeito, na modernidade tardia, promovendo, portanto, uma desvinculação da síndrome colonial, que assume diversas formas.

O romance retrata largamente as negociações de identidade e aborda questões familiares, de classe, história e política, através de descrições sobre as tradições, acontecimentos e diálogos que capturaram os comportamentos em sociedade. Reflete as marcas culturais e as tensões na sociedade, os padrões internos e externos relativamente à migração e à dependência das ilhas de cidades metropolitanas, como Nova Iorque. Codifica em suas personagens e enredo valiosos enfoques culturais a respeito de Antígua e Barbuda, através da ênfase nos valores culturais, nos provérbios, nos hábitos e nas crises diárias que compõem o cotidiano nas ilhas. Diversas dificuldades que desafiam as personagens são conectadas ao passado de escravidão e à conseqüente estrutura familiar matrifocal. Assim, uma das maiores realizações do romance foi a medida em que a vida sociocultural da ilha é movida em seu tecido mais básico.

A autora escreveu a partir de um espaço legítimo e a sua narrativa transcende limitações em termos de cultura, sociedade, linguagem e valores. Reflexões plurais a respeito de raça, classe, identidade, política, outridade e imigração são assuntos constantes em seus romances. Hillhouse declarou que as suas propostas literárias são baseadas, sobretudo, em torno das personagens e em função de suas características individuais, embora as narrativas estejam infundidas nas apreensões subjacentes ao Caribe moderno:

I think I am post-colonial in the sense that I understand that the exposure to this literature also, however, diminished our appreciation for our own stories, our own voice, and I'm part of that new wave of writers hopefully creating relatable stories that stir renewed appreciation in

contemporary readers of Caribbean literature for the power of our own stories¹⁴⁴.

Conclusão

As mulheres negras são cada vez mais representadas na literatura caribenha e as suas vozes representam uma parte fundamental do conjunto literário da região. Em um contexto sociopolítico baseado em divisões raciais hierárquicas criadas sob opressão, domínio e resistência, essa produção é um sinal vital de empoderamento com a literatura emergente. Oferecendo uma análise comparativa e crítica dos romances, nessa parte da tese abordamos as questões complexas da busca da mulher negra e da luta pelo sujeito, pela autorrealização e pela representação.

A literatura caribenha feminina é caracterizada através de formas literárias que indicam, em comparação com outras literaturas, semelhança e diversidade. É compreendida através de quadros críticos que privilegiam o pós-colonialismo, o nacionalismo cultural e o feminismo. É inegavelmente uma literatura moldada por experiências de gênero em interação com o período histórico sociocultural do século XX. A expansão da educação formal, as ideias desafiadoras do movimento internacional de mulheres e o surgimento de editoras com foco na produção literária feminina contribuíram para o crescimento em volume dessa produção e para a progressiva disponibilidade de criação por parte dessas mulheres.

As culturas e a literatura caribenhas estão inevitavelmente em um diálogo autoconsciente com a história e ativamente envolvidas na sua reescrita a partir de suas perspectivas. Há um espaço singular atribuído à memória, não apenas à pessoal, mas também à racial. Muitos romances regressam à infância, a um período ainda isento da angustiante consciência de deslocamento cultural e muitas vezes vinculam o processo de maturação a um senso específico de perda.

Os romances considerados tendem a inquietar-se com a história de formação das sociedades caribenhas: a colonização e as suas consequências, os efeitos da escravidão, o significado ou a falta de sentido da independência. As escritoras se preocupam com a formação da sociedade, com a formação do indivíduo, com a sua recuperação e a sua reavaliação. Este reavivamento revela um novo contar da história colonial e de suas consequências, uma reexpressão de perspectivas declaradas inadequadamente, uma reescrita de pontos de vista apresentados por outros escritores, simplesmente revelando as histórias de modo que muitos dos temas se

¹⁴⁴ Questão 1 da entrevista realizada com Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013. Vide Apêndice 1, páginas 269 e 270.

sobrepõem aos anteriormente explorados. E essas escritoras, além disso, têm uma atenção a assuntos relacionados à sexualidade feminina e às correlações homem/mulher.

Nos enredos analisados, a condição social feminina revelou-se valiosa e complexa, entrelaçando ideias alternativas e mais adequadas à realidade, que exigem leituras para além da dicotomia sexo-gênero, gerando discussões teóricas, epistemológicas, políticas e éticas. Ressaltamos a relevância da perspectiva da interseccionalidade entre raça, gênero, classe social, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença, a fim de compreender os níveis de identidade sobre os quais a cultura de origem africana em Antígua é constituída, mapeada através de deslocamentos, atravessamentos e transformações - objetivos e subjetivos - que as escritoras vivem ou viveram, sejam em suas práticas ou em suas formulações e reflexões.

A construção da identidade afrodescendente de Antígua foi amplamente retratada nas narrativas, elaboradas em uma perspectiva pós-colonial que destaca a magnitude atribuída ao ambiente familiar na construção da identidade do indivíduo. Para que compreendamos a construção da identidade enquanto resultado das experiências culturalmente híbridas que o sujeito passa a entrar em contato e que moldam a vida contemporânea ininterruptamente, não podemos deixar de considerar o papel que o passado desse indivíduo (ou dessa nação) representa para a sua visão do presente e perspectivas futuras. As personagens consideradas assumiram múltiplas identidades, ao passo que procuraram por distintas formas de refazer-se, em uma busca constante por uma identidade que se apresentou inacabada, deslocada, em permanente edificação.

As personagens autobiográficas representaram o sujeito da diáspora, marcadas por um percurso descontínuo de negação da sujeição causada pelos conflitos coloniais de outrora e as novas experiências culturais em um espaço que rejeitavam, que contrastava com o caráter híbrido de sua personalidade, mas que ao mesmo tempo elas absorveram, seja por inclusão ou rejeição. Os enredos que se propuseram a utilizar os moldes autobiográficos e dessa maneira abordar questões (pós) coloniais, de migração e valorização da identidade nacional, propositando o (re) posicionamento do sujeito, tornaram-se essencialmente intrincados, na medida que dispuseram o indivíduo no espaço da diáspora enquanto ser geralmente desenraizado. Nesse sentido, muitas escritoras pós-coloniais priorizam narrações fictícias, ao invés do relato de suas experiências próprias.

Embora essas escritoras possuam abordagens variadas para temas e tópicos respectivos, se encontram, inegavelmente, em constante diálogo entre si e também com o universo literário. Não

obstante, os seus trabalhos desafiam e criticam severamente os valores eurocêntricos, o colonialismo, o patriarcado e a narrativa linear. Coletivamente, os seus romances nos apresentam um espaço cultural feminino onde as ordens patriarcais e o eurocentrismo são categoricamente interrogados.

Ao articularem realidade e ficção, as narrativas capturaram a sublimidade do ambiente, juntamente com o efeito pós-sofrimento e trauma. Cada texto moveu-se entre memória e imaginação, apreendendo um sentido complexo de espaço que é simultaneamente atrativo e repulsivo. A adversidade relativa à identidade caribenha foi retratada através do temor, dado o sentido de perda que acometeu as personagens e as vozes presentes nas histórias, e que as conduziram em direções variadas, quer elas reconhecessem ou não tal fato. Os temas abordados são, portanto, diversificados, e as tensões familiares tomaram corpo e influenciaram ativamente o percurso das personagens.

As escritoras caribenhas estrategicamente dispuseram do *coming of age* quando pretenderam relativizar a questão de identidade e demonstrar os contextos discrepantes e ambivalentes inerentes ao sujeito oriundo de uma nação colonial, onde o cenário neocolonial aparecia como consequência e se mostrava mais significativa do que os fragmentos derivados do patriarcado. Ao polemizar as contradições entre o indivíduo pós-colonial e a história que lhe foi atribuída, as narrativas expuseram pontos diversificados à medida que foram escritas de acordo com os critérios históricos pertinentes aos adventos do colonialismo, da escravidão e as consequências decorrentes.

Em nossa visita à *Antigua Girls School*, em novembro de 2013, a professora do ensino básico Zahara Hall declarou que tanto *Annie John* quanto *Lucy* não representam a nova geração de estudantes em determinados aspetos, pois esses vivenciam novas transformações em contextos familiares e educacionais, distintos dos abordados nessas obras. Os romances, portanto, mais analisados em sala de aula entre os alunos são os do grupo de escritores pós-coloniais contemporâneos de Antígua, a exemplo dos de autoria de Joanne Hillhouse. O trabalho com essas obras e com os poemas de escritores nativos possuem resultados satisfatórios por parte dos alunos, que podem relacionar as suas próprias experiências com as das personagens, além de pesquisar a respeito de figuras históricas locais mencionadas nos enredos, analisar outras culturas caribenhas de ilhas vizinhas que são retratadas, identificar-se com os provérbios e a linguagem das personagens, com o dialeto crioulo e as características culturais em geral, ocasionando uma

apreciação pelos costumes locais. O romance *Annie John*, apesar de ser também abordado em aula, e de proporcionar aos alunos identificarem-se devido à referência a *Antigua Girls School* feita na obra, não leva, entretanto, às suas realidades os contextos que infere. Para Airall, a linguagem do romance é muito saturada para os estudantes e o contexto não condiz com a realidade contemporânea:

Oh, *Annie John* is also taught, although I must admit I am not a fan of it. I find the language too saturated for the students. And while the girls at the school liked the reference to their school in the novel, some of the 'innocent' context was lost on their 21st century minds.¹⁴⁵

A partir dessa afirmação e também da percepção de que Jamaica Kincaid não é uma autora estimada pelos seus conterrâneos em geral, que em grande parte consideram a sua escrita ofensiva, alicerçada apenas nos aspetos negativos de Antígua, que não abrange o estrato social diversificado da ilha e que a própria autora não apresenta um sentido de nacionalismo, nutrindo um sentimento de desgosto para com a sua terra natal, pode-se deduzir o porquê de seus romances serem mais difundidos em contextos escolares norte-americanos, por exemplo, do que em Antígua. Outra inferência que se correlaciona com a avaliação da professora é a de que o panorama colonial e temporal- década de 60 — no qual se baseiam os romances de Kincaid fogem das expectativas dos estudantes contemporâneos, que não vivenciaram a história colonial de Antígua e porventura não estabelecem a mesma relação com as adversidades atuais em âmbito social, económico e de identidade, contextualizados pela escritora.

A afinidade entre as percepções diaspóricas e o discurso literário possibilita a consciência crítica por parte das escritoras em contextos migratórios, oportunizando o seu potencial de agenciamento através das narrativas. A situação de diáspora exorta a criação de memórias autobiográficas que são concebidas a partir do momento que o sujeito feminino adquire plena convicção de que o seu lar é um espaço de afeto, porém não mais desejável, ensejando, portanto, a necessidade de afastamento. O ato de partir ajusta as condições para a probabilidade de estruturação do encadeamento narrativo e de independência. Finalmente, essa ação configura uma resposta para os vários distanciamentos experimentados. No âmbito do silenciamento proveniente da prerrogativa (neo) colonial, a faculdade do discurso traduz-se imperiosa. Dessa forma, da posição de objetos na configuração das narrativas dos discursos dominantes, essas escritoras, através de suas vozes, passam à condição de sujeitas.

¹⁴⁵ Entrevista realizada com Zahara Hall, professora da educação básica, na *Antigua Girls School*, em Antígua, em novembro de 2013.

A produção literária caribenha tem alcançado maior evidência nas últimas décadas, delineando os ciclos dessa trajetória, narrando e produzindo os caminhos para uma maior aproximação entre as produções de autorias marcadas pelos seus locais de pertencimento, em contextos diversos. Ao longo desse percurso, houve deslocamentos subjetivos e coletivos e a literatura contemporânea tem focado nesses novos espaços através de personagens femininas reais na ficção que as escritoras têm levado a público.

Considerações finais

As escritoras pós-coloniais de Antígua e as suas estratégias textuais: (re) negociações de identidade

Nos últimos anos, houve um avanço no âmbito da produção intelectual acerca dos estudos caribenhos, através de uma criação literária que retoma o passado histórico das ilhas, marcado pela perspectiva da colonização, da escravidão e da sujeição aos países europeus, evidenciando a necessidade de reflexão a respeito da sua duração e consequências. Por conseguinte, refletir a partir de textos literários produzidos por escritores caribenhos propicia a reconfiguração da cartografia imaginária dos construtos culturais, sendo a memória um instrumental significativo para a ocorrência do texto literário que não é concebido nos termos do cânone, mas abrange formas expressivas diversas, divergentes e transgressoras, constituindo tanto narrativas de resistência e de tradição, como linguagens e performances poéticas contemporâneas que expressam experiências diversas relacionadas a questões sociais, culturais, históricas e psicológicas que consideram a imbricação das relações sociais de sexo, raça e classe, em uma concepção descolonial e antirracista.

Essas composições de saberes são tecidas à luz de experiências vivenciadas em contexto colonial e pós-colonial, sustentadas em diferentes medidas em referenciais oriundos das distintas tradições de origem africana que perduraram e foram recriadas ao longo dos séculos, em momentos diversos. Historicamente, os escritores têm executado atos distintos de reação às estruturas dispostas, de maneira a suprimir os poderes constituídos. Os espaços sociais têm sido reconfigurados e transformados em espaços políticos para composição de ações emancipatórias e em palco para reflexões conceituais e geração de saberes. São esferas de elocução de identidades políticas contrárias à dominação e à exploração, instituídas por hierarquias multifacetadas produzidas pela afluência do racismo, do sexismo e das diferenças de classe. A determinação de fronteiras inerentes à análise literária, principalmente quando provocadas por vieses sexistas, classistas ou racistas, por diversas vezes implicou em apreciações superficiais e estereotipadas, ocasionando a desqualificação ou o esquecimento de autoras cujas obras foram posteriormente resgatadas por investigações que reconsideraram a sua relação com o contexto cultural e intelectual em que viveram e produziram os seus escritos. Nessa disposição, despontam outras teorias e conceitos com a finalidade de eliminar explicações universalistas e de sustentar as novas questões e as novas formas de refletir o sujeito em suas diversas relações e experiências situadas, a exemplo de tendências do feminismo protagonizadas por mulheres negras.

Ao elaborarmos o projeto dessa tese de doutoramento, nossa proposta foi o exame do objeto literário caribenho pós-colonial, a partir da lente dos Estudos Culturais que procuram valorizar

a produção artística originária de segmentos subalternos, dentre os quais a literatura produzida por mulheres, que conseguiu adquirir visibilidade, além de possibilitar o exame da representação de personagens femininas em obras de autoria tanto feminina como masculina. Durante o processo de investigação, procuramos dar enfoque às configurações das relações de gênero na literatura caribenha de autoria feminina, mais especificamente da ilha de Antígua, propondo a abordagem desse tema em textos literários produzidos a partir de diferentes posições de sujeito, tanto abordando os estudos de gênero, quanto as tensões decorrentes dos contextos coloniais e pós-coloniais quando relacionadas à questão anterior, considerando que os seguimentos que atualmente denominamos de descolonizadores referem-se não apenas aos aspectos macrossociais ou políticos, mas também individuais, visto que antes de descolonizar os vínculos entre os povos, faz-se necessário descolonizar pensamentos opressores impostos a corpos e desejos.

Ao abordarmos a produção literária de autoria feminina de Antígua, a partir de concepções críticas diversificadas, realçamos o discurso de escritoras cujas obras de algum modo desafiam os padrões hegemônicos, de forma a compreender de que modo a literatura constitui um referencial de análise fundamental na reconstrução de processos culturais e mais especificamente depreender como as vozes femininas se posicionam, a partir de seus romances, frente às questões existenciais, culturais, económicas e históricas, em interseção com outros marcadores sociais de diferença como raça, etnia e classe, para se constituírem e se reconfigurarem, possuindo como pilares uma orientação epistêmica e olhares críticos sobre as condições nas quais os debates sobre tais elementos vêm sendo produzidos. Estivemos atentos a questões como deslocamentos e a processos de (des/re) territorialização e fronteirização. Por outro lado, coube-nos refletir acerca da apreensão que se manifesta a partir de temas como gênero, fronteira, sexualidade, alteridade e entre as dimensões de centro e margem, negro e branco, além de outras categorias contrapostas, e da imensidade de relações, práticas, transações, estratégias e sujeitos que a partir delas se expressam, questionando os paradigmas sociais dominantes.

O movimento social e o pensamento crítico feminista têm feito contribuições significativas para os processos de desconstrução e confronto com o conhecimento e as práticas hegemônicas do patriarcado, para tornar-se, desde a sua criação, um espaço de resistência, de práticas questionadoras e de alternativas éticas aos modelos dominantes. Uma de suas principais características é a reflexão a partir das condições de subordinação das mulheres, em particular das mais excluídas. Nesse sentido, reconhecemos que as mulheres não são um grupo homogêneo ou estável no tempo e no espaço. O sujeito "mulheres", enquanto categoria política, articula-se a

realidades e a materialidades específicas, como também a suas memórias e histórias de subordinação e experiências de resistência e lutas. É a partir dessa diversidade de experiências que os feminismos constroem visões emancipatórias que transcendem o simples quadro dos direitos liberais. Essas visões levam-nos a perceber a multiplicidade de opressões que as mulheres vivem, bem como as matrizes dessa opressão patriarcal que cruzam com a racista, a classista, a heterossexista, dentre outras. Os feminismos produzem novas interpretações que analisam a constituição do poder, do ponto de vista da subalternidade. A partir dessa perspectiva, como proposta epistêmica, os feminismos que são construídos entre a América Latina e o Caribe têm originado novas categorias de análise a partir do descolonial e do pós-colonial, gerando um conhecimento situado, profundamente enraizado nessas realidades. Enquanto sujeito político e construção teórica, em suas múltiplas expressões se torna um espaço privilegiado para o exercício da troca de saberes, conexões de práxis e força coletiva voltada para a contestação e a superação de hierarquias, de desigualdades e de antagonismos. Como movimento social, se conecta com a conjuntura de cada época histórica, explicitando bandeiras, programa e ação política que conformam ao mesmo tempo um exercício de consciência militante, associada à construção de uma identidade coletiva e definição estratégica, que indica um projeto mais amplo de uma nova ordem societária. Pactuamos sobre a construção do feminismo enquanto movimento social emancipatório que articula as dimensões de classe, raça/etnia e sexo como mediações de uma apolítica de unidade e ação coletiva.

O pensamento feminista negro tem trazido inegável contribuição às teorias críticas contemporâneas, sobretudo por estabelecer uma estreita conexão entre prática e teoria. A partir de uma perspectiva descolonial, tem contribuído para novas concepções e teorias que abordam a multiplicidade de formas de opressão e o desenvolvimento de novas estratégias de libertação. Nesse sentido, encontra-se a indissociável essência da opressão de gênero, classe, raça, sexualidade. Tal contribuição é certamente tributária de um maior entendimento da experiência das mulheres negras e de suas formas específicas de opressão, assim como da necessidade de se construir ferramentas teóricas que deem conta da complexidade vivida. Do ponto de vista epistemológico, as teorias feministas e as feministas negras reivindicam a centralidade do corpo na produção do conhecimento. O propósito da produção de conhecimento sobre gênero, raça, corpo e sexualidade em conexão com as práticas discursivas que destacam a corporalidade e a subalternidade como elementos importantes para a compreensão das desigualdades, resistência e produção de saberes diversos.

Através da análise de personagens femininas que permearam o imaginário das autoras destacadas nessa tese e que foram personificadas por meio de suas produções literárias, procuramos compreender a essência do discurso instaurado contra as distintas manifestações do patriarcado. Os estudos da literatura de expressão feminina partem do pressuposto de que a sociedade sempre valorizou as visões e as vozes masculinas, em detrimento das femininas. Tais estudos assumem, portanto, o papel de desmascarar a repressão dos papéis femininos legitimados pela ideologia dominante na sociedade e pela literatura canônica. As obras ressignificam o passado através da ficção, ou seja, são releituras da história por meio da literatura. Demos enfoque à repercussão literária da representação feminina na contemporaneidade à luz dos estudos pós-coloniais, a fim de promover uma reflexão acerca do poder que a literatura possui de influenciar, bem como as suas contribuições no sentido de motivar a compreensão acerca dos impactos culturais no comportamento, no empenho na aquisição de direitos e na participação da mulher na condição de autora e/ou leitora de obras que retratam o seu papel nas diferentes esferas sociais.

Ao disporem dos enredos de seus romances como recursos para apropriar o espaço, as escritoras estudadas fizeram esculpir no corpo das personagens a construção da identidade, baseando suas narrativas nos aspectos culturais de uma sociedade multifacetada- cuja diversidade identitária não é construída sobre o padrão de uniformidade- com enfoque em situações de deslocamentos, cruzamentos e interseccionalidades, intensificando questionamentos sobre as categorias naturalizadas e os modelos hegemônicos, de forma a demarcar os momentos distintos de ruptura, dar voz às minorias, aos grupos silenciados pela força política, pelo preconceito e pela discriminação racial. A contribuição dessas autoras ao pensamento contemporâneo tem sido, por um lado, a desconstrução dos paradigmas etnocêntricos do sistema moderno-colonial-patriarcal, e, por outro lado, a proposição de sistemas outros de saber-poder, que descortinam possibilidades de novos agenciamentos políticos e de construção de epistemologias heterodoxas e não hegemônicas. Desse modo, essa produção literária assume, na contemporaneidade, feição marcadamente plural, transnacional, profundamente implicada nos movimentos e nos fluxos de indivíduos e nas redes de saberes e práticas construídas como formas de resistência e sobrevivência.

Não devemos esquecer que, em muitos casos, mesmo escritoras que logram alcançar algum reconhecimento público ou recepção crítica são posteriormente submetidas a processos de avaliação arbitrários. Por vezes, são negligenciadas pela historiografia literária, havendo aspectos de sua produção que permanecem alheios à crítica tradicional, mas que podem ser considerados inovadores ou revolucionários a partir de um ponto de vista feminista, anti-colonial e antirracista.

Nesse contexto, torna-se incontestável a interlocução entre linhas teóricas e metodológicas, de maneira a instituir um espaço favorável para o debate em torno das possibilidades distintas de avaliação da produção literária de autoria feminina.

Através das reflexões propostas pelos romances, perpassamos pelas instâncias teóricas do processo de leitura, assim como pela ponderação em torno dessas escritas ficcionais que tentam reler o passado. Fazer uma releitura de seu passado histórico, na contemporaneidade, através das múltiplas possibilidades da escrita ficcional, constitui-se uma alternativa singular para a ainda imprescindível descolonização intelectual. As diversas dificuldades nos processos de comunicação entre povos soberanos e dominados resolviam-se por via da tradução/ interpretação, domínios linguísticos que, entretanto, foram usados a favor do colonizador, ocasionando a anulação da cultura baseada na oralidade, ao impor a escrita em benefício do exercício de poder, um procedimento alheio ao universo existencial dos povos, que em muito afetou parte de sua identidade. A descolonização não deve ter como propósito apenas a conquista da independência política, antes, sobretudo, a eliminação de todos os modos coloniais de poder e de controle que presumivelmente se expandem mesmo em uma nação politicamente independente, através do poder e do controle sobre grupos subalternos. O feminismo e o pós-colonialismo devem amparar-se, cada qual abordando contextos inexplorados pelo outro. A voz feminina na literatura pós-colonial tem ampliado e redefinido a compreensão do desenvolvimento social e do seu papel no acercamento cultural à alteridade. Ao incorporar suas vozes múltiplas, a narrativa feminina entretece uma imagem pluri-identitária da mulher, da sociedade e da realidade de sua região.

Nas sociedades contemporâneas, cada vez mais as migrações nacionais, internacionais e transcontinentais relativizam as proposições essencialistas historicamente fundadas sobre os gêneros, assumindo que as representações sobre mulheres e homens são diversas e plurais nos itinerários migratórios. Da mesma forma, o sentido que as mulheres conferem aos movimentos migratórios são igualmente diversificados e ampliam as possibilidades de análise da mobilidade humana nas suas mais diversas realidades e contextos que implicam deslocamentos compulsórios, transfronteiriços, transcontinentais, situações de refúgio, exílio, migrações irregulares, dentre outras categorias. Nos inúmeros trânsitos migratórios, observamos que as concepções de gênero, identidade e cidadania diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao considerarmos os diversos grupos- étnicos, raciais e de classe- que a constituem. Entretanto, a questão de gênero segue ainda pouco valorizada nas análises das migrações, especialmente no que se refere aos estudos migratórios alicerçados quase que

exclusivamente nas questões relacionadas à mobilidade do trabalho historicamente baseada na migração eminentemente masculina. Na atualidade, todavia, é inegável o fenômeno da “feminização das migrações” que apontam as mudanças protagonizadas pelas mulheres nos mais diversos contextos migratórios, indicando um aumento quantitativo de mulheres em trânsitos migratórios, conferindo-lhes maior visibilidade e contribuindo para um maior empoderamento das mulheres e para a promoção de seus direitos. O enfoque teórico da “feminização da migração” questiona a herança dos estudos migratórios que historicamente omitiram ou não mensuraram a presença das mulheres nas suas análises e metodologias.

As migrações costumam figurar o lado visível de fenômenos espaciais que dizem respeito à movimentação das relações socioespaciais. Como mobilidade humana, é um sintoma de amplas transições nos bastidores da história. Deixar para trás a casa, a terra natal, a família, isto é, forçosamente, sair do lugar – físico e social. Na América Latina e no Caribe, encontram-se, ao longo da história, diferentes e significativos fluxos de população. Nessas regiões, as mulheres se organizam e resistem de diferentes formas. Os deslocamentos contemporâneos implicam transformações e transições. Homens e mulheres migrantes são em geral colocados em situações de subalternidade marcadas por desigualdades e por diferenças de raça, de etnicidade, de gênero, de classe social, de orientação sexual, entre outras. Os estudos sobre a presença das mulheres nas migrações têm alcançado centralidade. Nas últimas décadas, as investigações foram ainda enriquecidas por análises com perspectiva de gênero e/ou feministas, em parte devido aos crescentes processos de feminização dos fluxos migratórios, bem como aos impactos desses movimentos nos processos de identificação de homens e mulheres. Tais análises que consideram a migração tendo como perspectiva a categoria gênero, têm procurado pensá-la a partir de um olhar relacional que a conceba como se referindo a homens, a mulheres e a suas experiências tanto nas sociedades de origem, quanto nas de destino. O fenômeno migratório deve ser analisado de maneira a contemplar como os marcadores de gênero, raça e etnicidade impactam nas trajetórias de homens e mulheres migrantes, possibilitando que negociem e ou redefinam suas posições nas relações sociais, familiares e de gênero.

Compreendemos que a arte literária, assim como as demais formas de expressão artística, colaboram tanto para a descolonização da cultura normatizadora dos gêneros sociais, quanto para a própria reflexão criadora dessas transições, configurações, tensões e diálogos. Na literatura, a tessitura do enredo se constrói a partir dos encontros sociais. O espaço do diálogo, ainda que interno, e do conflito, a enriquecem e alimentam porque é justamente nesse espaço em que se

manifesta o diverso através do qual os leitores se identificam. Contemporaneamente, é fundamental que também nesse espaço não apenas encontremos a nós e aos outros, mas que possamos refletir sobre como isso se manifesta. Nossa proposição é expandir o debate interseccional dos estudos feministas, de género e pós-coloniais.

Apesar de abordarem de formas distintas as circunstâncias que evocam a identidade cultural de Antígua, os romances analisados evidenciam elementos e perspectivas que representam a identidade pós-colonial desses sujeitos. As autoras das obras analisadas multiplicam perspectivas não apenas através do reexame de acontecimentos semelhantes, mas também demonstram como experiências análogas ocorrem repetidamente ao longo de um período prolongado. Com base na análise de características comuns às personagens, verificamos o quanto as mesmas são representativas de um coletivo que é afetado pela história comum de colonialismo e de escravidão. Através das genealogias fictícias de personagens distintas, mas notavelmente semelhantes nesse âmbito, as obras examinam o desenvolvimento histórico das condições sociais atuais.

A literatura como forma de resistência constitui o lugar da experimentação da linguagem e da crítica. A resistência se instala como signo norteador de sua performance crítica, pois encontrar veredas originais por meio da investigação e da experimentação é o seu modo de construir a expressão da cultura e da história no seu movimento de reciclagem dos paradigmas. Resistir ao movimento retilíneo da história para instaurar os nós que rompem o comum, ao autoritarismo da própria linguagem, aos discursos redutores do alcance crítico dos géneros e sua força regenerativa, em suma, resistir ao discurso modelar de um pensamento monológico: eis a que se volta a Literatura, que tem como função renascer de si mesma, à revelia do autoritarismo de toda a linguagem.

Finalizamos essa tese expressando a nossa intensa admiração pela cultura caribenha, mais especificamente a de Antígua, cujo processo de investigação que permitiu o cruzamento através de disciplinas e contextos diversos, favoreceu o trânsito por espaços em encontros humanos de realidades peculiares. O percurso viabilizou não uma atração pelo exotismo em torno do sujeito caribenho, mas a singularização e a sensibilidade encontradas em cada romance analisado e na realidade vivenciada, em uma tentativa de aproximação e de compreensão dessa cultura, nunca com um imaginário estereotipado.

Referências

- Ahmad, N. (2011). *Soils of the Caribbean*. Jamaica: Ian Randle Publishers.
- Aitschison, C. (2001). Theorizing Other discourses of tourism, gender and culture: Can the subaltern speak (in tourism)? London, Thousand Oaks and New Delhi: *Sage Publication*, v. 1, n. 2, p. 133-147.
- Alcott, L. M. (2000). *Little women*. New York: Modern Library.
- Almeida, S. R. G. (2002). Gênero, Identidade, Diferença. Aletria: *Revista de Estudos de Literatura*, 90-97.
- Almeida, S. R. G. (2013). Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 2, 689-700.
- Anderson, B. (2006). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London and New York: Verso.
- Anim-Addo, J. (1996). *Framing the word: gender and genre in caribbean women's writing*. London: Whiting and Birch.
- Antigua Country Review (2012). Relatório Global Gender Gap do Fórum de Economia Mundial. Retirado de <http://www.weforum.org/en/Communities/Women%20Leaders%20and%20Gender%20Parity/GenderGapNetwork/index.htm>
- Appiah, A. (1990). *Early african- american classics*. New York: Bantman.
- Araújo, A. M. (2008). A construção da cultura afro- descendente de Trinidad a partir da chegada de imigrantes indianos (1845-1875). *Revista Ágora (Vitória)*, 7, 1-25.
- Arnold, A. J. (1999). *Modernism & negritude: the policies and poetics of Aimé Césaire*. Cambridge: Harvard University Press.
- Ashcroft, B., Griffiths G., & Tiffin, H. (1998). "Ambivalence". In Ashcroft, B., Griffiths G., & Tiffin, H. *Key Concepts in Post- Colonial Studies*. New York: Routledge.
- Ashcroft, B., Griffiths G., & Tiffin, H. (1989). *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*. London and New York: Routledge.
- Asis, M. M. B. (2006). Living with migration: Experiences of left behind children in the Philippines. *Asian Population Studies*, 2, 45- 67. Doi: 10. 1080/ 17441730600700556.
- Augustoni, P., & Viana, A. (2010). A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola. *IPOTESI*, 14 (2), 189-205.
- Azevedo, E. R., & Herbold, H. (1986). *Caribe: o paraíso submetido*. São Paulo: Brasiliense.
- Azevedo, M. M. (2008). A Expansão da Representatividade do "Eu" no Discurso Autobiográfico de Jamaica Kincaid. *Revista Letras*, 75 (75/76), 93-109.
- Bakker, C., Elings- Pels, M., & Reis, M. (2009). *The impact of migration on children in the Caribbean*, UNICEF Office for Barbados and the Eastern Caribbean. Retirado de <http://www.unicef.org/barbados/Impact of Migration.pdf>
- Barber, S. (2012). Who owns knowledge? Heritage, intellectual property and access in and to the history of Antigua and Barbuda. *Archival Science: International Journal on Recorded Information*, 12 (1), 1-17.

- Battistella, G., & Conaco, M. C. G. (1998). The impact on labour on the children left behind: A study of elementary school children in the Philippines. *Sojourn: Journal of Social Issues in Southeast Asia*, 13 (2), 220-241.
- Bauman, Z. (1995) *Life in fragments: essays in postmodern morality*. Oxford and Cambridge, MA: Blackwell Publishers.
- Beauvoir, S. (1949). *O segundo sexo*. Sergio Milliet (Trad., 2014). Rio de Janeiro Nova Fronteira.
- Beer, G. (1989). Discourses of the island. In Amrine, F. (Ed.). *Literature and Science as Modes of Expression* (Vol. 115, pp. 1- 27). Dordrecht and Boston: Kluwer Academic Publishers.
- Besson, J., & Momsen, J. (2007). *Caribbean land and development revisited*. New York and England: Palgrave Macmillan.
- Bhabha, H. (1983). The Other Question...*Homi Bhabha Reconsiders the Stereotype and Colonial Discourse Screen*, Volume 24, Issue 6, 1 November 1983, pp. 18–36.
- Bhabha, H. (1989). The Commitment to Theory. In Pines, J. & Willemen, P. (Eds.). *Questions of third cinema*. London: BFI Pub.
- Bhabha, H. (1994). *The location of culture*. London: Routledge.
- Blunt, A., & Rose, G. (1994). *Writing women and space: colonial and post-colonial geographies*. New York: Guilford Press.
- Boehmer, E. (2005). *Colonial & postcolonial literature*. Oxford: Oxford University Press.
- Bonnici, T. (2006). "Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês". *Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá*, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006.
- Bouson, J. B. (2005). *Jamaica Kincaid: writing memory, writing back to the mother*. Albany: State University of New York Press.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52, 664-678.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: clinical applications of attachment theory*. New York: Routledge.
- Brathwaite, K. (1957). 'Sir Galahad and the Islands'. *Bim*, 25: 8-16.
- Brathwaite, K. (1984). *History of the Voice Development of Nation Language in Anglophone Caribbean Poetry*. London: New Beacon Books Ltd.
- Breen, T. H. (1984). Creative Adaptations: Peoples and Cultures. In Greene, J. P. & Pole, J. R. (Eds.). *Colonial British America: Essays in the New History of the Early Modern Era* (pp. 195-232). Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28 (5), 759-775.
- Burns, L. (2008). Landscape and Genre in the Caribbean Canon: Creolizing the Poetics of Place and Paradise. *Journal of West Indian Literature*, 17 (1), 20-41.
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter*. London: Routledge.
- Byerman, K. E. (1995). Anger in a small place: Jamaica Kincaid's cultural critique of Antigua. *College Literature*, 22 (1), 91-102.

- Campbell, E., & Frickey, P. (1998). *The whistling bird: women writers of the Caribbean*. Colorado: Lynne Rienner Publishers.
- Cassin, F. (2002). *With silent tread*. Evelyn O'Callaghan (Ed.). Oxford: Macmillan.
- Cecchetto, F. R. (2004). *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Césaire, A. (1950). *Discourse on colonialism*. Tradução de Joan Pinkham (1972). New York and London: Monthly Review Press.
- Césaire, A. (1967). *The wretched of the earth*. Tradução de Constance Farrington. New York: Grove Press.
- Chamberlain, M. (1997). *Narratives of exile and return*. New Brunswick and London: Transaction Publishers.
- Charles, K. (1997). "Tourism Education and Training in the Caribbean: Preparing for the 21st Century." *Progress in Tourism and Hospitality Research*. USA, Vol. 3, p. 189–197.
- Cliff, M. (1990). Women Warriors: Black Writers Load the Canon. *Village Voice Literary Supplement*, 85, 20-22.
- Cobham, R. (1995). The Background. In King, B. (Ed.). *West Indian Literature* (pp. 11-26). London: Macmillan.
- Cohen, C. B., & Mascia- Lees, F. E. (1993). 'The British Islands as nation and destination: representing and siting identity in a post- colonial Caribbean', *Social Analysis*, Vol. 33, pp. 130-51.
- Columbus, C. (1493). Letter. In Hulme, L. & Whitehead, L. N. (Eds.). *Wild Majesty: Encounters with Caribs from Columbus to the Present Day, An Anthology* (1992, p. 14). Oxford: Clarendon Press.
- Combie, V. K. (2014). Concept of Home and Family: A Review of Joanne Hillhouse's Oh Gad! In Henry, P. (Ed.). *The Antigua and Barbuda Review of Books* (Vol. 7, N.1, pp. 39- 50). Antigua and Barbuda Studies Association.
- Condé, M. (1994). Pan- Africanism, Feminism, and Culture. In Lemelle, S. J. & Kelley, R. D. G. (Eds.). *Imagining Home: Class, Culture, and Nationalism in the African Diaspora* (pp. 55-65). London and New York: Verso.
- Connell, R. W. (1998). *Gender and power: society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press.
- Coombs, Orde 1970. "West Indians in New York: moving beyond the limbo pole." *New York Magazine* 13: 28-32.
- Coram, R. (1993). *Caribbean time bomb: The United States' complicity in the corruption of Antigua*. New York: William Morrow & Co.
- Coronel, F. K., & Unterreiner, F. (2008). *Increasing the impact of remittances on children's rights*. New York: UNICEF, Division of Policy and Practice.
- Cortes, R. (2007). *Remittances and children's rights: an overview of academic and policy literature*. New York: UNICEF, Division of Policy and Planning.
- Coulthard, G. R. (1962). *Race and colour in Caribbean literature*. London: Oxford University Press.

- Craton, M. (1976). *Slavery, abolition and emancipation: black slaves and the British empire*. London: Longman.
- Crawford- Brown, C. (1997). The impact of parent-child socialization on the development of conduct disorder in Jamaican male adolescents. In Roopnarine, J. L. & Brown, J. (Eds.). *Caribbean families: Diversity among ethnic groups* (pp. 205-222). Norwood: Ablex.
- Crawford- Brown, C. (1999). *Who will save our children? The plight of the Jamaican child in the 1990s*. Kingston, Jamaica: Canoe Press University of the West Indies.
- Crist, R. E. (1954). Changing Cultural Landscapes in Antigua. B.W.I, *The American Journal of Economics and Sociology*, 13 (3), 225-232.
- Cruz, D. T. (1998). Fragmentação e perda de identidade na literatura caribenha: condição (pós) moderna ou (pós) colonial? *Estudos linguísticos e literários*, 21/22, 129-148
- Cruz, D. T. (2000). O discurso do outro na literatura pós-colonial caribenha de língua inglesa, *Estudos linguísticos e literários*, 25/26, 142-164.
- Cudjoe, S. R. (1989). *Interview with Jamaica Kincaid*. Callaloo 12.
- Dalleo, R. (2008). Nationalism and the Formation of Caribbean Literature. *Journal of West Indian Literature*, 17 (1), 79-87.
- Das, B. K. (1999). *Critical essays on post-colonial literature*. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors.
- Davies, C. B. (1994). Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject. In Savory, E. *Anglophone Caribbean literature* (pp. 711-758). London, Routledge.
- Davis, A. (1981). *Women, race and class*. New York: Random House.
- Davis, G., & Davis, M. (1973). *Antigua black: portrait of an island people*. San Francisco: Scrimshaw Press.
- De Abruna, L. N. (1988). Twentieth-Century Women Writers from the English- Speaking Caribbean. *Modern Fiction Studies*, 34 (1), 85-96.
- Dela Garza, R. (2010). *Migration, development and children left-behind: a multidimensional perspective*. New York: UNICEF, Division of Policy and Practice.
- Derrida, J. (1981). *Positions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Dillon, M., & Walsh, C. A. (2012). Left Behind: The Experiences of Children of the Caribbean Whose Parents Have Migrated. *Journal of Comparative Family Studies*, 43 (6), 871-902.
- Dobson, M. E. (2009). Unpacking children in migration research. *Children's Geographies*, 7 (3), 355-360.
- Drayton, K. (1977). Education Perspectives for a New Caribbean. In Davis, K. *Moving into Freedom*. Barbados: Cedar Press.
- Duster, T. (1990). *Backdoor to Eugenics*. New York: Routledge.
- Duval, D. T. (2004). Cultural tourism on postcolonial environments: negotiating histories, ethnicities and authenticities in St. Vincent, Eastern Caribbean. in Hall, C. M. & Tucker, H (Eds.). *Tourism and Postcolonialism: Contested discourses, identities and representations*, London and New York, Routledge, pp. 58-75.

- Dyde, B. (1999). *Antigua and Barbuda: heart of the Caribbean*. London and Basingstoke: Macmillan Education Ltd.
- Dyde, B. (2000). *A history of Antigua: the unsuspected isle*. London and Oxford: Macmillan Education Ltd.
- Edwards, J. (2007). *Understanding Jamaica Kincaid*. South Carolina: University of South Carolina Press Columbia.
- Erismán, H. Michael (1983) Tourism and cultural dependency in the West Indies. *Annals of Tourism Research*. V. 10, n. 3, p. 337-362.
- Essed, P. (1991). *Understanding everyday racism: an interdisciplinary theory*. Newbury Park, CA: Sage.
- Essed, P. (1996). *Gender, color, and culture*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- Esteves, A. R. (1997). Literatura e História: um diálogo produtivo. In Reis, L. F. (Coord.). *Estudos & Pesquisas: fronteiras do literário* (pp. 65-73). Niterói: EDUFF.
- Fanon, F. (1952). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira (2008). Salvador: EDUFBA.
- Fanon, F. (1961). *The Wretched of the Earth*. Constance Farrington (Trad.). New York: Grove Press.
- Fanon, F. (1967). *Black Skin, White Masks*. Charles L. Markmann (Trad.). New York: Grove Press.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- Fanon, F., & Haddour, A. (2006). *The Fanon reader: Frantz Fanon*. London: Pluto.
- Ferguson, J. (2003). *Migration in the Caribbean: Haiti, the Dominican Republic and Beyond*, (Report/ 2003), United Kingdom: Minority Rights Group International.
- Ferguson, M. (1994). *Jamaica Kincaid: where the land meets the body*. Charlottesville and London: The University Press of Virginia.
- Ferguson, M. (2004). The literature of slavery and abolition. In Abiola Irele, F. & Gikandi, S. (Eds.). *The Cambridge History of African and Caribbean Literature* (Vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press.
- Finnström, S. (1997), Postcoloniality and the postcolonial: Theories of the global and the local. *Working Papers in Cultural Anthropology*, No. 7. Sweden: Department of Cultural Anthropology and Ethnology, Uppsala University.
- Foner, N. (1998). Towards a comparative perspective on Caribbean migration. In Chamberlain, M. (Ed.). *Caribbean migration: Globalized identities*. London: Routledge.
- Forbes, C. (2008). *Journal of West Indian Literature*, Bridgetown, vol. 17, Iss. 1.
- François, I. (2008). The Daffodil Gap: Jamaica Kincaid's Lucy. In Bloom, H. (Ed.). *Bloom's Modern Critical Views: Jamaica Kincaid* (pp. 79- 96). New York: Bloom's Literary Criticism.
- Frederick, R. D. (2003). "What If You're an 'Incredibly Unattractive, Fat, Pastrylike-fleshed Man'?: Teaching Jamaica Kincaid's A Small Place". *College Literature*. Pennsylvania: West Chester University, (30.3), 1-18.
- Frohnsdorff, G. (2003). "Before the Public": Some Early Libraries of Antigua. *Libraries and Culture*, 38, 1-23.

- Furnivall, J. S. (1948). *Colonial policy and practice: a comparative study of Burma and Netherlands India*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gadsby, M. M. (2006). *Sucking salt: Caribbean women writers, migration and survival*. Columbia, MU: University of Missouri Press.
- Ganapathy-Doré, G. (2010). Deconstructing the Instant-Mix Imperial Democracy: Arundhati Roy's Political Essays. In Nagy-Zekmi, S. & Zabus, C. (Eds.). *Colonization or Globalization? Postcolonial Explorations of Imperial Expansion* (pp. 79-89). Lanham, Boulder, New York, Toronto, Plymouth, UK: Lexington Books/ Rowman & Littlefield.
- Gemeda, A., & Booji, L. (1998). Violence against Oromo women by the dominant society and by members of the indigenous community. In van Achterberg, A. (Ed.). *Out of the shadows: The first African indigenous women's conference* (pp. 83-85). Amsterdam: Netherlands Centre for Indigenous People.
- Giannelli, G. C., & Mangiavacchi, L. (2010). Children's schooling and parental migration: Empirical evidence on the 'left-behind' generation in Albania. *Labour*, 24, 76-92.
- Francis, A. I. & Gikandi (Eds.). *The Cambridge History of African and Caribbean Literature* (Vol. 1, pp. 238-245). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gilroy, P. (1991). *There ain't no black in the union jack*. Chicago: University of Chicago Press.
- Gilroy, P. (1993). *The black atlantic: modernity and double-consciousness*. London: Verso.
- Gilroy, P. (1995). *The black atlantic: modernity and double-consciousness*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gouveia, E. V. (1980). *A study on the historiography of the British West Indies to the end of the nineteenth century*. Tacubaya, Mexico: Howard University Press.
- Grossberg, L. (1996). Identity and Cultural Studies: Is That All There Is? In Hall, S. & du Gay, P. (Eds.). *Questions of Cultural Identity* (pp. 87-107). London: Sage Publications.
- Guerrero-Strachan, S. R. (2005). Social Exiles and Language Refugees: the case of postcolonial authors. *The Journal of Caribbean Literatures*, 4 (1), p. 75.
- Hall, D. G. (1968). 'The Colonial Legacy in Jamaica', *NWQ*, Vol. 4, N° 3, High Season 1968, pp. 7-22, ref. p. 19.
- Hall, K., Holder, J., & Jayawardena, C. (2005). Caribbean tourism and the role of the University of the West Indies. In Jayawardena, C. (Ed.). *Caribbean tourism: visions, mission and challenges*, Kingston, Jamaica: Ian Randle.
- Hall, S. (1989). 'New Ethnicities', in *Black Film, British Cinema*. ICA Documents 7. London: Institute of Contemporary Arts.
- Hall, S. (1990). Cultural identity and diaspora. In Rutherford, J. (Org.). *Identity*. London: Lawrence & Wishart
- Hall, S. (1995). Negotiating Caribbean Identities. *New Left Review*, 1/ 209, pp. 3-14.
- Hall, S. (1996a). Quem precisa de identidade? In Silva, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Hall, S. (1996b). When was the post-colonial? In Curti, L. & Chambers, I. (Orgs.), *The Post-Colonial in Question*. London: Routledge.

- Hall, S. (1996c). *Critical dialogues in cultural studies*. D. Morley & Kuan-Hsing Chen (Eds). London: Routledge.
- Hall, S. (2013). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hall, S., & du Gay, P. (1996). *Questions of cultural identity*. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications.
- Hanson, G. H., & Woodruff, C. (2003). *Emigration and educational attainment in Mexico*. San Diego: University of California.
- Hardt, M., & Negri, A. (2001). *Empire*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Harney, S. (1996). *Nationalism and Identity: culture and the imagination in a Caribbean Diaspora*. Kingston: University of the West Indies Press.
- Henry, P. (1985). *Peripheral capitalism and underdevelopment in Antigua*. New Brunswick and Oxford: Transaction Books.
- Henry, P. (2014). Badminded Nikki: A Review of Joanne Hillhouse's Oh Gad! In Henry, P. (Ed.). *The Antigua and Barbuda Review of Books* (Vol. 7, No. 1, pp. 39- 50). Antigua and Barbuda Studies Association.
- Higman, B. W. (1999). *Writing West Indian histories*. London: Macmillan Heinemann.
- Hillhouse, J. (2002). *The boy from willow bend*. London: Hansib Caribbean.
- Hillhouse, J. (2012). *Oh Gad!* New York, London, Toronto and Sydney: Strebor Books.
- Ho, C. G. T. (1993), The internationalization of kinship and the feminization of Caribbean migration: The case of Afro-Trinidadian immigrants in Los Angeles, *Human Organization*, 52, p. 32-40.
- Hobsbawn, E. (2000). *Nations and Nationalism since 1780: programme, myth, reality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Höller, C. (2011), "An Interview with the Post-Colonialism Theoretician Achille Mbembe", *Springerin*, No. 3.2. Retirado de <http://www.springerin.at/dyn/heft.php?id=32&pos=0 &textid=0&lang=en>
- Hooks, B. (1981). *Ain't I a woman: black women and feminism*. Boston: South End Press.
- Huggins, G. F. (1969), 'The French West Indies Today', *Moko*, N° 11, p. 2.
- Hughes, R. (1999). Between the Devil and a Warm Blue Sea: Islands and the Migration Experience in the Fiction of Jamaica Kincaid. In King, R. & Connell, J. (Eds.). *Small Worlds, Global Lives: Islands and Migration* (pp. 177- 194). London and New York: Pinter.
- Hulme, P. (1992). *Colonial encounters: Europe and the native Caribbean 1492-1797*. London & New York: Routledge.
- Hurst, L. (2009). Monica Matthew's Journeycakes: A Review. In Henry, P. (Ed.). *The Antigua and Barbuda Review of Books* (Vol. 2, No. 1, pp. 56-62). Antigua and Barbuda Studies Association.
- Ianni, O. (1996). A racialização do Mundo. *Tempo Social*, 8 (1), 1-23.
- Irele, F. A., & Gikandi, S. (2004). The literature of slavery and abolition. *The Cambridge History of African and Caribbean Literature* (pp. 238-254). Cambridge: Cambridge University Press.
- Iversen, A. T. (2007). Towards a Polythetic Definition of the Bildungsroman: The Example of Paul Auster's Moon Palace. *Literatura*, 49 (5), 73.

- Jaakson, R. Globalisation and neocolonialist tourism. In Hall, C. & Tucker, H. (Ed.). *Tourism and Postcolonialism: Contested discourses, identities and representations*, London and New York: Routledge, 2004.
- Jackman, O. (1974). *Saw the house in half*. Washington, DC: Howard University Press.
- James, C. L. R. (1989). *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York: Vintage Books.
- James, L. (1999). *Caribbean Literature in English*. London & New York: Longman.
- James, W. (1993). Migration, Racism and Identity Formation: The Caribbean Experience in Britain. In James, W. & Harris, C. (Eds.). *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain* (pp. 231-287). London: Verso.
- Jones, A., Sogren, M., & Sharpe, J. (2004). Children's experiences of separation from parents as a consequence of migration. *Caribbean Journal of Social Work*, 3 (1), 89- 109.
- Joseph, G., & Lewis, J. (1981). *Common differences: conflicts in black and white feminist perspectives*. New York: Doubleday.
- Jr., H. L. G. (1992). *Loose canons: notes on the culture wars*. New York & Oxford: Oxford University Press.
- Juneja, R. (1996). *Caribbean Transactions: West Indian Culture and Literature*. London: MacMillan Caribbean.
- Kalra, V. S., Kaur, R., & Hutnyk, J. (2005). Home and Away: Social Configurations of Diaspora. In Kalra, V. S., Kaur, R., & Hutnyk, J. *Diaspora and Hybridity*. London, Thousand Oaks, New Delhi, Sage Publications.
- Kenyatta, J. (1938). *Facing Mount Kenya: the tribal life of the Gikuyu*. London: Secker and Warburg.
- Kincaid, J. (1990). *Lucy*. New York: Farrar Straus & Giroux.
- Kincaid, J. (1988). *A small place*. New York: Farrar Straus & Giroux.
- Kincaid, J. (1996). *The autobiography of my mother*. New York: Penguin Books.
- Kincaid, J. (1997). *Annie John*. London: Vintage Books.
- Kobak, R., & Madsen, S. (2008). Disruptions in attachment bonds: Implications for theory, research and clinical intervention. In Cassidy, J. & Shaver, P. R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*, 2nd ed. New York, US: Guilford Press, xix, pp. 23- 47.
- Krakowski, M. (2008). The Relations between the European Union and Latin America and the Caribbean: Current State and Perspectives. *Intereconomics: review of European economic policy*, 43, 112-120.
- Krise, T. W. (1999). *Caribbeana: An Anthology of English Literature of the West Indies 1657- 1777*. Chicago & London: The University of Chicago Press.
- Kuo, W. (1976). Theories of migration and mental health: An empirical testing on Chinese Americans. *Social Science and Medicine*, 10, 297-306.
- Kurlansky, M. (1992). *A continent of islands: searching for the Caribbean Destiny*. Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- Laclau, E. (1990). *New reflections on the revolution of our time*. London: Verso.

- LaFlamme, A. G. (1979). The Impact of Tourism: a Case from the Bahamas Islands. *Annals of Tourism Research*, 6, 137-148.
- Lamming, G. (2005). The African presence. In Lamming, G. *The Pleasures of Exile* (pp. 160-210). Londres, Pluto Press.
- Lamming, G. (1994). *The emigrants*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Lamming, G. (1995). The occasion for speaking. In Ashcroft, B., Griffiths, G. & Tiffin, H. (Eds.). *The Post-Colonial Studies Reader* (pp. 12-17). London: Routledge.
- Lang-Peralta, L. (2006). Smiling with my mouth turned down. In Lang-Peralta, L. (Ed.). *Jamaica Kincaid and Caribbean Double Crossings*. New York: University of Delaware Press.
- Lara, A. S. (2002). *Imperialismo, descolonização, subversão e dependência*. Lisboa: ISCSP
- Lightfoot, N. (2011). Joanne Hillhouse, *The Boy From Willow Bend*. In Henry, P. (Ed.). *The Antigua and Barbuda Review of Books* (Vol. 4, No. 1, pp. 68- 70). Antigua and Barbuda Studies Associations.
- Louis, J. (1999). *Caribbean Literature in English*. Harlow, Essex: Longman.
- Lowenthal, D. (1972). *West Indian Societies*. London, New York and Toronto: Oxford University Press.
- Lowenthal, D., & Clarke, C. (2007). The Triumph of the Commons: Barbuda Belongs to All Barbudans Together. In Besson, J. & Momsen, J. *Caribbean Land and Development Revisited* (pp. 147- 158). New York & Hampshire: Palgrave, Macmillan.
- Mac an Ghail, M. (1996). *Understanding masculinities: social relations and cultural arenas*. Buckingham & Philadelphia: Open University Press.
- Macedo, L. (2007). Caribbean Studies. In Dabydeen, D., Gilmore, J. & Jones, C. (Eds.). *The Oxford Companion to Black British History*. Oxford: Oxford University Press.
- Madrigal, L. (2006). *Human biology of Afro-Caribbean populations*. New York: Cambridge University Press.
- Maingot, A. P. (1994). *The United States and the Caribbean*. Boulder, CO: Westview Press.
- Maingot, A. P., & Lozano, W. (2004). *The United States and the Caribbean: transforming hegemony and sovereignty*. New York: Routledge.
- Maingot, A., & Lozano, W. (2005). *The United States and the Caribbean: transforming hegemony and sovereignty*. New York and London: Routledge.
- Malinauskas, G. (2006). Researching the impact of partial labour migration on a child: Failure of attachment theory. *Social Work and Society International Online Journal*, 4 (2), 292-299.
- Marriott, D. (1996). Reading black masculinities. In M. Mac an Ghail (Ed.), *Understanding masculinities*. Milton Keynes, PA: Open University Press.
- Mason, P. (1972). Foreword. In Lowenthal, D. (Ed.). *West Indies Societies*. New York: Oxford University Press.
- Massey, D. (1992). A place called home? *New Formations*, 17, 3-15.
- Matthew, M. (2008). *Journeycakes: memories with my Antiguan Mama*. New York, Grays Farm Publishing.

- Mayekiso, T. V. (1995). Attitudes of black adolescents towards suicide. In Schleubusch, L. (Ed.). *Suicidal behaviour: Proceedings of the third Southern African conference on suicidology* (pp. 46-53). Durban: University of Natal.
- McClintock, A. (1994). The angel of progress. Pitfalls of the term 'postcolonialism'. In Barker, F., Hulme, P. & Iversen, M. *Colonial discourse, postcolonial theory* (pp. 253-266). Manchester and New York: Manchester University Press.
- McClintock, A. (1995). *Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge.
- McIntosh, M. (2010). "Home": emigration, identity and modern Caribbean Literature. Department of English and Comparative Literary Studies, University of Warwick. Tese de doutoramento.
- McKoy, D. V. (2012). Known Knowns: Corruption in the Commonwealth Caribbean. *Journal of Social and Economic Studies*, Sir Arthur Lewis Institute of Social and Economic Studies, University of the West Indies, Jamaica, pp. 1-22.
- McLeod, C. (2008). Constructing a Nation: Jamaica Kincaid's "A Small Place". *Small axe* 25, p 77-92, Feb.
- Melanie M. (2009). *Island Paradise: The Myth: An Examination of Contemporary Caribbean and Sri Lankan Writing* (Amsterdam: Rodopi).
- Melville, P. (1990). *Shape-Shifter*. London: The Women's Press.
- Mercer, K. (1990). "Welcome to the jungle". In Rutherford, J. (Org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart.
- Mercer, K. (1994). Diaspora Culture and the Dialogic Imagination: The Aesthetics of Black Independent Film in Britain. *Welcome to the Jungle: New Positions in Black Cultural Studies* (pp. 53- 68). London: Routledge.
- Mistrion, D. (1999). *Understanding Jamaica Kincaid's Annie John*. Westport and London: Greenwood Press.
- Momsen, J. H. (1993). *Women and change in the Caribbean*. London: James Curry.
- Montejo, E. (1968). *The autobiography of a runaway slave*. New York: Pantheon.
- Montenegro, M. C. (2008). *A Cooperação internacional para América Central e Caribe: uma estratégia geopolítica*. Brasília, Mar.
- Morley, D., & Chen, K.-H. (1996). *Stuart hall: critical dialogues in cultural studies*. London: Routledge.
- Morley, J. (2007). British colonies in the Caribbean. In Dabydeen, D., Gilmore, J. & Jones, C. (Eds.). *The Oxford Companion to Black British History* (pp. 1-7). Oxford: Oxford University Press.
- Moynihan, D. (1965). *The negro family: a case for national action*. Washington D.C.: Government Printing Office.
- Murray, M. A. (2009). *Island paradise: the myth- an examination of contemporary Caribbean and Sri lankan writing*. Amsterdam: Rodopi.
- Nagy-Zekmi, S. (2007). Frantz Fanon in the new light: recycling in postcolonial theory. *The Journal of Caribbean Literatures*, 4, 129-139.

- Nagyzekmi, S., & Zabus, C. (2010). *Colonization or globalization? Postcolonial explorations of imperial expansion*. Lanham, Boulder, New York, Toronto, Plymouth, UK: Lexington Books.
- Nederveen Pieterse, J. (1989). *Empire and emancipation: power and liberation on a world scale*. New York: Praeger.
- Nicholson, D. V. (1983). *The story of the Arawaks in Antigua and Barbuda*. London: Linden Press.
- Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Estudos Feministas* 11.2, pp. 9-41.
- Nkrumah, N. (1965). *Neo-Colonialism: the last stage of imperialism*. London: Thomas Nelson & Sons, Ltd.
- Nurse, K. (2004). *Diaspora, migration and development in the Caribbean*. Ottawa: Canadian Foundation for the Americas.
- Olwig, K. F. (1993). The migration experience: Nevisian women at home and abroad. In Momsen, J. H. (Ed.). *Women and Change in the Caribbean* (pp. 150-66). Kingston, Jamaica: Ian Randle Publishers.
- Papastergiadis, N. (1997). Tracing Hybridity in Theory. In Werbner, P. & Modood, T. (Eds.) *Debating Cultural Hybridity* (pp. 257-281). London: Zed.
- Parenti, M. (1995). *Against Empire*. San Francisco: City Lights Books.
- Parks, C. M., & Stevenson-Hinde, J. (1982). *The place of attachment in human behaviour*. London: Tavistock.
- Parreñas, R. (2002). The care crisis in the Philippines: Children and transnational families in the new global economy. In Ehrenreich, B. & Russell Hochschild, A. (Eds.), *Global woman: Nannies, maids and sex workers in the new economy* (pp. 39-54). New York, Metropolitan Books.
- Patterson, O. (1982). *Slavery and social death: a comparative study*. Cambridge: Harvard University Press.
- Patullo, P. (1996). *Last resorts: the cost of tourism in the Caribbean*. London: Casell/ Latin America Bureau and Kingston: Ian Randle Publishers.
- Pinar, W. F. (2009), "Multiculturalismo Malicioso", *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, pp.149-168.
- Planisek, S. L. (1990). Caribbean basin initiative impact on tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 17, pp. 466-469.
- Potter, A. E., & Sluyter, A. (2012). Barbuda: A Caribbean Island in Transition. *Focus on Geography*, 55 (4), 140-145.
- Potter, R. B., & Conway, D. (2005). Experiencing Return: Societal Contributions, Adaptations and Frustrations. In Potter, R. B., Conway, D. & Phillips, J. (Eds.), *The Experience of Return Migration: Caribbean Perspectives* (pp. 283- 287). USA: Ashgate Pub Co.
- Pottinger, A. M. (2005). Children's experience of loss by parental migration in inner-city Jamaica. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75, 485- 496.
- Prachi, M. (2007). Emigration and brain drain: Evidence from the Caribbean. *The B.E. Journal of Economic Analysis and Policy*, 7, 1-43.
- Premdas, R. R. (1995). *Ethnic conflict and development: the case of Fiji*. Aldershot, UK: Alvebury.
- Prince, M. (1831). *The history of Mary Prince*. London: Penguin Classics.

- Proudfoot, M. (1954). *British and the United States of America in the Caribbean*. London: Faber & Faber Limited.
- Quaden, G. (1978). *O Neocapitalismo: uma política económica do capitalismo contemporâneo*. Lisboa: Via Editora.
- Ramchand, K. (1983). *The West Indian novel and its background*. (2nd ed.). London: Heinemann Educational Books.
- Ramchand, K. (1970). *The West Indian novel and its background*. London: Faber & Faber.
- Ransford, H. E. & Miller, J. (1983). *Race, sex and feminist outlooks*. *American Sociological Review*, 48, 46-59.
- Rich, A. (1976). *Of woman born: motherhood as experience and institution*. New York: W. W. Norton & Company.
- Richards, G. (2007). The Problem of Citizenship in Antigua. *The CLR James Journal: A Review of Caribbean Ideas*, 13 (1), 137-149.
- Roberts, H. (1992). *Women's health matters*. London and New York: Routledge.
- Rodney, W. (1982). *How Europe underdeveloped Africa*. Washington, D.C.: Howard University Press.
- Romano, L. A. C. (2013). Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. *Estação Literária Londrina*, 10B, 33-48.
- Romeo-Mark, A. (2014). Fitting into one's skin: a review of Joanne Hillhouse's Oh Gad! In Henry, P. (Ed.), *The Antigua and Barbuda Review of Books* (Vol. 7, No. 1, pp. 29-38). Antigua and Barbuda Studies Association.
- Roy, A. (2004). *An ordinary person's guide to empire*. New York: South End Press.
- Saakana, A. S. (1996). *Colonialism and the destruction of the mind: psychosocial issues of race, class, religion & sexuality in the novels of Roy Heath*. London: Karnak House.
- Sadlier, D. J. (2004). Pós-colonialismo, feminismo e a escrita de mulheres de cor nos Estados Unidos. *Revista Mulheres e Literatura*, 8.
- Said, E. (1993). *Culture and imperialism*. New York: Vintage Books.
- Said, E. (1978). *Orientalism*. New York: Pantheon Books.
- Sanches, M. R. (2011). *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70.
- Savory, E. (2008). Anglophone Caribbean Literature. In Abiola Irele, F. & Gikandi, S. (Eds.). *The Cambridge History of African and Caribbean Literature* (Vol. 2, pp. 711-758). Cambridge: Cambridge University Press.
- Shepherd, V. A. (1996). Control, resistance, accommodation and race relations: Aspects of the indentureship experience of East Indian immigrants in Jamaica, 1845-1921. In Dabydeen, D. & Samaroo, B. (Orgs.). *Across the Dark Waters: Ethnicity and Indian Identity in the Caribbean* (pp. 65-87). United Kingdom: Warwick University Caribbean Studies.
- Silberschmidt, M. (1992). Have men become the weaker sex? Changing life situations in the Kisii district, Kenya. *Journal of Modern African Studies*, 30 (2), 237-253.

- Silva, M. (2012). *O feminismo pós-colonialista de Jamaica Kincaid: rumo à liberdade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In Silva, T. T., Hall, S. & Woodward, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (pp. 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Simmons, D. (1994). *Jamaica Kincaid*. New York: Twayne Publishers.
- Smith, A. R. (2000). *English-speaking Caribbean adolescents: The psychosocial and psychological effect of migration and adolescence and their impact on adjustment to New York City*. Tese de doutorado, School of Social Work, New York University, New York, USA.
- Smith, D. & Cliff, B. (2006). My other: imperialism and subjectivity in Jamaica Kincaid's My brother. In Lang-Peralta, L. (Ed.). *Jamaica Kincaid and Caribbean Doubling Crossings* (96-112). New York: University of Delaware Press.
- Smith, T. E. (1981). *Commonwealth migration: Flows and policies*. London: Macmillan.
- Smith, V. (1989). "Black Feminist Theory and the Representation of the 'Other'". In Warhol, R. R. & Herndl, D. P. (Eds.) *Feminisms: an anthology of literary theory and criticism*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, pp. 311-325.
- Soto, I. M. (1987). West Indian child fostering: Its role in migrant exchanges. In Sutton, C. R. & Chaney, E. M. (Eds.). *Caribbean life in New York City: Sociocultural dimensions* (pp. 131-149). New York: Centre for Migration Studies.
- Spivak, G. C. (1988). "Can the Subaltern Speak?". In Nelson, C. & Grossberg, L. (Eds.). *Marxism and the interpretation of Culture*. Chicago: University of Illinois Press, pp. 271-313.
- Spivak, G. C. (1990). *The Post-Colonial critic: interviews, strategies, dialogues*. In Harasym, S. (Ed.). London: Routledge.
- Stasiulis, D. K. (1987). Rainbow feminism: Perspectives on minority women in Canada. *Immigrant Women. Special Issue of Resources for Feminist Research*, 16 (1): pp. 5-9.
- Steinberg, S. (1981). *The ethnic myth: race, ethnicity, and class in America*. New York: Atheneum.
- Taylor, J.S. (1999). *Turismo, viajes y sexo. Sex tourism in the Caribbean*. Stephen Clift and Simon Carter: University of Leicester.
- Thieme, J. (1996). *The Arnold anthology of Post-Colonial literatures in English*. London: Arnold.
- Thiongo'o, N. W. (1981). The Language of African Literature. Patrick Williams e Laura Chrisman, (Eds.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A Reader*. New York: Columbia University Press. New York: Columbia University Press.
- Thiong'o, N. (1989). *From the corridors of silence*. The Weekend Guardian (October 21-22).
- Thomas-Hope, E. (1978). The Establishment of a Migration Tradition: British West Indian Movements to the Hispanic Caribbean in the Century after Emancipation. In Clarke, C. G. (Ed.). *Caribbean Social Relations* (Monograph Series, nº 8, pp. 66-81). Liverpool: Centre for Latin American Studies, University of Liverpool.
- Thomas-Hope, E. (1992). *Explanation in Caribbean migration: perception and the image: Jamaica, Barbados, St. Vincent*. London: Macmillan Press.

- Thomas, H. (1997). *The slave trade: the history of the Atlantic slave trade 1440-1870*. Great Britain: Picador.
- Tiffin, H. (1990). Decolonization and Audience: Erna Brodber's Myal and Jamaica Kincaid's A Small Place. *SPAN: Journal of the South Pacific Association for Commonwealth Literature and Language Studies*, 30, 27-38.
- United Nations Secretariat (2002). International migration, wall chart 2002, ST/ESA/SER.A/219, Sales No. E03. X111.3. Population Division. Retirado de [http://www,tm,org/esa/population/meeting/IttMigLAC/P09 ECLAC\(Port%20of%20Spain\).pdf](http://www,tm,org/esa/population/meeting/IttMigLAC/P09 ECLAC(Port%20of%20Spain).pdf)
- United Nations Secretariat (2005, November). Expert group meeting on migration and development in Latin America and the Caribbean. Population Division, Department of Economics and Social Affairs, Mexico City, Mexico. Retirado de <http://www,un.org/esa/populations/meetings/IttMigLAC/Objectives EGM.pdf>
- Vakhruchev, V. (1975). *O neocolonialismo e os seus métodos*. Lisboa: Prelo.
- Walcott, D. (1998). *'The muse of history', what the twilight says*. London: Faber & Faber.
- Walvin, J. (1993). *Black Ivory: a history of British slavery*. London: Fontana Press.
- Wearing, S., & Darcy, S. (2011). Inclusion of the "Othered" in Tourism. *Cosmopolitan Civil Societies Journal*. Sydney, Australia: UTSePress, v. 3, n. 2, p. 18-34.
- Westermann, D. H. (1934). *The African today*. London: Oxford University Press.
- Westwood, S. (1990). Racism, black masculinity and the politics of space. In Hearn, J. & Morgan, D. (Eds.). *Men, masculinities and social theory*. London: Unwin Hyman.
- Williams, P., & Chrisman, L. (1994). *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. New York: Columbia University Press.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Young, L. (1995). An Angry Voice from Paradise: Jamaica Kincaid's A Small Place as a Teaching Resource. *Journal of Geography in Higher Education*, 19 (1), 91-96.
- Young, R. J. C. (2001). *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishing.

Apêndices

Apêndice 1 – Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, através de correio eletrônico, em novembro de 2012

1- *Would you classify Oh Gad! as a post-colonial novel?*

Joanne Hillhouse: My most honest answer is that I leave classification to the readers and critics if I can help it. I just want to tell a good story. That said, I believe my books are post-colonial, yes. If for no other reason because they are of my time, and I am a child of the post-colonial era (Antigua became independent in 1981 – I would have been a grade 2 or grade 3 student at that time, coming of age as Antigua and Barbuda came of age as an independent nation). I am also someone who while not a fan of labels has very strong opinions on issues of gender, race, self-definition, our political culture etc. Issues of race, class, identity, otherness, politics, development and other issues are very much at play in my books, especially *Dancing Nude in the Moonlight* and *Oh Gad!* which are perhaps a little less nostalgic than *The Boy from Willow Bend* and very much taking on modern issues such as immigration and the tug of war between tradition and 'development'. But I don't approach the stories as political statements. I write from character, always, and it is their personal journey that's at the heart of that larger narrative...but certainly these stories are set in the modern Caribbean and infused with the concerns of the modern Caribbean. Some of the reader feedback might be instructive. You can find links here:

Re *Oh Gad!* <http://jhohadli.wordpress.com/about/interviews-guest-blogs-articles-and-reviews/reader-reviews/>

Re *Dancing Nude in the Moonlight* <http://jhohadli.wordpress.com/about/interviews-guest-blogs-articles-and-reviews/reader-reviews-dancing-nude-in-the-moonlight/>

Re *The Boy from Willow Bend* <http://jhohadli.wordpress.com/about/interviews-guest-blogs-articles-and-reviews/reader-reviews-the-boy-from-willow-bend/>

Everything I do is in service to the characters' stories. Do I address the social and cultural shifts in the modern Caribbean, issues of identity and otherness, power and powerlessness? Yes; do I reclaim and use the authentic language of my people? Yes, and embrace our **we**-ness? Yes; but it's all in service to the story and character...and one of the things I do, even and especially with the writing programme I run <http://wadadlipen.wordpress.com> is promote the idea of confidence in ourselves and our stories (the lack of which is a product of our enslavement and colonialism and the modern reality of cultural imperialism). I run a challenge for young writers each year and one prerequisite is that the entries have a Caribbean sensibility because I believe that we have to believe in our own voice, and in the power and relevance of our own stories. Calypso and jumbie stories were some of my earliest lessons in storytelling. They are distinctively Caribbean genres and subconsciously that may have inspired my own approach to story telling in terms of rendering the textures of our modern Caribbean world authentically, with emphasis perhaps on the black working-class demographic (since that's where I'm from). But I think it just also happens that for whatever reasons I am not of the mindset that America or anywhere else has anything on us when it comes to

talent, imagination and richness of experience. At the same time, I grew up on literature from England and America especially – and the Classics were the great writing from other places – and one of the things it has given me is a respect for the universality of human experience rendered with authenticity and insight. I think I am post-colonial in the sense that I understand that the exposure to this literature also, however, diminished our appreciation for our own stories, our own voice, and I'm part of that new wave of writers hopefully creating relatable stories that stir renewed appreciation in contemporary readers of Caribbean literature for the power of our own stories.

But as I said, all of that is incidental to my desire to tell a good (and, yes, hopefully entertaining) story.

2 *To what extent does the novel impact the construction of identity in Antigua?*

Joanne Hillhouse: Interesting question. It's hard to know that definitively as the writer though; I mean, I write the story but I can't really determine or control the impact especially since first readers have to come to the material and when they do they come they bring all their life's baggage with them, as individuals their experience of the work is going to be different. I'll turn to the readers for some insight especially commonalities that may speak to the question of impact with respect to identity. Please note some extensive quoting from reader comments posted online – blogs to Amazon to facebook etc – follows (I'll keep it specific to the most recent book *Oh Gad!* pulling excerpts from various reader reviews and running them into each other):

Not surprising considering how much of what we read and still read comes from outside, a knee jerk reaction for many is embracing its relatability: "definitely could relate to every part of the book...loved the use of Antiguan dialect and proverbs... Joanne has captured our island - our lives, our nuances, language so well ...there is something comforting and rewarding about identifying 'self' in prose, and this book does that for me...issues raised in this story could be regarded as provocative by some. Nevertheless, those stories are true and offer an excellent written portrait of elements of our society in the twenty-first century...Joanne's portrayal of life in Antigua and Barbuda is spot on; her references to known personalities, historic and cultural events, popular locations etc. helped to bring the story to life for me... If you are from the Caribbean, you will love this book and relate to it. If you are not from the Caribbean, you will get a view of island life."

For some, the familiarity seems to spark a certain pride and nostalgia: e.g. "A truly delightful read. Takes the reader into Antigua's easy laid-back lifestyle and village life."

There also seems to be a voyeuristic appeal, though the work is fiction, Antiguan and Barbudans imagining they know who the story is really about: e.g. "The characters are well drawn and the island they inhabit gives a guilty pleasure, especially to anyone with an Antigua connection."

And then there're the Antiguan expats who seem to experience a sense of discovery and re-discovery: "...In reading *Oh Gad!*, I began to realize both how much and how little I know about Antigua, as an Antiguan-American half-breed. At times, I felt proud and at other times, I felt the same resentment that Nikki felt as being an insider-outsider It was so refreshing to read a book that I could totally relate to.... from the dialect, to the food, to the way the characters relate to each other..... The surprise was the history lesson. Thank you, Joanne Hillhouse, for helping me 'A Born

and Raise Antigua', to learn things about my culture that I didn't know... I was raised in Antigua and I must say, you have captured the essence of our culture in this book. I have actually learnt so much from reading this book about history than from attending 11 years of school in Antigua. Your references to the music, language, food, carnival, places of interest, all the intricate details are thoroughly represented. I love It! Thank you for celebrating the history of Antigua through this novel."

As much as I want what I write to find an audience beyond Antigua, it's important to me that it not strike a false note with Antiguan and Barbudans (whether at home or abroad) and so far, knock on wood, it hasn't. And it's interesting to note too that for the Barbudan reader there's another level of relatability, one reviewer commenting:

"As a Barbudan I will mention just one section which I loved. (Starting page 102) 'But Barbudans are a different breed to Antiguan; if they are not behind a project they will shut it down. No two ways about it. With force if they have to.' Spoken by Minister Hensen, a Minister of government no less. Current gangster movers and shakers beware these seemingly throwaway lines in this excellent novel. There are many such realisms woven into this modern-day story." She went on to write: "*Oh Gad!* is history in the making and embraces history of the past, our history, and written from the pen of a home-grown girl. The speech is authentic, the characters real, the book is a page turner."

One of the things that I've been pondering is the readers who define the writing of *Oh Gad!* as a brave act, or applauding my confidence when the last thing I felt was confident or brave just determined to get it right: e.g. "Joanne's confidence in telling our story in a contemporary setting with some history and mythology thrown in without making you feel like you got to go to university to understand that our navel string is tied to the 'muddy' and sucks up our ancestors... Lastly and by no means least are the references to real life issues in modern day Antigua which inevitably must reflect the past. Land issues, work ethics, bribery, corruption, the perceived power of wealth and the expectations or lack of them depending on one's socio economic position in society. The implications of raising such questions in a contemporary book are interesting. Ms. Hillhouse is brave and I applaud her talent."

What I am happy for though is that in the relatability, there is acceptance of our imperfections because what I cannot do is create a glossy veneer and call it a full story. One reader said, "Perhaps that feeling of connection takes place more easily when we can relate to the characters and in this case, for those of us who know Antigua intimately, to the setting. We can relate more easily because it's set in the neighbourhoods that we frequent or passed through or where our part time "smaddy" used to hang out. Perhaps it's the language, the flow of words that we can easily relate to but which non-Antiguans will not in any way be challenged to read. Perhaps it's the issues that surface, some that we know exist but prefer not to acknowledge... The one thing that I can say for sure is that it held my attention and forced me to stay awake until after 2:30 one morning, for one reason and one reason only – it was a great read. A really well written book."

I'm sharing these not to pat myself on the back but to try to hit at the question of identity, and all I can say is that for readers it seems to be not so much about constructing identity but reinforcing and on some level validating who they know themselves to be, a who often relegated to the margins. One of my favourite reviews, a reader comment on my short story *After Glow* said, "I've been trying to

learn more about Antiguan life for something I've written and I haven't found anything that feels as emotionally genuine as this." I'd like to think that's what the Antiguan and Barbuda reader feel too, whether they like the characters or not, that they feel "emotionally genuine", that they look into this fictional mirror and see themselves flaws and all and accept it. I hope that's what the responses suggest at least in part. You'll remember I said though that first they have to come to the material and that's still a work in progress commented on by one blogger: "I am surprised that not more people who live here in this small place are talking about or sharing this book...perhaps familiarity breeds contempt and we are waiting for the book to take off overseas before we honour 'Oh Gad!'. So, I am writing this blog to reach out to people from outside of my familiar to read this book for it tells a very common story of searching for home whether it be a physical or emotional place, of learning that our past is very much part of our present and that love does not worry about colour and more importantly that contemporary life stories can be set in the Caribbean..."

3. *Is any of your novel part of the Antiguan's school curriculum? How are Caribbean/ Antiguan and Barbudan identities portrayed in the classroom? To what extent is your own culture differentiated from the British culture in class?*

Joanne Hillhouse: I know that *The Boy from Willow Bend* is or was as of 2009 on the schools reading list in Antigua; and I know that *Dancing Nude in the Moonlight* has been taught at at least one secondary school – the teacher brought me in for a Q&A. I've received invitations to speak at other schools where it was being read either officially or unofficially and I receive inquiries about myself by students (or the parents of students) reading especially *The Boy from Willow Bend* in Antigua and Anguilla. I would suggest you speak with one of the teachers on the question of who identities are explained in the classroom. I know that there's been concerns about the content – I was called in to the Ministry of Education once to discuss some of the language in *The Boy from Willow Bend* after it had been put on the reading list which was a head scratcher for me and which obviously the writers of other books being taught would not have had to deal with since they are not for the most part writers living on island. I know there've been issues as well with the teaching of *Dancing Nude in the Moonlight*...in fact a parent once commented to me that another parent called her up and asked her if she approved so she read it and said yeah, she thinks her daughter can handle it. The thing of it is that I would have read books with heavy themes and language in school with a teacher there of course to put it in context and the appropriateness didn't come up in the same way, it was just treated as literature so I think in some ways we're still navigating those kinds of issues when the author is homegrown. I've had teenagers say to me how much they love *Dancing Nude in the Moonlight* (and the sense I have is because it feels fresh and modern and relatable in a way that some of the other books, even some of the other Caribbean books they're doing which leans more toward classic Caribbean lit, may not be). But like I said best to talk to one of the teachers about all that. I'll drop a note to one of them of your possible interest and if she agrees I'll pass on her email to you.

Apêndice 2 – Entrevista realizada com a escritora Joanne Hillhouse, em Antígua, em novembro de 2013

1- *Which one of your three novels has the most complex story? Why?*

Joanne Hillhouse: I would say, in terms of the most complex story line, *Oh Gad!*, because it's dealing on so many levels. It's dealing with a personal journey, it's dealing with her relationship with her family, it's also dealing with larger developmental issues, and political issues in the country and sort of smaller developmental issues as well, understanding the complexities of island life, plus it was just a more difficult novel to write, the others kind of happened more organically than *The Boy from Willow Bend* and *Dancing Nude in the Moonlight* kind of happened more organically than this one [...]. So yes, I would say that's the most complex.

2- *And the second?*

Joanne Hillhouse: The second most complex? I don't know. With *Dancing Nude in the Moonlight*, you kind of have the narrative happening and running on two different tracks and that was always interesting to me. I guess one of the questions I came to it with is the idea that the same thing can happen to several different people, they just see it so differently, it's all about perspective, and so I kind of whittled it down to the male/ female perspective, evolution and devolution of a relationship, so I wouldn't say it was difficult, it was a challenge to move from the male/ female perspective. And then as well there are underlying issues as well that the characters have to deal with on a personal level, so it's not just boy meets girl, boy loses girl just a romance, it's about, sort of social issues unravelling and I think at the time in terms of the immigrant population and you know, economic reality is not just for the immigrants but for the Antiguanas as well, so there are several different things happening there that I hope come through as well, but I guess the challenge with that, the complexity with that was trying to figure out how to navigate the two points of view. *The Boy from Willow Bend* by comparison, kind of drew a lot on what I already knew. In a sense of, there's a root in *The Boy from Willow Bend* of not my personal story and not the personal story of any individual in particular but of the community that I came out of, so and that actually came to be when I was at a workshop in Miami, I presented some stuff that was heavily criticised, one of things I came away with was, go back to what you know, try to write what you understand, try to be authentic. Authentic is something I try to be in everything I do. Even if I'm writing something that's not personal to me, I find a way to word it and to be authentic because with [unintelligible]. I guess the first one was difficult because it's kind of difficult to commit and run the marathon of coming back to the manuscript day after day after day, but in terms of the complexity of the story I would say it got increasingly complex from the first one to the second one.

3- *When you write a novel, do you think about directing it to a specific audience? Which?*

Joanne Hillhouse: OK, here's the thing. For me there's not a simple answer to that question. The most basic answer is that I don't write with an audience in my head, I can't write with an audience in my head because it's constricting. I start to think about what is acceptable, what's not acceptable, how people are going to respond, and if you do that you're not serving the story, you're letting fear

or limitation sort of dictate where the story goes. When I'm writing I want the story to go where it goes, even if it makes me uncomfortable, even if it's going to make people uncomfortable, so I try to keep censors and I think of the audience as a censor at that first draft stage I keep them out of my head. Having said that, I think that I write from an authentically Antiguan space in that what I write is so reflective and so all consuming in terms of my culture, my people and where we come from, the way that we speak, the values that form who we are, so all of that is there. So, the first audience who's going to see it, and I'm happy to say so far who's seen themselves in it, is the Antiguan audience and then a Caribbean audience but I think I serve them better by not having them look over my shoulder while I'm writing it, I'm just writing it. But I also think [...] when I grew up we weren't exposed to a lot of Caribbean literature, so I grew up reading a lot of American and British literature. It wasn't that Caribbean literature didn't exist but that wasn't what was readily accessible.

4- *Was not readily accessible?*

Joanne Hillhouse: It wasn't readily accessible, no, I mean, it's not that it wasn't there, OK, it was accessible in the sense that if you were driven to it you could find it in the bookshops, whatever, you had to have money, I didn't have a lot of money to buy books. I got a lot of books from the library or exchanging books with friends and stuff [...]. My parents worked at the hotel so they sometimes brought home books that the tourists would leave behind, so it's a lot of American and British stuff and I think you'll find that with a lot of Antiguan. Even now, they're mostly reading books from other places, it's just what they see more of. So, it's not that it's not accessible, it's not as accessible, there are lots of Caribbean books that we don't see here in my opinion, but anyway, so the point I was making is that a lot of those books, *Jane Eyre* or *Are You There God? It's me, Margaret*, that I read didn't have anything to do directly with my culture, there were things that I could relate to in them because I believe in the scope of human experience there are certain things that translate across cultures. And after saying all that, I hope that the audience for my books, ultimately, is universal, that people can, just as I can pick up a book by an Irish writer and find something in there that I relate to as a catholic girl from the Caribbean who didn't grow up with a lot of money, whatever, that people want basically the same things wherever they are they, they want to be happy, they want to be loved, they want to belong and all those things sort of, travel across cultures and so I'm hoping that my books connect with a universal audience. But I don't write with an audience looking over my shoulder, I just try to tell the story as truly as possible and to let the characters lead, let them have their voice, let them tell their truth and because it's coming from an Antiguan space, Antiguan, Caribbeans connect with it and because it speaks universal truths people from beyond can connect with it, that is my hope. But I don't sit down to write thinking "Who is this for?" And maybe that's a failure on my part, but I can't write like that.

5- *In your narratives, do you try to include the story of the Antiguan society as a whole or mostly Afro-Antiguans?*

Joanne Hillhouse: Do I try to include Antiguan society as a whole or mostly Afro-Antiguans? I think Antiguan society as a whole, however I come from a specific aspect of the Antiguan culture so that's what's most relatable to me. *The Boy from Willow Bend* is probably the best example of that [...]. You have people across other demographics. In *Dancing Nude in the Moonlight*, you have someone

from Dominican Republic, in *Oh Gad!* you have the white Antiguan segment in a sense represented sort of, so it's a mix I think you see the mix of cultures, the tapestry that is, and I want to think, one of my favourite reviews for *Oh Gad!* was how it kind of, it showed the poor, the rich, the middle class, I mean without even trying, by sort of reflecting Antigua it showed that we are a mix of all these different things. But I can't, I can't say, in my head I'm always that girl from Antigua so that's the first place that kind of tends to come through but the characters are not all me, or all my reality or all my stories, they're not me really, so the stories are or what I depict is Antigua in all of her diversity and predominantly, and having said that though the experiences of black working class Antiguans is not only relatable but something I feel passionate about. I do feel passionately about our journey as Afro-Antiguans, I do identify as an Afro-Antiguan, I embrace that, I embrace my African heritage, so it's all there but the stories are not limited to that one perspective. I think the evidence is there in the books themselves where you have a variety of characters and a variety of points of view and hopefully presented in a way that is [...] complete that is not making caricatures of the types of people, so I mean.

6- *What do Oh Gad!, The Boy from Willow Bend and Dancing Nude in the Moonlight have to do with your own experience?*

Joanne Hillhouse: OK, what comes to mind, I was typing up some old plays recently, written when I was still college age student and the thing that struck me, I mean, they're not very good but the thing that struck me was how consistent certain themes have been in my work, in the [...] case of female characters, who are strong and yet vulnerable and yet who are daring, who are reaching for certain things but at the same time are afraid to give themselves over full to certain things. I think those complexities probably exist in me, those contradictions probably exist in me to some degree and some of that writing Celia's story, *Dancing Nude in the Moonlight*, Nikki's story and *Oh Gad!* is trying to navigate my own questioning and confusion with some of those issues having to do with a woman's place in the world and a woman's place in relationship to the men in her life.

Work as well that idea that family is [...] like a bond that you can't break, you know you can marry someone and divorce but your mother, your father these are always your mother and your father. Your sister and your brother are always your sister and your brother. It doesn't matter if you're speaking to each other or not, it doesn't matter if you're in the middle of a huge tug of war or not. The idea is that irrespective of all that there's still that connection that you don't really have with anyone else. One of the things in *Dancing Nude in the Moonlight* that drew me to the story was the relationship between the sisters, how different they are from each other and yet at the same time how deeply they care for each other. They fight but at the end of the day no one has hurt you as much as this person but she's still your sister kind of thing. I relate to those peaks and valleys in a relationship with your sister, with your mother and also this idea of trying to figure out where you fit in the whole scheme of things and none of these peoples' stories are mine but at the same time I guess I've always been different enough that. I'm kind of, not the peg that they fit into the appropriate hole, so it's like these characters that are kind of out of sorts with the rest of society I relate to that a little bit [...] but the idea is the things that concern me or the things I'm confused about or worried about or trying to figure out all those things end up in the books, in some way shape or form, so I guess in a broader sense all of it is kind of who I am, what I'm about [...]. I mean

you look at development issues in *Oh Gad!*, these are concerns that I have, this sort of tug of war between who we are and who we're becoming and if we've really given any thought to who we want to be, what our vision of our self is, what are the things worth fighting for? What are things worth holding on to? These are concerns in *Oh Gad!* that are concerns in my own life in terms of my relationship with Antigua. So, I think it's all kind of there, those are just some of the things I can think of, although there are more, those are some of the ones that come to mind.

7- *Do you prefer to write stories about male or female characters? Why?*

Joanne Hillhouse: I am aware that I've written a fair amount of male characters and the question I get is "How do you do it?" I think this is going to sound weird because I think the male characters are very masculine, the female characters are very feminine but I guess because I don't think of, I think of them as individuals as opposed to their genders although their gender is a part of what makes them who they are. So I guess I commented from who are they beneath the skin and so, what interests me about the character, what I prefer about the character is the character I'm curious about, a character I find compelling in some way and gender is kind of coincidental to that it's not what draws me in like I'm more comfortable in the female voice or I'm more comfortable in the male voice, I'm, one. Writing is not supposed to be comfortable, it's supposed to be taking you out of your comfort zone a little bit so [...] and one of the things I really enjoyed about writing *Dancing Nude in the Moonlight* was kind of playing around with different perspectives. I enjoyed writing the female character, I enjoyed writing the male character equally not because they were female or male but because of how different they were and how different they were seeing the situation in such different ways and how they were kind of growing and changing over time, so what drew me to them and what fascinated me about them, what made them interesting to write was not their gender but their journey, you know, and their gender is a part of that but it's not the whole thing. With *The Boy from Willow Bend* I'm looking back at and thinking that I made a conscious effort [...] to distance myself from it to some degree by seeing it through a boy's voice, a boy's perspective as opposed to a female perspective. I'm looking back at it and I'm thinking it did give me some distance that allowed me to be completely honest to the story because you know sometimes, it's too close and you can't really see it clearly but I, I don't know, I like writing both it's just if the person or the character is interesting to me, male or female.

It's not, even though I say what draws me to a gender, to a character is not specifically the gender. That doesn't mean the gender is interchangeable in that sense, once gender is part of identity, as I'm sitting here I can't separate, I can't sift out I'm black, I'm female, all of it is part of who I am and other things are mixed up in there. The same is true of the characters, so it's not as simple as I could just change the name from Nikki to Nick and suddenly it would be the same character but a male it's not, it doesn't work like that at least in my experience. There are things that happen in Nikki's life and in the way that she responds to them that are very specific to her journey as a woman [...] and her response to things as a woman, even her [...] response to abandonment, sense of abandonment by her mother in her case. Of Michael, in *Dancing Nude in the Moonlight*, the response to abandonment by his father, they, you can't switch them over and the response would be the same. It's very specific to who they are, and the gender is a part of that, and how a boy has been socialised and how a girl has been socialised in this particular culture to respond to certain

things. So all of that would feed in to who they are as individuals. So, it's not just about a name change, it's a whole, hopefully they're a lot more complex than that.

8. *To what extent do you think your novels can impact the Afro-Antiguans identity?*

Joanne Hillhouse: Even though I speak about those universal truths across cultures and so on, there's something validating about seeing your world, your life, your story, whether it's on the screen, in a piece of art, in a book. This idea that your life is the stuff that stories are made of too, it's something that I think we are coming to terms with, this idea that we have so many stories to tell. That's one impact I hope to have, not just with the books but with the programme that I run with [...]. It doesn't matter if you're writing science fiction or historical fantasy or whatever. Write from a Caribbean space from who you are and what your culture is and use that to anchor you and kind of go from there. That's what I try to do, so that's the anchor. So [...] I feel reaffirmed in a sense when I read reader responses from Antiguans [...]. One reader response that comes to mind is seeing the self, seeing herself in the story, not necessarily that her story is biologically Nikki's story but just seeing the self in the story had such a huge impact on her [...]. Well, seeing the possibility of my own dreams the writers before that I knew were the Calypso writers you've heard the sounds of already but a lot of Antiguan writers in print, I don't remember reading before Jamaica Kincaid, so that was, wow, it's possible I can do it so in that sense it was a validation for me, that in as much as there are young people out there who want to write, who want to express my story. I feel, I want, I desire this thing, this voice, if they can see that, and to me that would be a huge impact and that's what I try to do with the [...] programme and the books. I think when I read people's responses and especially Antiguans responses that say, "I'm learning so much about myself" or "It feels so good", "It feels so powerful", it feels so whatever, to see myself, to laugh at myself, to cry in a sort of just being able to relate to this in a way that I don't as much when I read, as much as I love the story from XYZ from this other place, being able to relate to this story more in such a deep way, so that sense of realising that your story is part of this tapestry of life and has value. I think that is one, that is one of things and one of the one things when I talk about writing from an authentic place. Language in my stories the characters speak in their voice. I think I realised because it's always a challenge you know, how do you write the rhythms of a character's voice and not lose the audience that doesn't speak in that same rhythm. And as I said, when I'm doing the first draft I'm just writing how it is, and so I don't worry about that. When it gets to the publishing stage, I kind of expect the publisher to come to me and say, "Well this is not", "Nobody can understand this and so far", "It hasn't happened", "It's been written in such a way so far". And I've had readers from other places say they can pick up the rhythm even though it's not sort of their language or their version of English or whatever. So, I think for Antiguans as well because we have this sort of political relationship with language where standard English is good and the Antiguan is bad, or, or is bad English or whatever. Seeing it in print and seeing it as an accepted part of the voice and the rhythms of the characters and the life of the characters is also something reaffirming. This idea that who you are, the ways you speak, the ways you exist, not only is it OK, it's not a single thing, it's many things and it has a right to exist, it's OK to embrace it. So, all of that is some of the reaction I get and people say that they [I'm just trying to remember the reader comments] and people say that they get the history, they learn things about Antigua from reading the books as well. This is an Antiguan thing which is always

a bit of a surprise to me and it just kind of comes back to the point about helping us to know ourselves a little bit better. Now these are not intents that I set out with. What I intended to do when I sit down is to tell the character's stories but in terms of impact there is that sort of thing happening where they're seeing their story and they're feeling [...].

- 9- *What is your opinion about the use of Standard English and Antiguan English by Antiguan?*

Joanne Hillhouse: The correct speech is not Standard English or Antiguan English. The correct speech is what communicates with the other person, it's what is true to you and is understood by the other person. So, if you're talking [...] and all of it is true to you, you know what I mean. So, what I reject is this idea that one is good and one is bad. What I believe is that from a lot of people, I'm not going to say for everybody, but for a lot of people their first language in this place is the Antiguan, their first language, they, the Antiguan language is their first because if you learn language by listening to the people around you, you in your mother's arms as a baby, you're not necessarily going to be learning formal English, you're going to be learning what is sort of the language in the community which is sort of one [...] thing which is the Antiguan dialect which you speak. You get into the classroom and they have to instruct you in Standard English and there's sometimes miscommunication that takes place because that is not your first language and by rejecting that you're rejecting yourself as well. So, it's not that when you're speaking Standard English you're not yourself. It's sort of an extension. Standard English is a part of what you learn, what you're socialised into. Before that, not for all of us, but for a lot of us, there was a language that happened before. It's more at the heart of who we are that we have been conditioned to reject because it's not proper and so I guess it's a reclaiming of that and saying that it has a right to exist as well, not instead of, not, not this is true and that is not true but these things co-exist inside of you because one thing we can say about being Caribbean is it's sort of a pepper pot. It's not a single thing all these different influences that came together to create something new. To me that's the amazing thing about our journey we could've been, and this is true whether you're white or black, West Indian or Caribbean. It's you come here and something new is created out of it, out of, out of that new beginning, something that's influenced by the African, something that's influenced by the Portuguese and something that's predominantly by the African and the British and it all comes together and is something new. So, all of it is true. If you are conditioned to reject part of it, then you're not being entirely true to yourself and I think that conditioning is what we are in the process of breaking as a society.

- 10- *You told me that you have very strong opinions on issues of gender, race, self definition, Antiguan political culture etc. When you write the stories do you intend to address these issues?*

Joanne Hillhouse: It kind of somewhere in the middle these ideas exist within me, in terms of my way of seeing the world and where they fit the character's journey, they work their way into the novel or are worked into the novel or the story. Stories start for me in different ways. It might be a situation, it might be a question, it might be an idea or an emotion. So, depending on where the story starts, these themes are stronger in them or not. If I look at some of my short stories, for instance, and I realise that some of the more recent short stories have a concern about where we are as a

society in terms of young people and crime and all these sorts of things, and I realise that I'm not going to sit down and write this story about young people or whatever but this is on my mind. So, when I sit to write, if it fits the character's journey, it's going to come through in that story and if it starts of where because for me everything starts with the characters, everything begins and ends with the characters. It's their journey, they are what pull me into the story, more so than any particular idea. And so, when these themes kind of intersect with their journey, it happens. It doesn't happen fully by accident but it doesn't happen fully as by design it's somewhere in the middle.

11- *How do the novels reach the Antiguan school classroom?*

Joanne Hillhouse: [...] I think the series was intended for teens and young adults from the Caribbean, so they were looking for manuscripts that would fit. When I submitted, they thought that those manuscripts would fit well with the series, so they published them and I believe that they would have, I don't know for sure how they approached it but I believe they would have pitched them to the schools [...]. I found out that the book was on a reading list. When I found out, I didn't know it was going to be on a reading list. I'm aware there are some concerns that people have with it in terms of it's appropriateness for school, so I can't say for sure how these things happen. I know the publishers do some work in that regard and I do some work in that regard by trying to create an awareness of the books by visiting schools, by sending publicity copies to the appropriate people. I've done that with education. With *The Boy from Willow Bend* I did that for sure, as to how the decisions are made, I don't know. What I'm saying is when the books come out the publisher would've done some lobbying, I'm sure with education. [...] with the re-issue of *The Boy from Willow Bend* I would have done the same. I would've sent copies of the book to language [...] coordinator, to curriculum officer, whoever, I would've sent emails about the book and that sort of thing, but I think how it happens is kind of over time. Once you become aware of the book and teachers express an interest in it, they might start to push for it or whatever. If you're a writer, you have to do some pushing yourself but I don't know how the decision is made, how the process breaks down.

12- *Why is the tradition in literature dominated by women in Antigua?*

Joanne Hillhouse: Every year [...] we have a challenge where we invite young people to submit stories. The vast majority of those stories are from girls, or young women, less than a quarter is from boys. Less than that but yet it's not that we don't have boys who like to write or men who are writers. I mean, most of the Calypso writers are men. I don't know if Calypso is thought of as a more muscular form of artistic expression than books. I don't know if boys are encouraged to read because you know they're socialised to be outside playing football and sports and whatever. Socialisation might have something to do with it. Books may be seen as something, more passive sort of activity or a more feminine sort of activity for whatever reason. If you're a reader, you're going, the journey to writing begins with reading and if boys are not being encouraged to read as much, then obviously you're going to have less boys writing. But I do believe, I do believe that creative impulse is there equally in both genders. I think socialisation has a part to do with it. How about boys are socialised and how girls are socialised, even though I mean you're more likely to see boys on the corner or hanging out at the basketball court or on the cricket field whatever. Girls are socialised and arts in general are seen as softer. You're not going to see so many boys in dance,

even though some of the biggest dancers in the world are men but, *narrative*, it's not seen as a masculine thing. So, I think gender stereotyping in terms of the socialisation process is a part of it and boys just not being encouraged to read as much because I think it all starts with reading.

13. *To what do you attribute your success as a novelist?*

Joanne Hillhouse: No, I don't think I am a successful novelist. I really don't. I could give you a politically correct answer but if I'm being honest, I certainly I'm not financially successful, if I'm not on any bestseller lists. I don't have huge advances and huge royalties and all that stuff [...]. In the Caribbean sphere, I'm not. I'm sure if you're researching, you're not going to find my books have been reviewed as extensively as some other Caribbean writers.

There have been some reviews, don't get me wrong, but not to the extent that you would be getting if you were considered a successful novelist. And I've never won any major awards or anything. So, in terms of that external validation, I'm not successful by far. I do think when I feel successful is like today I got an email from someone and all she said, she sent a picture of her son eating breakfast and reading *The Boy from Willow Bend* and she sent this funny note that he really liked the book and he wants to know why the chapters are so short right, and it made me laugh and it made me smile to see him like, he's sitting reading a book like you know when you're eating and his eyes and the expression on his face he's really into it and that feels good, like you're connecting with someone outside of yourself. Writing is such a solitary thing that you don't know at the end of it what people are going to take from it. You know what your intentions are by the end, but you don't know how they're going to respond to it. So, every time someone responds to it, I feel lifted. I feel, even if the response is not entirely positive or the fact that they took the time to read it and they had a reaction to it, they weren't indifferent to it. It is for me, right now, how I measure success.

I just have the idea that whether I know who they are and whether they take the time to respond or not [...] that somewhere they're reading a book, it's always, if I stop and think about it, I'll lose my mind a little bit because I grew up reading all these authors that had such a huge impact on me. The idea that some young person is reading me is something I still can't wrap my mind around sometimes. So that feels amazing, especially when they indicate that it has made them laugh or cry or angry, they got so angry they want to throw it across the room or whatever [...]. It's weird because I know, I said at the beginning, I don't write with anybody in my head, and I don't. But by the time the book comes out, I have so much distance from it, so it's just kind of fun to see these people respond to it and that feels like, I don't know if "success" is the word that I would use but an affirmation. And in terms of my level of my craft I just always feel like I have so much more to learn. And so, if success is I know, even when I'm teaching, I'm still learning, you know what I mean. So, if success is I know everything then no, but if success is that I'm growing, I believe I'm doing that. I believe I grow with each book, I believe that each day that I keep writing, I always refer to it as flexing your muscles you're kind of growing stronger at it every day and so I would love, I would really, really love. I don't think you have to be number one but I would love to have a book break through in a big way and do really well financially that would be epic. But in the mean time that people read them and connect with them in some way, that feels amazing, though there are

different ways of defining success. I don't have all the external stuff but I have something that's pure and that feels pretty good too, it really does when it happens.

14- *What kinds of people do you imagine the bulk of your readers to be?*

Joanne Hillhouse: I don't know. It's men, women and hopefully just anyone who likes a good story. Hopefully they are good stories. I don't know. Especially in the case of *Oh Gad!*, they had, you know these tip sheets that they send out to the artist, you know, who do you see the audience as being, that sort of thing and I put stuff like you know, people who are interested in Caribbean Literature, women, black people because I think there was a built in audiences but I'm hoping, like Glenn said, anybody that likes a good story and people who are concerned I guess primarily with issues of family dynamics because my stories almost often always happen in that domestic space, it's always about family. So, people who like that type of story would probably find it interesting, and I imagine that women but I have a lot of men saying stuff to me, so I don't know. Like I said, it's just hopefully anyone who likes a good story.

15- *What is your favorite reading?*

Joanne Hillhouse: You know what, I read the back of the book, if it seems interesting to me I read it and what's interesting to me is not across the board consistent like, I read fantasy, I read horror, I read romance, I read dramas, I read poetry, I read non-fiction, just whatever's interesting to me at that time. It'd be easier to say probably what I haven't read than what I have read because I kinda read anything. I think with my reading as with my writing, it has to do with interesting characters and authentic storytelling. Storytelling that feels real and grounded, even if it's a world of dragons, it feels real and grounded, it's a world of dragons it's specific, it doesn't feel generic, so it's not so much a type of book or a particular genre. It's just strong characters and authentic writing and I'm trying to think, like you look at writers like Ann Rice and Maive Binchey it's layered writing as well, writing that exists on different levels.

16- *And your favorite characters, stories and writers?*

Joanne Hillhouse: Yeah, good strong characters, and I'm, I find that I'm [unintelligible] to going with stories that take me in unexpected directions. If I can kind of tell what the end is at the beginning then I'm probably not that interested, and it's kind of how I fell out because I used to read a lot of romance in my high school years and I kind of got fed up with them because it was like you know how they're going to end and nothing else is happening. So, the layered writing that exists on different levels, some of my favourite writers, some of the ones I've mentioned, I can't say a single one but I read a lot of, I read pretty much anything Maive Binchey puts out, I've read a lot of Ann Rice, anything Alice Walker, Tony Morrison... [I'm trying to think; my mind is blank...].

17- *What is your opinion about the novel A Small Place by Jamaica Kincaid?*

Joanne Hillhouse: I think there are things in *A Small Place*, I think in general, this is such a difficult question. *A Small Place*, even when it was written, was felt true and yet exaggerated a little bit like it's true in terms of the narrator's perception and attitude of Antigua at that time. But even then, when she wrote it, she hadn't lived in Antigua for a long time, so when people say "Oh, Antiguans

don't...". There was somebody who said that they went to a conference and the person said that Antiguan don't eat with a fork. And if they got that from *A Small Place*, when was that true that we didn't, I mean that's never been true in my lifetime that we didn't have utensils to eat with. I don't remember the particular detail but... That was never part of my experience but if someone, for me if someone takes that literally, then it's not true of the Antigua that I knew.

That's why I say when a book is true in terms of perception but part of that trueness in terms of perception is the narrator's perception which is not necessarily 100 percent the reality of the people of that particular time, even when the book came out, so there were certain things that felt true at heart in terms of the conflict, the tension between the tourists and the people and attitudes, some of, some things were true in an emotional sense but they're not literally true [...] because I'm not familiar with that at all and I'm not romanticising. We grew up poor but I went from a sippy cup, to a spoon to a fork. I never ate with my hands ever, and I'm not saying that it didn't happen before my time. I don't know. It maybe happened in somebody else's time. I don't know. It's all a matter of perspective and so, there are some emotional truths in a book you can't deny. I don't remember the details of the book. I don't remember reading the book. I read it a long time ago, I don't remember reading the book and feeling, "Well, this is a bold-faced lie" but I don't remember reading it and feeling this is absolute truth either it just felt like. Well this is one person's perspective on Antigua, and some of it feels true and some of it doesn't feel true. I know a lot of people were upset. I wasn't upset. I'm upset more with people who are going to take it as a universal truth as well this idea of Antigua being primitive and Antiguan being whatever. If they come with those ideas, then I'm going to say "Well, you need to pen your mind" but I wasn't upset with the book, I mean I wasn't. I don't remember. I remember reading it and being impressed with her boldness more than anything, you know she felt bold enough to say all that. That was kind of powerful in that sense but I guess that it's not an absolute truth for me that book, it's a perspective.

18- *To what do you attribute the success of a novel? What are the factors that most influence the circulation of popular novels?*

Joanne Hillhouse: I think there are different factors. The writer has to do a lot of work promoting the book. Between the end of my Macmillan contract and the reissue of *The Boy from Willow Bend*, during that period, I know I did a lot of research which has impacted how I approach the publishing process. Now, unless you're anointed, you're not going to get book tours and huge publicity behind you. So you have to do a lot of the promoting yourself in support of whatever the publisher is doing. So I think trying to create the awareness of the book, the audience reader being aware that the book even exists, in a world where you have hundreds of thousands of books coming out every year, if you can somehow break through trend in some ways, social media is a big part of it now then that affects circulation, that affects how the book does. But if people pick up the book and it gets a reputation, well maybe not because *Fifty Shades of Grey* did very well and a lot of people say it's not very good, I don't know I haven't read it but it's doing very well. So I guess sort of tapping into something that the culture is looking for at the time which I think people like J.K. Rowling and the writers of *Twilight* and so on happened to do at a particular time that makes a huge difference, that certain something that people are hungry for at that time that feels missing from the market and if you can kind of squeeze in there, if you get good critical response that can help book bloggers and

book clubs are hugely important now. So, you have to reach out to them. The word of mouth is important actually in this era of social media, is more important even than the big periodicals and getting reviewed in major publications. So, I've done a lot more reaching out to the bloggers and the book clubbers than the traditional media actually, although I've reached out to the traditional media. So, a strong social media platform is absolutely necessary in this particular publishing environment. At the end of it, it comes back to do you have a good story [...]. I'm still figuring a lot of this out but those are some of the things I believe. I think that, what I realised is that *The Boy from Willow Bend* has been out ten years now and people are still discovering it [...]. It says to me that there's something that keeps that story selling, so it still has a shelf life as opposed to you know if the book kind of ran its course. So, I think it starts with having a good story, a compelling story and if that story somehow manages to tap into that niche that's needed at that particular time, that's missing at that particular time then you can blow up. It helps if your publisher is 150 percent behind you. The publishing industry seems to be changing a lot and the writers have to do a lot more for themselves than they had to in the past, I think. So, I mean a good story and good publicity and luck of the draw.

19- *How is the process of publishing and advertising of your novels?*

Joanne Hillhouse: I do a lot more on social media these last few years and I think that that has helped me to reach more people, a lot more online networking. I mentioned the blogs I do, guest blogs on other people's sites who might not have heard of me or my books or whatever, or might not be familiar with this or that, but it might be a food blog. There's stuff in my book about food I might write about that it might be a music blog. There's stuff about music I try to find different audiences in different ways. So, you have to hustle a lot more, you have to keep trying to create that new awareness. I don't have things like a huge travel budget and stuff to go to other places, so I try to reach out to the online book clubs. Right now there's an online book club that's reading *Oh Gad!*, the thing about that because of social media they can interact directly with me. So, I have to do a lot more on my own and I think that was always the case. I think I didn't fully understand things. When the first set of books came out I did less than I should have and now I'm doing so much that it actually eats a lot into the writing time but it's kind of the, you have to do it to keep that buzz going, I'm not, what do you call it, the top of the list. So, I'm not going to get a huge amount of attention from the publicist or whatever but if I keep in contact and ask them to send out review copies, then you know try to kind of keep that line of communication open. Then hopefully it will continue to happen, and of course they do. They have their own marketing plan that they employ but you can't rely on that I [...].

20- *What is the reception of your stories among Antiguan/ Caribbean readers like?*

Joanne Hillhouse: [...] I don't know how widely he has read but he said he hasn't read anything before that feels as emotionally genuine as this. I was using that as an example to say that what I get from a lot of people, they find the characters relatable and the experiences, the emotional experiences echo something in their emotional experience as well. With *Oh Gad!*, I had several people writing me, people I didn't post online, writing me and saying, "It felt like you'd read my diary" or "It felt like you were telling my story" or whatever. And so, these are primarily Caribbean readers, and to some extent Caribbean readers who've migrated they've kind of related to that sort

of discovering their connectedness, where do I fit thing, and I think the stories just feel genuine and authentic. I'm just kind of filtering through the responses in my head, it feels genuine I think, it feels human, it feels relatable and authentic and I feel like it echoes something of their own experience, that's what I've gotten, in a general sense from the reader responses.

Anguilla that surprised me a little bit. I don't know why it surprised me but it was unexpected and they're studying me in their class, so they need to ask me questions about myself and so on. I mean, I'm used to getting those questions from Antiguan students and getting them from students in Anguilla that was a surprise. I think there are probably parts of the Caribbean where books are not known. Those are some examples that come to mind. I had a reader contact me well no, she had interest part of the problem is there might be interest, but other books are more available in their market because for books to be available they have to be aware of it and there has to be enough demand for the bookstores to order them. So, I had a reader who was from Africa who wanted to read my books but she was like "How do I get them?" and I'm like "Well, you can order them online". I've written to bookstores in Africa but if there's not enough demand, it's not like they're going to order. So, I've had responses from people in different parts of the world.

21- How do to improve your experience as a writer?

Joanne Hillhouse: Learn from other writers to interact with other writers. I did a workshop at Brown University last year and if I could do something like that every year, that would improve my experience as a writer because it gave me an opportunity to get feedback on stuff that I'm writing, on get feedback on stuff that I'm writing and grow, learn, become better and also network. The more of these things you attend, the more contacts you have in the business as well and the more you connect with other people, writers if I was, I don't know it's kind of strange if I was more successful than I am, in terms of buzz worthy, if I had more publicity behind me but to become buzz worthy you need more publicity behind you. So, it's I guess what it comes down to is if I had more money to do more things, short on that what I continue to do is to try to read a lot, write a lot, get feedback when I can and learn from each stumble, each experience.

22- Is it difficult to be a Caribbean writer? Why?

Joanne Hillhouse: I think it's difficult to be a writer period. Most writers struggle to breakthrough, you struggle to find the story first of all to get into the story you wrestle with the story and once in, wrestle it into something that feels like OK I'm going to share it. Then you've got to wrestle with trying to find it and get it into the marketplace. There are certain things that are easier now because self publishing has become easier with the platforms that are available to you know, like Smashwords and Amazon [...] but you've still got to fight to get into the marketplace and you've still got to fight to get people to become aware that you're in the marketplace but the marketplace is crowded and so I think it's challenging being a writer anyway in that sense, more so in the Caribbean because you kind of, there is no support system in the Caribbean for artists in the sense, in the way that you have residencies and fellowships and grants and all this kind of stuff that the US and the UK. In the Caribbean, you don't have that stuff right at your back door in the same way you don't have, in the sense the government sees art as something and people see art as something

more than a hobby, so you kind of sacrifice for it at your own peril because you're not, you're not going to get a whole lot of support [...]. There's no industry but it's kind of growing in terms of the industry, there's a lot of writers in the Caribbean but where are the agents and where are the lawyers and where are the other things they need to support their right to build a career? Those things are still works in progress, there's not a whole lot of publishers either. So it's extremely hard, it's hardest of all to believe that somebody can even make a career out of because who do you see making a career out of it that hasn't left in order to do so, you have to leave, if I was smart I would've left a long time ago but... Maybe that would've been the smart thing to do but I'm here because I want to be here but it's not easy.

[unintelligible] created an awareness of Caribbean literature that might not have been there before because we're like the stepchild of, I mean Jamaica Kincaid is huge but it's all that some people know of Antiguan literature. When I do the list so many books are written by Antiguans, people are surprised because one, it's a lot of independent publishing- a lot of self publishing, so they don't have the reach some of them and it's just, it's a very small island, we're not seen as being a big player in the publishing industry, even within the Caribbean. So, I think that with [...] having an online presence creates an awareness, even among Antiguans, that we do have a history, a history of creating literature, we do have a history and I categorise in Calypso because I think that is literature as well, so we do have a history of creating literary art and so I think among Antiguans it helps to create that awareness. I have school librarians contact me about the list because there hasn't been anything put together as comprehensively as that before in terms of a list of non-fictions, books of poetry, books by Antiguans and among people who are not from Antigua, I think. It's bringing them, as I said, I get emails from people who found the website or if they want to find out something or they want to bring something here or they want to do something, so in as much as it's creating those kind of ripples, I think it's creating an impact just by creating the awareness among the young people. I mean, that's not incidental it's part of it, but among the young people the key thing was giving them a voice, helping them realise that they have a voice, that their stories have value as well whether they want to become writers or not and giving them a showcase, a way that they can share what they are creating. So, in as much as it has been able to do that for ten years I think that that is part of it's impact in getting young people just writing and reading each other's work and then realising, "Hey maybe I can do this too". So, I think in that sense I just, I just enjoy going through the process, I enjoy discovering different things about Antiguan literature that I didn't know.

23- *To what extent are your stories set in the modern Caribbean and infused with the concerns of the modern Caribbean?*

Joanne Hillhouse: *The Boy from Willow Bend* definitely was influenced a lot by my coming to Antigua when I would've been coming of age which would've been the early eighties, late seventies, and so that kind of period but the stories are always very much in the now, concerned with the very modern Caribbean. The short stories definitely, poetry, [...] *Oh Gad!*, I mean when I started *Dancing Nude in the Moonlight* I remember specifically I'd visited the Dominican Republic there were two things [...]. I visited the Dominican Republic and that year was an election year you had all the hubbub about immigrants and the Dominicans and all that stuff that kind of intersected in my mind and so it was very much concerned with the modern Caribbean and the modern Antigua. I don't write historical

fiction, it's all very much now and in this space, this time, which is not to say that I wouldn't write historical fiction somewhere or even post-modern stuff, I mean futuristic stuff, but I tend to write very much where we are now and personal history kind of feeds into that more so and history kind of informs it but it's very much *Oh Gad!* is a very modern Caribbean novel, I think it's, it has a lot of it that kind of harks back to the history of Antigua, it's about the concerns of a modern young woman in, trying to navigate Antigua as it is now and it's about a country figuring out what it wants to be now and how it's going to form it's future, a very modern Caribbean novel, I think.

[...] But really the core of the characters and the stories and the humanity I think that's kind of timeless and that's why the classics are still, they endure, they tell you truths about human experience, irrespective of what time the story takes place in. Having said that, so I think that a story like *Annie John*, for instance, would be relatable to any young girl coming of age in the Caribbean, irrespective of them coming of age now or then. Having said that but a young girl coming of age now she has social media, she has a different sort of context to the story. So, there are certain things that are not going to be immediately relatable to her but the whole idea of the changes you go through at puberty, the confusion of growing up, the sort of frisson that happens between you and a mother, all of that can be relatable irrespective of what time the story takes place. I have had young girls who've read *Dancing Nude in the Moonlight*. I remember being at high school and just being blown away by how they responded to it and I realised that part of it was it felt modern to them, it felt now in a sense like, in a sense of the last ten years, sort of their understanding of what it is and what Antigua is at a particular time. So, there is something fresh that readers kind of reach for because it feels sometimes like all the great books kind of happened in the past because a lot of Caribbean literature being written now. I do think it makes a difference if they can relate it to what's happening in the world around them but I don't think it means that the books that happened before have no relevance. I think *Annie John* is still hugely relevant, I think *Lucy* is still hugely relevant even though the circumstances of Lucy's life might not be as immediately relatable. I can't think of any of Jamaica Kincaid's book that I would say is past its prime really. *My Brother* we're still dealing with situations of sexuality and acceptance and all these things that that book explores in today's Caribbean and I just think that at the heart of the story the characters are true and real, anybody at any time can relate to them. That's been my experience reading.

24- *In which ways is Antigua a country in transition?*

Joanne Hillhouse: We have different races cohabitating harmoniously for the most part but there are sort of insidious tensions beneath the surface that [...] you're not really dealing with the history of those relationships and I think that's something that kind of comes through in the books as well these ideas of these sort of muted tensions. I think Antigua is in a lot of ways a society in transition. In my lifetime, Antigua has changed so much even in a sense of what it values, who it is, who it wants to be. Those things are in transition I think, kind of heightened by the economic pressure that people are in right now it's a tough time for a lot of people global recession hits small economies like ours very hard and the people that feel it most are people on the lower end of things and so we're grappling with that. We're transitioning because we're also so much more aware and so much more connected to the international community that those things can impact how we relate to each other and the hopes and dreams of the Antiguanas as well and what they want from their lives. I mean,

they're living one life and they're seeing a Kardashian life these things are kind of in conflict with each other, so they want things that are sort of beyond where we are perhaps in society and they want different things that we've valued as a society up to this point but I think we're still transitioning and figuring all of that out because we're still [unintelligible]. Someone was saying to me "Now in Antigua we're so much more, so much more that we don't even realise". So, there's so much more. It's not an Annie John's world for them anymore, it's not just the boundaries of their families. It's so many things even beyond their parent's experience. So, there's a lot and we're grappling as I explored in *Oh Gad!* with how we as a small economy keep up with all the ambitions and the survival in this increasingly globalised world ourselves without losing what we value. So, these are issues that I think that we're grappling with, I mean, or should be grappling with. We have to figure out what we value, where we want to go and not just be reacting and responding in the short term in terms of the election cycles but sort of have a long term vision of ourselves and I think that's something we're figuring out and increasingly we have the reparations movement now picking up steam that's likely to create some tensions in a more overt way in terms of race relations than has been there in the past and I think we've just kind of pretended that history hasn't impacted the present and that's impossible. So, I think that Antigua is very much a country in transition, [...]. If you come into Antigua and think that it's this rural backwater place, you'll be surprised it's not because it has been such a touristic state and the types of industry, it has become very modern but at the same time it's not like New York, you know, it's not Uber fast paced, it's still laid back in some ways [...]. I get to see, at the end of each day I get to see the most beautiful sunset in the world, so I don't want to give that up for anything. I love Antigua and it has its problems. As a writer, part of my journey, and as a citizen, part of my journey is exploring some of those issues and trying to make sense of them. I think if you look in the books you will see what some of those issues are in modern Antigua. It's very much a country that needs to figure out where it wants to go.

Apêndice 3 – Entrevista realizada com a escritora Monica Matthew, através de correio eletrônico, em janeiro de 2014

- 1- *What form does the process of writing a novel take in your case? Please give any information you can relating to the conception, construction, writing, production, publishing, and advertising of your novel [Journeycakes: Memories With My Antiguan Mama].*

Monica Matthew: As you know this is a memoir. The stories have been recorded in my consciousness over time and subconsciously they'd surface as analogies, metaphors with friends, my own children or even with intimate partners. I decided to begin to write mama's stories as a few friends encouraged me to do so. I joined a writers group, signed up for writing courses at a few local colleges and Mama exploded on my pages. And so, I had a number of individual stories but they were never intended to connect/flow in a novel form. In the year 2001, when Mama May got sick and I realized that she could be leaving all that she had influenced over the years, I wanted to capture that moment on paper and to relate to other family members who could not be there. I wanted her to live on as I realized so many of our ordinary women in the Caribbean gave fully of themselves, however, there is no written document that they were here. Nothing except word of mouth about these strong family-oriented women. (And oral story telling is seldom a part of family life today!). The book is self-published and it is a labor of love. It has not been a cheap venture but more valuable is that generations to come will know that Mama May was among the Antiguan women who dedicated themselves to child rearing and influenced generations to come. I have toured Antiguan organizations in Canada, Georgia (ESA), Florida and Massachusetts. The book was launched also in Antigua at the Antiguan Museum. It is presently sold on a few sites on the internet including Amazon.com.

- 2- *Have any novels or novelists in particular influenced your work to any appreciable extent?*

Monica Matthew: Unfortunately, if was not Caribbean authors. James Mc. Bride and Russell Baker (one Afro-American and the other Caucasian). James Mc Bride writes about his mother in *The Color of Water*; also, Russell Baker, *Growing Up*. It was the loving treatment to their mothers' strength and weaknesses that inspired me.

- 3- *What is your favorite reading?*

Monica Matthew: *The Bluest Eye*, Toni Morrison; *To Kill A Mocking Bird* by Harper Lee.

- 4- *Did you direct the novel to a specific audience?*

Monica Matthew: Yes- mainly to Caribbean folks.

- 5- *What kinds of people do you imagine the bulk of your readers to be?*

Monica Matthew: People who have a love story/ies or memories of being loved as a child, folks who were not reared/ loved by a biological parent. Folks who simply took parenting especially single parenting for granted and may want to reflect on the strength and perseverance of parents back

then and even on parents who are still alive. I want young people today (the ME generation) to learn or begin to appreciate adults around them.

I knew my audience would be broadly Caribbean men and women who have been loved/ influenced by a strong mother, aunt, sister, neighbor during their childhood years-those who could relate to the type of discipline and customs common to Caribbean life. However, I was moved when folks talked to be about an Italian, Jewish, American and Spanish mother, grandmother or aunt who was like Mama May.

6- *To what extent does *Journeycakes* represent both female and male Afro-Antiguan identity?*

Monica Matthew: Mama May and the other women of that time provided the nurturing in the household and relegated the disciplinary actions to the male if one was present. They openly showed emotions-crying, suffering...actively involved in day to day aspects of child rearing and keeping the family together- working together to 'make ends meet' so to speak.

In *Journeycakes*, men like Grandpa (Mama's father), Daddy Edmund (the father of Mama's children) were stern, unforgiving to children, wore manhood as protective gear- did not show emotions openly... and so were aloof from children and very often their women. They were also the breadwinners. This was how the men identified themselves and this was how I viewed them.

7- *To what extent do you think the novel can impact the Afro-Antiguan identity?*

Monica Matthew: *Journeycakes* allows for self-examination of relationship within family and village life as a whole. That family extends beyond biology. That as Afro-Antiguans, there is an innate capacity /ability to love other people's children and that this can be traced back to slavery era where black women nursed, loved and cared for children on both sides of the spectrum (masters children and women who were enslaved.) Hopefully, the young generation of parents (men and women) would show more responsibility as parents and end to the high percentage of absence among fathers in child rearing and child nurturing.

8- *Could you tell me your opinion about colonization and its consequences in race, family issues, identity, and neocolonialism?*

Monica Matthew: Slavery and colonization have left deep imprints today in how we show love and appreciation for our skin complexions. There is still an inferiority complex that can be strengthened by lack of self-esteem and ignorance. Skin bleaching and straightening of the hair are still rampant, as one believes chances for work hierarchy, and even love interest are lessened otherwise. As an Antiguan, there is not much that is uniquely ours as assimilation of the other is so readily and powerfully embraced. The face of neocolonialism is masked in and fanned by a tourism industry that creates a generation of dependency on European or North American visitors while lack of agricultural pursuits and other industry deemed unattainable/ not exportable.

9- *How about your personal opinion on issues like gender, race, self-definition, Antiguan political culture?*

Monica Matthew: Self-definition- Antiguan women/ men still struggle with identity and how to define it. I noticed you have used the term Afro-Antiguan a few times. Sadly, not many from my generation

and perhaps none from the younger today would define themselves as Afro-Antiguan. They would declare that they are Antiguan. There is a discomfort in our African heritage, and at the same time our Antiguaness is not readily definable.

Race- The sociology of race is of little significance in our society I think, because political power across the board lies in the hands of Afro-Antiguans. The new face of colonization in the form of prejudices based on class, economic standing, and education are what Antiguans grapple with on a daily basis.

Gender- the work continues as in the rest of the world. Women have made great strides in business, political offices, education etc. There is a level of disrespect from men even those in higher socio-economic and academic ranks. I guess we are so programmed to believe that we are less than, even a women's coalition called (POWA) disbands themselves from issues involving women of a lesser class or profession (Discrimination exists among us).

Antiguan political culture- has divided and continues to divide the masses. Politicians operate as micro representatives to constituencies instead on a national level. There is the continued notion that one's vote gives the power to the elected and helplessness and total dependency to the electorate. You can deduce that I am not happy with the politics at present.

10- *To what extent is your story set in the modern Caribbean and infused with the concerns of the modern Caribbean?*

Monica Matthew: I keep thinking that women like Mama May and the women around her back then (though speaking of the 60's and 70's) do not exist today. Mama's story centered around a village of women who cared for each other. They built communities and showed concern for all. They had the knowledge of herbs to cure illnesses, they gathered on evenings and discussed problems, solved them also. So, I couldn't say it is the Caribbean today for those reasons. However, in terms of concern about education, I think this remains a drive; a passion and folks will make the sacrifice to send children for higher levels of education. Still today many women are raising children in the absence of fathers. Also, as mentioned in the book, physical abuse in the home still a concern.

11- *Which is the message of the novel to outside readers?*

Monica Matthew: Take a look back at an adult- who has influence you and reexamine that relationship. Hopefully there would be as many moments of praises as I have with Mama May.

12- *What is the circulation of the novel? What are the factors in your opinion that most influence the circulation of popular novels?*

Monica Matthew: Mainly among Caribbean-especially Antiguan and Barbudan nationals. Folks are able to relate –there are commonalities in Caribbean child rearing, family life and our Africanisms that transcended through generations. Sadly, we are losing it.

13- *What particular reasons do your readers give for admiring your work?*

Monica Matthew: Familiarity of stories with own experiences, similarities in sceneries/ village life. Most people had a 'Mama May', whether the person was an aunt, a neighbor, sister, or stranger. Language was colorful and relative to other Caribbean dialects.

- 14- *On the back cover of the book, someone commented that your writing style is reminiscent of Jamaica Kincaid. Do you agree with that? Why?*

Monica Matthew: Perhaps. We both center our work on motherhood and mothering. I admire her writing style, though I think I deliberately attempted to write a love story with *Mama*. Jamaica writes about her mother from a different place- a lack of love and indifference and understanding (that's all I'll say here).

- 15- *How about the next novel?*

Monica Matthew: My next book is about my father and other men in the family. I think it's about time the men tell their stories about fatherhood, relationship and society. The title is *DANIEL AND THE LIONS: The Men Tell Their Stories* (title-a work in progress).

Apêndice 4 – Entrevista realizada com Lionel Max Hurst, em Antígua, em novembro de 2013

1- *What is the relationship between Antigua and the United States/ Europe like?*

Lionel Hurst: [...] And, really our politics was aimed at persuading the United States. If we can persuade the United States, then lots of other nations have got to come along. We got many Europeans interested. European states were very interested in what we were doing, in part because Europe has a very strong environmental movement. Throughout Europe, in every state in Europe, you have strong environment green parties, as they are called. They, they have large constituencies, people who agree with their objectives, to ensure that their civilisation can survive by reducing the amount of waste that is produced, managing their resources in an intelligent manner and maximising the returns they get from every BTU, every *British Thermal Unit*, every ounce of energy that they create. So, they don't want to create energy that is then dissipated into space or into the atmosphere. They want to be able to utilise all of the energy that they produce and, so the Europeans were very interested in what these small islands were saying and doing, and they wanted to help us. In fact, the 1972 conference, the forerunner to the 1992 conference was held in Stockholm...Stockholm...so we had...the Europeans had begun the movement. In the United States, the green parties, the environmentalists are not very strong. They don't have a very strong base. They don't have constituencies. There aren't people providing them with lots of resources to sell their message to the United States as a consequence to the United States people. They don't have a lot of airtime and so on. Television and radio and so on, and newspapers and magazines, selling their message to the American people. This is not true in Europe and we discovered that you had these early movements sprouting in Asia, in Africa and of course in the Caribbean and in Latin America. So, you had green movements, green parties beginning to make an appearance. So, we formed alliances with as many of them as we possibly could. And, in fact, it helped us because they have lots of money, the Europeans do, in comparison to us. We are poor, relatively poor, and they aren't, they have lots of resources. So, we were able to work alongside them. Sometimes they provided financial resources, sometimes we provided more of a platform, from which our arguments could be heard. We toured Europe, for example, trying to sell the idea of climate change. It was very easy to do. We toured the United States trying to sell the idea as well which was somewhat easier as we spoke the same language, as opposed to Europe. If you go to Holland and they spoke Dutch, you go to France and they spoke French or we went to Germany where they spoke German and so on, so sometimes it was very difficult, to sell the message although English is somewhat universal [...]. But in the United States it was English and they could fairly well grasp the message immediately.

2- *What is the relationship between Antigua and the United Kingdom like?*

Lionel Hurst: [...] the constitutional monarch. Elizabeth is our queen, she is the queen of England, but she is also queen of Canada, of New Zealand and Australia...She is the queen of all the Commonwealth states. She remains the queen of Antigua and Barbuda that does not define our relationship with England, only with the monarchy. Our countries used to produce sugar cane, and sugar for sale in England and in Europe. And, round about 1979 or so, the British government indicated that it would not be able to provide subsidies to the sugar producers anymore. After 1970,

sugar producers have to either sink or swim. They have to make it on their own, or they are finished, and we stopped producing sugar cane in 1972, or making sugar. Before that, we used to grow sugar cane, everywhere, we had sugar cane growing everywhere and we would turn it into export. We stopped doing that in 1972, we began dependence instead on tourism, [...]. Other countries in the Caribbean used to grow bananas, Antigua never grew bananas because it seldom rains. This is very unusual, this rain we've been having. Antigua is dry like a desert. We have desalinating plants here, to turn the salt water into fresh water, drinkable water, because it doesn't rain enough here and we have no rivers, and we have no big dams. The dams we do have, when the sun starts striking them, the water evaporates, you know? So, we take the salt water and we turn it into fresh water, we pump it through the pipes, so when you go to the tap, that is water that has come from the ocean [...].

So, we stopped growing sugarcane in 1972, and we turned those lands into housing, people live on them now. And we started selling services instead, we have factories here. We would import clothing, cloth and turn it into clothing and export it. We would, we even brought parts of refrigerators and made them here, assembled them here, or cars, cars and so, and assembled them here. So, Antigua became a place for what we call "light manufacturing", and a place for services, tourism, then, off-shore banking.

3- *How did tourism become the most important economic activity in Antigua?*

Lionel Hurst: There were maybe 15 hotel rooms in Antigua, 15 or 20 because people didn't come here as tourists, rather for business. In 1952, 60 years ago, we passed the first piece of legislation, the first law to encourage tourism. It's called the Hotels in Ordinance Act 1952. And that allowed for the building of hotels, and for all the materials and the supplies the hotels needed to enter Antigua without having to pay any duty, any government taxes, 1952. We set out to diversify the Antiguan economy 60 years ago, 1952. We started building the hotels around 1958. The first big hotel got built on Anchorage beach, the Anchorage Hotel, today it is the Sandals Hotel. Next door to it, is the Halcyon Hotel. That is called the Caribbean Beach Club, the CBC. And, all along that beach we started building hotels, essentially giving away the land to wealthy Americans, so that they could build hotels. By building the hotels, we generated a lot of jobs for carpenters, masons, engineers, architects, roofers, all kinds of skills, welding and so on that we required. So, we noted that when you are building a hotel, you generate a lot of jobs. When the hotel is finished building, when you end the operation, you create a lot more jobs as well, for people who work there, a large number of housekeepers, bartenders, jobs that require very little skill to begin.

4- *To what extent does tourism improve Antiguan daily life?*

Mind you, most people in Antigua earned their living chopping sugarcane. You understand? Right so to move from chopping sugarcane to working in a hotel is a step up. So, if I am a farmer, and all my life I cut sugarcane, and my son now works at a hotel, even if he is a waiter at a hotel, it is a superior job to cutting sugarcane. He's going to earn more, he's going to be exposed to people from outside of Antigua. And he's going to work in a nicer environment because hotels are pretty places. And he's also going to learn new skills, and, he will earn more money. Pretty soon, the Antiguan learn how hotels work, and they begin pooling their resources and building hotels themselves.

We had a very smart economist by the name of Arthur Lewis. He appears on the \$100-dollar bill, Arthur Lewis, and he spoke about development by invitation. Industrialisation by invitation. You invite people in with large sums of money. They build factories, hotels, banks and so forth. Your people work in them, they learn how these systems work and pretty soon they are doing the same things themselves. But it takes a generation, and after a generation, you will own the bank, own the hotel, own the factory, so you understand?

So, we started building the hotels in 1958, and we've built more than 60 hotels since that time. Now we need to build more, because we have more young people leaving school every day, they need jobs, we have people having more families and so forth, with bigger families we need to generate the kinds of jobs to fill the unemployment need. And we also have need for an income, everybody wants to earn an income, and those who can't earn an income sometimes become criminals. They take other peoples things, do you understand? So, we are doing our very best to ensure that everybody has an income, an income coming in. It's very important. The hotel industry was able to generate a lot of jobs that didn't require a lot of skills, so people could be trained quickly and fill the jobs, and they would have those jobs to generate income for them which was a fairly good income and that's when the trade unions came in because they negotiated labour contracts with the hotel owners, that benefited the workers in the hotel industry. If you have more hotels, then you need more airlines coming to bring them, you need a bigger airport, you also need to have more customs and immigrations officers, you need more taxi drivers, you need more bus drivers, you need more restaurants, right, you need more places of entertainment, you need a cascading system that builds and causes more and more economic activity as a result.

The income generated allows the black person working in a hotel to send his son or daughter to university. In slavery, you couldn't send anyone anywhere. There wasn't even primary education because you didn't need much of an education to cut sugarcane. So, and you didn't need very skilled people in the factory, they would boil the sugar, put it in a boiler, in a cooler, turn it into crystals, put it in bags, put it on a train, move it from the factory to the port, and that was it. But, in tourism, you need lots of skills, accounting, you need accountant's people who understand the internet, the World Wide Web, the connections and so on. You need IT specialists, you need all kinds of other skills. Landscape artists, whenever you go to a hotel, it's very nicely decorated, so you need landscape artists, someone with the imagination who can take plants and grass and turn it into something very pretty. You didn't need that in slavery. And in slavery, you had a whip to enforce labour, to make, to enforce labour to work. In tourism, we have the trade union that negotiates our contracts of labour, we have the court, the industrial court that ensures that the hotel owner abides by the law, you have time off, with pay, for vacations, no such thing in slavery. You have maternity leave for women. Three months maternity leave with pay. You have sick leave for people who get sick and you have all kinds of allowances that are paid. If you work on a shift system, you get a shift allowance. If you work overtime, you get an overtime pay. If you have to do any kind of work, that falls outside your normal responsibilities, you get a special allowance for doing that kind of work and so on. So the similarities between slavery and tourism are non-existent. They are zero. There is no relationship at all between them. And the dignity that is involved with running a hotel is not at all like what is involved with running a plantation for sugarcane. Now you can go to Europe to a hotel. The

people who work in the hotel they have white skins. The people who come from Africa and the Caribbean have black skins. The same treatment that you receive in the hotel in Europe by the white people who work there, the same treatment is metered out to the black people who come there. The black people, when the white people come to the Caribbean and I suppose to African countries and so on, for tourism, the roles might be reversed. But the treatment you receive for being a guest is as identical in the Caribbean as it is in Europe. There's no demeaning treatment in Europe, and there's no demeaning treatment in the Caribbean. Working in a hotel is not slavery, it's stupidity to say so, and people say it all the time because they don't think it through. They make silly errors. They make themselves out to be very important. But we know differently. We know that we can make a better income. We can send our children off to universities. They can become architects, engineers, doctors, they can become IT specialists, fashion designers, they can do so many different things, hairdressers. Anything they choose to become they can become because we have created a far more complicated economic system that doesn't depend on cutting sugarcane for a living which is primarily what we did in Antigua.

The people who work at the hotels are going to come into your bank, either to deposit money or to draw money or to borrow money or use any of the services offered by banks. So, everybody knows that their business is affected by the hotels because the hotels are the most important industry, the most important economic activity in Antigua.

We built a deep-water port to accommodate the ships, and everybody knows when the tourists get off those ships, and walk through St. Johns, that they are very important to us. Because they're going to spend money at the stores, at the souvenir vendors. They're going to buy lunches in the restaurants, they're going to take the buses and go on tours, the taxi drivers they're going to the historic sites, where we preserve the history for the tourists, and ourselves to be able to experience our past. So, everyone knows that tourism is very, very important to everyone in Antigua.

Three chefs and you need an Italian chef and you need an American chef and you need a British chef. And we say, "OK, you can import", you can bring them in, the Italian chef, the American chef and the British chef. But, you must have an Antiguan, interested in being a chef, understudy him. So that after three years, the Italian chef can go back, the American chef can go back and the British chef can go back, so the Antiguan becomes the chef. So that is how we have worked it and little by little, we have been able to run our own hotels. So, and some people, don't want that. Some hoteliers don't want that. They want always to have their own, to be able to import them [...] but you will pay a higher price for doing that. We charge more if you go beyond a certain number of years and still want to keep your Italian chef or your British chef or your American chef or whatever the case may be. We don't usually insist on the financial controller. Even though we have lots of students who have studied accounting and auditing, we understand that if you have invested millions of dollars, that person that you want to have, keeping an eye on the money is somebody whom you have faith. And if that person is someone who speaks Italian because you are Italian or someone who speaks German because you are German, we understand. But you must always have someone who is Antiguan doing some of the work that the Italian or French or German is undertaking. But we learn also how to manage the hotels, because sometimes they go broke. And the property is there and the government says we have enough money to buy it and we buy the hotel. The Halcyon [...]

went broke and was up for sale. We said we want all those people who are employed there, 300 people who were employed there, to remain employed. So, the government buys the hotel and puts in charge of the hotel, an Antiguan. And the Antiguan is responsible for managing the hotel. He has to have a chef or chefs. He has to have financial controllers. He has to have people to do the landscaping and so on, and he says he can find them among the people of Antigua. The largest hotel in Antigua, the Jolly Beach Hotel and it's run completely by Antiguans. The Hudson Cove run completely by Antiguans. And that's because we have learned over 60 years, how to manage the hotel well. And you know, people get old and have to be replaced. So, a constant need for training, so the younger ones get an opportunity to move up, to do some of the management themselves and so on. So, it isn't always true that the people who own the hotel continue to run it and the Antiguans only do the menial low-paying work. There will be Antiguans doing menial low paying work yes, but there will be Antiguans doing the management as well.

5. *Please, draw a parallel between the Antigua Labour Party and the current opposition political party.*

Lionel Hurst: There were no real political parties challenging the Antigua Party in 1951. And what you had was a coming together of other, usually wealthy men, challenging the Labour Party because the Labour Party represented the bulk of the poor. The other people usually who would come together were wealthy people. They wanted to defeat the Antigua Party, but they couldn't. You always had a battle between the Antigua Labour Party and those who had resources, those who were wealthy. I want to show you the 1951 results here. The Labour Party remained a very successful party. It was led by a man named Vere Cornwall Bird and I've written about him, this is my book. One of the other fellas, a man named [unintelligible] Richard, he wrote the struggle of the conquests which is the struggle of the Antigua Labour Party up to about 1981.

What we have seen is parties trying to challenge the Antiguan Labour Party. In the 14 elections that have taken place since 1951, the Antigua Labour Party has won 11 of them, we've only lost 3. One in 1971, one in 2004 and one in 2009. We are going to have another election in 2014 and we are likely to win the election in 2014. So that will get us winning 12 out of 15 elections which is enormously successful for the party because we have done a lot of things that are good for the people of Antigua.

So, you should create a lot of wealth but you should distribute it equitably so everybody gets a bit of it and nobody falls below poverty. This includes the aged, the old people, the elderly ought not to become poor, because they are old and can't earn an income. You have those who are earning an income who provide for those who are not earning an income. So, the government takes the taxes and ensures that the elderly receive certain amounts, certain help and they don't fall below the poverty level. And if you are unemployed, we believe, the Labour Party believes that you should get some help to find work soon. The Labour Party are socialists, now the United Progressive party doesn't really have any ideology, they've come together to defeat the Antigua Labour Party. That's their only objective.

They will adopt anything that works, kind of a pragmatic, pragmatics approach. No ideology, they say everybody must get some work, everybody must have a job, a job some income. But if that

doesn't happen they say well, we are sorry, the world economic condition, we've lost our big employers and so on, they make excuses, we either perform well or we don't perform well. In the case of the other party, they don't have much of an ideology.

But we have an ideology. That ideology is expressed in those who have examined us and those who have examined our leaders. So, it's an attempt to explain what we do and why we do it. And why it is that people have invested faith in our institution. Antigua Trades and Labour Union and the Antigua Labour Party.

6- *What were V. C. Bird's legacies?*

I examined the life of Vere Bird and he lived like a poor man all of his life. Never enriched himself. So, despite the fact that he had the power, he did not become corrupt. [...] And so, I felt that it was very important to write his story. Another intellectual, an Antiguan intellectual, wrote the story of Vere Bird, and he said that Vere Bird failed. Not because he was corrupt, but he set out to achieve an

objective which he called black democratic socialism. Blacks should be the commanding heights, blacks should be the owners of all the businesses in Antigua. That is what Vere Bird set out to achieve, instead he achieved something lesser. That the government began to own businesses and he called that state capitalism. And he said that is one thing I have not set out to do. That is how Vere Bird failed because his black democratic socialism objective did not come to pass. That man's name is Paget Henry. You've seen his books? We say that Paget Henry set up a straw man. A deliberate argument that he knew he could win but that was clearly not right. Vere Bird did not set out to create a state where only black people ran the show. He knew that couldn't happen because most of the capital to build the hotels, to build the factories, to even build the roads, put in the telephones, build the desalting plant, the power plant, dredge the deep water harbour. He knew that most of that capital would have to come from the big nations who had capital to lend. And in some instances, they lent it to their own companies with which we then entered into contract. So, he knew. Vere Bird knew in advance that it would not be possible for the black people, in one fell swoop would not become the head of government and the head of every enterprise in Antigua. But he knew, if we learn how these enterprises work, if we ourselves grow wealthy, we can purchase a lot of these enterprises in the future and become the managers ourselves. He argued that that was not what V.C. Bird wanted to do. I set out to show him that that was exactly what V.C. Bird wanted to do to develop Antigua with bold capital, reliant on the model articulated by the Nobel Prize winner in Economics. Sir Arthur Lewis. He appears on the \$100-dollar bill. Arthur Lewis. The first Nobel Prize winner from the English-speaking Caribbean. He won on economics and he articulate a development model which was followed by V.C. Bird.

7- *What were your aims as an ambassador?*

Lionel Hurst: Money in Antigua to create jobs. That was my primary task. I was ambassador to the United Nations. I made beautiful speeches. Yes, but that's not my main job. My main job is not the United Nations. My main job is to ensure that business is diverted to Antigua, so we can create jobs in Antigua. They kept sending folks here, and they came in large numbers and it created a lot of jobs, so we had to import labour to fill some of those jobs. Not necessarily the jobs they created,

so, if you create jobs that women who are married, and have children can have jobs in the banks, or at the call centres, or at the gaming, the internet gaming facilities, they have to have someone to take care of their children. You follow me? So, if you're married and you have children and I create a job, so that you can go to work, you have to have somebody to take care of your children. So, you in turn are going to need someone to work in your house, to prepare your food, wash your laundry, keep your house clean, see to it that the children are clean as well, because you and husband are off working, so you have to hire someone to do that. Antiguan women didn't want to do that. Antiguan women didn't want to work in peoples' houses. So, we had to have people come from outside Antigua, who were willing to come and work in other people's houses. And they allowed the Antiguan women to become professionals. They were not interested in working as maids and housekeepers. But women from Jamaica and Guyana and the Dominican Republic.

8. *What is your opinion about corruption in the Caribbean?*

Lionel Hurst: [...] So we have passed laws, that says when you are going to build a road you have to put it out to bid. You know, bid? So that contractor A can say "I can do it for ten million". Contractor B can say "I can do it for nine and a half million". contractor C says "I can do it for nine million", contractor D says "I can do it for eight million" and you decide which one you are going to take. And usually, sometimes the contractor who can do it for nine million will come in and give to the decision maker, 100,000 dollars and the decision maker says "I'll go with contractor D". That is how corruption gets done. Even when there isn't tourism, you're building a road. Or you're putting in a desalting plant or a power plant, an electricity generating plant. You have four people trying to supply the plant. One says "I can do it for 100 million", one says "I can do it for 72 million", another one says "I can do it for 90 million" and another one says "I can do it for 85 million". You have to decide which one you're going with, you know what I mean? That's when you have either an agreement and you find that after the plant has been built, the contractor says "I can't do it for that anymore. I need more money" and the person who's making the decision receives a sum of money from him and they agree to increase the amount and so forth, that is how it is done. That is what I mean by corruption and it happens all the time, so we have laws.

[...] If you are poor, you are next to the United States you have access to television, you have access to the radio... Live equally comfortably. You want to have a nice car, a nice home or have running water, flush toilets, running showers hot and cold water, a refrigerator, stocked with food and so on. If your income doesn't allow that, people try to find means, other means to make it happen. What some of the writers like to claim is that our leaders are in positions to make deals, to benefit themselves, as well as the people with whom they are making the deals. And so, what they do, this is according to the writers, they enter into rotten arrangements, the corrupt deals with people who come from abroad who have a lot of money. The value of the land next to the beach is 10 million dollars, I'll let you have it for 5 million dollars and you give me a million dollars. So, you get the land for 6 million dollars, it's worth 10 million dollars. I get a million, you get the land, or 3 million, whatever you know. That's the idea.

Or take the internet or the telephone, the cell phone. Every country is assigned a bandwidth on the radio scope. This is a little difficult concept, but you know that on the radio, you have something

called bandwidth, megahertz, what they do, there is an organisation called Intelsat and it assigns bandwidth to every country. So, they will say Antigua and Barbuda you have a bandwidth that is so wide, because you have [...] next door and they have a bandwidth which is exactly the same size [...] the Virgin Islands, the Islands of St. Martins and so on. Every group has a bandwidth, and the purpose of the bandwidth is to ensure that you can have cell phones and internet. The bandwidth is very, very valuable. It's a resource, they will claim that the leaders of small states will say to those who are interested in operating cell phone companies, "I will let you have a portion of the bandwidth for a value that is less than it is worth, and you share with me the difference". [...] And this is not only because the leader wants to get re-elected, but while he is here as leader he wants to live comfortably.

9- *To what extent did ALP contribute to reducing corruption in Antigua?*

Lionel Hurst: The person who is making the decision is the person who is elected in parliament. Because they become the ministers of government. You follow me? If I become elected in parliament, I am the minister of government with public works. And, every time they see me, they say "Mr. Hurst, give me \$100 dollars, please". They know that on my salary and with my family and my children I can't give them \$100 dollars every time I see them. That money has to come from someplace else. It can't come from myself because I use all my salary for supporting my family. Right? So, if the money comes from some place else, as long as they get the money they don't care. It's your problem, but when I see you, I want the \$100 from you.

10- *So, people ask you?*

Lionel Hurst: Yes! And not only that. You are an elected member of parliament, you have to fund a basketball team, you have to buy the uniforms, buy the shoes, buy the socks, you have to buy the balls, you have to bring the buses to take them to play the games. You following me? Right, you have to provide the drinks, so when they take a half time and so on. Right. The shoes go bad they say "Listen, you have to buy me a new pair of shoes", and so forth. You have to get the money from some place, you follow me? And that money sometimes comes from rotten deals, corruption. You have to have a cricket team, a women's basketball team, a women's netball team, you have to have a domino club, you have to have a steel band and during carnival, you have to have a troop, a mass troop and provide them with costumes and so on. Where is that money coming from? Where? Where? So what you have happening is rotten deals so they can, the people who are receiving it, they don't care, don't care where it comes from. Just as long as when they need it, you have it in your pockets to give to them. And campaigns for example are very, very expensive. [...] You have to have material and things that you give away. Tea cups and caps and shirts. You have to have rallies, and at the rallies you have to have music and dancers and singers. You have to give things away – where's the money to come from? They don't care, all they want is the money to come from some place. I don't want to be part of that, I love my party and I want to support the people, but I don't want to be a candidate.

11- *Have you already read A Small Place by Jamaica Kincaid? What is your opinion about it in relation to corruption in Antigua and also about the relationship between natives and tourists?*

Lionel Hurst: Jamaica Kincaid's *A Small Place* was written in one fell swoop on an aeroplane returning from New York to Antigua. It was written in about four hours. She'd been here talking to Tim Hector.¹⁴⁶ He had a political party called the ACLM: The Antigua Caribbean Liberation Movement. It actually started out as the Afro Caribbean Liberation Movement. He made to change the name when he became involved in domestic politics. Tim Hector told her all these stories about V.C. Bird sleeping with a 16-year-old girl when he was at the time 75, and that he started a family with her, and he told her that, all kinds of unkind things about V.C. Bird and Antigua and so forth. And, she knew that this is what sold, this is my review of her.

Yes, she recognised that the American white people, for whom she wrote, she used to write for *The New Yorker* magazine, liked reading about failure in black states. It gave them the security of thinking that whenever white people ran things they were better than when black people ran them. And, she was very good at selling this idea because she knew that it would generate an interest. The Americans like to see that if a journalist writes that dog bites man, that is not a story, but when man bites dog, that's a story. She knew that if she wrote that here was a Caribbean country that had vaulted over poverty, brought most of it's people out of poverty, out of ignorance, had formed schools [...], no one would be interested in that story, that is not a story worth reading. But if you write that here's someone who is 60 or 70 years old who sleeps with a 16-year-old and makes her pregnant, all their schools are run down, all the teachers are ill paid, the taxi drivers drive expensive big cars, all the roads are rotten, the whole place looks run down and dirty and so on. If you wrote that, that could sell, that could have an interest.

And if you confirmed in the minds, she is writing largely for a white audience, *New Yorker* magazine. If you can confirm these prejudices in the minds of the white people who are reading the magazine for which you are writing and which will eventually will read the book, then you have evidence of something that can generate sales. It's very important, there's no point in writing something that nobody reads, no value. Six hundred people have brought my book, what is that? Six hundred people, it's a little better than a school paper, you know what I mean? Same thing here, 400 people have purchased copies of this, what's the point in that? What's the point? So, she doesn't want 400 people to read her book, or 600 people to buy her book. She wants thousands of people, hundreds of thousands of people. Which she will if she's confirming some prejudices that she holds, which they hold. So, she writes these nasty things about us, and the tourists, even about tourism and so on, she's not very kind. I don't find her a very kind woman, period. I remember another artist here by the name of Gisele Isaac. She wrote a story of lesbian love, love between two women. She once asked Jamaica Kincaid when she was here, "Why have you changed your name?" Her name is Elaine Potter. "Why did you change your name to Jamaica Kincaid?" And she said that names are very important. "But why did you change your name?" And she didn't have an answer. Or she didn't want to give an answer. Her real name is Elaine Potter. Why would you change your name to Jamaica Kincaid, it's far more exotic in its sound than Elaine Potter? Potter doesn't sound like any mysterious sort of person. It's mundane, it's pedestrian, you know, but Jamaica Kincaid that's

¹⁴⁶ Leonard Tim Hector (1942- 2002), nascido em Antigua, além de político, fundador do partido socialista de oposição *Antigua Caribbean Liberation Movement* (ACLM), foi educador, jornalista, historiador e editor do jornal *The Outlet*, considerado umas das grandes vozes políticas nas Índias Ocidentais pós-coloniais.

something else. I actually asked her once, "Why did you change your name?" and she wouldn't answer. They brought her up to the university once, the university centre here. I don't know if you've met the people that run it, but you must before you leave.

12- *The Antigua State College?*

Lionel Hurst: No. The Antigua University Campus. Well, it's not a campus really, it's a daytime operation, day and night operation, nobody stays. So, they asked her, "Would you read something from your book to us?" And she read the part about some neighbours or someone in Antigua working [...], working magic, [...] that people supposedly brought with them from the African continent. They work magic to harm others usually or to enrich someone and she chose to read that passage. And they wondered, "What the hell is that?!" Because [...] that is rubbish, that is foolishness. Not even the illiterate in Antigua believes that foolishness. There is just a small number of people in Antigua who would engage in anything like that. [...] not only Christians, we don't believe in that magic [...] and so on. They wanted to know why she is reading this. She's out of touch, really out of touch with Antigua and Barbuda. She's a writer who wanted to see herself from exotic origins. I think in a large part she has succeeded. She is clearly one of the most prolific writers from Antigua and Barbuda. There is a priest in Washington, whose name is Kortright Davis, whose written about ten books. They're all about God and so on. He's a professor at Howard university, Howard university in Washington. He's written lots of books and we are very thankful for him. He's very, very smart, but after Kortright Davis, I think she is the second most prolific writer.

13- *Do you think that Tim Hector contributed to Antigua in some way?*

Lionel Hurst: He entered elective politics in 1971, as a candidate of the United Progressive Party, sorry, the Progressive Labour Movement, the PLM, and he lost. He fell out with George Water, the Leader of the PLM because he saw him doing the same thing that V.C. Bird had done.

14- *The same thing?*

Lionel Hurst: Yep, he merged his union with a political party. This criticism of V.C. Bird, George Waters's criticism of V.C. Bird was that the union and political party ought to be separate, separate entities. George Water was the general secretary of the Antigua Workers' Union and he became the political leader of the Progressive Labour Movement at the same time. Tim Hector was bitterly critical of him, he said he ought to be one or the other and the union and the party will not be indistinguishable. He there fore dropped out of the PLM and started his own movement called the Afro Caribbean Liberation Movement. A lot of these movements have their origins in the Black Power Movement of the United States. The thinkers from the Black Power Movement of the United States had an impact on intellectuals in the English-speaking Caribbean. In fact, the evidence will show, there was not only a kind of symbiosis, a kind of joining, dependence but many of the Black Power guys in the USA had roots in the English-speaking Caribbean. Malcolm X, [...] of course, Lewis [...], [...], Stokely Carmichael, there were connections, but the Black Power Movement had resonance in Antigua in part because of the emerging tourism and hotel sector, where the wealthy whites were owning these hotels and the black Antiguan were working in these hotels in lower level positions,

and so, it had some resonance, especially among youth, who for the first time, were entering into the work market and so forth and discovering things about Antigua that they had not known before.

So, the Antiguan Caribbean Liberation Movement, serves as a kind of...a machine for channelling young people's antipathy towards what they deemed to be. A new kind of plantation. We were moving from sugar cane plantations to tourism and hotel plantations. He hoped to be able to capture the imagination of most young people, by his criticisms, some of which you, some of the questions you have put to me today, essentially are about that. It turned out that most people realised that they could make a decent living, a better living than they made on sugar plantations, so it didn't have as much resonance and the Afro-Caribbean Liberation movement never got very far. They contested the 1976 election, the Afro Caribbean liberation Movement, they changed their name from Afro- Caribbean to Antigua-Caribbean in order to contest the elections, turned themselves into a political party and they lost bitterly. All of them got fewer than 50 votes, all the candidates, fewer than 50 votes, in every constituency they had as few as 11 votes and most getting 22 or 23, something like that. I have the data which I produced in the V.C. Bird book to show you. They didn't score highly at all. But Tim Hector wanted to be the leader, a leader of men and he found this avenue and it didn't work out. He turned to journalism, they had a newspaper, a newspaper they called the *Outlet* newspaper and Tim Hector did his very best to sell the idea of the Antigua Caribbean Liberation Movement by attacking V.C. Bird and [...] Bird his friend, they were school mates and had competed in the classroom, [...] Bird was an athlete, but Tim Hector had a heart problem, a congenital heart problem, he was born with it which is part of the reason he had a heart attack, he went to Cuba to try to save him but it was too late. Him and Lester Bird competed and Lester Bird won. Lester Bird was a better all rounder. Cricket, football, athletics, jump, run, and he had a good left foot, so he played on the left wing, at the time that's what it was called, football. At cricket he was a superb fast bowler and he was a pretty good batsman. I don't know if you've seen cricket played, but he was a good cricketer, you know? A very good cricketer. And Lester Bird won a scholarship to go off to Michigan University in 1958. Tim Hector would subsequently win a scholarship to go to Canada to study, but Lester Bird went before him, in 1958. And Lester Bird returned as a lawyer in 1969, 11 years later. He opened a practice. In those days, Tim Hector was the, leaving the PLM to enter into the ACLM and so on. Lester Bird, he and Lester Bird competed at everything. But Hector was determined to make a name for himself in Antigua and in many ways he did. But not as a political leader and not as a leader of men. Just a few people followed him and he wrote stories in his *Outlet* newspaper that at times were sort of like exposes. The paper only appeared once a week on Fridays, so it wasn't a regular newspaper, it was more like a journal.

So, he didn't win very much support, Tim Hector, as a politician, but his writings, he did these exposés and so on, for example. His party was in opposition to the Antigua Labour Party and it didn't win. His party didn't even come close. They didn't come close. The party that won was the Antigua Labour Party up until 1971. Then after 1971, we came back in 1976 and won six consecutive elections. The Labour Party was just a dominant force, so whatever Tim Hector wrote, even though it might have damaged the Antigua Labour Party, it wasn't to his benefit because he could not win a single seat. He did serve in the parliament, in the senate he was a senator, at one point he's the one with [...] in one of these photographs, but he, he didn't succeed as a senator either because at one

point [...] asked him to speak on the governments behalf, it was in England, and he did and the leader of the opposition who had appointed him learned that he had spoken on behalf of the government and he fired him, as a senator. So, even as a senator, but he, his newspaper, I'd say his newspaper, the *Outlet* newspaper, was probably the most aggressive piece of media, the most aggressive media, the most aggressive of all media, [...] opposing the Antigua Labour Party and Lester Bird. He was primarily interested in Lester Bird, aiming at Lester Bird because they were competitors, Lester Bird had won and he had not. He remained an opponent of the Antigua Labour Party right up until the time of his death. He died of a heart attack, some sort of heart failure.

15- *In your opinion, was Tim Hector a good writer?*

Lionel Hurst: I would say that he was a prolific writer. I don't know if he was really very good. Because if you read his writings, I think that what he did, is he..., had a tape recorder of some sort and he would speak into it then, I believe his wife transcribed and that would become the article. But in English, the spoken word is not the same as the written word. [...] So, when you read his articles, they were as though he was speaking rather than as though he was writing and that can be a significant difference. In speaking, you can actually change sentences, change subject matter, you know right in the middle of a sentence and get back to what you were initially talking about later on. When you're writing, you can't do that. You have to complete the thought and then you move to another thought and you have to have something connecting the first thought with second thought and so on. That's good writing. I didn't feel he did that. [...] So, I didn't find him a good writer, but he was a good thinker. He could really think very well and deeply and he had a good command of the English language and on a platform, he was very interesting to listen to, very interesting to listen to. He always had a variety of other subject matter to support what his claim, whatever claim he was making, so he would bring them in, you would listen to him because he was interesting to listen to, but I never found his writing very good. Have you seen any copies of the *Outlet* newspaper?

16- *What do you think are the best and the worst aspects in Antigua over the last 30 years?*

Lionel Hurst: Clearly education has improved tremendously. One of the stories I tell in my V.C. Bird book is about the number of schools that were built, more than 30 schools, for a country of our size. More than 30 schools were built between 1931 and 1971 and that is over a 20-year period, so we were building a school every year or every nine months or something. Part of the reason for that was the determination by V.C. Bird to put a primary school in every village. You may not have drive around Antigua and Barbuda, but you will find there are lots of little villages, and the idea was to put a school in the village, so that five-year-old can walk to school, mind you many youngsters walked to school without shoes because it wasn't possible to bus youngsters because you didn't have buses these days. So, he built schools in every village. I'd say the primary achievement has been the attention paid to education. In 1994, 20 years ago almost when Lester Bird became Prime Minister, one of the things he did was to introduce a special fund or a levy for education. You have to pay two and a half percent of your income, every worker, two and half percent of your income, into a fund that went towards education alone. It's a model the World Bank and others have agreed ought to be adopted by other, recently, other developing countries, because it sets aside a sum of money for education that is separate and apart, it's what is called a consolidated fund. With this fund we have

been able to sponsor scholarships for people who need to go abroad to complete tertiary education, as a Bachelor of Arts degrees at the very least, some masters to. And we've also been able to use it to enlarge the plant, the school plant to supply the text books, as well as the desks and the repairs and so on that are required. So, a fund was set aside, a special fund for education. I think one of the greatest inventions of the last 40 years and all a part of this drive that the more formal education people have, the more likely they are to make intelligent decisions about their lives and about their country. Very intelligent decisions so, it's very important, I think that's the best thing.

Now, the worst thing, in every society you need imaginative people, people who have great notions about what the future should be like. You need to have them both as thinkers and as creative artists and so forth, giving thought to how they will make the future better. You need thinkers, creative people. The problem with this is that we don't have a way of identifying those people who are creative and so most of our creative talent leaves or you won't find them in places where they can make important decisions. So, we get a slew of, we get a lot of people who are not very talented, and they are found in positions of authority, and they're not very smart. This has been especially true when the Labour Party is not in the government. When Lester Bird was the Prime Minister, there's no doubt that he attracted very many creative people. It takes a special kind of leader to be able to bring intelligent and smart people around him. You have to have faith in your own abilities, to attract around you the kind of talent necessary to vault over the kind of difficulties you're going to face as leader. I think one of our weaknesses was that we had no way of identifying who those people were. I think Lester Bird had that problem and even V.C. Bird was saddled with that problem in his latter years. Were it not for Lester Bird and [...] and a few others in V.C. Bird's cabinet, Antigua and Barbuda would have been much further behind, but we had some very creative minds in certain periods of our development. And they, went to work, to improve the likelihood of success at every level. Whether it was in health, education, foreign affairs, provision of legal services you name it, we had some very creative people at one point. You get, I think our greatest failure is not being able to identify those people and to bring them into the service in some way that they can better help the Antigua and Barbuda people to overcome some of their shortcomings. There is no reason why we ought to have poor roads in Antigua and Barbuda. We spent a lot of money fixing roads [...] it rained this weekend and tomorrow the potholes are going to appear, they're going to appear because we built poor roads. [...].

And our hospital, it used to be that we could deliver health care to anybody that wanted it, at a reasonable cost, and these days we seem incapable of doing that, so I think we've failed in healthcare, we've failed in roads and we haven't been able to attract a large number of males to the teaching profession, because the returns are so low. We get a lot of men, boys who either drop out of school and cause problems for society at large. Some of them even turn to criminal activity or, we have a large number of boys who are doing nothing in particular. Our society, and I think Caribbean society as a whole, is failing because the inability to make better use of the talent of young men. There's no problem with the young women, the young women are doing exceedingly well, in the population of about 375 people in the prison, I think about 10 of them, 10 or 11 are women. The other 360 are all men. The problem is getting men to be socialised, so they spend their time doing

useful things rather than harming our society. We have to find a way to fix that problem and these I think are some of our greatest failures. I say education is one of our greatest successes.